KALIE CASSIDY

A CANÇÃO DAS PROFUNDEZAS



Alt



KALIE CASSIDY

A CANÇÃO DAS PROFUNDEZAS

Tradução
Helen Pandolfi

Alt



© KALIE CASSIDY

KALIE CASSIDY nasceu e cresceu no sul da Califórnia, nos Estados Unidos, e passou mais de uma década trabalhando em Los Angeles como atriz profissional de teatro, coach e professora de atuação. Atualmente, ela mora em Cleveland, Ohio, com sua família e um animado golden retriever.

SUMÁRIO

Pular sumário [»»]

Dedciatória

Nota da autora

Parte I - A montanha
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8

Parte II - A superfície
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17

18
19
20
21
22
23
24
25

Parte III - As profundezas
26
27
28
29
30
31

Agradecimentos

Créditos

Para aqueles que buscam um lar.
Que você o encontre e, quando o encontrar, que seja seguro e acolhedor.

NOTA DA AUTORA

A canção das profundezas é uma história sobre pertencimento, amor e identidade. No entanto, embora explore esses temas com leveza, também traz imagens sombrias, que podem ser difíceis para alguns leitores, incluindo horror corporal e abuso. A lista completa com os avisos de conteúdo e de gatilho pode ser encontrada no site, em inglês, www.kaliecassidybooks.com.



Lá embaixo, nas profundezas da água, ela espera.
Eu acordo, e ela se esvai. Eu durmo, e ela emerge.
Presa a um corpo em decomposição, um poder antigo e familiar
corre em suas veias.
Ela é a mão com garras que vasculha as ondas.
O punho cerrado em meu ventre.
Sempre presente na água. Sempre presente em meus sonhos.
Ela é *anseio*, e eu a conheço bem.



PARTE I

A MONTANHA

I

O ar ficara pesado com o cheiro do mar. Eu praticamente conseguia sentir o gosto do sal, serpenteando como um tentáculo pela sala quente do trono.

Aquilo me encheu de um tipo inquietante de pavor.

Os convidados entravam pelo saguão, e o som dos risos e o burburinho das conversas ricocheteavam no mármore. Eu, por outro lado, fiquei pelos cantos, perto das paredes brancas feito osso. Sempre fui boa em manter a distância. Passei a vida toda ignorando o chamado do mar, apenas para vê-lo se esgueirar pelas defesas do Forte Linum e chegar até mim, como um clandestino traiçoeiro, por meio das sedas e lãs sofisticadas dos convidados vindos de longe.

— Imogen?

Agatha surgiu ao meu lado, me encarando com um olhar atento e preocupado.

Ela tinha a mesma aparência que tivera na adolescência, quando era minha governanta e eu, uma criança de seis anos. Agatha transparecia uma jovialidade impressionante: pele marrom de tons cálidos e cachos brilhosos e escuros como tinta. Não havia nem mesmo o mais leve sinal de rugas ao redor dos olhos, talvez porque fosse preciso sorrir com frequência para que aparecessem.

— O que foi? — perguntou. — Você está pálida.

— É o vestido. — Toquei meu esterno e senti começar uma vibração profunda. — Está apertado demais. Pode afrouxar um pouco as fitas?

Ela ficou visivelmente frustrada.

— São muito curtas. Não entendo por que você aceitou usar essa coisa horrível. — Ela ajeitou o babado em um dos meus ombros, balançando a cabeça. — Tampouco por que aceitou se casar com um homem que trabalha caçando e matando...

— Agatha, por favor. — Continuei atenta ao ambiente e às mesas repletas de comida, velas bruxuleantes e taças de vinho. — Agora não é o momento.

— Quando, então? O casamento é daqui a dois dias.

— Sim, estou ciente. — Quando me virei, encontrei no olhar de Agatha um

desespero que fez meu estômago revirar. — Você sabe que não tive escolha.

Tensa, ela deu uma conferida na sala do trono, depois chegou mais perto.

— Podemos ir embora — sussurrou. — Devíamos ter feito isso há anos. Talvez exista uma forma de…

Eu peguei sua mão e a puxei ao redor da mesa principal, para um canto escondido e escuro.

— Agatha, já chega. — Seus olhos castanhos estavam arregalados e alertas, brilhantes feito madeira polida. — Por favor. Eu lhe imploro, pare de me culpar por tentar ver o lado bom dessa situação. Eu fiz bem em me manter a salvo aqui, não acha? E vou permanecer assim. É o que preciso fazer.

Ela deixou os ombros caírem, decepcionada, mas sua voz era cortante.

— Se esse casamento e toda a infelicidade que vier com ele não servirem para fazer você perceber que não pertence a este lugar... me parece que nada mais servirá.

Queria erguer a cabeça e parecer firme, queria que Agatha me achasse tão corajosa e decidida quanto ela. Mas eu não era nada disso.

— Isso é injusto da sua parte — respondi, em tom manso e derrotado. — Para onde eu iria?

Ela levantou as mãos, exasperada.

— Bom, acho que nunca vamos saber, não é?

Um buraco horrendo se abriu no meu estômago. Era o início da tarde, e a festa de noivado ainda demoraria um pouco para começar. Olhei em volta procurando pelo meu noivo, mas ele não estava em lugar nenhum. O rei Nemea também não. Mais convidados chegavam, entrando aos poucos pelas imponentes portas da sala do trono aos risos e cochichos. Com eles, mais e mais lufadas de ar salgado. Minha respiração começou a ficar acelerada e ofegante.

— Já volto.

Agatha segurou minha mão com força.

— Me desculpe. Eu só quero que você…

Balancei a cabeça.

— Eu sei. Estou bem, só preciso de um pouco de ar.

— Eu vou junto.

Mesmo à pouca luz, pude ver como Agatha estava aborrecida, como seu corpo franzino estava tenso, e o buraco no meu peito só aumentou. Eu estava, em muitos sentidos, de mãos atadas, mas o que mais me magoava era ver toda a dor que minha fraqueza causava a Agatha.

— Não. — Apertei a mão dela. — Invente uma desculpa se alguém perceber minha ausência. Não vou demorar.

Eu me afastei antes que ela tivesse tempo de protestar e cruzei as portas altas de carvalho, passando pelo aglomerado de visitantes. Não conseguia me lembrar da última vez em que o Forte Linum estivera tão cheio de gente.

Fui até o pátio e subi pelo caminho estreito e sinuoso que dava no parapeito do forte. Milagrosamente, o ar do lado de fora estava fresco e puro, nada de sal vindo do mar.

A agitação em meu peito cessou no mesmo instante. Minha saia ampla roçava as paredes e algumas contas ficavam enroscadas, mas segui em frente. Meu lugar favorito em todo o Forte Linum, o que tinha a melhor vista para o mar, ficava no final das ameias e depois de uma escada íngreme. Quando finalmente cheguei, estava ofegante.

Ajeitando o corpete, tracei a borda fina e cinzenta da praia ao norte à distância. Num mapa, a Ilha de Seraf parecia uma mandíbula monstruosa projetando-se das águas de Leucosia, com picos irregulares e vales profundos. E ali, no cume mais alto, o rei Nemea construíra seu forte com as próprias mãos, esculpindo-o na rocha, encaixando-o nos dentes tortos da ilha como um pedaço duro de carne enroscado na gengiva.

Tentei espantar a ansiedade respirando fundo, mas meus olhos começaram a arder. Era inexplicável como eu me sentia igualmente preenchida de medo e de expectativa em relação ao meu casamento, como eu temia o que poderia acontecer e torcia pelo melhor ao mesmo tempo. Bati na parede com a palma da mão.

— Malditos deuses.

— Parece que a festa já começou, então?

A voz grave e rouca me causou um sobressalto. Girei em direção ao lado oposto do mirante curvo e me deparei com uma silhueta alta de um homem encostado na parede do forte. Ele vestia uma camisa branca por dentro das calças e botas pretas polidas, que brilhavam de maneira impressionante. Sem dúvida era um dos muitos convidados recém-chegados que agora abarrotavam o forte. Parecia ter aproveitado a rara oportunidade de sair bisbilhotando por aí, vendo o que a Ilha de Seraf e seu rei detestável e recluso tinham se tornado nas últimas décadas.

Ajeitei a saia e fiz uma careta.

— A atitude mais cortês teria sido anunciar sua presença quando cheguei.

O homem concordou com um aceno de cabeça. Franzindo as sobrancelhas,

seu olhar recaiu sobre o exagero de babados em seda vermelha no meu decote e sobre as contas de vidro pesadas, vermelhas como sangue — a cor do rei —, costuradas em meu corpete. O vestido era extravagante e cafona e, ao examiná-lo, um sorriso torto e debochado surgiu em seu rosto.

— Por incrível que pareça, não notei você imediatamente.

Meu humor estava no limite e eu queria arrancar aquele sorriso presunçoso da boca dele. Fiz uma careta.

— Como o senhor se atreve a rir de mim?

Ele arregalou os olhos em surpresa.

— Eu não estava…

— Ah, por favor — interrompi. — Eu queria ficar sozinha, mas cada centímetro deste lugar está repleto de pessoas grosseiras, inclusive este parapeito.

Ele abriu a boca e depois fechou, optando por simplesmente me encarar por um longo momento, estupefato.

— Bem… — O homem se aproximou e estreitou os olhos, fechando o rosto. — Já que nós dois queríamos ficar sozinhos, talvez pudéssemos ficar sozinhos juntos. Mas estou vendo que você talvez não esteja disposta a dividir.

Sustentei o olhar que ele me dirigiu. Ele me lembrava do verão. A pele marrom tinha tons dourados e a cor dos olhos era como a de folhas escuras. O vento despenteara seus cabelos escuros, que agora caíam sobre sua testa franzida. Ele era majestoso, imponente e aprumado, de postura altiva e gracioso, mas a maneira como me olhava com o nariz levemente torto foi o que me fez ter certeza de que era de origem nobre. Eu queria muito dizer *não*, pelo simples fato de que ele não parecia acostumado a ouvir aquela palavra, mas algo me impediu.

— Podemos dividir o parapeito — respondi por fim —, mas só se prometer não rir desse vestido ridículo outra vez.

Um segundo se passou. Depois outro. Então sua cara de poucos amigos se transformou em um sorriso que revelou uma covinha na bochecha esquerda.

— Vai ser difícil.

Achei graça no atrevimento. Meus ombros relaxaram.

— Peço desculpas — disse ele, sério de novo, levantando as mãos como se estivesse se rendendo. — Só estou aliviado por você estar ciente de que o vestido é... notável.

— É claro. — Agitei a saia em um gesto depreciativo. — É impossível passar despercebida assim.

Ele abriu outro sorriso com uma covinha e apoiou os cotovelos sobre as ameias, admirando a paisagem. Então veio um longo silêncio.

— E por que fugiu da festa? É estranho ter viajado tanto para depois ficar escondido.

Ele tensionou a mandíbula.

— Este forte… não é um lugar agradável. — Sua voz grave se tornou sombria, apreensiva. Ele forçou um sorriso sem graça. — E o vinho é uma porcaria. E quanto a você?

Prestei atenção nos ângulos delineados do perfil dele. Havia algo de convidativo que me fez querer contar a verdade. Em vez disso, porém, eu disse:

— Estou tentando fugir do vinho, é claro. A dor de cabeça e a azia são certeiras quando se bebe muito.

— Não faria isso nem se me pagassem.

Ficamos lado a lado, observando os picos das montanhas e os ciprestes retorcidos que iam até a faixa cintilante do mar.

— A vista é bonita — disse ele, mais baixo.

— É. — Era infinita e arrebatadora, e fazia com que eu me sentisse muito pequena. — Mas acho que não foi por isso que Nemea construiu um forte tão alto.

O homem emitiu um grunhido contrariado quando mencionei o rei Nemea e, com o humor subitamente amargo, virou-se para apoiar as costas no parapeito.

— Pelo visto não gosta dele — falei.

Poucos gostavam.

Ele me lançou um olhar de soslaio e o desviou depressa.

— Ouvi boatos de que este forte é alto assim para que o rei atirasse pessoas pelas janelas com a certeza de que não sobreviveriam.

Soltei um riso taciturno e respirei fundo. Quando o assunto era crueldade, a criatividade de Nemea ia muito além de simplesmente atirar indivíduos pelas janelas do forte.

— Um boato e tanto. E você acreditou?

A forma como sua atenção pairou sobre mim me fez paralisar. Ele me observou como se estivesse registrando todas as minhas características, como se procurasse algo nelas. Por fim, com uma voz que ecoava como as tempestades no vale, respondeu:

— Acho que uma pessoa só moraria em um lugar tão alto e tão afastado do resto do mundo se tivesse algo a temer ou esconder.

Prendi a respiração e olhei de novo para o mar, piscando forte quando meus olhos começaram a arder. Eu estava me sentindo completamente exposta.

— Ah.

— Eu disse algo que incomodou você?

— Não, de forma alguma. — Segurei minha saia e me virei em direção às escadas. — Com licença.

— Espere. — Ele se aproximou com um passo firme, erguendo a mão em um gesto gentil. — Você precisa de ajuda?

A seriedade de seu semblante embrulhou meu estômago.

— Por acaso parece que preciso?

— Sim — respondeu ele, determinado, completamente alheio à minha mudança de humor. — Você tem lágrimas nos olhos.

Ele me observava com uma expressão incisiva, como se eu fosse transparente feito água. Abri a boca para responder, embora não soubesse exatamente o quê, mas ele se apressou em dizer:

— A entrada e os corredores estão lotados de convidados doidos por uma fofoca. Como dito anteriormente, você... — Ele me olhou da cabeça aos pés. — Bom, você está chamando a atenção com esse vestido. Seria prudente esperar um pouco antes de descer.

Aquela cautela me surpreendeu. Algo nele me fazia querer ceder. Talvez fosse o fato de eu não sentir nenhuma maldade ou impaciência no que dizia. Nada além de firmeza, algo estável e imutável que me fez querer ficar. Ficamos parados no topo da escada, olhando um para o outro.

Então uma rajada de vento uivou pelos cantos do forte e agitou nossos cabelos. Eu recuei um passo.

— Obrigada pela conversa — agradeci abruptamente. — Divirta-se admirando os horrores de Seraf, senhor. — Comecei a descer as escadas. — São tão abundantes quanto o vinho barato.

Quando voltei, a sala do trono parecia prestes a explodir. Tudo transbordava: a música, as pessoas e aquele estranho ar salgado.

Agatha apareceu ao meu lado e entrelaçou o braço no meu. Ela respirou fundo e estremeceu.

— Sorte a sua não estar conseguindo respirar — disse ela.

Soltei um grunhido de reprovação. A conversa no parapeito surgia em minha mente e a sensação incômoda em meu peito retornava.

— Quero um pouco de vinho.

— Está pior do que o normal. — Agatha tomou um gole de sua taça já pela metade e fez uma careta.

— Então vou beber rápido.

Fui em direção à mesa de bebidas, passando por convidados que cochichavam. Virei a taça e tentei puxar o ar, o que resultou em uma careta de Agatha.

— Nemea mandou fazerem o vestido apertado assim por uma razão.

O humor dela não tinha melhorado nem um pouco.

Tomei mais um gole.

— É, eu sei.

Eu já tinha deduzido que Nemea planejara que meu vestido fosse pesado e apertado como um grilhão. Caro e extravagante, para que a soberania do rei ficasse evidente para os convidados, para que me olhassem com atenção enquanto eu era obrigada a disfarçar minha dor. Nemea queria que o vestido fosse um lembrete de que, mesmo com o casamento, eu ainda estaria sob seu controle.

— Espero que você arranje alguém para dançar. — Tentei gentilmente mudar de assunto. — Sei que você gosta. Minha situação não deveria estragar a música.

— Não é tão simples assim — respondeu ela.

Fiquei olhando o primeiro dançarino rodopiar, permitindo que a vibração do tambor e do alaúde abafassem o sentimento em meu peito.

— E como foi o jantar com seu amado capitão ontem à noite? — perguntou Agatha em tom de sarcasmo. — Seu futuro marido é o que imaginávamos?

Imaginamos que ele seria desinteressante e ríspido, mas, para minha surpresa, não foi nada disso. Fiquei aturdida com sua inteligência. Ele foi educado e atencioso e me deu um beijo delicado antes de ir embora, com os dedos firmes em minha mandíbula.

— Foi bom. Ele é agradável.

O olhar de Agatha foi como uma rasteira.

— *Agradável*.

Senti um nó na garganta.

— Eu... Eu quis dizer que... Só quis dizer que não fiquei com medo.

Uma mulher ao meu lado exclamou em espanto e apontou para as imensas portas de carvalho da sala do trono. Ela não foi a primeira a fazer isso. Muitas jovens já tinham ficado em êxtase, apoiando-se em seus amigos ou acompanhantes ao se deparar com as asas da Sirena no teto em contraste com a

parede clara. As penas largas estavam bem esticadas, e parafusos atravessavam seus ossos para fixá-la à placa de madeira. A luz dourada e suave das velas não fazia jus à profusão de cores na plumagem escura das asas — o feixe azul e verde iridescente próximo à base, o roxo que circundava a borda —, mas eu a conhecia de cor. Dirigi o olhar para a inscrição no mármore abaixo dela.

O MONSTRO SEMPRE É DERROTADO.

O lema era a raiz da crueldade do rei Nemea e a razão pela qual os outros governantes do arquipélago o abominavam. Por isso todas aquelas pessoas tinham navegado por dias, enfrentando mares traiçoeiros, para visitar uma ilha miserável e praticamente estéril. O rei Nemea passara décadas arruinando toda a benevolência a ele reservada graças à prática hedionda de caçar Sirenas divinas.

Eu e Agatha nos afastamos do grupo de jovens, cujos olhos me encontraram e me estudaram com condescendência. Nemea tivera êxito em me transformar em um espetáculo. Nós nos posicionamos perto do estrado, onde o rei Nemea conversava com a rainha dos reinos unidos de Della e Gos. Ele era alto, o abdômen era proeminente e seus cabelos pretos e volumosos com mechas grisalhas contrastavam com a pele clara. O sorriso em seu rosto fino e geralmente carrancudo provocava estranheza enquanto ele gesticulava orgulhosamente e dava palmadinhas no próprio peito. O casaco vermelho-escuro de botões de rubi parecia sofisticado demais para suas feições grosseiras.

— Ele está exultante — comentou Agatha, com uma careta de ódio enquanto o encarava.

— Não sei como você tem coragem de olhar para ele com desafeição tão escancarada. — Puxei o corpete com um gemido sutil de desconforto. — Não tem medo de que ele perceba?

— Não consigo olhar para ele de outra forma. Meu rosto não permite. — Ela arriscou um sorriso torto que não contribuiu em nada para fazê-la parecer menos descontente. — Já volto — avisou ela. — Vou pegar mais um pouco do vinho horroroso de Nemea.

Fiquei perto do estrado do trono, iluminada pela luz bruxuleante de meia dúzia de candelabros. Os convidados pareciam reluzir, despreocupados e corados de tanto beber, dançar e rir. Ninguém pareceu notar que os soldados do escalão mais alto do rei Nemea transitavam em meio aos presentes, discretos como a morte, munidos de armaduras pretas como a noite. Prestei atenção em

cada um deles à procura do capitão, meu noivo. À luz de velas, o anel que ele me dera parecia aprisionar as chamas em seus ângulos.

A pedra de espinélio tinha o mesmo tom cinza do mar durante uma tempestade. Não se encontrava esse mineral no arquipélago leucosiano. Os espinélios eram extraídos apenas no continente setentrional de Obelia, e nenhum capitão de qualquer que fosse o reino conseguiria bancar uma pedra como aquela. Só me restava presumir que o anel fora mais uma providência de Nemea.

Girei o anel com o polegar. Era uma algema rara e de valor elevado. E eu estava presa, sim, mas o mais importante é que estava a salvo. Na montanha do rei Nemea, minha mente não se perdia tanto em buracos obscuros, em devaneios que envolviam carne despedaçada, água escura e rios de sangue que tentavam me engolir. Eu conseguia viver em paz ali, e estava disposta a fazer tudo o que estivesse ao meu alcance para que as coisas permanecessem assim.

O rei Nemea subiu no estrado. A mesa principal estava soterrada com presentes tradicionais dos reinos vizinhos, coberta por um caminho de seda vermelha bordado com enguias escuras retorcidas. Um presente de Della e Gos, deduzi, que eram famosos por seus bichos-da-seda. Flores cor de sangue estavam dispostas em arranjos grandiosos, provavelmente presentes de Varya. Nemea segurava um cálice de prata novo, cravejado de rubis.

— Não fique zanzando pelas beiradas, Imogen — disse ele, sem nem sequer olhar para mim. — Venha.

Tomando cuidado com as camadas de saia do meu vestido, subi os degraus e parei ao lado de Nemea. Ele pegou minhas mãos e levantou meus braços, observando os detalhes da minha roupa com aqueles olhos cinzentos e impassíveis. Os grampos em meus cabelos, os rubis pesados pendurados nos lóbulos macios de minhas orelhas.

— O vestido caiu como uma luva — disse ele, mordaz.

— Sim, Majestade. — Abri um sorriso frouxo.

Ele estendeu a mão grosseiramente e puxou um cacho escuro que estava caído sobre meu ombro.

— O que é isso?

— Meu cabelo, Majestade?

— Devia estar preso. — Seu olhar, que já era frio, tornou-se uma pedra de gelo. — Como instruí.

Ele não instruíra. Mesmo assim, me curvei em uma reverência baixa.

— É claro. Eu posso...

Mas ele me interrompeu com um aceno breve no ar que conseguiu ser desdenhoso e humilhante ao mesmo tempo.

— Vai servir. — O rei olhou para a reluzente sala do trono, cheia de convidados. — É uma beleza, não acha?

— Sim.

— E você...

Ele tocou minha bochecha com delicadeza, e eu fiquei imóvel como se minha vida dependesse disso. O rei nunca tinha me batido, mas notei quando ele flexionou a mão, como se estivesse contendo a vontade de fazê-lo. Eu já estava familiarizada com a forma como sua voz mansa explodia do nada, já sabia que podia facilmente ordenar que me trancassem sozinha por uma semana.

— Está feliz? — questionou ele.

Hesitei diante da pergunta inesperada.

— Estou. Como poderia não estar?

— Precisamente. O vestido, o banquete... Tudo isso é mais do que você merece.

— Sim, Vossa Majestade.

Seu olhar parou em alguém do outro lado da sala, e foi como se um raio o atingisse. Ele me pegou pelo punho e me arrastou para fora do estrado.

— Imagino que os deveres de um rei não costumam ocupar sua mente com frequência, não é?

— Com frequência, não, Majestade. — Meus pés mal conseguiam acompanhá-lo enquanto ele nos conduzia depressa em meio à multidão. — Mas já pensei sobre isso.

— E o que acha? — A música ficou mais alta. O som das cordas e dos tambores, que ressoavam como a batida de um coração, encheram meus ouvidos. Todos se dirigiam para o centro do salão, onde a próxima dança estava para começar. — O que acha da ideia de *dever*? Acha que é algo que se alcança despindo-se de fragmentos de si mesmo, ou crescendo, acumulando, de modo a estar preparado para fazer o que quer que seja necessário quando for a hora?

— Sua Majestade, não entendo o que quer dizer. Talvez as duas coisas?

Paramos de repente diante de uma parede de soldados de armadura dourada — seis deles —, parados ali, imóveis, imponentes com as videiras floridas esculpidas na região do peitoral e do antebraço da armadura.

— Theodore Ariti — rosnou Nemea.

— Olá, Nemea — soou uma voz amarga de trás dos soldados.

Eu a reconheci, rouca e grave. A parede de guardas se abriu e lá estava o

homem do parapeito. Ele tinha o semblante fechado e parecia ainda mais impressionante trajando uma bela capa verde. Nos cabelos escuros e ondulados repousava uma coroa dourada de louro trançado. Quando olhou em minha direção, seus olhos se arregalaram.

Desviei o rosto depressa, sentindo minhas bochechas ficarem quentes enquanto me curvava diante do rei de Varya.

2

Minhas pernas tremeram quando me endireitei.

Eu sabia que o rei Theodore tinha vinte e sete anos, um a mais do que eu. Desde que ele assumira o trono sete anos antes, Nemea não tinha parado de reclamar. O "reizinho", como ainda o chamava, era altivo demais, bondoso demais, amado e honrado demais para ser um governante digno de seu respeito.

— Trouxe a noiva para conhecer você. — A voz de Nemea era cortante. — Esta é a lady Imogen Nel, minha protegida. Estávamos falando sobre deveres reais agora mesmo. Ela adoraria ouvir o que pensa sobre o assunto enquanto a conduz para uma dança.

O olhar carregado do rei Theodore permaneceu fixo em meu rosto por um instante, depois ele olhou de soslaio para Nemea.

— Certamente, Nemea. Ela quer falar sobre deveres reais? Se a dança for longa o bastante, vamos ter tempo para discutir o fato de que você não os cumpre.

Fiquei espantada com a ousadia. Ele não se deu ao trabalho de pisar em ovos com Nemea como a corte fazia — como *eu* fazia. Antes mesmo de Nemea ter tempo de responder, o rei Theodore estendeu a mão e, constrangida, imitei o gesto. Seus calos eram ásperos, mas seu toque era cálido e gentil. Minha mente estava a mil por hora com a lembrança de nossa interação na vigia. Eu tinha ficado emotiva, disse coisas desdenhosas e indelicadas. Quando o rei Theodore me conduziu para longe, senti o olhar opressivo de Nemea me atravessar como uma lâmina. A intenção era óbvia. Ele queria que eu o encantasse, que eu o apaziguasse.

— Peço perdão, Majestade — disse, a voz baixa. — Eu não sabia com quem estava falando. Do contrário, jamais teria sido tão coloquial...

— Onde está seu noivo, lady Imogen? — interrompeu ele, ignorando completamente meu pedido de desculpas.

— Eu... — Engoli em seco, tentando firmar a voz. — Não sei ao certo. Talvez o capitão tenha dado para trás e esteja se escondendo, ensaiando para

implorar à Sua Majestade que o libere de nosso noivado.

— Esse capitão é um idiota, além de assassino?

As palavras me pegaram de surpresa e eu não sabia se deveria me sentir lisonjeada ou com vergonha. Tensos e em silêncio, nós nos posicionamos no salão. O rei Theodore me olhava fixamente, mas eu concentrei minha atenção no teto, nas asas solitárias de Sirena que pendia de cima.

Uma melodia agitada encheu o ar. A ideia de ter aquela dança interminável com ele me fez forçar um sorriso. Me esforcei para falar mais alto do que a música, mais uma vez tentando ser encantadora.

— Sua presença é uma honra, Majestade. Sei que fez uma longa viagem para estar aqui.

Ele colocou a mão em minha cintura e começou a dar passos ágeis.

— Eu não poderia perder a oportunidade de admirar os horrores de Seraf, não é? — disse ele, atento à minha reação. Mordi a língua. — Eu conheço Agatha, sua criada. — O rei fez um gesto em direção ao outro lado da sala, onde ela estava parada observando o mar de pessoas com uma taça em mãos. — Fiquei surpreso ao vê-la aqui, de todos os lugares em que poderia estar.

O desprezo dele ficou nítido ao pronunciar a palavra *aqui,* pela rispidez em sua fala.

— Eu não sabia que vocês se conheciam. — Era difícil imaginar que Agatha tivera uma vida antes de entrar na minha. — De onde?

— Ela foi minha governanta. Por um tempo.

— Minha também. — Agatha provavelmente estivera em Varya antes de vir para Seraf. — Ela também ralhava com você por ultrapassar os limites da linha ao escrever?

— Não — respondeu ele com perfeita austeridade. — Eu nunca ultrapassei a linha.

— Ah. — Senti falta da gentileza e da afabilidade que ele demonstrara antes. — Entendo.

Os passos da dança eram rápidos e cheios de giros. Passei por baixo do braço do rei Theodore, saltei e rodopiei, mal conseguindo respirar por causa do vestido apertado, firme como um punho fechado ao redor das minhas costelas. Depois fiquei de frente para ele e demos as mãos, mas a dele não se fechou em torno da minha para segurá-la. Ele parou no meio do gesto.

— Algum problema, Majestade? — perguntei, estremecendo ao sentir uma pontada na lateral do corpo.

— Sim. — Ele tinha uma expressão severa, olhando para mim com olhos

semicerrados. — Você não está conseguindo respirar.

— Por favor, vamos continuar dançando. — Olhei em volta, arfando, temendo causar problemas e irritar Nemea. — Estou perfeitamente bem.

— Você está ofegante como um cachorro.

Eu não sabia se ele estava incomodado ou preocupado.

— Por favor — implorei —, não quero atrapalhar a dança. Estou bem. Obrigada.

Ele me encarou por um instante, ainda estreitando os olhos, e então retomou os passos, embora em um ritmo mais lento. Nós nos entrelaçamos com os outros pares, mantendo o ritmo da música, mas fora do ritmo do resto do salão. Estávamos tão próximos um do outro quanto minha saia permitia.

— O que está fazendo? — sussurrei.

— Estou deixando você recuperar o fôlego.

— Eu disse que estou bem. — O pânico tomou conta das minhas palavras. De canto do olho, vi que Nemea nos observava com o rosto vermelho de raiva.

— Foi Nemea quem fez você usar esse vestido ridículo? — perguntou ele, em um tom de voz grave e macio que fez com que eu me arrepiasse.

Olhei de relance para meu corpete.

— Foi um presente — expliquei, resoluta. — Ele queria que a noite fosse perfeita e mandou que o fizessem especialmente para a ocasião.

— Inacreditável.

— O quê?

— Até mesmo os presentes de Nemea são cruéis.

A música começou a desacelerar, uma nota após a outra. As risadas dos convidados ressoavam em meus ouvidos e o rei Theodore, de maneira azucrinante, mantinha a lentidão dos nossos passos, me conduzindo com facilidade por entre os pares que dançavam ao nosso redor. Mantive o rosto impassível, com os olhos fixos em algum ponto além de seu ombro.

Ele se afastou ligeiramente e inclinou a cabeça.

— Você me parece familiar.

Havia um tom questionador nas palavras dele.

— Eu? Talvez tenha sido nossa conversa anterior.

Ele balançou a cabeça.

— Não. É alguma outra coisa.

O rei continuou olhando para mim, assim como fizera no parapeito, atento.

— Eu garanto que nunca nos vimos antes de hoje. Eu nasci aqui. Nunca saí de Seraf. Quando fiquei órfã, o rei Nemea generosamente me acolheu como

sua protegida.

Theodore deu uma risada irônica.

— E por que ele faria isso?

Apertei os lábios, hesitando em dizer a verdade: que minha família fora rica e que minha herança era o que mantinha o reino do rei Nemea.

— Terá que perguntar a ele.

— Prefiro não falar com o sujeito, então vou ter que adivinhar. — Eu já tinha recuperado o fôlego, mas o rei Theodore continuava conduzindo a dança com uma lentidão de dar nos nervos. — Você é uma folha de hortelã em uma boca de dentes podres. O bálsamo que acalma o açoite de crueldade de Nemea. Por que outra razão ele faria você usar metade dos cristais do arquipélago se não para que pensem que tanto os cofres quanto o coração dele não têm limites? Ele acredita que assim não vão vê-lo como um ser repugnante, já que cuida de uma mulher tão adorável e encantadora como você.

Eu recuei e nem sequer me dei ao trabalho de disfarçar minha reação. Aquilo não era um elogio. Na verdade, aquelas palavras carregavam um desprezo tremendo. Me esforcei para abrir um sorriso doce e radiante apesar do aperto no peito.

— E você, Majestade, obviamente é sagaz demais para cair em tal estratégia. — Eu o encarei de volta com insolência. — Parece longe de estar encantado por mim.

Quando nos olhamos outra vez, ele parou de dançar e me encarou com espanto, levemente boquiaberto, depois soltou minha mão e minha cintura.

— Eu conheço você.

— O quê? — Olhei em volta depressa. — Por favor, você está atraindo olhares.

Ele balançou a cabeça em um gesto curto, mas seus olhos perspicazes continuaram observando os traços do meu rosto: o arco da minha sobrancelha, a curva do meu nariz e, mais abaixo, meus lábios e o contorno do meu queixo.

— O que foi? — perguntei, estendendo os braços à espera de que ele pegasse minha mão de novo. O rei Nemea havia se aproximado pelos cantos, com a cabeça inclinada em cisma. — Por favor, Majestade, você está chamando atenção.

O rei Theodore recuou um passo e uma jovem bateu nas costas dele ao rodopiar, mas nem mesmo isso o fez despertar da forma como me encarava. Por fim, ele saiu em direção aos guardas que trouxera, me deixando sozinha no meio do salão enquanto a música diminuía o ritmo até parar.

Então senti alguém cravando os dedos em meu braço e me arrastando para o lado com um puxão.

— O que foi que você disse? — interrogou o rei Nemea bruscamente, falando em meu ouvido.

— Eu não disse nada, Majestade. — Meu coração parecia prestes a sair pela boca. — Ele disse que me conhecia. Não faço ideia do que isso significa.

— Venha.

Nemea agarrou minha mão e me puxou em direção ao estrado do trono, me segurando com força enquanto avançava a passos largos e rígidos. O rei subiu os degraus e quase tropecei atrás dele, depois pegou sua taça cravejada de rubi e tomou um gole, enquanto eu sentia minha mão, esmagada pela dele, latejar.

— O que mais ele disse?

— Ele elogiou meu vestido. — Me esforcei para oferecer um olhar amistoso e para soar o mais grata possível, mas não ousei desvencilhar minha mão. — Depois elogiou o banquete, e fez elogios a mim também. Não tenho palavras para agradecê-lo por ter proporcionado uma celebração como esta a mim e ao capitão, Majestade.

Ele apertou minha mão ainda mais forte. O anel que o capitão Ianto tinha me dado afundou em minha carne.

— Não acha que tudo isso é para você, acha?

Balancei a cabeça de um lado para o outro, tentando evitar que minha expressão denunciasse a tristeza que estava sentindo.

— Não, Majestade, é claro que não. Apenas quis expressar minha gratidão. Como sabe, é muito mais do que mereço.

Ele grunhiu, ainda me segurando, e minhas juntas estalaram com o aperto. Sua voz, no entanto, era suave como o toque de uma pena.

— Você deveria tê-lo amolecido, Imogen. Deveria apaziguá-lo. A última coisa de que preciso é uma guerra com aquele imbecil petulante.

Algo úmido e pegajoso preencheu o espaço apertado entre meus dedos.

— Você está me machucando — sussurrei finalmente.

Mas Nemea não deu atenção. Ele olhava para o capitão Evander Ianto, que aparecera diante da plataforma ao mesmo tempo formidável e irremediavelmente desgrenhado. Ele segurava o elmo preto na lateral do quadril, tinha o cabelo cor de areia bagunçado pelo vento e a pele bronzeada estava úmida de suor.

— Aí está você! — exclamou Nemea.

O rei finalmente me soltou, e eu logo fechei a mão para esconder o sangue

do ferimento que ele causara.

— Perdoe-me, Vossa Majestade — disse Evander com uma reverência. O gesto fez as bochechas dele corarem. Suas botas estavam sujas de areia molhada. — Eu me atrasei em Porto Helris. Os navios não paravam de chegar e meus homens precisaram de ajuda.

Nemea acenou com a cabeça em aprovação. O capitão dele era um excelente soldado.

— Leve-a. — Ele me dispensou com um aceno distraído.

Minha reverência foi profunda e respeitosa, aproveitando para mascarar qualquer dor que pudesse ter transparecido em meu rosto enquanto me curvava. Me aproximei dos degraus e, em vez de me ajudar a descer, Evander inclinou a cabeça para trás para olhar para mim. Ele não me olhava como Nemea, como se para avaliar se eu era suficiente, tampouco da maneira inquietante do rei de Varya: com assombro, circunspeção e sisudez. Não. O capitão me fitava com adoração solene e inusitada.

Eu me deleitei com seu olhar e o retribuí. Sempre o achei muito bonito com aqueles olhos cor de mel e as linhas de expressão que os rodeavam como raios de sol. Também adorava as sardas sutis na ponta de seu nariz e o ângulo formoso de seus traços. O canto de sua boca se curvou em um sorriso.

— Você está... linda. — Ele me admirou dos pés à cabeça, depois falou mais baixo. — E muito desconfortável com esse vestido.

— Sinto dizer, mas não consigo dançar muito com ele.

O capitão sorriu.

— Então podemos dançar uma valsa.

Evander estendeu a mão para me ajudar com os degraus e, quando ficamos de frente um para o outro, me senti paralisada. Ele emanava cheiro de mar. Uma camada salina cobria a armadura e a pele dele e se infiltrava diretamente em minhas narinas. Senti o calor percorrer meu corpo como uma onda se quebrando com violência na praia.

— Meus trajes não são muito elegantes — desculpou-se. — Quer que eu me troque?

Meu estômago se revirou.

— Não.

Coloquei a mão que pulsava de dor na curva de seu braço, e ele começou a nos conduzir pelos cantos da sala, observando a festa com um sorriso. Eu conhecia o capitão havia anos, embora fossem raras as vezes em que nos falamos no decorrer desse tempo. Havia apenas quinze dias desde que eu fora

informada do nosso noivado, mas todos os meus músculos relaxavam na presença dele. O nó que a desaprovação de Agatha deixara em meu peito se afrouxou até se desfazer completamente.

— Posso tentar adivinhar quantos quilos seu vestido pesa? — propôs Evander.

Abri um sorriso largo.

— De novo — disse ele de repente.

— De novo o quê?

— Sorria assim de novo.

Nossos olhares se cruzaram e senti uma pontada de desejo, me perguntando qual era a sensação de seu toque e se a pele dele tinha gosto de sal.

— Você está impossível hoje.

Ele me lançou um olhar malicioso.

— Hoje e sempre. — Evander segurou minha mão, e eu estremeci. — O que houve?

— Foi só um corte.

Ele, então, a virou de um lado para o outro, inspecionando o machucado sangrento no dedo do meio.

— Como isso aconteceu? — perguntou, franzindo a testa.

— Não foi nada. Sua Majestade não percebeu que...

Evander se ajoelhou e enfiou as mãos debaixo das minhas saias, mexendo nas anáguas. Olhei ao nosso redor de olhos arregalados.

— Pelos deuses, levante-se!

— Espere.

Ele olhou para cima, sorridente, e, com um puxão ágil, rasgou uma tira de tecido. Em seguida se levantou com uma tira de linho branco entre os dedos.

— Me dê a mão — pediu, e delicadamente se pôs a enrolar o tecido sobre o ferimento. — Posso contar um segredo? — perguntou, sua voz rouca preenchendo apenas o curto espaço entre nós.

Atônita com a pergunta, retribuí seu olhar afoito, com a sensação de que eu mesma era inteiramente feita de segredos.

— Pode.

— Se ele não fosse meu rei... — Evander terminou de amarrar o linho e segurou minha mão. — Eu acabaria com ele por ter machucado você.

O som da traição saindo da boca de Evander como jura de amor me fez ficar imóvel. Era tocante. Era aterrorizante.

— Muito cavalheiresco da sua parte.

Ele chegou mais perto e o cheiro de água salgada me envolveu e me invadiu, enchendo meu peito com um calor palpitante. O olhar dele era sério e cheio de expectativa.

Um protetor, mesmo que apenas na teoria, não era o que eu esperava encontrar no capitão. Eu me permitia desejar somente uma migalha de bondade e que ele se dedicasse ao trabalho o suficiente para que minha vida tranquila pudesse continuar intacta.

Fiquei na ponta dos pés e dei um beijo na bochecha dele.

— Não vou contar seu segredo para ninguém.

3

A cada taça, o vinho amargo do rei Nemea parecia mais doce.

Evander colocou outra em minha mão.

— Que tal uma dança? — Ele sorriu, olhando por cima da borda da taça de vinho que segurava. — Faz anos que não tento dançar, mas prometo que não vou envergonhar você, como fez o rei de Varya.

Avistei o rei Theodore do outro lado da sala com uma expressão presunçosa no rosto.

— Pode ser — aceitei, distraída.

— Quanto entusiasmo! — brincou ele.

— Prometa que vai me segurar se eu desmaiar.

Evander se aproximou, e o sal que havia nele provocou uma sensação de choque por todo o meu corpo.

— Eu juro pela própria divindade.

Nós abrimos caminho pelo tumultuado salão e, quando a música se intensificou, ele pousou a mão sobre meu quadril, em um gesto levemente embriagado. Depois, agarrou as dobras da minha saia e também minha carne, aproximando nossos corpos para me guiar pelo salão. Quando me abraçou, o calor de sua pele se infiltrou na minha.

Era inebriante ser tocada, sentir os batimentos cardíacos dele em meus dedos quando o segurei pela mão para outra dança. E depois mais outra.

Mais vinho. Mais cheiro de mar.

Havia mulheres — e eu já vira algumas — que pareciam iluminadas de dentro para fora e que, ao se tornarem esposas, perdiam a luz. Eu não sabia dizer se essa chama era sufocada pelos maridos ou se as próprias mulheres faziam isso, fechando-se em torno dela na tentativa de protegê-la com a própria alma, para que não se apagasse. De qualquer forma, eu estava preparada para que minha chama diminuísse também. No entanto, o toque de Evander acendia faíscas dentro de mim e, de alguma forma, fazia com que a luz dentro de mim brilhasse ainda mais forte, com mais vigor.

A noite, a música, as velas bruxuleantes, tudo começou a se confundir à medida que a manhã se aproximava. Minha cabeça zumbia por causa da bebida. O salão ainda estava cheio e a melodia ainda preenchia o ar. Evander me segurou na altura das costelas com força e me puxou para mais perto. Ele encostou a boca na minha, seu lábio superior se encaixou entre os meus e o gosto de sal preencheu minha boca. Eu arfei.

Foi como se minhas costas ficassem inundadas de sangue, quente e vivo, ao redor e por toda a extensão da coluna. Meu corpo se retesou e ele desacelerou a dança.

— O que foi? Está cansada?

Não consegui fazer nada além de acenar que sim com a cabeça.

Com um puxão suave, ele me levou em direção às portas e, em minha confusão mental, eu permiti. Seus braços fortes me envolveram e o hálito quente acariciou meu pescoço. Encolhi meu corpo contra o dele sem pensar, inclinando a cabeça para trás. Foi quando avistei as asas, e meu olhar se fixou nas palavras abaixo delas.

O MONSTRO SEMPRE É DERROTADO.

As palavras do rei de Varya invadiram minha mente, como se um inseto tivesse entrado no meu crânio.

Esse capitão é um idiota além de ser um assassino?

— Está tudo bem, querida? — A voz de Evander soava aveludada em meu ouvido.

— Não estou me sentindo bem.

Sua boca se curvou.

— Foi vinho demais. Você precisa de um pouco de pão. Venha.

Na mesa de jantar, ele colocou um pedaço de pão em uma das minhas mãos e em seguida me puxou a passos rápidos para a saída da sala do trono. Percorrer as escadas no escuro exigiu mais concentração do que eu imaginava, e o vinho em meu organismo falou mais alto. Eu me esforcei para manter o foco nas mãos fortes de Evander.

— Esse vestido... — Ele sacudiu minhas saias, tentando me manter de pé. — Pelo amor dos deuses.

— Eu faço o que Sua Majestade pede. — Minhas palavras saíram enroladas. — Eu uso o vestido que me deixa sem respirar. Eu me caso com o capitão... — Parei de falar, abruptamente alerta. Então, olhando no fundo dos

olhos penetrantes de Evander, disse: — É o que fazemos, não é? Obedecemos.

Ele me observou pelo que pareceu ser um longo momento antes de dizer:

— É. — O tom dele era de pesar. — Todos os dias.

Evander me carregou pelo resto da escada e, quando chegamos ao topo, me pressionou contra a parede em um beijo desatinado. Eu levei um susto ao sentir a pedra gelada em meu pescoço.

— É cansativo, não é? Sempre fazer o que mandam. Não ter voz. — Ele falou sem tirar a boca da minha.

Aquilo me pegou de surpresa. Eu queria dizer *sim*, *sim*, *sim*, mas meu desespero para conseguir respirar fundo me distraiu. O sal em minha língua e a forma como eu ansiava por mais me distraíram. Ele me beijou de novo, me pressionando ainda mais contra a parede de pedra.

— Em breve, quando estivermos casados — disse ele entre beijos —, você não precisará mais obedecê-lo. — Ele apontou em direção à porta de carvalho atrás de si. — Este é seu quarto?

Assenti. Ele me levantou do chão, ajeitando a saia do vestido para envolver o próprio corpo com minhas pernas, e entramos juntos no quarto. Então veio o som metálico da tranca da porta deslizando e a luz da lareira.

As sombras dançantes que o fogo projetava no quarto deixavam minha visão turva. Quando iluminaram o rosto de Evander, algo selvagem surgiu em seus olhos. Eu já estivera com outros homens antes: educados, rápidos, calorosos. Aquilo era diferente. Não o homem — o fervor de Evander era igual ao dos outros.

Eu estava diferente.

Eu o desejava com uma necessidade estranha, como se meu corpo fosse definhar se eu não sentisse seu sabor, seu corpo, se eu não cravasse minhas unhas em sua carne. Evander me beijava com força e possessividade, o que não me incomodava. Deslizei a boca pelo contorno de sua mandíbula com a barba por fazer, até parar onde a pele dele vibrava em ondas quentes, sua pulsação acelerando sob meus lábios.

O sal do suor, o sal do mar. Um gemido preencheu minha garganta.

Muito devagar, Evander desamarrou meu corpete e desceu as alças pelos meus ombros. Quando finalmente se soltaram, inspirei até encher meus pulmões com todo o ar que consegui, até ver estrelas. Senti uma pressão incômoda aumentando, fazendo arder meu peito e minha coluna e descendo pelos braços. Levei a mão à cabeça, que doía.

— Venha cá. — Assustei-me com a voz grave de Evander.

Eu continuava imersa em uma névoa escura, mas respirei fundo mais uma vez e o segui até a cama. A luz do fogo iluminou suas costas largas e musculosas e os traços do peito quando ele se virou para deitar-se. Meu corpo e minha mente tinham se tornado duas entidades separadas. De dentro da minha caixa torácica vinha uma sensação de descolamento, como se uma corda amarrada às minhas costelas tivesse sido puxada. Tentei afastar o desconforto ficando por cima de Evander. Lentamente, eu o guiei para dentro de mim, pressionando meu peito contra o dele, e ele me segurou e se moveu junto comigo.

No entanto, mesmo abraçada e preenchida por ele, a sensação sombria não passava. Era como se algo escondido dentro de mim tentasse ganhar vida de repente, se contorcendo, se debatendo, tomando forma. De olhos fechados, tentei me concentrar e me conter para não emitir nenhum som. Os dedos dele se cravaram em meus quadris, e fechei os olhos com mais força. O som estrondoso do prazer de Evander chegou aos meus ouvidos, a boca dele cobriu a minha e tudo o que eu sentia, tudo o que eu queria, era sal.

Então, com um súbito clarão, desmoronei.

Mas aquilo não era êxtase. Era como se desintegrar por dentro, perder-se por completo, sem prazer algum. A sensação de estar em brasa que se concentrava em meu peito se irradiou para as costas, e a pele em minhas omoplatas ardeu e se repuxou até rasgar. Então as asas se desenrolaram para fora, livres finalmente, e deixei escapar um grunhido de dor. O calor percorreu meus braços até a ponta de cada dedo e minhas unhas se esticaram, se transformando em garras de pontas escuras.

Evander ficou paralisado embaixo de mim. Depois de segundos que pareceram suspensos no tempo, o choque em sua expressão deu lugar à repulsa. Em seguida, seu rosto bonito se contorceu de novo, o calor em seus olhos se tornou frio.

Ódio.

No torpor de minha embriaguez, inclinei a cabeça. Não conseguia entender por que ele não me olhava com a admiração de sempre. Então a ficha caiu como uma âncora.

Evander me tirou de cima dele e me jogou da cama, fazendo com que eu batesse a cabeça contra o chão de pedra. Eu devia ter sentido medo, devia estar com dor. Em vez disso, a súbita aversão dele, combinada à sua disposição de me ferir, fez despertar a coisa que estava à espreita dentro de mim. Eu não conseguia identificar ao certo de onde aquilo vinha, mas, como se fosse um osso trincado, conseguia senti-la bem no fundo. Era algo que se retorcia e se

desenrolava dentro de mim, me fazendo pensar em garras, carne despedaçada, sangue escorrendo.

O capitão se levantou em um salto e se pôs em cima de mim para apertar meu pescoço. A pele dele era quente contra a minha e seu peso me pressionou contra o chão, esmagando a base das minhas asas. Nossos batimentos cardíacos pulsavam com o aperto. O dele, acelerado. O meu, regular. Inalterado.

Com um único movimento, espelhei o que ele fazia: meus dedos longos fecharam-se em torno de seu pescoço. As pontas pretas de minhas garras afundaram em sua pele bronzeada, arrancando gotas de sangue vermelho-vivo. Ele sibilou entredentes e me soltou.

Inspirei o ar quente e metálico.

— Você está com medo.

Eu nunca tinha me sentido tão poderosa, era inédito para mim. Ele balançou a cabeça em negação, mas seus olhos estavam arregalados. Afundei as unhas ainda mais.

— Imogen. Por favor.

As palavras saíram praticamente sem som, mas me golpearam como um soco. Ouvir meu nome, lembrar quem eu era, fez a coisa sombria dentro de mim se encolher.

Eu o soltei, ofegante e em pânico.

Evander se sentou sobre os calcanhares, me olhando da cabeça aos pés em absoluto espanto. Meu corpo nu, as asas escuras em minhas costas, meus dedos terminando em garras.

— Malditos... Pelos deuses.

Como um filhote de cachorro que levou uma bronca, me afastei dele e comecei a me arrastar em direção à lareira. Enquanto Evander pegava as roupas e se vestia, cobri meus seios, envergonhada. Seus movimentos eram rápidos e precisos e, observando a flexão de seu corpo musculoso, fiquei petrificada ao me dar conta do que acabara de acontecer. Aqueles músculos foram lapidados caçando Sirenas, tentando conter os corpos agitados e amedrontados que lutavam contra a execução iminente. Evander parou à porta com fúria e decepção estampadas no rosto. Entreabriu a boca como se fosse dizer alguma coisa, mas apenas me lançou um último olhar cruel antes de sair.

E, com isso, a luz brilhante e intensa que havia se expandido dentro de mim se apagou.

Fiquei acordada com os olhos pregados na porta trancada e minha adaga

cravejada de pedras preciosas em mãos.

O fogo fazia os rubis cintilarem e banhava a lâmina curta e fina em luz dourada. Quando o sol finalmente entrou pela janela, girei a adaga na mão, de repente me sentindo muito tola. Eu a ganhara do rei Nemea no meu aniversário de dezessete anos e, com as pedras coloridas e a lâmina afiada, a arma era mais decorativa do que letal — assim como eu, pensei.

De todo modo, tê-la por perto à noite me trouxe uma sensação de segurança.

Comecei a chorar no momento em que Evander saiu batendo a porta. Rezei para os grandes deuses e deusas como se pudessem me ouvir, pedindo por um pouco de paz que nunca veio. Esperei pelo barulho das botas de Evander na escada, antecipei o momento em que iria ouvi-lo arrombando as trancas da minha porta para me arrastar rumo à minha execução no pátio. A execução pública de uma Sirena era algo que não ocorria havia anos — os homens de Nemea as matavam rápido demais para se dar ao trabalho de arrastá-las até a montanha para um espetáculo.

Mas eu já estava ali.

O espetáculo já estava pronto: a pupila do rei teria as asas arrancadas, a garganta lacerada em um corte tão profundo que derramaria uma cortina de sangue. Quando tudo acabasse, meu corpo ficaria exposto em uma estaca por dias, deixado para apodrecer. Talvez minhas asas também ficassem penduradas no salão do rei, seria a decoração perfeita.

Ouvi uma rápida batida na porta. Apertei minha adaga com mais força.

— Sim?

— Abra, Im. — O carvalho pesado abafava a voz de Agatha.

— *Droga*. — Com Agatha, era como se eu fosse transparente feito água. Ela saberia que algo terrível tinha acontecido assim que me visse. — Só um minuto.

Ela deu outra batida impaciente.

— Já estou indo.

Tudo em mim doía, e a pele em carne viva nas minhas costas repuxou quando tentei abrir o ferrolho. Ao ver minha mão estendida, me detive. Havia sangue seco debaixo das unhas.

O sangue de Evander.

Cenas da noite anterior invadiram minha mente. Me lembrei de como foi senti-lo, do sal em sua carne, do poder monstruoso que tomou conta de mim quando vi as gotas vermelhas de seu sangue. Eu não sabia o que era pior: o fato de quase tê-lo matado ou o fato de tê-lo deixado vivo.

Mas eu sempre soube o que eu era. Na infância, um chamado ressoava em minha mente, havia algo que puxava meu corpo ao encontro do mar. Nunca dei ouvidos porque temia que isso me transformasse em um monstro, já que as lendas sobre as Sirenas eram reais: fomos criadas para ansiar pelo sangue quente e viscoso nas veias dos marinheiros, para arrastá-los completamente para baixo da espuma do mar.

Cerrei o punho e deslizei a tranca, finalmente abrindo a porta.

— Bom dia. — Minha voz estava rouca.

Agatha foi direto para o quarto onde ficavam minhas roupas, sem nem sequer olhar em minha direção. Fechei a porta depois que ela passou.

— O ritual começa em breve — anunciou ela. — Hora de se vestir.

Eu estava tão preocupada com Evander que tinha me esquecido do ritual blasfemo do rei Nemea. Por quase três décadas, ele se recusara a adorar a grande deusa Ligeia, a rainha das Sirenas. Nemea alegava que as Sirenas eram cruéis e inclementes como o mar, que encontravam prazer na destruição. Com o tempo, ele parou de honrar os grandes deuses de vez e passou a fazer oferendas de sangue à sua divindade da água, Eusia.

Eu nem mesmo acreditava que Eusia era real, já que as histórias que conhecia nem sequer mencionavam seu nome. Mas Nemea era devoto dela e reunia a corte para oferendas antes de tomar decisões importantes, antes das temporadas de pesca, antes dos dias onomásticos e antes de casamentos, para que os noivos pudessem pedir as bênçãos dela. Eu tinha sido obrigada a ceder meu sangue desde pequena. Negar a Nemea uma oferenda para sua divindade significava a morte.

— O alfaiate trouxe o vestido de noiva — comentei com Agatha. — Nemea me disse para usá-lo no ritual.

Arrastei meu corpo até o lavabo para limpar as pontas dos dedos. As cerdas duras da escova espetavam a carne por baixo das minhas unhas, e um arrepio desceu por minha coluna dolorida.

— Imogen, queria conversar com você — disse Agatha rodeada de roupas. — Ontem à noite falei com o rei Theodore...

Ela veio até mim com as sobrancelhas franzidas, parecendo pensativa. Em seu braço, trazia cuidadosamente pendurados uma roupa íntima limpa e o vestido de noiva de renda preta. Agatha parou quando finalmente olhou para mim. Seus olhos grandes estavam ainda maiores de preocupação, com a expressão feroz e fraternal que era sua munição quando eu estava triste.

— Me conte o que aconteceu.

De repente, eu era uma criança de novo. Treze anos, entrando em uma banheira de água salgada que uma criada nova tinha preparado para mim, esquecendo-se de que deveria ter evitado o sal. Uma pulsação acelerada preenchera meu peito assim que senti o sal e meu corpo começara a doer. Agatha me tirou da banheira no momento em que a chamei. Ela tivera o mesmo olhar de agora enquanto me enrolava em uma toalha e secava depressa o sal em minha pele.

— Sou como você, Immy — sussurrou. — Uma Sirena longe do mar. A água salgada só piora o anseio. Fique longe dela.

Agatha me manteve em segurança. Eu não estava tão sozinha com ela como minha confidente. E foi assim que empurrei para debaixo d'água a coisa repugnante e teimosa que constituía o meu verdadeiro eu. Mas, na noite anterior, inundada por um desejo incontrolável, eu a trouxe de volta para a superfície, permiti que ela respirasse.

— Imogen?

Agatha observou meu estado desgrenhado. Meus cachos escuros estavam presos com grampos de cabelo e minha roupa íntima estava amarrotada e torta no corpo. Além disso, havia uma sutil mancha de sangue em meu quadril.

— *Imogen* — repetiu ela.

Senti minha garganta ficar apertada. Joguei meus braços ao redor de seu pescoço, amassando o vestido que ela segurava entre nós.

— Ah, pelos deuses — sibilou Agatha.

Ela me abraçou de volta, pressionando minha coluna — pressionando as feridas abertas causadas pelas minhas asas. Eu arfei de dor. Quando se afastou, havia sangue fresco nas mãos dela. A súbita compreensão a fez arregalar os olhos.

— *Como?* — perguntou ela, falando rápido. — Temos que ir embora agora mesmo. Precisamos descer a montanha e...

Uma batida lânguida veio da porta e, com um sobressalto, virei a cabeça na direção do som.

— *Imogen*. — A voz audaz de Evander surgiu do outro lado.

— *Quem é?* — perguntou Agatha, sem emitir nenhum outro som.

Gesticulei depressa para que ela se trancasse em algum lugar.

— Abra a porta, Imogen. — Um baque alto. — Ou eu mesmo vou abrir.

— Agatha — sussurrei —, se esconda com as roupas e tranque a porta. Não saia, não importa o que ouvir.

Ela endireitou a coluna, obstinada.

— Mas... de jeito nenhum!

— *Shhh*. Vá logo. *Por favor*. — Fui depressa até a poltrona em que passei a noite e peguei minha adaga. — *Agora*, Agatha. Eu nunca me perdoaria se você se machucasse. Vá depressa. E não saia.

Ela finalmente correu em direção à toalete. Quando a fechadura fez um clique, disparei em direção à entrada do quarto. Puxei a tranca e as dobradiças rangeram quando abri a porta.

Evander estava ali, alto e imponente, usando o casaco e a calça pretos que deveria estar vestindo na noite anterior. Uma das mãos estava apoiada no cabo de couro da espada que trazia na cintura. Os olhos brilhantes cor de âmbar percorreram meu corpo e ele abriu um sorriso destemido quando viu minha adaga.

— Ainda não está pronta.

Recuei um passo com o coração disparado.

— O que você quer?

Evander passou por mim sem responder, desafivelando o cinto da espada enquanto caminhava. Ele a acomodou com reverência sobre a cama e se sentou na beirada. O capitão parecia um mau presságio, todo vestido de preto, em contraste com os tons claros da manhã e o sol forte que entrava no quarto.

— Feche a porta, Imogen.

Prendi a respiração diante do comando manso e sem emoção. Fechei a porta sem tirar os olhos dele.

— Tranque-a e venha até aqui.

— Eu perguntei o que você quer.

— Não vou machucar você, Imogen. Tranque a porta. E venha. — Ele se abaixou para pegar o vestido e a roupa íntima que Agatha deixara cair. — Deixe-me ajudar você.

Eu era um camundongo e aquela era a brincadeira cínica do gato antes de me abocanhar.

— Eu sei me vestir sozinha.

A maneira como ele me olhava era muito parecida com a da noite anterior. Seu olhar era caloroso, mas permeado por algo sombrio. Evander vira a coisa nefasta que havia dentro de mim e aquilo o transformara. Transformara a nós dois.

— *Venha aqui*.

Dei um passo hesitante para a frente. Depois outro. Quando cheguei perto, ele se inclinou e pegou minha mão. Dedos firmes se fecharam em meus quadris

enquanto ele me puxava para ficar entre suas pernas abertas. Fiquei tensa quando seu braço me envolveu, me segurando perto de seu corpo.

— Eu ainda quero você. — Ele me olhou nos olhos. — Admito que estou... em choque. — A voz de Evander se tornou um sussurro. — Mas... Nemea não precisa saber.

Apoiei as mãos em seus ombros largos e o empurrei.

— Está tentando me enganar.

— Não — retrucou, sem permitir que eu me afastasse. — Não estou. — Tentei disfarçar o calafrio quando ele deu um beijo suave em meu peito. — Eu vim pedir desculpas. Por ter magoado você.

Ele se afastou e passou os dedos sobre as marcas avermelhadas nos pontos em que minhas unhas perfuraram seu pescoço na noite anterior.

— Não estou entendendo. — Eu conseguia ouvir o fluxo do sangue correndo em minhas veias. — Não é possível que você ainda me queira.

O capitão respondeu com um aceno solene de cabeça.

— Você mata minha espécie. Você recebe *ordens* para fazer isso. Por que quer se casar comigo agora que sabe o que eu sou?

— Além do fato de que passei a... amar você...

Estremeci. Nunca esperei por *amor*. Era algo que eu nunca tinha sentido. Já tinha lido grandes histórias de romance, já tinha conversado com moças cujos olhos ficaram reluzentes, esperançosos, e as bochechas coradas diante de um cavalariço tímido ou de um soldado charmoso. O amor sempre me pareceu algo sublime e constante. Parecia abundante, às vezes bobo, até mesmo perigoso, mas nunca permeado de medo, como o que eu estava sentindo naquele momento, como o que Evander sentiu na noite anterior, quando machuquei seu pescoço.

Ele passou o polegar em meu lábio inferior, chamando minha atenção de volta para ele.

— Mas você cresceu longe da sua espécie — disse Evander. — Você não é como elas. Você é dócil. E eu também saio ganhando. Já ouviu falar no vínculo de sangue das Sirenas?

Sim, eu já ouvira falar. As Sirenas estavam ligadas ao mar e ao ar. Seus poderes e instintos de afogamento eram fortalecidos pela proximidade com esses elementos, mas o vínculo de sangue os atenuava, mantinha a pessoa com quem a Sirena estabelecera o laço a salvo do chamado de outras Sirenas. Para além disso, o vínculo também fazia com que o par se protegesse a todo custo. Mas ali, nas montanhas, eu era só uma mulher. Meus instintos e meu poder

estavam praticamente mortos.

— O vínculo é doloroso — expliquei. — E não é necessário. O que aconteceu ontem à noite não vai acontecer de novo.

Eu tomaria cuidado com o vinho. Ele tomaria banho quando chegasse do mar.

Evander tocou minha mandíbula, aninhando meu rosto. Depois falou vagarosa e nitidamente:

— Não quero uma esposa que possa me matar.

Foi como se eu estivesse despencando de um precipício.

— O vínculo de sangue é uma forma de traição — afirmei.

— Eu disse que Nemea não precisava saber.

Ele me soltou e sacudiu o vestido. Com as mãos nos meus quadris, Evander me virou, de modo que fiquei de costas para ele, depois desceu minha roupa íntima manchada de sangue pelos meus ombros, deixando-a cair aos meus pés. O ar gelado deixou minha pele nua arrepiada. Ele tocou as feridas abertas sobre minhas omoplatas com as pontas dos dedos e, roçando os lábios em meus ombros, disse:

— Sabia que, se você estivesse na água, isso teria cicatrizado quase instantaneamente? — Ele percorreu os ossos da minha coluna com os nós dos dedos. — Eu posso levar você lá para baixo quando estivermos unidos pelo sangue.

Minha mente foi invadida pela ideia de todas as coisas que Evander sabia sobre minha espécie e eu não. Imaginei o sangue das Sirenas nas mãos dele, respigado em seu rosto.

— O rei Nemea não me deixa sair do forte.

E eu não sabia se queria sair.

A boca dele tocou minha orelha.

— Você não pertenceria mais a Nemea, Imogen. Você seria minha.

Eu me abaixei e coloquei a roupa íntima manchada de sangue de volta, em seguida caminhei até o sofá onde tinha deixado meu espartilho na noite anterior e forcei meus braços pelas alças.

— Venha me ajudar. — Minha voz soou trêmula. — Nemea nunca vai nos perdoar se chegarmos atrasados para o ritual.

O capitão obedeceu e veio até mim a passos lentos.

— Quem mais sabe? — perguntou ele, amarrando meu espartilho desajeitadamente.

Cada puxão era agonia pura.

Precisei me segurar para não olhar para a porta da toalete. Eu preferiria cortar minhas próprias asas antes de contar a ele que Agatha passara anos a fio escondendo meu segredo a sete chaves.

— Mais ninguém.

— Que bom.

Outro puxão torturante, e então o espartilho começou a apertar, apertar, apertar e comprimir minha pele ferida.

— Assim está bom? — perguntou Evander, puxando as fitas com mais força ainda.

— Está.

Estremeci de dor ao colocar o vestido preto, e Evander fechou os botões cintilantes nas costas. De frente para o espelho, desembaracei meu cabelo com os dedos e coloquei um pouco de cor em minhas bochechas pálidas. Meus olhos castanhos estavam apáticos, o dourado parecia sem vida.

— Tem um problema.

— Qual é? — perguntou ele, franzindo os lábios.

A possessividade tomou conta de seu olhar enquanto traçava o contorno do meu corpo.

— O vínculo de sangue só pode ser realizado se minhas asas estiverem abertas. Eu nunca tinha me transformado antes da noite passada. — Aquilo fora uma mistura inédita de vinho, sal e pele quente. — Não sei se conseguiria fazer isso de novo.

Eu o observei pelo espelho enquanto ele ajeitava o casaco.

— Podemos fazer o que fazemos nas execuções — disse ele, com indiferença glacial.

Eu me virei, encarando-o.

— Nas execuções?

— É só trazer água do mar e usar um sifão para forçá-la a entrar em seus pulmões. Isso vai fazer você se transformar.

Evander se aproximou, chegando tão perto que tive que jogar a cabeça para trás para poder olhá-lo. Ele se inclinou para beijar meu pescoço uma, duas vezes. Seus lábios podiam muito bem ser uma corda em volta do meu pescoço.

Sufocando.

Silenciando.

4

Nenhum forro de veludo ou madeira polida poderia esconder o fato de que a sala de rituais do rei Nemea era subterrânea, esculpida na própria montanha. Não havia solução para o cheiro de umidade ou para as teias de aranha que se espalhavam pelos cantos. As velas queimavam em suportes de ferro, criando uma iluminação que parecia secreta.

Eu estava de braços dados com Evander, que desacelerou os passos assim que chegamos ao centro da ampla sala de pé-direito baixo.

— Preciso escoltar o rei Nemea de seus aposentos — disse ele. — Não saia desta sala.

Meus ombros relaxaram quando ele se afastou.

Estávamos adiantados e, ao meu redor, alguns cortesãos estavam se cumprimentando. As vozes deles ecoavam nas paredes de pedra enquanto contavam uns aos outros as histórias do banquete da noite anterior, suas risadas eram estrondosas e preenchiam toda a sala. Caminhei lentamente pelo perímetro da sala, sentindo-me em uma jaula. Nos cantos mais distantes, as estátuas dos grandes deuses e deusas que antes ficavam no pátio acumulavam poeira. Os rostos tinham sido removidos havia anos, na minha infância, mas eu os reconhecia pelos itens que tinham em mãos.

Milton de Della segurava bichos-da-seda na palma da mão, que se desfazia, e uma lebre enfiada debaixo do braço, como alusão a seu poder sobre os animais. Panos de Varya era alto e forte e tinha uma videira florida enrolada na perna, no ombro e em volta da mão de mármore aberta. Os contornos esguios e graciosos do corpo dele me faziam lembrar de seu neto, o rei Theodore. Panos detivera o poder da vida: ele conseguia remendar a carne, fazia plantas secas voltarem a ser verdejantes apenas com a força da mente. Diantan de Hera, a grande deusa da arte, segurava um martelo. O prumo que estava pendurado em sua outra mão tinha se quebrado muito tempo antes e provavelmente se transformara na areia que eu sentia sob meus pés agora. Ela era uma construtora prolífica e conseguia erguer qualquer coisa que pudesse visualizar

em sua mente. Jesop de Gos estava deitado de lado, com a cabeça de rosto barbado a trinta centímetros do resto do corpo. Ele detivera o poder da memória, que, combinado à condição de quase imortalidade de um deus, proporcionara a Leucosia os primeiros livros de história, de genealogia e de folclore.

Por fim, no canto mais escuro da sala, estava a grande deusa Ligeia. Olhei para ela. As asas delicadas de mármore estavam despedaçadas a seus pés. A cabeça sumira, mas o corpo forte estava envolto em um véu que tremulava atrás dela, em uma brisa eterna, e uma onda beijava seus pés descalços. Os outros deuses diziam que ela detinha o poder da morte, mas estavam equivocados.

Ligeia controlava o vento e o mar.

Com um sussurro melódico, era capaz de fazer cessar ou dar início a uma tempestade. Ela usava o próprio poder para encher redes de peixes e ajudar os navios nas batalhas. E, quando injustiçada, atraía o algoz para uma morte submersa brutal.

Eu poderia passar horas admirando o que havia restado da imagem dela.

— Lady Imogen — cumprimentou uma voz grave ao meu lado.

Eu me virei e vi o rei Theodore, parecendo tenso e furioso.

Fiz uma reverência.

— Bom dia, Majestade.

— Que lugar é esse? — perguntou ele, o olhar irritado indo de um deus maculado para outro até pousar na efígie de seu antepassado. — Fui instruído a vir até aqui, mas não me disseram o motivo.

Os grandes deuses e deusas de Leucosia, vindos de sua terra e suas águas, não exigiam oferendas e tampouco eram adorados no ventre obscuro da terra.

— É a sala de rituais do rei Nemea, Majestade. — A vergonha enfraquecia minha voz. — É onde a corte oferece sangue à divindade dele.

O rei se virou para mim.

— *Você* faz isso? — Um terrível olhar de repulsa estampava seu rosto. — Você dá seu *sangue* para... para quê? Para quem?

A divindade da água a qual eu estava prestes a oferecer meu sangue não era uma grande deusa, tampouco sua descendente. Se o que o rei Nemea dizia era verdade, ela nascera sem poder algum, assim como ele. Ela criara o próprio poder com magia corrupta e ilícita.

— Sim, Majestade. — Eu não consegui olhar para ele. — A oferta é feita para Eusia. A recusa resulta em morte.

O semblante severo do rei Theodore significava apenas uma coisa: a ameaça

de morte não me absolvia. Senti uma mão firme tocando minha lombar.

— Está tudo bem, querida? — perguntou Evander, encarando o rei Theodore com cara de poucos amigos.

O rei o encarou de volta, com uma carranca igualmente hostil.

A sala agora estava cheia e Nemea tinha se sentado em um trono de madeira do lado oposto do espaço, vestindo o mesmo sobretudo escarlate que usara no banquete.

— Tudo ótimo — respondi, acompanhando Evander até outro canto.

No centro da sala, uma colcha de veludo preto fora colocada no chão empoeirado. Duas tigelas esculpidas em osso tinham sido colocadas sobre ela e, ao lado, havia um par de facas de obsidiana pequenas e extremamente afiadas. Bem no meio da colcha, via-se uma pequena pilha de ataduras brancas. O ritual dos noivos.

Passei o polegar distraidamente sobre o relevo das cicatrizes em minha palma esquerda. Eu já tinha cortado a mão com aquelas facas tantas vezes que havia perdido a conta.

— *Imogen*. — Evander me cutucou. — Você me ouviu?

Eu fiz que não com a cabeça.

— O que aquele babaca queria?

— Ele queria perguntar sobre esta sala e sobre o ritual.

Evander grunhiu, irritado, e ajustou o sobretudo.

— Já decidiu o que vai pedir a Eusia?

Evander nunca tinha feito parte do ritual antes, já que apenas a corte do rei Nemea era obrigada a isso, e parecia ansioso, sem tirar os olhos dos itens a seus pés.

— Não há nada que eu queira pedir a ela — respondi. — Eu apenas faço a prece do ritual.

Uma prece que fazia meu estômago revirar, pois Nemea oferecia o sangue de sua corte à adorada divindade da água para que ela concedesse seu maior desejo: livrar o mar das Sirenas.

— E você, o que vai pedir? — perguntei, melancólica e calma.

Evander respondeu sem nem parar para pensar.

— Poder.

Poder.

Balancei a cabeça, confusa.

— Você já não tem poder suficiente?

— Diz isso devido a meu título e minha espada? — Ele soltou um riso

sarcástico e olhou para o rei Nemea. — Eu vivo minha vida a serviço de outra pessoa — respondeu, balançando a cabeça, depois olhou para mim. — Quero algo que seja meu. Algo que ninguém possa tirar de mim.

Talvez Evander e eu não fôssemos tão diferentes. Depois da noite anterior, depois de sentir minhas veias inchadas com tanto potencial, eu também ansiava por poder. Ansiava pela liberdade, pela possibilidade de escolha e pela proteção que apenas isso poderia me proporcionar. Se eu estivesse perto da água, comandaria o mar e o vento, como a grande deusa Ligeia fizera. Eu usaria meu encanto para atrair aqueles que me fizessem mal para um túmulo escuro de profundidade insondável. Se eu estivesse perto do mar, teria influência sobre o homem ao meu lado.

Não. Eu teria controle total.

O rei Nemea pigarreou e todos ficaram em silêncio.

— Clamamos pela harmonia entre nossos reinos. — Com rouquidão, ele se dirigiu aos outros governantes: à rainha de Della e Gos, ao rei de Hera e ao rei Theodore. — Ao longo dos anos, a Ilha de Seraf tem buscado aceitação e respeito. Temos o direito de adorar quem quisermos. E temos o direito de pedir as bênçãos de uma divindade que nos ouve de verdade.

O tom instigador em sua voz provocou um frisson no ar.

— Hoje, os prometidos irão pedir a bênção de Eusia. Que ela lhes conceda o que desejarem. Capitão Ianto, lady Imogen, ajoelhem-se — ordenou Nemea.

Os cortesãos se recolheram para perto das paredes irregulares da sala, seus rostos turvos pela escuridão. Eu estava levemente ofegante e minhas mãos suavam enquanto Evander e eu nos ajoelhávamos diante de nossos respectivos cálices, olhando um para o outro. Evander estava de costas para o trono de madeira, o que me proporcionava uma visão desimpedida do rei Nemea, cujo olhar tinha um brilho desvairado.

Mas o rei Theodore atraiu minha atenção.

Ele estava ao lado do trono de Nemea, enfezado. Havia sulcos profundos entre suas sobrancelhas e a mandíbula parecia prestes a se quebrar com a força com que ele a cerrava. Mesmo sob a fraca luz das velas, pude enxergar o verde de seus olhos, desinquietos e coléricos, fixados em mim.

Aquele homem irradiava poder. Era algo que transbordava dele, entrelaçava-se em seus músculos definidos. Depois do constrangimento que ele me fez passar, houve uma explosão de raiva. Ele jamais saberia o que era ser dominado pelas vontades de outra pessoa. Ele nunca fora obrigado a dar algo de si a despeito da própria vontade. Eu respondi ao olhar atormentado de Theodore

com outro à altura, subitamente tomada pela raiva por ele ter feito eu sentir como se minha vontade de sobreviver fosse imperdoável.

— Comecem — autorizou a voz maléfica de Nemea.

Evander ergueu a faca e eu o observei, petrificada. Ele a pressionou na palma da mão com um movimento ágil, abrindo um talho. Seu sangue jorrou como vinho escuro entre os dedos, pingando na tigela abaixo dele. O capitão sussurrou a prece e depois olhou para mim. Uma mecha de cabelo louro caiu sobre sua testa franzida.

— *Imogen* — intimou ele, entredentes.

Eu nem sequer tive tempo de pegar minha faca. Com uma força inesperada, ele agarrou meu punho e o torceu bruscamente, virando minha palma para cima. A lâmina escura mordeu profundamente minha pele e, com um único movimento dele, minha carne se abriu. Meu corpo inteiro estremeceu com a dor excruciante.

De canto de olho, vi o rei Theodore se aproximar, mas não levantei a cabeça. Eu só conseguia me concentrar na dor latejante e na poça vermelha que aumentava cada vez mais em minha palma. O sangue escorreu pelo meu punho e encontrou a manga do vestido, empapando a renda preta. Evander torceu meu braço sobre a tigela.

— Agora a prece, querida.

Tentei falar apesar do gosto amargo da vergonha em minha boca e do ódio latente. A vida inteira pensei que ser dócil e obediente me traria uma espécie de força, de segurança. No entanto, em vez disso, me tornei frágil. Eu me transformei em algo que uma pessoa como Evander consegue esmagar com facilidade entre o polegar e o indicador. Minha voz falhou quando as palavras finalmente saíram.

— Ofertamos à areia. Ofertamos à água. — A última parte da prece parecia entalada em minha garganta, como em todas as outras vezes. — Ouvi-nos, atendei-nos. Purificai o mar.

Quando meu sangue parou de fluir, Evander acariciou meu punho com um movimento gentil de vaivém, depois pegou uma atadura sobre a colcha e a enrolou em minha palma. Como era fácil para ele me dilacerar e depois me costurar, misturar o dever bárbaro com afeto. Desviei o rosto e, como se tivesse sido chamada, olhei diretamente para Theodore.

O rei tinha chegado tão perto que suas botas brilhantes tocavam o veludo preto sobre o qual estávamos ajoelhados. Ele olhava com atenção implacável para mim, e ninguém mais. A ira deixara seu rosto vermelho e, quando abriu a

boca, a voz grave como um trovão pareceu alterar a atmosfera da sala.

— Quanto sangue tirou dela, Nemea?

Nenhum dos cortesãos atreveu-se a respirar enquanto aguardava a resposta de Nemea. Até mesmo Evander ficou imóvel, com a mão pairando sobre o cabo de sua espada.

— Eu exijo o sangue de toda a minha corte para ofertá-lo a Eusia há mais de duas décadas, garoto — respondeu ele em tom risonho.

O rei Theodore finalmente tirou os olhos de mim para encarar Nemea.

— Eu perguntei quanto sangue tirou *dela*.

Por quê? Algo perigoso pairava entre os dois reis, algo não dito e que eu não conseguia decifrar, mas sentia que meu sangue, que eu, era a origem adoecida daquilo.

Nemea riu e o som foi incômodo e amargo.

— Parece que as engrenagens de sua mente estão girando a duras penas. Eu recolho o sangue dela desde a infância. — Nemea se recostou no trono. — Desde o dia em que ela se tornou minha.

Mal consegui processar as palavras de Nemea antes de o rei Theodore tomar impulso com sua perna comprida e dar um pontapé nas tigelas de oferenda que estavam entre mim e Evander. Os recipientes rodopiaram e viraram de ponta-cabeça, respingando sangue em meu rosto e no sobretudo cor de creme do próprio rei Theodore. Eu recuei, tentando limpar o líquido pegajoso e quente das bochechas e dos olhos. Então a sala se pôs em movimento: as espadas dos guardas tiniram ao serem retiradas de suas bainhas, as mulheres estavam ofegantes e os homens gritavam. Tentei desenroscar minhas pernas do vestido e me contorci para ficar de pé, tudo isso sem desviar os olhos do rei Theodore, que parecia completamente destemido mesmo em meio a toda aquela confusão de espadas, músculos e barulhos.

Os guardas de Nemea o cercaram e Evander me empurrou para trás, para me tirar do meio da sala. O rei Theodore foi rapidamente rodeado também pelos próprios guardas, mas não houve encontro de metais. Nemea vociferou acima do alvoroço:

— Não poderá desfazer o que foi feito, garoto tolo. Mas espero que morra tentando.

— Imogen, volte para o quarto — gritou Evander de onde estava, entre Nemea e Theodore. — *Agora*.

Os cortesãos cacarejavam e se amontoavam uns sobre os outros diante da peleja dos dois reis. Abri caminho entre a multidão em direção à escada

íngreme, usando a parede como guia. A pedra estava fria sob minha mão enfaixada e continuei subindo até sair das entranhas da montanha e chegar na luz ofuscante do saguão de entrada do Forte Linum. As portas da frente estavam abertas para o pátio, como sempre ficavam quando o tempo estava bom. Disparei em direção ao meu quarto, mas me detive.

O céu lá fora estava cheio de nuvens que ondulavam como ondas cinzentas, as montanhas abaixo estavam cobertas por uma névoa azulada. Tudo parecia tão vasto, tão infinito. Eu não queria ficar trancafiada dentro de um quarto, mansa e confinada. Eu queria sair. Uma empolgação pueril tomou conta de mim quando decidi desobedecer ao que me fora ordenado e saí pelas portas do forte.

O pátio era um círculo largo e vazio cercado por pilares altos e brancos. No meio, havia uma pedra oblonga incrustada de camadas e mais camadas de sangue antigo. Passei pela mancha arrastando o vestido preto atrás de mim e segui em direção à beira do penhasco. Para além das montanhas, eu só conseguia enxergar a extensão do mar através da neblina. Inspirei fundo bem devagar e imaginei o cheiro do sal. Imaginei que estava imersa naquele aroma mais uma vez, como na noite com Evander. Eu agira de forma apavorante. Fiz com que o capitão me olhasse de olhos esbugalhados, fiz com que implorasse e sangrasse.

— *Imogen*.

A voz do rei Nemea soou ríspida e cortante enquanto ele passava pelas portas do forte. Atrás dele, os guardas formavam uma parede intransponível de armaduras e espadas. Evander vinha bem no meio. Ele tirara o sobretudo durante o confronto e sua camisa estava amarrotada e rasgada na gola. Em uma das mãos, trazia sua tigela do ritual e na outra, a espada. A decepção em seu olhar era paralisante.

Uma vermelhidão se espalhava pelas bochechas de Nemea e ele pingava suor. Seus olhos sem cor mantinham foco total em mim.

— Vossa Majestade. — Fiz uma reverência dura. — Está tudo bem?

Ele grunhiu.

— Esse *maldito* reizinho deveria apodrecer no fundo do mar. — Então ele ergueu uma tigela do ritual, ainda coberta de sangue espesso e molhado, agarrou minha mão feito uma enguia atacando a presa e arrancou a atadura dela. — Ele se considera um rei benevolente — continuou Nemea, afundando o polegar na carne sensível ao redor do corte. O toque era bruto, com a intenção de que minha ferida voltasse a sangrar. — Mas um governante não se torna poderoso sendo benevolente, não é mesmo, Imogen?

O semblante dele transbordava maldade e havia saliva acumulada no canto de sua boca à medida que vomitava cada palavra. Eu ofegava enquanto ele apertava minha mão, esmagando meus ossos.

A dor era tanta que senti minha mente deixando o corpo e flutuando acima de nós, ouvindo meu choro e testemunhando minhas lágrimas.

— *Por favor*, pare.

Ele finalmente parou, mas não soltou minha mão.

— Não importa quão poderoso seja o sangue do governante. Não importa se o governante é bom, se é justo. Importa apenas que seja capaz de manter o que a ele pertence, custe o que custar. — Nemea virou minha mão e deu um beijo no dorso. — É fácil ser *bom* quando se é abençoado pelos malditos deuses. É quando se é humilde, quando se vem do nada, como eu, que se aprende a criar o próprio poder, a reivindicar o que lhe foi negado.

Com a minha tigela em mãos, ele me encarou por um longo momento antes de se virar e ir em direção às escadas que levavam à estrada da montanha. Os guardas o seguiram e eu sabia exatamente para onde ele estava indo.

Para o mar. Oferecer meu sangue à divindade dele, para criar o próprio poder. Evander diminuiu a velocidade antes de descer.

— Eu mandei você voltar para o quarto.

— Eu precisava de ar puro...

Seus olhos se inflamaram quando ele enfiou a espada na bainha.

— Não me importa. Não vou correr o risco de você se machucar.

Ignorei a ironia da dor em minha mão causada por um corte que ele fizera.

— Mas não há perigo algum...

Ele surgiu bem na minha frente em um piscar de olhos e segurou minha mandíbula com força.

— Chega. — Evander tocou os lábios nos meus, mas aquilo não parecia um beijo. Foi como um chicote açoitando minha carne. — Vá. — Mais um beijo que parecia uma coleira, comprimindo minha garganta. — Imediatamente. Para o seu quarto.

Ele se afastou com plena certeza de que eu obedeceria, sem nem sequer olhar para trás. Um vínculo de sangue entre nós significaria que ele estaria protegido, mas a verdadeira proteção eram as portas trancadas, os anseios sufocados e minha obediência de corpo e alma. Um vínculo o fortaleceria e me reduziria a nada: eu me tornaria a nascente e ele, o rio que eu alimentava até minha água secar.

Eu precisava ir embora. Precisava descer a montanha, sair dessa ilha, ou

cada parte vital de mim padeceria.

Lá dentro, os cortesãos ainda estavam agitados. Parei no topo da escada com a mão ferida aninhada contra o peito e os observei. Vindo do salão de ritual, eles subiam as escadas e se aglomeravam no centro do saguão. Relatavam o confronto entre os reis com olhos suspeitos e bochechas avermelhadas, como se tivessem acabado de se empanturrar com uma refeição gordurosa. Era divertido para eles, que podiam se entreter com aqueles homens — nenhum deles corria o risco de serem esmagados naquela briga.

O sangue em minhas bochechas já tinha secado. Eu precisava me limpar depressa, fazer um curativo na mão e depois encontrar Agatha. Eu contaria tudo, admitiria que ela sempre esteve certa sobre meu noivado e imploraria que me ajudasse a encontrar uma saída.

Então ouvi suspiros e murmúrios seguidos do barulho de homens de armadura. Olhei para o corrimão mais uma vez e avistei o rei de Varya, parado na porta da escadaria com o casaco claro manchado de sangue, com a expressão austera como a de uma estátua. Tudo ficara assustadoramente quieto no saguão.

Senti uma onda de inveja.

Ele era capaz de silenciar um ambiente apenas com a própria presença, era capaz de despertar admiração e medo sem fazer alarde. O rei não baixou a cabeça diante da barbárie de Nemea como eu. Era nítido que ele era diferente, maior do que Nemea e Evander, que se agarravam aos restos. A grandeza do rei de Varya brotava de seu âmago, era alimentada por uma fonte inteiramente dele.

Então a solução veio a mim como um raio, me fazendo endireitar a coluna e erguer o queixo.

Eu não precisava de Agatha para fugir do Forte Linum.

Precisava do rei de Varya.

5

O rei Theodore entrou no saguão a passos lentos, e a multidão se abriu feito água contornando uma pedra para deixá-lo passar. Os aposentos de Theodore ficavam no mesmo andar que os meus e, se eu bem conhecia Nemea, ele o colocara na pior acomodação que o forte tinha a oferecer. Era um quarto castigado pelas fortes correntes de vento, pequeno e de esquina, cujas pedras da parede exterior estavam caindo aos pedaços após tantos anos de ventania.

Rodeado por seus guardas, o rei seguiu escada acima. Seus movimentos eram precisos e elegantes. Quando se aproximou do topo, nossos olhares se encontraram e ele arregalou os olhos. Eu só conseguia imaginar o quanto minha aparência estava chocante. Austera em meu vestido de noiva preto, com os cabelos escuros despenteados pelo vento e sangue espalhado pelas bochechas e salpicado em meu peito como sardas macabras. Ele ainda me olhava com reprovação, quase aversão, mas quando reparou na mão ferida que eu aninhava protetoramente contra o peito, seus lábios grossos se contraíram em uma expressão preocupada.

Talvez ele ajude. Talvez diga sim.

— Podemos conversar? — sussurrei antes que ele saísse andando.

O rei ficou em silêncio pelo que pareceu uma eternidade, mas então, ainda que não sem relutância, aceitou com um aceno de cabeça antes de seguir em direção ao seu quarto. Não me agradava a tensão que percorria o corpo dele, a raiva persistente que o seguia como uma sombra. Ele era tudo o que Nemea sempre dissera — orgulhoso, correto demais e cheio de princípios. Mas, diferente de Nemea, eu não queria eliminar esses atributos.

Eu queria usá-los.

As pessoas começaram a se dispersar. Algumas seguiram para o pátio, outras se agruparam nas proximidades da sala do trono. Eu segui pelo corredor com a sensação de que estava caminhando com pernas que não eram minhas. Quatro guardas varianos estavam a postos ao lado da porta mais distante, suas armaduras douradas brilhando ao refletir a luz que entrava pela janela estreita

logo ao lado. Quando cheguei perto, um deles abriu a porta para que eu entrasse.

— Obrigada.

Dei um passo hesitante para dentro e as dobradiças rangeram quando a porta se fechou atrás de mim. O aposento tinha uma cama, uma poltrona de madeira perto da lareira, onde o fogo crepitava, e apenas uma janela. O rei Theodore foi até a janela e, olhando para fora, de costas para mim, disse:

— Há água e panos perto da porta. — Sua voz profunda vibrava dentro do peito.

— Estou bem, Majestade, obrigada.

— Limpe-se depressa. Eu espero.

Engoli minha recusa e, ao me limpar, o pano saiu de minhas bochechas coberto de sangue. Havia algo naquilo, em acatar a ordem do rei de limpar o sangue com que eu me sujara graças a ele, que fez com que eu me sentisse quase tão insignificante quanto me sentia com Nemea. O pensamento me fez cerrar a mandíbula.

Terminei de me limpar e pigarreei.

— Diga — ordenou o rei Theodore.

— Majestade, obrigada por ceder um pouco do seu tempo para...

— Não. — Ele fechou as mãos atrás das costas. — Diga o porquê de estar aqui.

Engoli em seco, tentando desfazer o nó em minha garganta.

— Eu... eu vim pedir a sua ajuda.

Ele soltou um longo suspiro.

— Agatha mandou você vir aqui, não foi?

— Como? — Eu balancei a cabeça. — Não. Agatha não sabe que vim. Como saberia?

Por fim, ele se virou. A luz da lareira acentuava seu nariz anguloso, as linhas definidas de sua mandíbula e as maçãs do rosto. Não consegui olhar para outra coisa. Seu magnetismo era inegável, ainda mais pela forma como certa fúria ainda parecia irradiar de seu corpo.

— Ela me procurou ontem à noite, após o banquete. Disse que era de extrema importância que você fosse embora do forte antes do casamento.

— Eu não sabia. Ela... ela explicou o motivo?

Varya era um reino pacífico, no qual as Sirenas viviam entre os habitantes ancestrais varianos, mas, mesmo assim, pensar que alguém conhecia meu segredo enquanto eu estava em solo serafito me causava um medo avassalador.

— Explicou. Mas a revelação de que você é uma Sirena não foi um choque para mim. Eu disse que conhecia você.

A indiferença dele me intrigava. Eu queria saber mais, perguntar como, mas seu semblante se endureceu. Fiquei imóvel enquanto ele contemplava o formato dos meus olhos, do meu nariz, da minha boca. Seu olhar se demorou em minha boca por um minuto considerável. Enquanto me estudava, o rei parecia estar em outro lugar.

— Majestade — chamei suavemente, tentando fazê-lo despertar. — Que resposta deu a Agatha?

Ele piscou algumas vezes, depois pigarreou.

— Apesar de minhas muitas preocupações a respeito de suas circunstâncias atuais, eu disse que não.

— Não. — Meu peito foi tomado por um sentimento aterrador. — Eu poderia perguntar por quê?

— Para começo de conversa, você não parece querer ir embora.

— Desculpe, mas como é possível que saiba o que eu quero?

Um sulco profundo surgiu em sua testa.

— Lady Imogen, eu enxergo muito bem. E embora não consiga entender como um casal como esse possa ser possível, uma Sirena e um caçador, você mal conseguia tirar as mãos de seu noivo durante o banquete. O capitão passou metade da festa com o rosto em seu pescoço.

Rezei para que o quarto estivesse escuro o bastante para esconder o rubor de constrangimento em minhas bochechas.

— O capitão também passou metade da manhã descrevendo os planos dele para forçar um vínculo de sangue entre nós dois. — O corpo do rei se retesou com minhas palavras. — E você viu a facilidade com que ele cortou minha mão no ritual, como me feriu sem pestanejar.

A raiva que brotou no rei ficou evidente em suas feições.

— A conversa com Agatha me deixou com a impressão de que ninguém sabia sobre você. Também me parece que vocês duas tomavam muito cuidado para que continuasse assim. Então como o capitão ficou sabendo?

Levei a mão ao peito, onde meu coração batia contra as minhas costelas.

— Ele... não sabia até a noite passada.

— Até antes ou depois da festa?

— Depois.

A paciência dele se esgotou.

— Seja direta. Diga-me como ele descobriu.

Eu hesitei, e Theodore me lançou um olhar fulminante. Fiquei espantada ao perceber que desejava desesperadamente remediar a opinião negativa que ele tinha sobre mim. O rei caminhou em minha direção e parou tão perto que tive que levantar o rosto para sustentar seu olhar.

— Responda ou vá embora.

— Eu me transformei — falei depressa. — Na frente dele.

Ele estreitou os olhos, confuso.

— Como isso é possível? O poder de uma Sirena está atrelado ao mar. Você não deveria conseguir se transformar tão longe da água.

— Eu... — Baixei o olhar para seu peito. — Havia... sal marinho... na pele dele.

O rei ficou em silêncio por um instante.

— Na pele dele?

— Sim. E eu... eu... senti o gosto.

— Você *sentiu* o... — Ele se interrompeu, pressionando o dorso do nariz. — Você não tem honra *nem* autocontrole? Primeiro cedendo seu sangue livremente, e agora isso... — Ele se afastou, resmungando para si mesmo em um acesso moralista. — Que tipo de covarde permanece neste lugar, atendendo aos caprichos de Nemea? Você é uma tola por se casar com um homem cuja vocação é matar você.

Eu me deixei levar pela fúria, incontrolável e ardente, e ouvi a voz cáustica de Nemea em minha cabeça. *É fácil ser bom quando se é abençoado pelos malditos deuses.*

— Como se atreve? — Fechei as mãos em punhos para não o empurrar. — Eu pertenço a Nemea. O que acha que eu devia ter feito? Dito a ele que prefiro não me casar? Por favor, Majestade, me diga como você trataria um súdito que o rejeitasse.

Mas ele não disse nada, apenas me observou em silêncio, estupefato.

Eu continuei:

— Eu tenho me virado do avesso para conseguir sobreviver neste lugar. Você jamais entenderia.

— Você deveria ter tentado ir embora há muito tempo.

— Sim — disparei, exaltada. — Deveria. Mas estou tentando *agora*. — Olhei fixamente para ele. — Você vai me ajudar?

Um silêncio carregado e desagradável pairou no quarto. Nossas respirações estavam aceleradas e se misturavam no espaço entre nós. De repente, ele soltou um grunhido frustrado.

— Me dê sua mão.

— Minha mão?

— Me deixe fechar esse corte.

Olhei para o talho em minha palma. Eu estava com tanta raiva que havia me esquecido do ferimento, mas ele não. Theodore tinha o poder da vida, da cura e do crescimento, proveniente do grande deus Panos. Lentamente, sem tirar os olhos dele, estendi minha mão ferida.

— Não é este o tipo de ajuda que estou pedindo.

— Eu sei. — Os dedos dele estavam impressionantemente quentes para a temperatura daquele quarto. Com um toque firme, mas gentil, ele inspecionou o corte. — É profundo.

— Sim.

— Você tem muito tecido cicatricial aqui. — A raiva em sua voz se abrandara e só restara tensão. — Não posso evitar que esta incisão se transforme em outra cicatriz. Sinto muito.

Eu nunca tinha recebido um pedido de desculpas tão sincero. Calculei minhas palavras, tentando esconder a surpresa.

— Não sou idiota a ponto de pensar que sairia ilesa, Majestade. O que é mais uma cicatriz entre tantas outras?

Ele me dirigiu um olhar breve e curioso antes de surgir calor em suas mãos — um calor como o do sol, vindo de dentro dele. Prendi a respiração e observei a vermelhidão em torno do corte abrandar.

— Se Nemea souber que ajudei você a escapar... — disse ele, concentrado em minha mão. — Vamos acabar em guerra.

Aos poucos, minha pele começou a se recuperar. Deixei escapar um leve suspiro enquanto observava a cena: era como uma fina rede de pele se entrelaçando à medida que o calor que ele derramava sobre mim se espalhava.

— Me perdoe — falei, ofegante —, mas Vossa Majestade não parece muito empenhada em promover a paz entre os dois. Todas as suas palavras e ações foram para provocá-lo. Qual é o real motivo de ter vindo até aqui?

O rei cerrou os dentes e terminou de inspecionar seu feito. O corte tinha se transformado em uma fina estria branca sobre o emaranhado de cicatrizes antigas em minha palma. Suas mãos quentes permaneceram sobre as minhas.

— Como adivinhou, eu vim para ver o estado deste lugar com meus próprios olhos. Para analisar os horrores de Seraf, para ver como Nemea se tornou cruel. — Os calos em seus dedos roçaram lentamente minha pele quando ele enfim começou a me soltar. — Eu sinto um asco profundo por esse homem.

— Então me tire das mãos dele.

Ele voltou a me olhar.

Minhas palavras saíram em desespero, atropeladas.

— Nada o atingiria mais do que perder o que ele acredita possuir.

— Esse é o meu medo. — O rei balançou a cabeça e voltou-se para mim de novo com um olhar estranho e incisivo. — Eu tenho um reino para proteger. Uma guerra o colocaria em risco.

— Você veio conferir a crueldade dele em primeira mão e não pretende fazer nada a respeito? Se há alguém em Leucosia com o poder de remediar as coisas terríveis que acontecem aqui, esse alguém é você.

Theodore passou a mão pelos cabelos escuros. Parecendo pensativo, ele fechou os olhos por um longo momento. Quando os abriu de novo, havia algo parecido com angústia em seu rosto.

— Ele fez um trabalho minucioso em diminuir você. — Suas palavras eram suaves e pareciam carregadas de piedade.

Aquilo pareceu me esvaziar por completo. Fiquei imóvel diante dele, sentindo-me nua, imprestável e envergonhada. Enquanto me esforçava para não deixar tudo isso transparecer, Theodore voltou para a pequena janela.

— Vou mandar ajuda. Estou indo embora amanhã, não desejo ficar para o casamento. Quando eu voltar para casa, pensarei em um plano para tirar você de Seraf. Mas vai demorar. Não pode parecer que estou envolvido.

— Eu não tenho todo esse tempo. — Fechei as mãos e cravei as unhas em minha própria palma. — O casamento é amanhã à noite. Quando você mandar ajuda, o capitão Ianto já terá dado um jeito de estabelecer nosso vínculo. E então como vou deixá-lo?

O rei endireitou o sobretudo manchado de sangue, e foi como se tivesse vestido uma armadura. Então ergueu a cabeça e me olhou de cima.

— Há formas de romper esses vínculos. — Suas feições se suavizaram em austeridade real. — E a resposta apropriada à minha generosidade seria "Obrigada, Vossa Majestade".

Eu recuei.

— Se espera que eu agradeça por ter me dado a oportunidade de sofrer, então você não é melhor do que o rei Nemea, *Vossa Majestade*.

A forma como ele estremeceu foi estranhamente satisfatória para mim.

Escancarei a porta, deixando que batesse contra a parede.

— Saia da frente! — gritei para um dos guardas que bloqueavam meu caminho.

Senti uma onda de pânico que pareceu bloquear minha respiração. Os aposentos de Agatha ficavam no andar inferior. Eu conseguiria manter a calma até chegar a ela, mas, seguindo pelo corredor do rei Theodore, tive uma surpresa.

Dois dos guardas de Nemea estavam posicionados em frente à porta do meu quarto com armaduras sinistras e elmos que mostravam apenas a parte inferior de seus rostos. Um deles, cuja mandíbula estava coberta de erupções vermelhas e cicatrizes de varíola, cutucou o outro com o cotovelo quando me viu.

— Lá está ela.

O guarda mais velho fez uma breve e curta reverência, depois disse:

— Vá para seu quarto, milady.

— Você não pode me dar ordens. — Falei com autoridade, embora meu coração estivesse em queda livre. — Sou a protegida do rei.

— Você é a esposa do capitão agora — respondeu o rapaz com cicatrizes de varíola. — E ele vai fazer da minha vida um inferno se você não estiver naquele quarto quando ele voltar.

— Não serei uma prisioneira em minha própria casa.

Continuei andando, mas ele estendeu o braço e me segurou. Gritei quando o guarda me ergueu e me levou em direção à porta aberta. Apesar de espernear e me debater, fui atirada sem cerimônia sobre o tapete antes de a porta se fechar.

— Vou mandar o rei esfolar vocês dois por isso.

A porta estremeceu quando bati contra a madeira.

— Perdoe-me, milady — disse o guarda, passando longe de soar arrependido. — Ordens do capitão.

6

Passei a tarde toda com guardas em frente à minha porta. Ninguém tinha permissão para entrar, nem mesmo Agatha.

Limpei o rosto com água gelada, lavei o cabelo e vesti uma roupa de baixo limpa e um robe, tudo isso enquanto pensava em uma maneira de escapar. Talvez houvesse passagens que eu não tinha descoberto nem mesmo quando era uma criança curiosa explorando o forte, túneis escuros e tortuosos que eu não encontrara antes e que talvez me levassem até o pé da montanha. Mas, como era de imaginar, não encontrei nenhuma porta secreta atrás das tapeçarias nas paredes do meu quarto, nenhum corredor cheio de teias de aranha atrás dos vestidos pendurados nos cabides.

Quando o sol começou a se pôr, me deitei no colchão e fiquei olhando para o teto, sentindo um vazio angustiante no estômago. Minha esperança se esvaía lentamente, engolida por aquele abismo. De repente, alguém bateu três vezes à porta.

Sentei-me em um sobressalto e, pouco depois, o soldado com o rosto marcado por varíola abriu a porta, dando passagem para Agatha entrar. O cabelo dela estava solto, cachos escuros e revoltos caíam e emolduravam seu rosto pálido. Ela vinha com uma única vela acesa nas mãos.

— Tenho permissão para ficar até a vela se apagar.

Minha garganta se comprimiu ao vê-la. Concordei com a cabeça e dei uma palmadinha no colchão, ao meu lado. Seu vestido estava amarrotado e o xale de tricô envolvia com firmeza seus ombros estreitos. Com passos silenciosos, ela pegou um livro em cima da minha mesa e o colocou aos pés da cama. Em seguida, pousou a vela em cima do livro, fechou todas as cortinas ao nosso redor e se acomodou ao meu lado. Esperamos até que a porta se fechasse para conversar.

— O rei Theodore veio falar comigo — sussurrou.

Senti lágrimas de raiva se acumularem em meus olhos.

— Ele disse que sou uma imbecil? Que sou covarde e que tudo isso é culpa

minha...?

— Shhh. — Agatha se aproximou e segurou minha mão. — Não. Ele veio me contar da conversa de vocês. Disse que vai pensar em um plano para tirar você daqui.

Balancei a cabeça.

— Ele disse que demoraria. E eu não tenho esse tempo.

— Ele vai tirar você daqui — repetiu Agatha com convicção. — Eu confio nele.

— Me conte o porquê. — A luz da fogueira tremeluzia em nosso pequeno casulo. — Você o conheceu na infância, ele com certeza mudou desde que trabalhou para a família dele. Hoje Theodore é um rei impetuoso e arrogante. — Agatha apertou minha mão e fiquei em silêncio. Então, baixinho, perguntei: — O que aconteceu para ele sair de lá e vir parar aqui?

Ela hesitou.

— Conheci o rei quando ele era um príncipe de mais ou menos sete anos. Eu tinha apenas dezesseis e me apaixonei por um jovem soldado da guarda real. — Ela engoliu em seco. — Depois de um tempo, decidimos estabelecer um vínculo de sangue. Em segredo. Estávamos só nós dois, em frente à lareira. — Sua voz se tornou melancólica conforme narrava a ocasião e me perguntei se a luz do fogo não estaria levando Agatha a revisitar a lembrança. — Mas quando o rei Athan, pai de Theodore, descobriu... Bem, ele decretou a ruptura do vínculo.

Eu me ajeitei para vê-la melhor.

— Ruptura? Mas vocês se amavam.

— Estranho seria se o amor falasse mais alto do que a vontade de um rei. — Ela suspirou. — Depois disso, fui embora e vim para Seraf. Quando parti de Varya, a notícia de que Nemea estava caçando Sirenas ainda não tinha se espalhado.

— Entendo. — Apoiei a cabeça na mão. — Você ainda o ama? O seu soldado.

— Isso foi há quase vinte anos, Imogen.

— Mas ama? — Ela balançou a cabeça depressa e evitou meu olhar, o que me arrancou um sorriso. — Bom, quando meu futuro marido tiver me amarrado a alguma cama ou mastro e eu não puder mais ter uma criada, espero que você vá embora daqui para encontrá-lo.

— *Imogen* — ralhou ela, fazendo cara feia. — Eu conheço Theodore. Ele vai ajudar.

— Ele era autoritário quando criança ou esse traço foi adquirido com o tempo?

Agatha bufou.

— Ele era um garoto bonzinho — contou ela, depois me olhou de soslaio. — Lembro que ele sempre choramingava pedindo cubos de açúcar.

Fiz uma careta.

— Eca.

— Imogen. — Agatha falou mais baixo e sua voz adquiriu um tom sério. — As histórias de Varya que chegam até mim sempre o descrevem como um governante generoso. Ele toma o dever com o povo como bússola para a própria conduta.

Fechei a cara. O Forte Linum ficava longe de Porto Helris e de Stowand, a cidade adjacente. Quaisquer informações que Agatha pudesse ter recebido sobre Varya e o rei teriam vindo de longe, de fora do forte. A correspondência do resto do arquipélago chegava esporadicamente, e mesmo assim era incerta.

— Quem contou isso para você?

Agatha franziu o nariz e um rubor repentino coloriu suas bochechas.

— Por que pergunta?

— Me parece um detalhe curioso e muito específico, "toma o dever com o povo como bússola para a própria conduta". Como sabe disso?

Ela fez um gesto no ar com se quisesse espantar a pergunta.

— Eu recebo cartas de amigos.

— Sobre o rei de Varya? — O rubor em suas bochechas se intensificou. Endireitei a postura e me sentei com a coluna reta. — É o soldado, não é? Ele ainda escreve para você?

Agatha estremeceu, depois segurou minhas mãos entre as dela.

— Ele está aqui. É o atual comandante de Theodore.

— Aqui? Você o viu?

Ela assentiu com um olhar suave, mas conflitante.

— Eu perguntei se ele poderia ajudar, mas... ele não consegue neste momento. É perigoso demais. Por favor, *por favor*, confie que o rei Theodore vai fazer o que prometeu quando for a hora certa.

— Até lá estarei presa a Evander pelo vínculo. — Minha voz oscilou. A esperança de fugir estava escorrendo por meus dedos feito água. — Vai ser tarde demais para partir. E se eu estiver esperando um filho quando o rei colocar seu "plano" em prática? E se eu já não passar de um cadáver?

— Pare. — Lágrimas prateadas marejaram dos grandes olhos de Agatha. —

Você não tem utilidade para o capitão se estiver morta. E não vai ter filhos, eu vou me certificar disso. São alguns meses, Imogen. Podemos aguentar por alguns meses, não podemos?

Fechei os olhos.

— Você me acha muito mais forte do que sou.

Agatha me abraçou e nos aconchegou nos travesseiros outra vez. Então me permiti chorar, um choro profundo e pesaroso. Eu estava aos soluços quando ela voltou a falar:

— Um dia você terá uma vida plena — sussurrou, acariciando meu cabelo. — Um lar, se assim quiser. Você vai ver mais do que essas pedras, essas montanhas e esse céu. E eu estarei com você quando tocar o mar pela primeira vez. Você vai sentir a areia nos dedos dos pés, a água salgada na língua, vai sentir mais alegria do que pode imaginar. Eu prometo.

Ficamos juntas, observando a luz nas cortinas do dossel da cama até a vela se apagar. Antes de sair, Agatha beijou minha testa. O quarto ficou escuro como breu. Eu fechei meus olhos inchados e me acomodei no colchão, alternando entre dormir e acordar em um espaço liminar onde os lençóis eram espuma do mar e minhas lágrimas, ondas.

As horas se passaram devagar e me arrastaram para a noite tranquila. Em dado momento, os sons de passos e murmúrios dos guardas no corredor finalmente cessaram. Me perguntei se teriam ido embora ou caído no sono. Abri a cortina do dossel, saí da cama e fui na ponta dos pés até a porta.

Não havia nenhum barulho além do zunido do sangue em meus ouvidos, mas fiquei ali por um longo tempo, tentando ouvir uma respiração ou qualquer som que fosse. Então tomei coragem e coloquei a mão na maçaneta...

Mas fiquei imóvel no mesmo instante.

Ouvi passos na escada. Passos pesados de alguém usando botas, ainda bem lá embaixo, mas se aproximando. Esses passos se transformaram em vários outros, pessoas de botas subindo ao mesmo tempo. Como soldados. Eu recuei e me atirei de volta na cama no exato momento em que minha porta se abriu.

— Amor, acorde — disse Evander, calmo. Ele abriu as cortinas que rodeavam a cama com uma vela em mãos. — Venha comigo.

Sua camisa cinza estava amarrotada e para fora das calças, a barba clara estava por fazer e havia gotas de suor na testa. Os contornos de seu rosto pareciam sinistros à luz de velas, com sombras ondulantes sobre as curvas de seu crânio debaixo da pele. Estava prestes a perguntar o que ele estava fazendo

quando Evander colocou o dedo indicador sobre minha boca para me silenciar. Depois segurou minha mão e me puxou para ficar de pé.

— Tire isso — sussurrou ele, puxando as amarras do meu robe.

— Não. — Cruzei os braços sobre o peito com força. — O que você quer?

Foi quando vi um cano fino e curvo escondido sob o braço dele.

— O que é isso? — perguntei.

Antes que ele respondesse, um cheiro salgado invadiu meu nariz e eu entendi imediatamente o que era: o sifão usado para forçar uma Sirena a se transformar antes de sua execução. O som dos passos dos soldados ressoava como se fossem formigas operárias até eles entrarem em meu quarto carregando dois baldes de água cada um.

Água do mar.

O mar e eu nunca tínhamos nos encontrado, não de verdade, mas eu o conhecia. Ele estava em meu sangue e em meus ossos. Eu fui feita dele e a ele iria retornar.

Os homens de Evander entraram na toalete. O som de respingos dos baldes sendo esvaziados na banheira fez cócegas em minha pele. Eles não pararam de aparecer, pelo menos uma dúzia de homens, e eu apenas os observava, atônita.

Evander deixou a vela de lado e começou a desamarrar o cinto de tecido da minha cintura, descendo o robe pelos meus ombros para que eu ficasse apenas com a roupa de baixo. Ele pegou o sifão com um semblante determinado, punhos cerrados e mandíbula erguida. Depois se dirigiu à porta da toalete.

— Venha.

— Eu não quero.

O capitão parou no meio do caminho, com os olhos cheios de ameaça. Seus homens estavam voltando para o salão.

— Estão liberados. Saiam — ordenou a eles em voz baixa.

Os soldados obedeceram. A porta se fechou silenciosamente e Evander fechou a tranca. Ele fez uma careta.

— Não olhe para mim desse jeito. — O sifão caiu no tapete de lã com um som abafado. — *Não se atreva* a olhar para mim como se eu a enojasse.

Algo estalou dentro de mim, minha raiva se deslocou de onde eu havia tentado enfiá-la.

— Sou *eu* quem enojo você. Vejo isso na forma como você me olha, sinto isso na forma como me toca.

O ar salgado estava se esgueirando pelo cômodo, serpenteando entre nós. Eu enchi os pulmões em uma respiração trêmula e profunda, e algo em meu

peito vibrou como uma corda sendo dedilhada.

— Não é possível que você me ame. Você está tão disposto a me ferir...

— O vínculo resolverá isso — disparou ele.

— Não vai. Só vai influenciar você a me proteger. — Minha resposta foi firme e imediata. — Não vai mudar quem eu sou, nem o seu rancor. Eu vou continuar sendo assim e você jamais será feliz, porque no fundo... no fundo você quer me matar.

Seus olhos cor de âmbar se arregalaram e ele franziu as sobrancelhas. Apreensivo e calado, ele se abaixou para pegar o sifão e se aproximou de mim a passos rápidos, parando apenas quando nossos peitos se tocaram.

— Se eu quisesse você morta, minha querida, você já teria morrido.

Senti um arrepio sombrio quando ele levou a mão à minha cabeça e segurou um punhado do meu cabelo.

— Eu amo você há muito tempo. Sabia disso? Desde muito antes de implorar ao rei por sua mão. Muito antes de tocar em você. — Ele balançou a cabeça. — Você me deixou chocado, sim, mas, escrevendo certo por linhas tortas, Eusia respondeu às minhas preces e me deu você. Com seu sangue em minhas veias eu serei intocável, nenhum canto de Sirena será uma ameaça. Meus homens olharão para mim como se eu fosse um deus. — Ele encostou os lábios em minha têmpora e falou contra minha pele. — Eu nunca sentiria rancor de você por isso, Imogen.

A forma como meu estômago se revirou trouxe junto uma sensação de queda livre. Senti como se estivesse despencando e sabia de corpo e alma que o impacto era iminente. A ideia de tocá-lo era asquerosa, mas joguei meus braços em volta de seu pescoço na esperança de que isso interrompesse minha queda.

— *Por favor.* — Minha boca estava em seu ouvido. — Por favor, não.

A única resposta dele foi um suspiro quente contra minha bochecha. Não foi um pedido de desculpas. Não havia remorso nem arrependimento. Foi um suspiro de decepção porque eu não era capaz de ver e entender o que ele via, porque enxergava que isso era o melhor para nós dois. Ele se abaixou, desvencilhando-se de mim, e enganchou um braço abaixo dos meus quadris. Eu não era pequena como Agatha, e sim alta, com músculos bem-formados. Minha cintura se afinava entre curvas cheias, mas Evander conseguia me pegar no colo como se estivesse levantando uma criança. Ele me jogou sobre o ombro e me segurou com firmeza enquanto me carregava em direção ao toalete.

— *Não*. — Bati nas costas dele com meus punhos cerrados. — *Me coloque no chão.*

O ar dentro do cômodo era denso e salgado, e eu inspirei enquanto Evander me colocava de pé. A água do mar na banheira ao meu lado resplandecia à luz fraca de uma lamparina a óleo que um dos soldados deixara ali. Se eu estivesse sozinha, teria entrado por conta própria, afoita para que a água fizesse de mim alguém temível em vez de frágil.

— Imogen, eu mereço isso.

Evander cravou os dedos em meus braços ao me girar. Ele agarrou minha roupa e a rasgou nas costas até a altura da minha cintura, abrindo espaço para minhas asas. Entrei em pânico. Minha mente ficou em branco e meus membros, inertes. O corpo dele estava quente contra minhas costas enquanto falava por cima do meu ombro nu.

— Eu vou ser o capitão que não pode ser afogado por Sirenas e você vai continuar vivendo bem e em segurança aqui em cima, onde seus instintos não vão poder contaminá-la.

Mas foram meus instintos que assumiram o controle naquele momento. Meu braço se ergueu, os dedos se curvaram em garras e meu corpo girou com força. Minhas unhas traçaram um arranhão em arco na testa dele antes de se cravarem na pálpebra inferior de seu olho. Cortes profundos marcaram seu rosto bronzeado e uma gota de sangue deslizou pelos cílios como se fosse uma lágrima vermelha. Ele rosnou entredentes, mas não revidou. Em vez disso, seus braços musculosos se fecharam ao redor dos meus, imobilizando-os na lateral do meu corpo.

— Vai ser rápido.

Meus pés se ergueram do chão quando ele me inclinou para trás, sobre a borda da banheira de madeira. Quando fui jogada na água, arfei não pelo frio ou pela forma como minha coluna se chocou contra a base dura, mas pelo modo como me senti incendiar por dentro.

O pânico desapareceu. Foi como se um milhão de pequenos dentes me atravessassem, rasgando tendões e ossos, indo até a medula.

Levando a água para todos os lugares aos quais ela pertencia.

Tudo ao redor perdeu o foco, mesmo enquanto Evander posicionava o cano curvo na banheira perto dos meus pés e levava os lábios à outra extremidade. Ele sugou até puxar a água do mar e depois cuspiu. Seus dedos fortes agarraram minha nuca e me forçaram em direção à outra ponta do sifão. Senti o metal afiado em meus lábios e o líquido escorrendo pelo meu queixo.

Ele apertou meu rosto com os dedos.

— Abra a boca.

Apesar de tudo, eu queria sentir aquele gosto. Queria que me inundasse. Relaxei a mandíbula tensa e, ao abrir a boca, o cano bateu nos meus dentes inferiores e os lascou. O som reverberou dentro do meu crânio. Senti a água salgada escorrendo por minha língua, descendo por minha garganta e enchendo meus pulmões, que ficaram pesados. Meu peito se inflou. Não pisquei. Não me mexi. Apenas olhei para ele.

O rosto de Evander se contorceu em horror.

— Imogen?

Ele me olhava enquanto a água que não cabia dentro de mim escorria de volta pela minha boca e descia pelo meu peito.

Esperei pela ardência do afogamento até me lembrar de que não podia me afogar. Em vez disso, sentia apenas o estranho puxão entre as costelas, um calor feroz que nascia em minhas entranhas e se espalhava, crescendo até que o que quer que me atravessasse não só vibrasse como uma corda tensionada, mas pulsasse como uma veia. Como uma artéria derramando um poder espesso, untuoso e perverso direto no meu ventre.

Aquilo percorreu meu corpo como magma e, quando o calor alcançou minhas costas, as asas rasgaram minha pele e se abriram. Minhas unhas se esticaram e se transformaram em garras com pontas escuras.

Em meio ao zumbido do poder que fluía, ouvi uma voz tão sublime que pensei tê-la imaginado. As palavras da água eram frágeis e vinham de longe, como uma brisa sussurrando em meu ouvido, lutando para se fazer ouvir.

Aí está você, minha querida. Espero por você há tanto tempo.

Levei um susto e olhei para Evander, que se ajoelhou ao lado da banheira com um olhar marejado e cheio de alívio. Ele retirou o sifão da minha boca e, com a outra mão, segurou a adaga curva que estava pendurada em sua cintura. O capitão iria me cortar tão profundamente quanto da última vez, e me prenderia a ele.

Não, não, não.

O pulsar dentro de mim transformou-se em um incêndio diante da mera possibilidade. Então Evander ficou subitamente imóvel, com os olhos perdidos e os músculos flácidos. A adaga que ele segurava escorregou de sua mão e bateu na borda da banheira ao cair no chão. Eu regurgitei a água que estava no fundo do meu peito e, como se tivesse recebido uma ordem, Evander se levantou, ergueu uma perna e entrou na banheira.

O sangue guinchava em meus ouvidos; sentia o pulsar sombrio em minha barriga. Minha essência saiu de minha carne e de meus ossos e observei

Evander afundar na água. Ele era grande para a banheira pequena, mas conseguiu colocar o corpo em cima do meu e passar o braço em volta das minhas asas. De forma reverente, beijou logo abaixo do meu olho.

Em um canto obscuro da mente, achei curioso o fato de ele entrar na água comigo, o fato de ter deixado cair a adaga. Seu corpo inteiro estava rígido como um cadáver em cima de mim, mas sua respiração continuava estável, tocando minha boca como ondas quentes, puxando e soltando o ar.

O domínio de uma Sirena se limitava ao vento e ao mar, e até mesmo a respiração dele parecia ser minha.

Então eu a tomei para mim.

Por meus lábios entreabertos, suguei seu ar até que não houvesse mais nada em seu peito. O rosto do capitão ficou avermelhado quando ele mergulhou a cabeça logo abaixo da linha da superfície para descansá-la em meus seios. O desejo de afogá-lo tomou conta de mim. Eu queria que seu peito fosse inundado como o meu tinha sido e, quando assim desejei, ele respirou fundo, inspirando a água, enchendo o nariz e a boca. Eu sabia quais eram os caminhos da água, eu a senti se acumular dentro dele.

Seu corpo pesado se contorceu contra o meu.

À medida que as batidas de seu coração cessavam, o mesmo acontecia com a corrente latejante dentro de mim, que foi diminuindo até desaparecer. Eu me sentia plena, mas não saciada. Agora que eu havia experimentado tamanho controle, tamanho *poder*, entendia por que Evander ficara tão sedento por ele. Quando minha mente voltou a mim por completo, o capitão estava molhado e flácido. O toalete estava silencioso, a luz da lamparina era estável. Empurrei o ombro pesado de Evander.

— Não. — O pânico me atingiu em cheio. — Deuses. Não.

Por um momento, desejei ser capaz de me afogar. Eu deixaria que seu peso me imobilizasse, sorveria a água profundamente e, antes que a luz deixasse meus olhos, eu veria todas as coisas que sempre desejei como se fossem reais.

De alguma forma, o corpo de Evander se tornou ainda mais pesado, prensando minhas costelas e me fazendo despertar do devaneio de uma morte idílica.

A que me aguardava seria muito pior.

7

Fazendo força, empurrei o peso inerte de Evander para tirá-lo de cima de mim enquanto pensava em todas as coisas terríveis que os guardas do rei Nemea fariam para se vingar. Eu tinha resolvido uma ameaça e arranjado inúmeras outras. A voz do rei Theodore ecoou em minha cabeça: *É uma tola por se casar com um homem cuja vocação é matar você*.

A água da banheira alcançou os olhos abertos e sem vida de Evander. Vasos sanguíneos vermelhos saltavam contra o branco dos olhos como rastros de sangue na neve. Senti vontade de vomitar. Empurrei o ombro dele mais uma vez, me contorcendo sob seu corpo para tentar sair dali. O esforço me deixou ofegante e soltei um palavrão, mas não desisti até conseguir me erguer pela beirada da banheira e cair no tapete macio do chão do toalete.

A água do mar escorria pelo meu corpo em grossos filetes e minha roupa íntima rasgada estava colada a mim como uma segunda pele esbranquiçada, pronta para ser despida. Meu cabelo caía como cordas escuras sobre meus ombros. Olhei para o corpo de Evander, contorcido e desproporcional na banheira estreita, e de repente não me importei mais com o que o bom e nobre e justo rei de Varya pensaria de mim. Minha única preocupação era continuar viva, e só ele poderia me ajudar. Ele já tinha me negado ajuda, mas ainda havia outro caminho.

Avancei com determinação animalesca. O peso pouco familiar das minhas asas me tirou o equilíbrio e cambaleei em direção à porta do quarto. Àquela hora, quase todas as tochas do corredor já estariam apagadas, contudo, as noites que passei me esgueirando pelo forte quando era criança não foram em vão. Eu sabia de cor quantos passos precisava dar para chegar ao fim do corredor.

Os homens de Evander tinham cumprido a ordem e deixado seus postos do outro lado da porta, mas na extremidade norte do corredor ouvia-se o bater suave de armaduras e os murmúrios dos guardas de Theodore. O rei de Varya trouxera seis homens e, considerando o quanto ele e o rei Nemea pareciam se detestar, era razoável supor que ao menos metade deles ficaria de guarda

durante a noite, mas isso não me impediu de avançar depressa pelo corredor em direção a eles, molhando tudo por onde passava.

Eu não tinha ideia de como usar o poder obscuro e assustador que despertara em mim — que talvez estivesse até me controlando. Não conseguia me lembrar do que tinha feito além de roubar o ar de Evander, e fiz uma prece desesperada, na esperança de que meu poder pudesse fazer com que os homens de Theodore se tornassem igualmente manipuláveis.

Do lado de fora da janela, a lua estava enorme e brilhante no céu. Sua luz se derramava como mercúrio pelo parapeito, iluminando os guardas. Eram três. O que estava mais perto de mim rosnou e tentou puxar a espada quando me aproximei, mas, no mesmo instante, o corpo dele ficou sem forças. Ali eu senti a energia cálida e silenciosa que fluía de minha garganta como a linha de pesca de um pescador.

Sonolento, o segundo guarda saiu a passos cambaleantes para o lado contrário do corredor enquanto o terceiro abria a porta para permitir minha entrada no quarto do rei Theodore.

As dobradiças soltaram um rangido enlouquecedor enquanto a porta se fechava, mas o rei não acordou. O fogo da lareira já tinha se transformado em brasas e projetava sombras profundas pelo quarto, banhando a cama em uma luz avermelhada.

Esparramado ali, tão à vontade sobre o colchão, Theodore parecia muito grande. Um de seus braços estava dobrado acima da cabeça e o outro repousava sobre o peito. Uma de suas longas pernas escapara por baixo dos cobertores, revelando uma pele dourada coberta por pelos escuros. Ele tinha uma panturrilha perfeita, joelhos fortes e coxas torneadas. Usava uma camisa branca e nada mais. Consegui ouvir sua respiração suave e regular quando dei um passo à frente, observando o contorno de sua mandíbula e seus lábios carnudos entreabertos.

Teria que ser rápido: eu abriria um talho na palma dele e a pressionaria contra minha mão aberta. A criação de um vínculo de sangue era simples, mas eu não consegui me mexer. Ele estava muito sereno em seu sono, todos os traços angulosos e olhares severos que se esperaria dele dando lugar a um corpo vulnerável, lábios franzidos e uma respiração tranquila.

Aquilo era errado. Era traiçoeiro e cruel até mesmo considerar, mas eu precisava criar coragem. Eu só queria continuar viva. Apenas algumas horas me separavam da descoberta do corpo de Evander e da minha morte certeira e atroz. A água que encharcava meu cabelo e minha roupa secaria em pouco

tempo e, quando isso acontecesse, minhas asas se recolheriam sob minha pele.

Aquela era a hora. Eu não tinha escolha.

Meu corpo estava tão tenso que chegava a doer, mas me forcei a chegar mais perto. Apoiei o joelho sobre o colchão e me retraí quando a cama rangeu com meu peso. Prendendo a respiração enquanto meu cabelo molhado pingava na roupa de cama, usei uma garra para abrir um corte superficial em minha palma, depois estendi o braço para a mão que repousava em seu peito, mas ele se desvencilhou com um puxão violento antes que eu pudesse tocá-lo. Theodore agarrou meu punho com a força de uma algema apertada. Com um grunhido gutural, ele me puxou com tanta força que me desequilibrei e caí com o abdômen sobre o dele. Um metal frio beliscou meu pescoço. Perto como estava, meu corpo bloqueava a luz tênue da lareira e eu não conseguia mais distinguir os detalhes do rosto dele. O rei afundou um pouco mais a ponta da lâmina em minha carne.

— Sou eu, Imogen. — Quando falei, minha voz saiu engasgada e minha garganta pressionou a adaga. — Sou eu. Por favor, não faça isso.

— Imogen? — A voz dele estava embargada pelo sono. Theodore guardou a adaga. — Que diabos você está fazendo?

Nós dois nos movemos desajeitadamente no escuro enquanto nos enroscávamos em lençóis, tentando nos afastar um do outro. Ele pegou a vela e o fósforo na mesa de cabeceira e o quarto se iluminou com a luz quente. Então olhou para mim com uma expressão apavorada, os olhos arregalados em uma careta.

Fiquei petrificada.

Assim como havia sido com Evander, me vi completamente exposta diante do rei Theodore. Ele me observou da cabeça aos pés. O formato das asas retraídas nas minhas costas, meu rosto aterrorizado e depois as curvas do meu corpo sob a roupa íntima molhada.

Esperei pela reação de repulsa, que ele me atirasse no chão e me esganasse, mas ele simplesmente continuou a me olhar com espanto. Os segundos pareceram se arrastar até que, finalmente, ele apertou os olhos em frustração, depois puxou um cobertor e o passou para mim sem dizer nada. Eu o peguei e segurei contra o peito.

De repente, uma constatação sombria pareceu ocorrer em sua mente. Ele empunhou a adaga entre nós dois.

— Isso é água do mar.

A observação era óbvia: ele estava em apuros. No mar, Sirenas eram

perigosas, afogavam e estripavam qualquer um que as ferisse. Mas balancei a cabeça.

— Não vim aqui machucar você.

A desconfiança dele era palpável e fulminante. Devagar, estendi a mão para a adaga que ele segurava e a guiei até meu pescoço.

— Dou minha palavra.

Os ombros dele relaxaram ligeiramente, mas ele não recolheu a adaga. Sua voz era grave como a morte.

— Desembuche.

Agarrei o cobertor com mais força.

— Preciso ir embora hoje à noite — contei com a voz trêmula. — Agora.

— Isso não responde nada. — Ele chacoalhou a cabeça como se tentasse acordar de um pesadelo. Então perguntou, olhando para a porta: — Como foi que entrou aqui?

Hesitei.

— Eu... não sei bem.

Não era mentira. O poder que havia tomado conta de mim fazia com que o mundo ao redor cedesse à minha vontade, mas não por querer. Eu precisei entrar naquele quarto; precisei que Evander parasse de me ferir. E aquele poder viscoso e terrível fez isso acontecer.

— Seus guardas abriram a porta para mim.

— Impossível. — Ele afundou a ponta da adaga em minha barriga. Não com força, mas com firmeza suficiente para me manter imóvel. — Responda.

— Eu matei o capitão do rei Nemea.

Ele pareceu perder a fala por um instante.

— Você matou... seu noivo... e depois veio *até mim*?

Falei depressa, atropelando as palavras.

— Ele pegou o sifão... como fazem nas execuções... depois encheu meu peito de água. Eu me transformei e ele entrou na banheira junto comigo, então comecei a me afogar...

— Shhh. Fique quieta. — O rei cobriu minha boca com a mão livre, depois tirou a adaga da minha barriga e a fincou no colchão. — Pare de falar.

Eu assenti. Meus olhos estavam marejados.

Seus músculos se contraíram e ele franziu as sobrancelhas. Lentamente, ele tirou a mão da minha boca, arrastando-a para baixo até repousá-la sobre meu queixo.

— Como assim entrou junto com você?

— Na banheira — sussurrei, sustentando o olhar dele. — Evander ordenou que os homens dele enchessem a banheira com água do mar, depois me obrigou a entrar e...

— Você o encantou? — Ele recolheu a mão. — Para afogá-lo?

— Como assim, encantar? — Balancei a cabeça. — Não. Ele entrou comigo, se deitou em cima de mim e... Eu não sei como... eu roubei todo o ar dos pulmões dele.

O olhar de Theodore fez meu sangue gelar. Era um olhar de assombro, como se não conseguisse imaginar algo mais monstruoso. Senti o colchão debaixo de mim desaparecer, as paredes ao redor evaporarem. Me senti à deriva, sozinha e a caminho da minha própria morte.

— Você matou seu noivo — sussurrou ele, exasperado — e depois veio aqui implorar para que eu fuja no meio da noite e a leve comigo?

— Não. — Olhei no fundo dos olhos dele. Não tinha mais nada a perder. — Eu vim me atar a você.

O ar pareceu ficar rarefeito. A resposta veio com uma serenidade impiedosa.

— Você só pode ter perdido a cabeça.

— Talvez. — Não me dei ao trabalho de esconder o desespero em minha voz. — Mas não me resta mais nada além de sua proteção. E você se recusa a concedê-la.

— Eu não me recusei — rebateu ele, seu olhar incrédulo iluminado pelas brasas da lareira. — Só disse que precisava de tempo.

— Vão me torturar. — Minhas palavras escaparam acompanhadas de lágrimas. — Vão me entregar para os homens de Evander e eles vão fazer o que bem entenderem comigo, depois vão cortar meu pescoço.

O silêncio prolongado que se seguiu foi como alfinetadas em minha pele. Então ele finalmente se dignou a falar. Eu teria preferido ouvir palavras cruéis, uma ofensa transbordando desprezo, qualquer coisa que não viesse com aquela completa ausência de emoção nas palavras dele.

— Isso é o que acontece com assassinos em lugares como este.

Meu peito doía com o peso da minha impotência, mas eu não pretendia ir embora sem pelo menos tentar fazê-lo entender.

— Ele mereceu — disparei. — Se eu tivesse me casado e permitido o vínculo, eu teria morrido no lugar dele. Ele teria sugado minha vida aos poucos, da forma mais cruel possível.

Deixei o cobertor de lado e me levantei, depois marchei em direção à porta. A morte respirava em minha nuca e só me restava esperar por ela em meu

quarto ou sair ao seu encontro. Talvez fosse melhor caminhar em direção aos guardas do forte com minhas asas abertas e ter uma morte rápida, recebendo uma flecha no coração.

— Espere.

Theodore soltou um longo suspiro e se levantou. Sua camisa branca estava amarrotada e torta no corpo, caindo logo acima dos joelhos. O olhar em seu rosto era severo, mas sua voz soou mais branda do que nunca ao dizer:

— Afaste-se da porta. — Ele baixou os olhos para meu corpo por uma fração de segundo antes de pegar o cobertor e atirá-lo para mim mais uma vez. — Segure isso, pelo amor dos deuses.

Quando enrolei o cobertor em meu corpo, o rei veio até onde eu estava. Ele se aproximou e sua presença pareceu me envolver em uma onda de calor.

— O que aconteceu aqui? — perguntou Theodore, estendendo a mão e passando o dedo por um corte em meu queixo.

Estremeci com a dor.

— Uma lembrança do sifão do meu querido noivo, acho.

— Está sangrando. — Ele balançou a cabeça com pesar. — Eu já disse, ajudar você vai desencadear uma guerra.

— Eu sei. — Lágrimas quentes rolaram desimpedidas pelo meu rosto. — Ao contrário do que pensa, não sou uma idiota. Entendo muito bem quais seriam as consequências. Entendo por que está me condenando à morte...

Ele esfregou o rosto com a mão.

— Cale a boca, por favor.

— O quê?

— Cale a boca. — O rei Theodore chegou mais perto e segurou meu rosto com as mãos em um gesto tão repentino que quase fez eu me engasgar. — Vou curar isso.

Ele deitou minha cabeça para trás, erguendo meu queixo ensanguentado, e, com um olhar zangado, usou seu poder radiante para fechar o corte.

Não demorou nada. O calor me tocou e desapareceu no instante seguinte. Nenhum de nós se mexeu por um momento.

Até que ele finalmente soltou meu rosto.

— Você ia mesmo nos atar? — O rei estava curiosamente calmo.

— Sim. — Olhei para ele com firmeza. — Estou farta de ser menosprezada. — Dei um passo em direção à porta. — Mas você tinha razão, sou covarde demais para me salvar...

— Vá em frente.

— O que você...

— Crie o vínculo — disse ele. — A guerra com Nemea é inevitável. Ele não pode cometer uma atrocidade atrás da outra. Não é ideal iniciar o conflito com a morte de seu capitão e o roubo de sua protegida, mas acho que... a alternativa é pior.

Minha mandíbula pareceu se afrouxar.

— A alternativa é a minha morte.

— Sim. Por isso concordo com nosso vínculo.

— Mas por quê?

— Não há nada no céu ou na terra que me convença a chegar perto de um navio com você, a menos que eu seja imune ao seu encanto.

Senti meu rosto corar.

— Entendo.

— Tenho três condições.

— Está bem. — Respirei fundo, começando a ficar receosa. — Quais são?

— Primeiro você renuncia a Nemea e jura lealdade a mim como seu novo rei. A segunda condição é: quando chegarmos à Varya, você vai diretamente à Maga Vidente para fazer um ritual que romperá nosso vínculo.

Eu sabia que diria "sim" com um sorriso no rosto até se ele me pedisse para cortar minha própria mão e dá-la como comida para seu cão.

— Tudo bem.

Esperei apreensiva pela condição final. Theodore era um rei inteligente, de olhar cortante feito lâmina e mente tão afiada quanto. Não havia dúvida de que pediria algo muito maior do que um juramento de lealdade e a ruptura do nosso vínculo.

— E qual é a terceira?

Ele começou a vasculhar um baú ao pé da cama, de onde tirou uma calça escura e uma camisa branca. Então se inclinou sobre a lareira e ajeitou algumas toras de lenha nas brasas fumegantes.

— Depois de falar com a Maga Vidente, você vai completar uma tarefa à minha escolha.

Todo o meu ser entrou em estado de alerta. *Uma tarefa à minha escolha*. Ele voltou a vasculhar o baú enquanto eu o assistia de longe. O rei revirou papéis e examinou pequenos itens emaranhados entre as roupas, então me dei conta de que estava decidindo o que poderia ser queimado. Nossa partida era repentina demais e ele não poderia levar todos os seus pertences.

— Qual é a tarefa? — perguntei com receio.

Theodore evitou meu olhar.

— Ainda não sei. — Ele atirou uma pequena pilha de papéis no fogo e começou a vestir a calça. — É melhor se apressar, milady, seu cabelo está quase seco. Suas asas vão se recolher em breve e vamos perder nossa oportunidade. — Ele tirou a camisa e eu olhei para a porta. — Aceita minhas condições?

Tendo em conta todos os critérios do que poderia ser considerado justo, eu deveria concordar. Deveria cair de joelhos e beijar os pés dele por estar disposto a fazer o vínculo. E se ele pedisse que eu arriscasse minha vida, minha segurança, a perspectiva de ter um lar, eu deveria dizer "Sim, *com prazer*". O rei olhou para mim, pasmo diante da minha hesitação, e pensei: *Ele não faz ideia do que é existir apenas para servir à vontade alheia.*

A ideia de me submeter aos caprichos de mais um rei e devê-lo obediência, sem pertencer por completo a mim mesma, pareceu comprimir minha garganta.

— Estou disposto a colocar minha vida em perigo — esbravejou ele —, arriscar a paz em meu reino, para que você possa sair deste lugar em segurança...

As palavras dele foram como centelha em grama seca e iluminaram minha mente com uma terrível constatação. Nenhum rei bom, justo e honesto — nenhum rei que *toma o dever com o povo como bússola para a própria conduta* — faria algo tão tolo. Um rei íntegro e poderoso como Theodore deixaria que eu, uma órfã sob a tutela de um rei cruel e desprezível, morresse ali mesmo, porque seu reinado exigia isso dele. Claro, talvez ele sentisse uma pontada de culpa por dar as costas para mim, poderia até ser piedoso a ponto de lamentar a perda de uma jovem que tanto desejava viver, mas ele não faria *aquilo*.

— O que me diz, lady Imogen?

À luz da lareira, ele parecia impassível e imponente como uma estátua. As sombras acentuavam as maçãs de seu rosto, as curvas do pescoço e a testa franzida. Eu conseguia ver nele os traços de seu ancestral. O grande deus Panos também fora destemido e indomável. Theodore não precisava de nada vindo de mim. E eu não tinha nada a oferecer. Mas me lembrei dele no ritual de Nemea, de como ficara furioso com o uso do *meu* sangue. Da convicção em suas palavras ao dizer: *Eu conheço você.*

Quem você acha que eu sou?

De repente, me perguntei se aquela gentileza desmedida não seria perfeitamente razoável.

— Aceito suas condições, Majestade. — Levantei o queixo. — Mas se

mostrar que não é confiável, juro que, assim que nosso vínculo for rompido, eu...

Theodore inclinou a cabeça.

— Isso é uma ameaça?

— Não tenho razão para confiar em homens que me fazem promessas em troca da minha obediência. — Eu estava tão cansada e com tanto frio que as palavras saíram trêmulas e patéticas.

Ele ergueu as sobrancelhas, acatando.

— Vamos logo, antes que você me mate sem querer.

Eu me abaixei para sentir o calor da lareira. Theodore não me acompanhou no movimento. Em vez disso, foi até a porta e, antes de abri-la, olhou para mim de cara feia.

— Segure bem o cobertor — ordenou.

Então chamou os três guardas, um por um. Ao entrarem no quarto, todos olharam para mim espantados.

— Onde está o comandante Mela? — questionou Theodore com um olhar fulminante.

O comandante dele. O comandante *de Agatha*. Os guardas pareciam ter perdido a língua e suas expressões eram indecifráveis. Até que, finalmente, um deles olhou para o chão, envergonhado.

— Ele nos disse para ficar de olho nas coisas. — Um instante de silêncio. — O comandante foi encontrar uma mulher.

Parecia impossível que o humor do rei pudesse piorar, mas ele ficou ainda mais carrancudo e sua voz, ainda mais grave.

— Encontrem-no.

— Ele deve estar no andar de baixo — intervi. — Quarta porta à direita.

Theodore virou-se para mim.

— Agatha?

Fiz que sim com a cabeça. Ele esfregou a mão no rosto mais uma vez e, com a voz baixa e firme, compartilhou seu plano de fuga.

— Acordem os guardas que estão de folga e, antes de retornarem, passem nos aposentos da lady Imogen. Há um homem morto em uma banheira cheia de água do mar. Peguem um pouco da água e tragam para mim. E, pelo amor dos deuses, não deixem minha porta desprotegida.

Os homens de Theodore saíram depressa e ele trancou a porta com uma frustração que certamente era dirigida a mim. Ouvi o farfalhar de algum tecido e o som de metais se chocando, mas eu estava distraída contemplando o anel de

noivado em meu dedo. Uma sensação de náusea se instalou em minhas entranhas.

— Tenho uma condição também.

Ao ouvir minhas palavras, Theodore veio e sentou-se diante de mim com a adaga em uma mão e um amontoado de seda verde na outra.

— Você não tem o direito de impor condições, sou eu quem está fazendo um favor para você. — Ele atirou a pilha de tecido em meu colo. — Vista isso quando suas asas se recolherem.

Eu o encarei, resoluta.

— Agatha vem conosco.

Ele girou o cabo da adaga na mão. Balançou a cabeça.

— É perigoso demais. Você não precisa de uma babá. E, diferente de você, Agatha pode perfeitamente sair daqui sozinha.

Senti o choro preso na garganta, mas ele tinha razão. Concordei com a cabeça, angustiada, e estendi a mão entre nós para mostrar o corte superficial que eu fiz antes de ele acordar. As cicatrizes em minha palma eram pálidas e sinuosas. Sem receio aparente, Theodore segurou minha mão, que, diferente da dele, estava gelada, e passou o dedo sobre a pele mutilada com tanta delicadeza que senti um arrepio.

— Eu também tenho carinho por Agatha — declarou ele como se pedisse desculpas, com a voz terna e contrita.

A adaga reluziu quando ele a aproximou de minha palma. Fiquei apreensiva, me perguntando quão fundo seria o corte e se o rei me curaria imediatamente após ou se me deixaria esperando.

— Segure — disse ele, colocando o cabo em minha outra mão. — Dizem que dói muito... o vínculo com uma Sirena. — Ele não parecia nervoso, mas não sei até que ponto não estava com medo. — Quando se instala no corpo, quero dizer.

Assenti. Eu ouvira dizer a mesma coisa.

— Não dê para trás agora, Majestade.

O canto da boca do rei se curvou levemente e, quando toquei a lâmina na palma da minha mão, seus lábios se contraíram. Fiz um talho curto e leve, depois peguei a palma da mão de Theodore e repeti um corte idêntico. Ao mesmo tempo, respiramos fundo e pressionamos nossas palmas abertas uma contra a outra. Meu coração estava acelerado e eu o sentia pulsar pelo corpo todo, mas tentei me concentrar na sensação quente e viscosa entre nossas mãos.

Theodore ofegou e seus dedos fortes se entrelaçaram nos meus. A expressão em seu rosto denunciava algo entre dor e prazer. Seus músculos pareciam vibrar e uma fina camada de suor brotou em suas bochechas e na lateral de seu pescoço. Jogando a cabeça para trás, ele abafou um gemido grave.

Prendi a respiração e esperei. E continuei esperando. O corpo de Theodore relaxou depois que sua agonia atingiu o auge. Ele olhou para mim com ansiedade e expectativa.

— O que está sentindo?

— Nada — respondi, balançando a cabeça.

E então aconteceu.

O sangue dele era como a luz de mil sóis. Intenso e fervente, fluindo pelas veias do meu braço até a artéria pulsante em meu pescoço, me queimando por dentro à medida que se espalhava pelo meu corpo. Ouvi meus próprios gemidos, senti minhas costas se arquearem com a dor, mas a sensação formou um nó em meu estômago, tudo em volta mergulhou na escuridão. Sem aviso, minha boca se escancarou em um grito arrepiante.

Theodore cobriu minha boca. Quando isso não pareceu adiantar, ele segurou minha cabeça, pressionando meu rosto contra o peito.

— Silêncio — implorou ele em meu ouvido. — Imogen, pare.

Mas eu não conseguia. Estava sendo dilacerada de dentro para fora. A corda dentro de mim se estirara com tanta violência que senti que iria arrebentar e rasgar meu coração, me matando ali mesmo, nos braços do rei. Arranhei seus ombros, suas costas, mas muito lentamente a dor começou a se atenuar. O vínculo estava em minha barriga, emitindo um calor oscilante, e caí em prantos contra o corpo firme de Theodore, tentando acalmar minha respiração.

Ele olhava para mim atordoado.

— Está tudo bem? — perguntou, tocando minha bochecha para afastar os cabelos grudados em minha pele suada. — Precisamos ir agora. Diga que está bem.

Fiz que sim com a cabeça.

— Não. — Ele soava rouco e um pouco ofegante. — Diga — pediu ele, me balançando levemente. — Preciso ouvir da sua boca.

A preocupação de Theodore comigo era evidente e vinha como uma torrente profunda e arrebatadora. Naquele momento eu soube que o vínculo tinha se consolidado. Era aquele o efeito: proteção implacável. Olhei nos olhos dele e tentei esconder o quanto me sentia desorientada. Eu tremia por dentro e pensei que fosse vomitar.

— Estou bem.

Ele assentiu e tentou disfarçar a angústia no próprio semblante. Com o vínculo, as asas tinham se recolhido sob minha pele e deixado minhas omoplatas sangrando e em carne viva. Theodore me ajudou a ficar de pé e desviou o olhar enquanto eu me despia do cobertor e da roupa molhada. Ele não viu os ferimentos que minhas asas tinham deixado e eu não reclamei da dor ao jogar um robe sobre meus ombros e amarrá-lo na cintura com um nó.

Levei um susto quando alguém bateu suavemente à porta. Theodore deu permissão para que os guardas entrassem e, diferente da primeira vez, eles agora estavam em seis. Um deles carregava um vaso que ficava no meu quarto, e com ele veio o cheiro da água do mar invadindo minhas narinas. Atrás de todos eles, com os cachos revoltos de sempre e bochechas e lábios corados, estava Agatha.

Theodore a cumprimentou tomado de vergonha.

— Olá, Agatha. — Ele olhou com raiva para o soldado alto e de ares presunçosos que estava ao lado dela. — Lachlan, vou acabar com você.

— Eu imaginei — respondeu Lachlan. — Fui informado por Agatha de que ela virá conosco.

Ele voltou-se para mim, zangado.

— Parece que os deuses estão a seu favor esta noite, não é? — Depois apontou para o guarda que trazia o recipiente com água do mar. — Entregue isso para ela.

Segurei o vaso contra o peito e endireitei a postura sob o olhar severo do rei. Seu rosto era austero e determinado, transformando o ar gelado da sala em uma atmosfera sufocante.

— Você conseguiu passar pelos meus homens, milady — disse ele —, agora nos ajude a passar pelos de Nemea.

8

Os soldados do rei Theodore avançavam feito fantasmas, furtivos e ágeis. Nem mesmo suas armaduras rangiam na escuridão silenciosa do Forte Linum.

Descemos as escadas que levavam ao saguão de entrada deserto em uma fila longa e ordenada. Do lado de fora, o vento castigava o vale, soprando contra os cantos do forte com uivos que mais pareciam suspiros agonizantes — tanto que precisei me esforçar para não interpretá-los como mau presságio.

Theodore desceu na minha frente e Agatha vinha logo atrás. Eu caminhava entre os dois, segurando o vaso com água do mar contra o peito como uma mãe aninhando seu bebê. Aquela era a pouca água salgada que me permitiria usar meu poder para enfrentar os homens do rei Nemea.

Agatha sussurrou atrás de mim:

— Você estava no quarto do rei. Está vestindo o robe dele. E encharcada de água do mar! — A seda úmida do robe ficara grudada nas feridas abertas em minhas costas, mas meu cabelo comprido estava molhado e escondia as manchas de sangue. — O que aconteceu?

Virei o pescoço para olhar para ela.

— Prometo que vou contar tudo quando estivermos em segurança no navio. Por favor, só peço que não entre em pânico. Por favor.

Ela arregalou os olhos.

— Entrar em pânico?! Por que eu faria isso?

— Pelos deuses, Agatha.

Ela mordeu o lábio inferior, reprimindo a preocupação e engolindo as perguntas, e acatou meu pedido com um aceno de cabeça resignado.

A ideia de confessar a Agatha o que acontecera me aterrorizava. Uma serpente de vergonha e orgulho se desenrolava dentro de mim como uma segunda espinha dorsal pelo que eu tinha feito com Evander. Depois das escadas, quando passamos pela sala do trono de Nemea, pensei nas palavras gravadas na parede. *O monstro sempre é derrotado.* Pensei no rosto vidrado e nos lábios azuis de Evander e senti uma pontada de dúvida. Talvez eu fosse tão

monstruosa quanto ele, talvez minha própria queda estivesse à espreita.

O comandante do rei Theodore, Lachlan, nos reuniu quando chegamos à porta principal.

— Nunca há guardas no pátio, eles sempre ficam nos estábulos e nos alojamentos no fim da escadaria da montanha — explicou Lachlan, falando baixo. Seus olhos implacáveis encontraram os meus. — Precisamos que você nos ajude a passar por eles. Temos que pegar cavalos nos estábulos para descer a estrada até o navio do rei, em Porto Helris.

Senti a boca seca e meu corpo tremendo por dentro, não sabia ao certo se pelo frio ou pela ansiedade. Tentei me recompor e acenei com a cabeça para Lachlan.

O guarda que liderava nosso grupo abriu uma fresta da porta maciça apenas o bastante para que conseguíssemos nos esgueirar de lado e, um atrás do outro, passamos pela entrada do Forte Linum como uma cobra silenciosa. O vento tinha varrido o céu, agora salpicado de estrelas e iluminado pela enorme lua brilhante que derramava uma luz azulada e sinistra sobre as pedras pálidas do forte. Agatha e eu nos encolhemos contra a parede áspera, tentando desaparecer entre as sombras. Uma rajada de vento bagunçou meu cabelo, soprando-o sobre meus olhos, enquanto os seis guardas cruzavam o pátio com as espadas em punho, examinando as sombras projetadas pelos pilares.

Theodore se aproximou e sua presença me envolveu em um calor inesperado.

— Jure lealdade a mim. Agora é a hora — disse ele, muito baixo e muito perto. — Antes de deixarmos o território de Nemea e diante de uma testemunha. Dessa forma ele não poderá alegar que foi raptada.

Franzi a testa e segurei o vaso com mais força.

— Como é possível que ache que um detalhe como esse faz diferença? E como ele ao menos saberia, afinal? A reação dele vai ser a mesma.

— Faz diferença para mim — argumentou o rei. — Não vou desonrar minha coroa cometendo a deslealdade de raptar a protegida de outro rei na calada da noite.

Contorci o rosto em uma careta.

Ele chegou ainda mais perto, olhando no fundo dos meus olhos e me obrigando a prender a respiração.

— Considerando o que estou fazendo por você, ajoelhar-se é o mínimo que pode fazer em retribuição.

Sustentei o olhar de Theodore pelo tempo de três batidas do meu coração

descompassado. Tudo aquilo revirava meu estômago — reinos e suas regras sem sentido. Eu não queria arranhar o joelho no cascalho, não queria escapar das garras de um governante para ser aprisionada pelas de outro. Não queria a responsabilidade de honrar, servir e obedecer a outro homem que não faria o mesmo por mim. No entanto, nada mais podia ser feito.

Entreguei o vaso para Agatha.

— Segure isto.

Depois que terminaram de inspecionar o pátio, os guardas retornaram e posicionaram-se ao nosso redor, formando uma barreira em círculo. Lachlan parecia impaciente.

— Depressa, façam-me o favor.

Olhei de soslaio para ele, irritada. Tremendo e relutante, apoiei um joelho no chão. O cascalho estava tão pontiagudo quanto eu temia.

— O que quer que eu diga?

Ele me olhava de cima muito sério e o brilho perolado da lua realçava seu nariz e suas sobrancelhas.

Mas foi Lachlan quem respondeu.

— Pense em alguma coisa.

O vento agitou meu cabelo molhado outra vez. Afastei-o do rosto e, quando encontrei o olhar de Theodore, lancei-lhe a expressão mais fulminante que consegui fazer.

— Declaro que revogo minha lealdade ao governante da Ilha de Seraf. — O vento gelado uivou outra vez, abafando minhas palavras e fazendo meus olhos lacrimejarem. — Eu... eu juro lealdade a... — Abafei minhas palavras suaves, e senti um calafrio.

Theodore se ajoelhou na minha frente e todos os meus pensamentos evaporaram. Estava tão perto que ainda que eu sussurrasse ele conseguiria me ouvir. Franzi a testa, confusa com o gesto, mas o rei respondeu apenas com um curto aceno de cabeça.

— Depressa.

Vasculhei minha memória em busca do juramento maçante e deplorável que fiz ao rei Nemea quando era mais nova.

— Eu, Imogen Nel, juro lealdade a você, rei Theodore Ariti de Varya. Eu... vou *tentar*... honrá-lo em minhas palavras e ações, vontade e atos. Diante de Eusia... — Balancei a cabeça. Depois de pigarrear, continuei: — Diante dos grandes deuses, onde quer que estejam, eu juro.

O canto da boca dele se curvou para baixo em um sorriso irônico.

— Você vai *tentar*?

Fiz que sim.

— Juro que vou.

Com um olhar penetrante, ele me ajudou a ficar de pé — foi impossível disfarçar o tremor em meus membros e Theodore me segurou pela cintura. Agatha nos observava com espanto.

— O quê? — perguntei quando ela me devolveu o vaso.

Ela apenas balançou a cabeça, piscando várias vezes.

Então o grupo se separou. Theodore e eu, acompanhados por quatro guardas, fomos depressa para a escada que levava aos estábulos e ao portão de entrada. Agatha ficou com Lachlan e o sexto guarda. Quando chegamos ao primeiro degrau, porém, minha visão escureceu com o mergulho abrupto na escuridão.

— Vocês chegaram ao forte por aqui?

— Sim. — Theodore me segurou pelo cotovelo quando percebeu que eu cambaleava. — Os degraus são irregulares. Alguns são curtos demais, outros, muito mais altos do que deveriam ser.

— Tem que haver outro jeito. — Senti um calafrio de pânico. — Não é possível que Nemea tenha feito todos os convidados subirem por este caminho.

— Milady...

— Vou derramar toda a água. Não consigo enxergar nem três degraus nesse breu. Vou tropeçar, o vaso vai cair e todos nós vamos morrer.

— Se avançarmos, sim, a morte é uma possibilidade — disse Theodore. Não havia nem vestígio de emoção em sua voz, mas ele segurou meu cotovelo com mais força. — Mas passa a ser uma certeza se ficarmos aqui. Sua morte, a minha, a de Agatha.

Atrás de nós, o vento uivava pelo Forte Linum como se carregasse um aviso agourento. Eu não queria morrer ali, naquele lugar que fazia eu me sentir tão pequena e tão assustada. Endireitei a coluna sob o olhar atento de Theodore. O homem que achava que me conhecia, que me chamou de covarde. Segurei melhor o vaso e dei o primeiro passo escada abaixo.

Meu progresso se mostrou lento demais. Eu tateava o degrau com o pé descalço para sentir a borda e só depois descia com o auxílio vigilante de Theodore. Estava certa de que nunca mais me sentiria aquecida de novo. Eu estava batendo os dentes e meu corpo inteiro tremia. O robe de seda que estava vestindo chicoteava contra minhas pernas nuas. Parei em um degrau de pedra estreito e tentei me acalmar.

Do degrau abaixo, Theodore olhou para mim e o terror — a apreensão — em seus olhos fez meu estômago revirar.

— Malditos sejam os deuses — resmungou ele. — Venha aqui.

Ele estendeu os braços como se fosse me pegar no colo, e recuei.

— O que está fazendo?

— Vossa Majestade — sussurrou o guarda que vinha atrás de mim. — Precisamos seguir.

— Um minuto. — Theodore franziu a testa. — Lady Imogen está prestes a morrer congelada. Ela precisa se aquecer.

— Espero que não esteja se oferecendo para fazer isso.

O sangue dele corria pelas minhas veias, mas a ideia de ser tocada, de deixá-lo pressionar o corpo contra o meu, soava íntima demais.

Ele esfregou o rosto, impaciente.

— As outras pessoas por perto estão vestidas com trajes de metal, então sim, teria que ser eu.

Os guardas que estavam à frente voltaram até nós.

— Ainda estamos na metade do caminho, Vossa Majestade. O que devemos fazer?

Os olhos de Theodore se demoraram em mim.

— Podem seguir. Descubram o que nos espera lá embaixo. Se acharem que não daremos conta, voltem. Do contrário, escondam-se entre as pedras. Alcançaremos vocês em breve. — Theodore virou-se para os dois guardas atrás de mim. — Esperem por nós dez degraus adiante.

Quando ficamos sozinhos, ele soltou um suspiro irritado.

— Estou bem — repeti, embora estivesse tremendo da cabeça aos pés. Eu sabia que era uma imensa tolice não aceitar a ajuda que ele oferecia.

— Claro que está. — Theodore estava com as mãos apoiadas nos quadris estreitos. — Mas esse vínculo de sangue não me deixa ignorar o fato de que você está tremendo. Com frio. Com medo...

— Não se atreva a me chamar de covarde de novo...

Ele ergueu uma mão.

— Eu disse que você está *com medo*. — Sob o luar, pude ver seu semblante suavizado pela sinceridade. — Estou com medo também.

Apertei o vaso contra o peito, mas não disse nada. Não conseguia decidir se era melhor ou pior saber que ele, um rei descendente de um grande deus, estava com tanto medo quanto eu.

— Diga o que quer que eu faça.

Mais uma vez, sua voz soava inteiramente desprovida de emoção, mas seu olhar me fez acreditar que suas palavras eram sinceras.

— Preciso parar de tremer — respondi.

Theodore assentiu e nossos olhares se encontraram. Então ele estendeu a mão para mim. Seu toque era quente, e eu conseguia sentir os calos em suas palmas e nas pontas de seus dedos fortes. Sentindo-me mais segura, desci para o degrau mais amplo em que ele estava e nos posicionamos mais perto da parede de rocha, que era ligeiramente côncava. Ele se encaixou na curva, ficando atrás de mim. Nenhum de nós disse nada quando ele passou a mão pelo meu cabelo úmido e o colocou sobre meu ombro. Continuamos em silêncio quando ele me puxou delicadamente para trás, me envolvendo em seu calor. Meu corpo inteiro se retesou quando minhas costas tocaram seu peitoral firme. Minha pele ferida ainda doía, mas não demorou para que o toque dele suavizasse a dor. O rei passou o braço na altura dos meus ombros e foi como se um aro solar tivesse repousado sobre minha clavícula. Depois, devagar e com muito cuidado, ele passou o outro braço por cima da minha barriga, abaixo do vaso que eu segurava.

— Cuidado para não derrubar — sussurrei como se ele já não estivesse me abraçando com o máximo de cuidado possível.

Tive a impressão de que ele nem sequer respirava quando me pressionou com gentileza contra seu corpo. Os espasmos dos meus músculos contrastavam com sua postura firme e eu conseguia distinguir os contornos e as curvas de seu peitoral e abdômen, bem como a pressão de suas coxas contra as minhas. Pensar nisso me deixou constrangida, afinal, se eu conseguia sentir o corpo dele tão detalhadamente, ele devia conseguir sentir o meu também.

— Suas costas... — sussurrou ele com a boca ao lado do meu ouvido. — Por que não me disse que estava sangrando?

— Tinha muita coisa acontecendo — respondi, encarando a escuridão. — E não dói praticamente nada em comparação ao vínculo.

— Não consigo curar as feridas com o tecido grudado.

Ficamos parados ali, com o som do vento de fundo. Aos poucos, meu corpo começou a espelhar a quietude do de Theodore. Ele inclinou as costas para apoiá-las contra a rocha, e eu me inclinei sobre ele. Por um breve momento, fechei os olhos e comecei a imaginar que estava deitada de bruços ao sol, que os raios solares penetravam minha pele e meus músculos e infiltravam-se no meu âmago. Era como se o vínculo de sangue resplandecesse em minhas entranhas.

— Pronta para ir?

A pergunta em voz baixa de Theodore me deu um susto. Eu tinha deixado a cabeça pender para trás, contra o ombro dele, meu queixo apontado para as estrelas. Prontamente endireitei a postura.

— Sim.

Então, me mexi muito rápido na pressa de afastar nossos corpos, e o braço dele ficou enroscado na parte inferior do vaso. Com o solavanco, um pouco d'água escorreu pela borda e molhou a parte da frente do meu corpo.

— Droga.

A sensação foi estranha. Na banheira, a água brilhara em minha pele e se entranhara diretamente no pulsar que eu sentia dentro do meu ser. Mas ali, molhada, eu senti algo dentro de mim tensionar como se estivesse prestes a se quebrar, como se a fonte do meu poder tivesse se tornado incongruente.

Theodore colocou as mãos nos meus ombros.

— Aconteceu alguma coisa?

Balancei a cabeça sem querer contar o que senti e comecei a descer os degraus mais uma vez. Estava mais fácil com o calor de Theodore ainda em meu corpo, mas eu estava inquieta. Cada gentileza e cada favor era uma dívida a ser paga, e eu já devia demais.

Em passos ágeis, desci os degraus contando apenas comigo mesma. As botas dele faziam barulho nas pedras atrás de mim enquanto tentava me acompanhar. Avistamos o primeiro guarda variano, agachado próximo a uma curva. Fiz o mesmo, me posicionando ao lado dele e Theodore também, ao meu lado.

Já conseguíamos enxergar o pátio de entrada. Um portal largo de pedras empilhadas abria caminho para um padoque a céu aberto. Logo adiante ficava o estábulo bem conservado, iluminado por tochas acesas dos dois lados da porta. Havia outras duas tochas na entrada para o padoque, mas estas lutavam para permanecer acesas em meio às rajadas de vento que desprendiam centelhas de suas chamas e as carregavam pela área. Havia quatro guardas agrupados na entrada, conversando e rindo entre si, mas com o vento era impossível ouvir o que diziam.

— São só quatro? — sussurrei por cima do ombro do guarda.

— Aqui, sim. Há outros seis ou mais seguindo para a estrada da montanha — explicou ele, apontando para o breu entre duas rochas altas.

Um pequeno grupo de guardas estava posicionado perto da base das rochas, mas a luz das tochas ali era fraca e os homens de Nemea usavam armaduras que se camuflavam na noite.

Respirei fundo e segurei o ar nos pulmões. O nervosismo me corroía por dentro. Também porque eu estava voltando a tremer, mas sobretudo porque eu não sabia como desceríamos a montanha. A segurança de Theodore também me preocupava.

— Precisamos ir imediatamente — pressionou o guarda. — Use seu encanto para fisgar os homens que estão mais perto e depois volto para buscar o resto do grupo.

Ele falava como se fosse muito simples, mas de repente a ideia pareceu impossível. Eu não sabia controlar o que era capaz de fazer. Para mim, meu poder era um pedaço de argila, e eu, uma artista amadora. O que quer que eu tivesse feito naquela noite não tinha sido graças à minha habilidade ou a algum domínio. Olhei para o vaso com água do mar. E se não fosse suficiente? E se eu, trêmula e petrificada de medo como estava, não conseguisse impedir que todos encontrássemos um fim brutal e sangrento, tudo por ser covarde demais para enfrentar a morte que eu merecia?

— Imogen. — Ouvir meu nome vindo dos lábios de Theodore acalmou meus nervos. Seu rosto cansado estava iluminado pela luz trêmula das tochas. — Estou com você.

Eu consegui apenas concordar com a cabeça. Com muita cautela, ergui o vaso e comecei a derramar a água sobre meu peito e meus ombros, encharcando a seda verde e molhando minha pele. No mesmo instante, senti a corda agora familiar vibrar em meu peito, mas a sensação desconhecida de ruptura também retornava. Mesmo assim, fechei os olhos e me esforcei para me concentrar. Meu coração martelava no peito e minha respiração ficou acelerada. Foi quando veio o primeiro verter viscoso de poder entre minhas costelas. A pele machucada em torno da minha coluna pareceu se esticar com a pressão das asas, mas meu desespero sufocou a dor. Eu me concentrei em encantá-los e a escuridão dentro de mim subiu garganta acima.

Me pus de pé e dei um único passo adiante, mas Theodore agarrou minha mão.

— Tome cuidado.

Nós nos olhamos.

— Tomarei, Vossa Majestade.

Tive que me forçar a sair do lado dele. Então passei pelos homens agachados e percorri os últimos degraus irregulares. As pedras na clareira cutucavam a sola dos meus pés, mas o frio, embora constante, já não me fazia tremer. No entanto, a cada passo dado eu me sentia mais incomodada. Cerrei a

mandíbula com a sensação de estiramento e torção que aumentava em meu peito e parei diante dos guardas de Nemea, bem no limite da luz das tochas.

O primeiro guarda a me ver deu um pulo. Era o garoto com o rosto cheio de cicatrizes de varíola, o que me trancara no quarto. Inclinei a cabeça para observá-lo melhor. Ele tinha bochechas rechonchudas e cabelo desgrenhado e parecia ainda mais novo sem o capacete. Sua mão pairou sobre o cabo da espada, mas não chegou a tocá-la.

Um canto manso soava de minha garganta.

As feições do garoto começaram a mudar. Os olhos castanhos se esbugalharam e as bochechas ganharam um tom furioso de vermelho. O vento na clareira cessou por completo e as tochas passaram a queimar com mais intensidade. Os outros guardas foram embalados pelo meu canto antes mesmo que pudessem dar um pio. Assim, um atrás do outro, os quatro começaram a sufocar e convulsionar até despencarem juntos formando uma pilha imóvel.

Meus olhos se encheram de lágrimas e senti uma onda violenta de náusea. Não era minha intenção matá-los.

Naquele momento, um grito ecoou do início da estrada: eu tinha sido vista pelos outros guardas. Eles se agruparam e entrei em pânico ao ver suas espadas, adagas e bestas. A escuridão veio ao meu chamado e fiquei invisível às flechas quando uma lufada de vento apagou todas as tochas. Então avancei em direção a eles, determinada a usar meu canto outra vez, quando uma dor lancinante despertou em meu estômago. Gemi e pressionei a mão sobre a barriga, mas continuei seguindo ao encontro dos guardas que também se aproximavam.

O grupo estava perto o bastante para que meu poder os detivesse, mas nenhum deles parou. Embora eu estivesse cantando, os guardas pareciam imunes. Cerrei os olhos na noite iluminada pela lua e vi que apenas tinham diminuído o passo, movendo-se como se estivessem andando sobre a água. A dor intensa em minha barriga só aumentava. Tensionei a mandíbula, concentrando todas as minhas forças em mantê-los longe.

— *Imogen*. — O chamado angustiado de Theodore rasgou a escuridão.

Parei imediatamente, mas os guardas de Nemea continuaram seguindo, lentos, mas implacáveis, com dentes à mostra e espadas em riste. Cambaleei para trás, tentando aumentar a distância entre nós, mas a dor se espalhava pelo meu corpo como tinta na água. Caí de costas no cascalho e ouvi as botas dos homens de Theodore esmagando as pedras enquanto corriam para me ajudar, mas um dos guardas de Nemea já estava diante de mim. Contive um grunhido de dor ao tentar me arrastar pelo cascalho, mas a aflição crescente em minha

barriga retardava meus movimentos.

Meu estômago se contraiu como se eu fosse vomitar quando uma dor ardente se espalhou por minha coxa. O guarda de Nemea ergueu-se acima de mim, sua espada fincada na lateral da minha perna, abrindo lentamente minha carne. Eu conseguia sentir a lâmina gelada dentro do meu músculo, rasgando-o.

Um dos homens de Theodore derrapou pelo cascalho até parar acima de mim, espalhando pedras com as botas. Ele se moveu depressa, arqueando a espada no ar e baixando-a sobre o braço estendido do guarda. Um som úmido e asqueroso veio acompanhado de um urro de agonia quando o braço do guarda foi arrancado na altura do cotovelo. Ele caiu por cima de mim com a espada que feriu minha perna ainda firme em seu punho cerrado, jorrando sangue escuro em meu robe de seda.

O restante dos homens de Theodore chegou até mim, aniquilando os guardas lentos com facilidade. Gemidos ecoaram pelo ar, assim como o som repugnante de aço dilacerando carne enquanto corpos iam ao chão. Então Theodore apareceu ao meu lado, me ajudando a ficar de pé.

A dor dentro de mim desapareceu em um piscar de olhos.

As mãos do rei passaram por meu cabelo, aninharam meu rosto gelado, seguraram meus ombros enquanto ele me examinava.

— Está tudo bem. Está tudo bem — repetia ele, como se falasse para si mesmo.

Ele franziu as sobrancelhas escuras, formando sulcos profundos em seu rosto, que estava suado e amedrontado. Theodore secou as lágrimas em minhas bochechas com dedos ásperos antes de se abaixar e rasgar o robe para dar uma olhada em minha perna.

— *Merda* — xingou ele. No instante seguinte, Theodore me pegou nos braços e correu em direção aos estábulos, falando perto do meu ouvido. — Consigo curar isso — prometeu. — Não vai restar nem mesmo uma cicatriz.

— Não estou nem aí para uma maldita cicatriz — retruquei, irritada com a mentira, enquanto ele me colocava em cima de um cavalo e subia logo atrás de mim. — Só quero que me tire desta montanha.

PARTE II

A SUPERFÍCIE

9

Eu não sonhava com frequência.

Quando isso acontecia, as imagens eram fugazes, fragmentadas, confusas. Era como se eu as visse do alto, através de uma cortina de nuvens.

Mas aquele sonho teve detalhes terrivelmente vívidos.

Eu sonhava com uma mulher sem rosto flutuando na superfície do mar, balançando ao ritmo das ondas agitadas. Ela estava nua, não tinha cabelos. No lugar dos olhos, tinha órbitas vazias e profundas. Alguma coisa nadava abaixo dela, bem lá embaixo, onde a luz do sol não alcançava. Era uma espécie de monstro enorme, com barriga flácida e garras afiadas, procurando alguma coisa nas profundezas com um apetite insaciável. Seus olhos eram opacos e cheios de veias, a pele era escorregadia e manchada por sinais de decomposição.

Mas seu coração batia forte, pulsando na água e no ar em um ritmo constante de desespero. *De desejo.*

Até que, finalmente, a coisa sorrateira se impulsionou para cima com avidez, sentindo o calor que emanava da mulher e desejando banquetear-se.

Logo antes da coisa alcançá-la, logo antes de eu despertar, percebi:

Eu era a mulher. Eu era a água. Eu era o monstro.

* * *

Meus olhos se abriram, ofuscados por uma luz âmbar. Eu não me mexi. Não conseguia. Meu corpo ainda parecia flutuar sobre as ondas, mas agora sentia uma dor tão forte que nem conseguia gemer.

Virei a cabeça sobre um travesseiro gelado. O sono ainda me abraçava como uma teia de aranha, mas consegui enxergar o cômodo amplo. Algumas lamparinas ornamentadas pendiam do teto, iluminando o espaço escuro. Tudo era dourado, as paredes, as vinhas intrincadas esculpidas nas colunas da cama, o divã. Apertei os olhos para enxergar a silhueta do outro lado do quarto. A figura era larga, mas esguia. De cabelo escuro e olhar mais escuro ainda.

Pisquei e a imagem do rei de Varya ganhou nitidez. Uma mecha de cabelo preto caía sobre sua testa franzida enquanto ele vasculhava uma caixa com pequenos frascos de vidro. Ao observá-lo, as lembranças vieram à tona. A dor estranha no meu estômago, que me fez cair de joelhos no chão de cascalho da montanha de Nemea. O movimento lento e doloroso da espada cortando minha perna. Theodore agarrando-se a mim enquanto descíamos a montanha em um cavalo roubado. A agitação me fez desmaiar e recuperar a consciência diversas vezes, mesmo assim eu me lembrava do poder reconfortante do rei fluindo por minha coxa ensanguentada, do timbre suave de sua voz em meu ouvido me dizendo para manter a postura ereta e segurar a sela.

A cama balançou e entendi... estávamos em um navio. Eu estava no mar. Conseguia sentir isso em meu corpo, apesar da dor, do sacolejar e de toda a madeira.

— Nós conseguimos — balbuciei. E logo depois: — Vou vomitar.

Agatha veio correndo até mim e colocou uma bacia vazia embaixo do meu queixo. Eu vomitei, tossi e depois estremeci com a dor que a sequência me causou. Mas bastou que Theodore se aproximasse com a caixa de remédios para que a náusea me deixasse em paz.

— É o vínculo de sangue que está fazendo você se sentir mal — explicou Agatha, preocupada, acariciando meus cabelos embaraçados. — Demora um tempo para estabilizar.

Toquei minha cabeça dolorida.

— Quanto tempo?

— Dois dias.

Lachlan e Agatha responderam ao mesmo tempo. Ele estava sentado na extremidade da mesa ao lado da qual Theodore estava em pé, afiando uma adaga com uma pedra de amolar. Era a primeira vez que eu conseguia ver o comandante direito. Ele era magro, mas imponente, de ombros largos, pele marrom-clara e cabelos castanhos cortados bem rente à cabeça. Os cantos da boca dele estavam curvados em um sorriso discreto e seus olhos tinham um brilho travesso.

Agatha, por outro lado, estava visivelmente aborrecida.

— Se você *tivesse* me contado que tinha selado um vínculo sagrado de sangue com o rei de Varya, eu teria avisado que você se sentiria mal e que não seria boa ideia se meter no meio de uma turba de guardas armados. Teria dito que vocês precisam ficar juntos até que o vínculo se estabilize. Mas, em vez disso, ninguém me disse nada e você quase morreu!

— Agatha — choraminguei —, já aprendi a lição. Da próxima vez que eu decidir me ligar a um rei por um vínculo e fugir para longe de casa, prometo contar todos os detalhes para você antes. Isso se você não estiver no meio de um encontro romântico, é claro.

Lachlan deu risada e Agatha lançou em sua direção um olhar que poderia tê-lo transformado em cinzas.

— Não se preocupe — disse ela, mais para Lachlan do que para mim. — Não vai acontecer de novo.

Ela se afastou da cama com as bochechas coradas, levando a bacia. Eu me senti culpada ao notar a tensão entre eles e me perguntei o que teria acontecido no curto período que passaram juntos depois de se reencontrarem.

Tentei me sentar para encontrar uma maneira discreta de perguntar a Agatha o que tinha acontecido, mas tudo o que consegui foi gemer de dor.

— Não se mexa. — A ordem de Theodore soou ríspida e zangada. — Vai fazer sua perna sangrar de novo. Ainda não sarou por completo.

Encontrei seu olhar glacial do outro lado da sala e me aquietei. Eu havia sentido gentileza, um cuidado dele comigo enquanto descíamos a montanha. O rei mantivera a mão em minhas costas, garantindo que eu permanecesse aquecida. Chegou a me olhar com algo parecido com compaixão quando fiquei com medo. Mas tudo aquilo tinha desaparecido. Ele estava circunspecto e inexpressivo como uma estátua de mármore.

Um som pesado e trovejante ecoou pela cabine.

— O que foi isso?

— Canhões — respondeu Lachlan, ocupado com a adaga. — Estão sendo preparados para o caso de Nemea decidir mandar seus navios atrás de nós, o que é muito provável, já que o capitão dele foi assassinado e sua protegida foi sequestrada no meio da noite.

O olhar sisudo e o tom de julgamento em sua voz deixaram evidente: eu não era benquista por Lachlan.

— Há também a possibilidade de você estar tentando tirar vantagem de Theo — continuou ele, sem parar de afiar a lâmina na pedra. — Ele sempre teve um fraco por donzelas em perigo.

Agatha se jogou no divã, apoiando a testa na mão.

— Lach, por que não cala a boca?

Theodore olhou para ele em julgamento, mas Lachlan apenas ergueu as sobrancelhas, sinalizando intenções inofensivas. O barulho da pedra contra a lâmina continuava.

— Tirar vantagem dele?

Era quase cômico pensar em alguém tão intimidador quanto o rei de Varya sendo a vítima em qualquer que fosse a situação.

Lachlan olhou para mim como se eu fosse uma idiota.

— Para virar rainha.

— Rainha? — repeti, atônita. — Mas o que... Não estou entendendo.

— Casamentos não são oficializados com vínculos de sangue em Seraf, Lach — interveio Theodore, com uma leve tensão na voz. — Ela não sabia.

— Casamento? — Lancei um olhar de Theodore para Lachlan e, por fim, para Agatha. — Estamos casados?

Theodore esfregou os olhos.

— Pode até ser — disse Lachlan, sem paciência. — Mas *você* sabia. Mesmo assim topou. Então agora, perante os olhos dos grandes deuses, você se casou com uma fugitiva pouco antes de conhecer sua noiva.

— Sua *o quê*?

Olhei de volta para Theodore, que corou e comprimiu os lábios em uma linha. Uma onda inexplicável de possessividade percorreu meu corpo como se fosse veneno. Eu não conseguia compreender o turbilhão de emoções dentro de mim, um ciúme irracional e ardente que se confundia com o impulso de defendê-lo de Lachlan.

— Dei minha palavra à Sua Majestade que faria a ruptura do nosso vínculo de sangue. Eu irei à Maga Vidente assim que pisarmos em solo variano.

O ar pareceu ficar pesado. Em um movimento lento, Agatha levantou a cabeça e Lachlan colocou a adaga sobre a mesa com um baque estrondoso.

— Você vai falar com a Maga Vidente? — perguntou Agatha, temerosa. — Para fazer a ruptura do vínculo?

Senti um calafrio ao ver o pavor estampado em seu rosto.

— Sim.

A voz de Agatha se reduziu quase a um sussurro, mas ela parecia pronta para confrontar o rei:

— Vossa Majestade, eu...

Lachlan ergueu a mão.

— Espere. — Ele lançou um olhar incrédulo para Theodore, seus lábios contraídos com a indignação. — Não está mesmo pensando em mandá-la para a Maga Vidente, está? Você não faria isso. A ruptura deve acontecer no palácio, em segurança.

O peito largo de Theodore subia e descia com a respiração cada vez mais

irregular, mas suas feições permaneceram serenas como sempre.

— A ruptura acontecerá na cabana da Maga Vidente.

— Não.

Agatha levantou-se do divã em um movimento tão súbito que recuei com um sobressalto. Ela se pôs de pé em uma postura valente e determinada. Seus cachos escuros formavam uma aura selvagem em torno de sua cabeça e seu vestido estava sujo de terra e rasgado em vários pontos.

— Isso está fora de cogitação — decretou ela.

Theodore estreitou os olhos.

— Muito cuidado com o que diz, Agatha.

— Peço perdão antecipadamente, Vossa Majestade, porque não pretendo recuar — disse ela. — Não pode mandá-la para lá. *Por favor*.

— Agatha... — O semblante de Lachlan se suavizou ao se aproximar dela.

Ele estendeu a mão, hesitante, mas Agatha se afastou.

— Não — esbravejou ela, categórica. Depois olhou em súplica para Lachlan, sua voz sufocada pelas lágrimas. — Ele não pode fazer isso. *Não pode*. Por favor, faça alguma coisa.

Eu nunca tinha visto Agatha naquele estado. Eu queria ir até ela, segurar sua mão, mas quando tentei me sentar, percebi que estava nua. Levei os lençóis até o queixo com um puxão brusco. Minha mente se encheu de perguntas e pensamentos tenebrosos sobre a Maga Vidente e o ritual de ruptura.

— Qual é o problema? — perguntei. — A Maga Vidente é perigosa?

Agatha olhou para mim como se não acreditasse na pergunta.

— Se ela é perigosa? — Ela virou-se para Theodore. — Você devia se envergonhar!

Theodore continuou imóvel e calado de um jeito assustador, mas Agatha continuou.

— Quando seu pai ordenou que Lachlan e eu rompêssemos nosso vínculo de sangue, ele nos mandou para a Maga Vidente com um pouco de comida, dois cavalos e mais nada. Eu quase morri naquela cabana. — A lembrança parecia opressiva. Seus ombros se curvaram e sua voz ficou embargada. — A poção de ruptura... deixa o sangue preto, faz com que saia pelo nariz, olhos e boca. A dor do momento em que é feito o vínculo não é nada comparada à dor da ruptura. Lachlan teve que ficar de braços cruzados por dias enquanto eu perdia sangue em um colchão imundo. Não havia nem um curandeiro sequer e a Maga Vidente não fazia nada além de vagar envolta em sua fumaça pútrida.

Um silêncio tenso caiu sobre eles. Até que Theodore falou em tom cortante:

— Eu não sou meu pai. — Ele fez uma pausa. Respirou fundo. — Eu sei que a Maga Vidente é terrível. Por isso a lady Imogen irá acompanhada por um grupo de guardas e um curandeiro do palácio.

— Mande alguém para buscar a poção. Eu imploro — disse Agatha, com lágrimas escorrendo pelo rosto. — Peça para que levem a poção de ruptura até o palácio. Permita que ela passe pelo ritual sob seus cuidados. Você é o curandeiro mais poderoso de toda Leucosia.

Theodore se retraiu e voltou a atenção para os frascos na mesa à sua frente.

— Não posso fazer isso.

Agatha ficou boquiaberta, chorando copiosamente.

— *Não pode?*

Tive a impressão de estar afundando, como se as novas algemas que eu colocara ao me ajoelhar diante do rei de Varya estivessem se apertando, cortando minha carne, me puxando para baixo.

Os olhos de Lachlan ardiam em fúria.

— Theo, acho que...

— Saiam. Vocês dois. — A ordem caiu sobre eles como uma espada. — Imediatamente.

Agatha recuou como se tivesse levado uma bofetada no rosto, depois virou as costas e saiu, tomada pela raiva. Lachlan se demorou um pouco mais, olhando para Theodore com ar de reprovação.

— Pensei que você, entre todas as pessoas, faria escolhas melhores. Em todos os aspectos.

Pisando duro, ele saiu da cabine e bateu a porta atrás de si. Theodore não disse nada, apenas limitou-se a apertar o dorso do nariz. Um momento mais tarde, buscou dois frascos que estavam sobre a mesa e se aproximou da cama. Depois tirou a tampa de um deles com os dentes e a cuspiu no chão.

— Beba isso.

Eu queria estar de pé e vestida em vez de deitada na cama dele, mesmo assim reuni toda a reprimenda que consegui ao dizer:

— Você foi muito cruel.

— Foi preciso. — Ele estendeu o pequeno frasco para mim. — Beba.

Senti uma onda de raiva. Segurando os lençóis com firmeza, eu me sentei desajeitadamente. O movimento provocou uma dor aguda em minha coxa e senti algo líquido e quente em minha pele.

— Não vou beber — declarei, ignorando o frasco. — Você me enganou. Por que não me disse que romper nosso vínculo poderia me matar?

Ele passou a mão pelos cabelos ondulados.

— Eu não enganei ninguém. Você não entende a complexidade... — Ele tentou moderar a própria fala, mas não conseguiu. — Pelo amor dos deuses! Você me obrigou a tomar decisões arriscadas, a fazer coisas que nunca pensei que faria, e mesmo assim consegue dar um jeito de me fazer sair como o vilão.

— Eu não obriguei você a fazer nada! Você concordou.

— Acha mesmo que eu tive escolha quando você invadiu meu quarto ensopada e com aquelas asas... — Theodore se interrompeu, fazendo uma careta. Quando voltou a olhar para mim, estremeceu. — Você está sangrando. Vou pedir mais uma vez que beba isso e me deixe fechar direito a ferida na sua perna. Podemos gritar um com o outro depois.

A mancha vívida no lençol cresceu rapidamente, mas minha ira também. Olhei para o pequeno frasco em sua mão e falei, cerrando os dentes:

— O que é isso?

— Nepente — respondeu ele com serenidade. Fiquei ainda mais irritada por ele soar tão comedido. — Vai aliviar a dor.

Nepente de fato aplacava a dor do corpo, mas também debilitava as faculdades mentais. O máximo que eu já tomara de uma vez tinha sido algumas gotas no chá. Imaginei que um frasco inteiro fosse bastar para me apagar por pelo menos metade de um dia, me fazendo mergulhar em um sono cheio de sonhos.

— Não preciso de nepente. Pode cuidar da minha perna.

Theodore olhou para mim como se eu tivesse perdido o juízo, mas se ajoelhou na beirada da cama e aguardou enquanto eu me contorcia para afastar os cobertores da perna. Mesmo o curto movimento me fez gemer de dor. A lateral da minha coxa parecia um pedaço de carne ensanguentado e apenas uma fina camada de pele, que deduzi ser obra de Theodore, impedia que o sangramento fosse ainda pior.

— Fique com isso. — Ele colocou o frasco de nepente na minha mão. — Você vai mudar de ideia.

O rei pousou uma das mãos sobre meu joelho com um toque hesitante, mas terno. Ele engoliu em seco, os olhos fixos em minha coxa, que estava exposta até a curva do meu quadril. Então ficou ali parado, em silêncio. Dei um soco no colchão.

— Pelo amor dos deuses! Está esperando o quê?

Ele abriu a boca e voltou a fechá-la antes de enfim falar.

— Posso tocar você?

— Você já está me tocando.

— Preciso tocar aqui.

O corte era grande, curvando-se por minha perna até quase chegar à parte inferior da minha nádega.

— Ah, tenha dó! *Sim*. Pode me tocar.

Nossos olhares se cruzaram em um momento de tensão. Raiva e preocupação e irritação pairavam entre nós até que, finalmente, Theodore pegou a carne do meu quadril com tanta firmeza que arfei sem querer. Ele não estava me machucando, mas seu toque era fervoroso, frustrado e inexplicavelmente afetuoso ao mesmo tempo. Deixei escapar um suspiro pesado quando sua mão deslizou pelo meu quadril até o começo do corte, deixando um rastro de pelos arrepiados onde havia me tocado.

— É sua última chance — avisou ele, olhando para mim.

— Ande logo.

Sem mais delongas, Theodore puxou a aba de pele e fechou o corte com um movimento habilidoso enquanto suas mãos ganhavam temperatura. Gritei e no mesmo instante tomei todo o nepente do frasco com um único gole.

— Foi o que pensei — murmurou ele.

O toque ficava cada vez mais quente, e apertei os olhos com força à medida que o nepente se espalhava em meu organismo. Minha dor foi passando até que tudo o que eu conseguia sentir era o poder de Theodore e a pressão de seus dedos. Minha raiva também pareceu se neutralizar.

— Você vai comigo — falei de maneira estranha. Não era uma pergunta nem uma ordem, mas uma terceira coisa, algo provocado pela ingestão do nepente. — Até a Maga Vidente.

Ele parou de mover as mãos.

— Eu já disse que não posso.

— Por causa de sua querida noiva — disparei.

Os olhos perspicazes do rei encontraram os meus e, por um instante, temi ter deixado transparecer na voz meu desejo absurdo de guardá-lo para mim como um tesouro que eu jamais poderia reivindicar.

— Sim — respondeu ele, pisando em ovos. — Quando chegarmos a Varya, devo imediatamente ir ao encontro da imperatriz de Obelia e de sua filha, com quem me casarei. — Ele voltou a apertar a carne em minha perna e uma nova onda de calor tocou a pele em cicatrização. — Por isso não posso ir com você.

Eu me apoiei em um cotovelo e franzi a testa.

— E por que é que não pode mandar um cavaleiro buscar a poção?

Ele não tirou os olhos do ferimento.

— Porque não está indo apenas para a ruptura do vínculo. É para receber uma profecia também.

Olhei fixamente para o rei. Minha mente estava confusa com suas palavras, suas ordens, com tudo o que ele não estava dizendo. Eu sentia raiva e medo, mas ainda assim não consegui deixar de reparar que Theodore era dolorosamente bonito. *Droga de nepente.* Apertei os olhos.

— Uma profecia. — As palavras saíram arrastadas. — Essa é sua terceira condição?

— Não exatamente.

— Então não preciso fazer isso.

— Precisa, sim.

Ele se levantou contrariado e foi até uma bacia próxima à cama, na qual lavou as mãos. Depois molhou e torceu um pano e o levou até minha perna já curada para limpar as manchas grossas de sangue.

— Primeiro porque sou seu rei e você jurou lealdade a mim — continuou Theodore. — E porque a terceira condição, com a qual você já concordou, depende da profecia.

Estendi o braço e agarrei seu antebraço com firmeza. Puxei-o para mim, tão perto que conseguia sentir sua respiração em minha bochecha.

— Eu sei que não se comprometeu comigo graças à bondade e pureza de seu coração de rei. Você fez isso porque eu tenho algo de que precisa. Algo, imagino, que não pode conseguir de nenhuma outra forma. — Minhas palavras saíam levemente embaralhadas, mas meu tom de voz era mordaz. — Não vou continuar vivendo para honrar os caprichos de um rei que só quer me usar. Jurei lealdade a você, sim, mas quebrar esse juramento pouco me custaria. Posso muito bem deixar este reino enquanto meu sangue ainda corre em suas veias. Se me tratar como uma criada do palácio, obrigada a estar sempre à sua disposição, farei questão de transformar nosso vínculo em um tormento. Você vai passar o resto da vida torturando-se de preocupação com meu bem-estar até que a velhice o consuma. Se deseja a ruptura do vínculo, se quer que eu receba uma profecia para poder cumprir sua condição final, muito bem, que assim seja. Mas tenho algumas condições primeiro.

Theodore nem sequer piscou. Tive a impressão de que ele nem mesmo estava respirando. Seu rosto bonito permaneceu indecifrável até que a boca dele se escancarou em uma expressão de ultraje. Suspeitei que aquela fosse a primeira vez que alguém se dirigia a ele daquela forma. Pensei que ele fosse me

repreender, mas seu olhar confuso simplesmente pousou sobre meus lábios. Ele respirou uma vez. Duas. Três. Então se soltou da minha mão com um puxão brusco.

— Mais tarde. — Sua voz era tensa. — Quando você não estiver sob efeito do nepente, nós podemos... — Ele flexionou a mandíbula. — Negociar.

O rei foi até uma cômoda embutida, pegou uma camisa de pijama branca e a atirou sobre minha perna já curada, agora com nada além de uma fina linha de pele nova e mais clara. Taciturno, ele foi de lamparina em lamparina diminuindo a intensidade da luz.

— Uma regra: caso acorde antes de mim, não tem permissão para sair desta cabine sem a minha companhia.

Ele foi até a porta e passou a chave, depois a guardou no bolso da calça. Meu coração batia forte e a névoa em minha mente parecia se adensar enquanto eu observava a silhueta de seu corpo forte se acomodando no divã.

— Boa noite, lady Imogen.

Coloquei a camisola antes de cair de novo sobre os travesseiros. O sono me chamava, mas eu não conseguia deixar de imaginar que era a mão com garras e de pele escorregadia do monstro do meu sonho. Tive a sensação de que ele se contorcia na água lá embaixo, de que eu podia ouvir seu coração estrondoso em meus ouvidos. Ainda assim, apesar de todos os meus esforços, meus olhos não permaneciam abertos. Um soluço de terror preencheu minha mente quando eu enfim mergulhei nas trevas da madrugada.

10

O vestido azul-cobalto pendurado aos pés da cama era feito da melhor seda que eu já tinha visto. Cheirava a armário e o amarrotado da saia revelava que ficara esquecido em algum canto por um bom tempo, mas não havia dúvida de que se tratava de uma peça cara. Eu estava passando os dedos pelos bordados do corpete quando meu olhar foi atraído pelo anel de noivado.

A pedra grande e rara reluzia. Talvez me rendesse dinheiro suficiente para começar uma nova vida, com roupas novas, em uma pequena casa. Os vestidos e a boa vontade que o rei me concedia muito em breve se esgotariam.

Apertei os laços do vestido sobre a barriga e os amarrei em um laço abaixo do decote cavado. Me servia perfeitamente e, por alguma razão, não achei estranho que Theodore tivesse previsto isso.

— Aquele infeliz... — murmurei, sem saber ao certo se xingava Theodore e sua escolha impecável ou Nemea e a tortura em forma de vestido que ele me obrigara a usar.

Aborrecida, sacudi o vestido amassado e engoli a saliva que se acumulara em minha boca. Eu tinha despertado de um sono cheio de pesadelos, morrendo de náusea. E, a julgar pela luz que entrava pelas janelas, tinha sido um sono longo também.

Os minutos se passaram e só consegui beliscar pedacinhos de maçã enquanto andava em círculos. Acabei indo ao lavabo para vomitar o pouco que eu tinha no estômago e depois fui até a porta da cabine torcendo para que Theodore voltasse e me trouxesse um pouco de alívio.

A luz dourada começou a se intensificar e fiquei em pé diante da janela, olhando as ondas do mar cintilarem e se quebrarem. A espuma assombrava os picos das ondas, aparecendo e desaparecendo, depois aparecendo mais uma vez. Era muito impressionante e me perguntei se deveria amar aquela cena ou temê-la, se deveria reconhecer algo de mim mesma naquela mutabilidade, naquele ímpeto contínuo e turbulento, na impossibilidade de saber o que realmente habitava suas profundezas. Esses pensamentos ficaram em segundo

plano quando tive mais uma onda de ânsia de vômito.

— Moralista babaca — resmunguei, limpando a boca. — Pelo menos você também está passando mal, onde quer que esteja.

Fui até a porta com certa dificuldade e tentei girar a maçaneta. Trancada. Afastei a cortina de veludo verde que caía pesadamente sobre o vidro da porta e fiquei sem reação.

Havia um vitral de um Sirena representada acima de uma costa rochosa e de um navio coberto por vegetação. Não havia nada de sinistro em sua imagem. Pelo contrário, ela parecia ter sido... venerada. Suas asas pretas estavam abertas e raios de sol em vidro amarelo brilhavam sobre ela. Em comparação, o navio abaixo parecia pequeno, ofuscado.

Fiquei ali por um longo momento, pensativa, antes de finalmente bater na madeira.

— Quero sair.

Algo se mexeu do outro lado do vitral. Um clique na fechadura. A porta se abriu e Lachlan apareceu. Ele parecia ainda mais alto do que antes e havia resquícios de uma barba por fazer em seu rosto. Eu me deparei com seus olhos esverdeados, meio cor de mel, sempre tão desconfiados.

— Argh.

Lachlan arqueou uma sobrancelha.

— Eu também não estou pulando de alegria em estar aqui, mas fazer o quê, não é?

— Onde está o rei?

— Trabalhando.

Olhei para trás, para a mesa cheia de papéis encostada na parede do outro lado da cama. Depois, para a longa mesa lustrosa onde havia duas bandejas de comida, o café da manhã e o almoço que tinham deixado enquanto eu dormia.

— Por que ele não está trabalhando daqui?

O comandante deu de ombros.

— Theo gosta de privacidade.

— Por favor — implorei. — Preciso que esse enjoo passe. Por favor, vá chamá-lo.

Lachlan se limitou a continuar me encarando. Ficou nítido que ele não atenderia ao pedido.

— Espero que ele esteja virando do avesso de tanto vomitar — disparei, morrendo de raiva. — Agatha, então. Onde ela está?

A expressão de Lachlan mudou completamente. Seus ombros caíram e ele

soltou um longo suspiro.

— Ela se trancou na cabine.

Estreitei os olhos.

— O que foi que você fez?

— Tem certeza de que não foi você? Depois de um assassinato, uma quase morte e uma fuga com o rei? — Ele contou meus pecados nos dedos.

Nos demoramos em silêncio, olhando um para o outro.

— Tudo bem. — Cruzei os braços sobre o peito. — Reconheço que provavelmente tive minha parcela de culpa em deixá-la nervosa, mas tem que me contar o que está acontecendo entre vocês dois.

— Não tem nada acontecendo.

— Mentira — rebati.

Senti um espasmo em meus músculos abdominais e tive que sair correndo para o lavabo. Vomitei até minhas costelas doerem, gemendo com o incômodo.

Eu estava limpando a boca com a toalha quando ouvi a porta sendo aberta, depois fechada e trancada. Lachlan entrou, foi até o divã e desabou sobre as almofadas, colocando os pés para cima.

— Não é mentira. Não tem nada acontecendo entre nós, por mais que eu desejasse o contrário.

— Mas ontem à noite vocês dois obviamente estiveram trocando beijos, para dizer o mínimo.

— De fato. — Ele massageou a testa como se estivesse com dor de cabeça. — Mas Agatha também estava brigando comigo por escrever para ela com tanta frequência, embora nunca tenha deixado de responder. Aparentemente, não permiti que ela "seguisse em frente" e nós dois "não damos mais certo". Mas ontem à noite isso certamente não pareceu verdade. Não tenho ideia do que fazer.

— Bom, parece que estamos na mesma.

Senti uma onda de náusea e tive que cobrir a boca com a mão.

Lachlan bufou, olhando para mim com pena.

— Já estão quase completando um dia inteiro de vínculo. Falta só mais um dia.

— Não me considero uma mulher maldosa. — Fui até a prateleira em que estava a caixa de frascos de vidro à procura de qualquer coisa que pudesse me trazer algum alívio. — Mas espero que o rei esteja botando o estômago para fora neste exato momento.

— Mentira — alfinetou Lachlan. — Sei muito bem que vocês dois estão

preocupados um com o outro e que a única razão pela qual ele não está aqui é porque os contratos que precisa analisar estão dando mais trabalho do que você.

Os vidros tilintavam enquanto eu os erguia um após o outro para ler os rótulos.

— Contratos! Nada de planos de guerra ou coisas confidenciais? Por que diabos ele não está fazendo isso aqui?

— São contratos de casamento.

Senti uma ferroada de ciúme e, por reflexo, fechei a mão com força em torno de um frasco.

— Por que eu me importaria com os contratos de casamento dele?

Lachlan abriu um sorriso sugestivo.

— E não se importa?

O silêncio se prolongou por um longo momento, até que cedi.

— Sim. Eu me importo — admiti, aflita. — Mas não consigo entender o porquê.

— É o vínculo. — Ele ergueu o olhar melancólico para o teto. — Faz *você* acreditar que é a pessoa mais adequada para cuidar dele, para garantir que ele não se machuque. A ideia de vê-lo se casar com outra pessoa deve estar acabando com você.

— Não consigo imaginar uma razão para que alguém *queira* selar um vínculo de sangue por livre e espontânea vontade. — Senti que ia vomitar de novo e coloquei a mão na barriga, rezando para que passasse. — Não consigo pensar em um acordo mais sofrível. Parece que levei uma surra. Depois de ser atropelada.

Lachlan se levantou e foi até um pequeno armário na parede dourada, no qual pegou uma garrafa de cristal e um copo, em seguida serviu uma dose generosa de uma bebida alcoólica cor de mel.

— É formidável quando a outra pessoa é alguém que você ama. Ou alguém com quem você consegue minimamente dividir o mesmo cômodo.

Os olhos do comandante se iluminaram. Não com nostalgia, mas com divertimento. Era charmoso e irritante ao mesmo tempo. Eu entendia perfeitamente o conflito interno de Agatha em relação a alguém como ele. Lachlan ergueu o copo como se fosse fazer um brinde.

— Mas nenhum dos dois parece ser o caso de vocês. Uma pena.

— Aposto que está contente com isso.

— Não. — Ele voltou para o divã. — Mas confesso que estou entretido. Theodore é tão... bom. Ele passou os últimos anos seguindo todas as regras

possíveis, da hora em que acordava até a hora em que ia dormir. É um pouco divertido vê-lo tão atarantado. — Lachlan olhou para mim. — Apesar dos pesares.

— Lógico.

Desisti dos frascos, já que a maioria tinha nepente e eu não queria voltar a dormir. Lachlan me olhou por cima do ombro quando marchei até o armário de onde ele pegara a bebida.

— Tem certeza de que isso é boa ideia?

— Talvez sirva para me acalmar — respondi, me servindo uma dose.

— Ou causar mais náusea.

— Mais? Impossível. — Tomei um longo gole e encontrei o olhar de Lachlan. — Você disse que o rei vem seguindo as regras "nos últimos anos". E antes disso?

— Boa tentativa. — Ele riu. O som foi caloroso e relaxado e, apesar de tudo, sorri. Eu gostava dele. Me pareceu um bom par para Agatha. — Mas não vou contar nenhum detalhe particular sobre ele.

Dei a volta e me sentei na mesinha de frente para o divã, virada para Lachlan.

— Posso ajudar você com Agatha.

Ele ficou imóvel feito pedra, mas seu olhar denunciou o interesse.

— Por favor — continuei, desesperada. — Parece impossível encontrar uma rachadura nele. Não consigo acreditar que Theodore vai ser justo comigo se eu não encontrar alguma coisa, qualquer detalhe, que possa fazê-lo descer do pedestal.

Lachlan se acomodou, me observando atentamente por cima da borda do copo. Ele tamborilou os dedos no cristal.

— Tudo bem.

— Tudo bem? Você concorda?

— Sim. Você parece não enxergar o quanto já o tirou do prumo, mas de fato preciso de ajuda com Agatha.

Endireitei a postura e olhei no fundo dos olhos do comandante.

— Você realmente acha que planejei tudo, não é? Acha que manipulei o rei.

Lachlan deu de ombros.

— Ele disse que apareceu na cama dele, no escuro, seminua. Você foi, no mínimo, *muito* persuasiva.

Fiquei encarando-o sem me dignar a responder até que ele me deu um sorriso dócil e continuou:

— Tudo bem, eu verdadeiramente acredito que ele concordou com o vínculo. Mas ouça bem: não quero fazer nada que possa prejudicá-lo. Amo Theodore como um irmão, então nem pense nisso.

Os olhos dele passearam pelo ambiente, parecendo ponderar qual informação compartilharia comigo, até que se acenderam quando alcançaram o vestido azul que eu estava usando.

— Já sei. — Lachlan apoiou os cotovelos nos joelhos, e eu me inclinei para mais perto. — Pouco tempo depois de se tornar rei, a mais ou menos seis anos atrás, Theo pegou este navio e o transformou por alguns anos em um cruzeiro de prazeres... um tanto quanto sórdidos. Ele trazia rapazes da corte, mulheres bonitas, seus melhores vinhos e navegava do pôr do sol ao amanhecer. — Ele apontou para o meu vestido. — Essa roupa é dessa época. Alguém deixou aqui. Não faço ideia do que a pobre mulher estava vestindo quando foi embora do navio.

Dei uma olhada para a seda azul.

— *Um tanto quanto sórdido!* É só isso? Não é nada devasso ou asqueroso. Ele não tinha dezenove ou vinte anos? É um comportamento perfeitamente normal para um jovem rei. Vou fazer o que com essa informação?

O comandante sorriu.

— Para ele, é motivo de grande desonra. Theodore enxerga essa fase como uma vergonha, um desperdício imperdoável dos recursos da coroa. Passou os anos seguintes tentando reparar a impressão que julga ter causado no chanceler. Pela forma como se refere a isso, parece até que assassinou um homem inocente com as próprias mãos.

Tomei um gole da bebida.

— Ele realmente é movido pelo dever.

— Sim — confirmou Lachlan com um aceno curto de cabeça. — Agora, quanto a Agatha, diga a ela que não faço nada além de pensar nela desde a última vez em que a vi e que, se ela tivesse permitido, eu teria ido a Seraf para levá-la comigo sem pensar duas vezes.

— Ela disse para você não fazer isso?

Ele assentiu e disse:

— Suspeito que a recusa dela em ir embora tenha algo a ver com você.

— Ah. — Senti a acusação e o toque de ressentimento nela. Inclinei a cabeça. — Mas é verdade? Que não fez nada além de pensar nela por quase vinte anos?

Lachlan tomou o resto da bebida e comprimiu os lábios. Quando voltou a

falar, fiquei surpresa com a sinceridade em suas palavras.

— Tive muitos amores ao longo dos anos, mulheres e homens, gente interessante e de grande beleza. Todos muito melhores do que eu jamais poderia merecer. Mas basta uma carta de Agatha para que eu me sinta vivo e cheio de esperança, paz e euforia de uma forma que nunca nem sequer cheguei perto de sentir com nenhum deles.

O sorriso genuíno dele me fez sorrir também.

— Vou dizer isso a ela.

Lachlan balançou a cabeça.

— Não, por favor. Conte só a primeira parte.

— Vou pular a parte sobre os outros amores.

Ele hesitou, coçou a barba por fazer e finalmente assentiu.

— Você melhorou do enjoo — observou o comandante pouco depois.

Olhei para o copo que eu tinha em mãos e levantei as sobrancelhas, acreditando ter encontrado meu remédio. De repente, a porta da cabine se abriu e Theodore entrou.

Endireitei a postura. O rei estava pálido, com sulcos profundos entre suas sobrancelhas. Ele ficou parado à porta, segurando uma grossa pasta de couro.

— Parece que serviu — disse ele em tom estranhamente desprovido de emoções ao avistar o vestido.

— Pois é. Gostou? — Balancei a saia e acrescentei com contentamento exagerado: — Que bom que você o guardou aqui no navio por todos esses anos.

O semblante de Theodore se endureceu e suas bochechas pálidas ficaram subitamente coradas.

— O que disse? — perguntou ele, lançando um olhar afiado que foi de Lachlan para mim.

Lachlan arregalou os olhos com a reação do rei.

— Boa sorte — sussurrou, levantando-se. Em seguida, parou diante da porta ainda aberta e disse: — Se me permitem a sugestão, um abraço entre vocês iria bem. Vínculos de sangue se beneficiam muito de certa proximidade, principalmente nessa fase inicial.

O comandante tentou parecer sério, mas era impossível não notar a gozação em sua voz. Para sua sorte, Lachlan fechou a porta antes que eu tivesse a chance de arremessar meu copo nele.

Sentindo uma pontada de culpa por ter envergonhado Theodore, deixei o copo na mesa. Talvez eu pudesse usar meu charme para cair na graça dele.

Quando me levantei, cambaleei levemente para o lado graças à bebida

tomada de estômago vazio, mas me posicionei diante de Theodore de queixo erguido. Ainda que eu não tivesse bebido nada, o mundo ao meu redor oscilaria mesmo assim. O rei de Varya causava isso sem nem mesmo perceber. Ele parecia roubar todo o ar à sua volta, parecia fazer o chão sólido praticamente se vergar sob meus pés. Eu sentia quase uma dor física ao observá-lo, ao contemplar sua beleza e autoridade severa. Me dava vontade de sair correndo.

Como não podia fazer isso, sorri abertamente e, com um gesto de cabeça em direção à pasta que ele trazia, perguntei:

— O que é isso? Vai precisar da minha assinatura em algum documento oficial quando finalmente revelar a terceira condição?

Ele grunhiu.

— Não é má ideia, mas não. — O rei olhou para a pasta e uma mecha de cabelo escuro caiu sobre sua testa. — São os contratos que a imperatriz de Obelia enviou com as cláusulas para que eu me case com sua filha.

— Ah.

Dei a volta no divã para ficar mais perto e soltei um suspiro quando o aperto em meu peito se aliviou com nossa proximidade. O rei olhava para mim com uma intensidade desconcertante.

— Está... animado? — perguntei. — Para conhecer sua noiva?

Eu me arrependi da pergunta no mesmo instante. Ele refletiu por um momento.

— Para ser sincero, não — disse ele, relutante e comedido. — Mas não é preciso. O casamento serve aos interesses do meu reino e honra as obrigações que me foram impostas.

Franzi a testa.

— E se ela for uma chata?

Theodore deu de ombros como se nem sequer tivesse considerado a possibilidade. Eu invejava um pouco a natureza de sua abnegação e dedicação extrema, mas, ao mesmo tempo, sentia pena dele por isso.

— Já viu um retrato dela, pelo menos?

— Já.

Eu não estava mais sorrindo. Fiquei em silêncio, esperando em vão que ele dissesse alguma coisa.

— Bom... — continuei, por fim, ajustando meu tom de voz para parecer despreocupada, apesar do aperto que sentia no peito. — Caso decida desistir de suas responsabilidades, tenho algumas dicas sobre como fugir de um casamento indesejado.

Ele balançou a cabeça e foi até a mesa para deixar os contratos. Mas, ao fazer isso, sorriu. Um sorriso genuíno que alcançou seus olhos verdes e formou uma covinha na bochecha. Seus dentes eram brancos e retos, e eu me peguei encarando-o como se estivesse hipnotizada.

— É algo tão difícil assim de se imaginar? — perguntou Theodore, guardando a pasta dentro de uma caixa de madeira polida que depois trancou com uma chave prateada. — Cumprir o próprio dever e sentir satisfação com isso? Não preciso de uma esposa agradável ou bonita. Não preciso que sejamos próximos. Nada disso beneficia meu reino.

— E você é o seu reinado, por acaso? Não existe nada que considere necessário para você, mas não para o reino?

Ele se sentou na beirada da mesa e cruzou os braços, olhando para mim com aquela expressão indecifrável de dar nos nervos.

— Como o quê, milady?

— Como...

Como paixão e alegria e parceria. Mas não consegui externar meus pensamentos. Minha mente pareceu se derreter com a atenção dele.

Chacoalhei a cabeça e agarrei a saia amarrotada do vestido.

— Você não me respondeu — disse, fingindo inocência. — Não gostou do meu vestido?

O rei me olhou e seus lábios se curvaram sem alegria, então me analisou da cabeça aos pés muito, muito lentamente. Prendi a respiração enquanto seus olhos verdes me percorriam.

— Está muito bonita. — Sua voz transparecia admiração, mas por alguma razão aquilo não soou como um elogio.

Mordi a bochecha por dentro, incomodada com a sensação de vulnerabilidade que ele provocava em mim.

— Não sei se está falando sério.

— Eu sempre falo sério, milady. Mas parece não entender o significado de minhas palavras. — Ele descruzou os braços fortes e segurou a borda da mesa em que estava sentado. — Você *é* linda e encantadora. Se as circunstâncias fossem diferentes, eu provavelmente desfrutaria de uma refeição ao seu lado, divertindo-me com sua sagacidade, mas, diante de nossa conjuntura, sua beleza e seu charme são como uma mosca incômoda zumbindo ao redor: distrativa e irrelevante. Suas virtudes de nada me servem em comparação ao seu propósito e seu poder.

O silêncio entre nós pareceu se contorcer, refletindo o que eu estava

sentindo por dentro. Eu me mantive completamente imóvel. Não queria dar a ele o gostinho de me diminuir e deixá-lo perceber que me afetava quando o problema era justamente o ego dele.

— Meu propósito e meu poder — repeti em tom cortante. — E quais são?

O rosto dele transpareceu um vestígio de emoção pela primeira vez, mas, para minha frustração, não consegui identificá-la. Theodore permitiu que eu tivesse um vislumbre de alguma tensão. Respirou fundo e soltou o ar devagar.

— Seu propósito, a razão pela qual concordei em selar o vínculo, é me ajudar a encontrar e matar a divindade da água do rei Nemea, Eusia. E seu poder é o que me faz acreditar que isso é possível. Seu canto silencioso. Este é um poder dos deuses, que vai além do que uma Sirena comum consegue fazer.

Fiquei petrificada.

— Poder dos deuses... — Senti que estava ficando zonza e respirei fundo. — Não. Você... não...

Aquele tom mordaz desapareceu e, de repente, ele começou a falar como se estivesse se dirigindo a uma criatura acuada prestes a explodir em um ataque de fúria.

— Creio que você seja a filha da grande deusa Ligeia.

Minha mente foi invadida a toda velocidade por fragmentos de lembranças. Theodore dizendo que *me conhecia*. A estátua da grande deusa na sala de rituais de Nemea e seu rosto destruído. Tive que me apoiar no encosto do divã.

Eu já tinha dado minha palavra, era meu dever de sangue honrá-la. Só não imaginava que provavelmente morreria com isso.

— Não é possível — balbuciei.

A náusea causada pelo nosso vínculo recém-formado tinha passado, mesmo assim eu me sentia mal.

— Você tem o rosto dela.

Balancei a cabeça.

— É por isso... que me olha assim, não é?

Eu precisava de ar. Precisava sair dali. Sentindo os joelhos bambearem, disparei em direção à porta destrancada e saí correndo para o convés do navio.

Havia marinheiros por todos os lados e meus pés golpeavam as tábuas úmidas enquanto eu me esgueirava entre a tripulação. O céu já estava vermelho-vivo e o vento salgado chicoteava minhas bochechas quentes. A névoa do mar caía sobre mim como a mais delicada das chuvas, deixando minha pele brilhante e umedecendo o vestido emprestado.

Atrás de mim, a voz de Theodore ressoou, retumbante:

— Todos para o convés inferior. Imediatamente.

Não ouvi mais nada além do som das botas da tripulação enquanto os homens se deslocavam para cumprir a ordem. O capitão do navio reforçou as palavras do rei, apressando os marinheiros. Mas não prestei atenção.

Me inclinei sobre a grade do navio sem tirar os olhos da água. Embora eu sentisse medo, embora temesse o monstro em que aquilo poderia me transformar, eu preferia o mistério ao fardo que Theodore impunha a mim.

Ele se aproximou a passos lentos.

— Lady Imogen...

— Seu canalha — vociferei, virando-me para ele. — Você é ardiloso, egoísta. Você... Essa é só uma forma de me usar, de me manipular.

O vento sacudia seus cabelos escuros e agitava sua camisa preta.

— Não, não é. Mas é por isso que preciso que você receba a profecia da Maga Vidente — explicou ele, suave, impassível. — Assim vai saber a verdade.

— Que diferença faz para você se acredito nisso ou não? — Cerrei as mãos, agarrando o vestido que já estava molhado. — Eu tenho um poder... Um poder que não consigo controlar nem um pouco, por sinal. Por que não simplesmente me obriga a usá-lo sem precisar que uma profecia prove que está certo?

Ele me lançou um olhar desgostoso.

— Eu não quero forçá-la a...

— Quanta *bondade* da sua parte. Obrigada, Vossa Majestade. — Soltei uma risada desvairada. — Espera que *eu* saia por aí caçando uma divindade poderosa em nome de um dever divino que diz ser meu. — Minha ira tinha saído de controle e queimava de dentro para fora. — O que poderia ser mais gratificante do que isso? Quem não gostaria de morrer como um herói a serviço de seu rei? A última coisa que quero é ser como você — vociferei, apontando para o peito dele com o dedo em riste —, sempre se anulando por outras pessoas e chamando isso de nobreza.

Ele ficou imóvel, olhando fixamente para mim. Os únicos sons eram o do vento soprando nas velas e o do mar batendo no casco. A sensação de aperto ressurgiu em meu peito, bem lá no fundo, e desejei poder tirá-la com as mãos. Theodore e eu ficamos ali, parados um diante do outro, separados por um abismo que parecia intransponível.

Não me dei ao trabalho de tentar conter as lágrimas que começavam a rolar pelo meu rosto. Theodore parecia estar... perdido. De mãos atadas. Ele piscava sem parar, abrindo e fechando a boca sem dizer nada.

— Qual é o seu problema? — perguntei, cuspindo as palavras.

— Eu... eu não sei o que fazer com você.

Esfreguei a mão no rosto, afastando o cabelo molhado que estava grudado em minha bochecha.

— Sabe, sim. Está me obrigando a ir ao encontro da minha própria morte...

— Não, eu... — Ele cobriu o rosto com as mãos por um instante. — Eu estou falando deste momento. Com você tão... emotiva... diante de mim.

Olhei para o horizonte em direção ao sol vermelho que se punha. Tentei manter a expressão neutra e respirar com calma. O navio balançava e eu sabia que a tripulação precisaria voltar a postos em pouco tempo para nos manter no rumo certo. Respirei fundo uma última vez, enchendo os pulmões de ar salgado.

— Só mais um dia e o vínculo terá se estabilizado e nós dois vamos poder dar um tempo um do outro. — Eu tinha o olhar fixo no último vestígio do dia. Sem olhar para Theodore, me virei para voltar para a cabine.

Ele me segurou pelo punho, sua mão quente. Olhei para o ponto em que nossa pele se tocava, depois para os olhos do rei, que me atravessavam com uma expressão insondável.

— Um abraço.

— *O que disse?*

Ele puxou meu braço, forçando-me a dar um passo à frente.

— Lachlan disse que um abraço, proximidade, poderia ajudar a amenizar as coisas.

Se ele não estivesse tão sério e se eu não tivesse visto uma vermelhidão começando a surgir por baixo de sua gola, teria pensado que a sugestão era uma piada de mau gosto. Se meu peito não estivesse doendo tanto eu teria rido do absurdo que era aquela situação.

Balancei a cabeça sem entender.

— Você me odeia.

— Eu... eu não... — Theodore franziu a testa.

— Você disse que eu sou uma mosca.

— Imogen. — O aperto dele em meu pulso se intensificou e prendi a respiração. — Eu gostaria de encontrar uma maneira de fazer você se sentir melhor agora. — A voz dele era calorosa e me envolvia. — É o que tenho a oferecer.

Pensei em nossa fuga, quando ele me abraçou para acalmar meu corpo trêmulo e como o vínculo em minha barriga se iluminou. Eu me lembrei de seu corpo, da sensação do coração dele batendo às minhas costas. O mero pensamento me causava arrepios.

Havia muitas coisas imprudentes que eu desejava, e suspeitava que seria sempre dessa maneira. Assim como eu era feita de carne, osso e sangue, também era feita de desejo. Renunciar a isso, como um sentimento indesejável, nunca adiantaria, mas naquela ocasião, com aquele homem, eu poderia encontrar forças para não ser a tola da história.

— Eu não quero um abraço — sussurrei em resposta.

Quando ele me soltou, meu punho estava gelado. De cabeça erguida e com Theodore no meu encalço, cruzei o convés. Eu sentia um vazio e uma angústia que me corroía por dentro, mas tentei me consolar com a verdade inescapável de que nunca me acontecera nada de bom ao tentar conseguir algo que eu queria.

II

Um dia e meio depois, eu estava segurando a grade do navio enquanto deslizávamos pela baía lotada rumo ao Porto de Panos. Eu não via a hora de sair da água, pisar em terra firme e dormir profundamente, sem sonhos, sem ser balançada pelos movimentos impiedosos do mar. Eu vinha sentindo um mal-estar constante depois da discussão com Theodore e aquela maldita sensação no peito não dava trégua.

Agatha estava comigo, seu rosto tenso em uma careta preocupada, e Theodore estava atrás de nós, não muito longe. Eu quase conseguia sentir em que direção ele andava, da proa à popa e depois fazendo o caminho contrário.

Nosso vínculo de sangue ainda não tinha se estabilizado por completo.

— Acho que tem algo de errado — disse Agatha, inclinando-se para mim para que ele não ouvisse. — Vocês dois não deveriam mais estar se sentindo mal.

Franzi a testa, olhando para a água lá embaixo. Estava tão límpida que eu conseguia ver o fundo. Havia cardumes de peixes nadando de um lado para o outro como pontas de flechas prateadas e corais de tons vibrantes salpicando a areia branca.

— Não dá para saber. — Tentei não parecer tão preocupado quanto me sentia. — Não se passaram nem três dias inteiros.

Ela apenas olhou para mim, muito séria, sua mandíbula cerrada.

— Mas, como eu disse, só deveria levar *dois*.

— Você e Lachlan selaram o vínculo há muito tempo. Talvez não esteja se lembrando bem.

— Foram dois dias. — Agatha estava irredutível. Então ficou em silêncio, pensativa. — Mas nosso vínculo foi diferente do de vocês. Não nos desgrudamos por dois dias. Nós... — Ela olhou para mim de soslaio, depois desviou o olhar em um gesto arredio. — Estávamos frequentemente... *próximos*.

— Próximos? — repeti.

Um segundo depois, entendi o que ela queria dizer e fiz uma careta.

— Ah, pelos deuses. Vai dizer que o problema é nossa falta de *proximidade*, então.

— Vocês poderiam... — Ela olhou para Theodore por cima do ombro, depois de volta para mim erguendo as sobrancelhas sugestivamente, de modo que desapareceram debaixo de seus cachos densos.

— Não. Não poderíamos — respondi com certo escárnio. — Ele está mais interessado em me obrigar a ser torturada em um ritual de ruptura do que em me levar para a cama.

— Mas não podem se sentir tão mal assim por tempo indefinido. — Ela baixou ainda mais a voz. — Acho que ele não se recusaria.

— Você está se ouvindo? — Uma lufada de ar salgado soprou sobre a água, agitando meu cabelo solto. — E o rei *certamente* se recusaria. Para ele, não sou nada além de um fardo incômodo.

Agatha deu de ombros.

— Aposto que não seria incômodo nenhum.

A ideia era risível. Theodore e eu mal tínhamos nos falado desde que ele revelara o que eu teria que fazer. Desde que ele me dissera acreditar que eu era descendente de uma grande deusa, o que também era risível. Eu conhecia minhas origens. Eu fui uma criança órfã de nascimento nobre a quem Nemea acolheu somente para colocar as garras no dinheiro da minha família. Nada mais. No entanto, embora tenha carregado essas certezas comigo durante toda a minha vida, a convicção de Theodore me deixou balançada. Passei o polegar sobre o vergão de cicatrizes em minha palma sentindo-me aflita.

— Acha que ele tem razão? — perguntei a Agatha. Nós nos inclinamos uma na direção da outra, ainda apoiadas na grade, e pressionei meu ombro contra o dela. — Acha que meu poder é como o da grande deusa Ligeia?

Agatha fitava o horizonte, onde pequenos edifícios de paredes brancas se apinhavam nas proximidades das docas e depois se espalhavam pelas colinas, pontilhando a paisagem verde de Varya.

Ela balançou a cabeça.

— Ela foi a última grande deusa viva, mas eu nunca a vi, apesar de ter ouvido muitas histórias sobre seu poder. Os marinheiros diziam que o mar os chamava, mas o que sentiam nos ossos era o encanto *dela*, era o chamado silencioso da grande deusa acariciando seus ouvidos. E ela era capaz de destruir todos de uma só vez sem levantar um dedo. Eles rezavam para ela, pediam que enchesse suas redes, clamavam por mares calmos. E ela atendia quando assim desejava.

Senti um nó na garganta.

— Eu não posso fazer nada disso.

— Agora, não. Talvez... só por enquanto. — Ela olhou para mim com um semblante esperançoso. — Cada deus tem um poder diferente, mas é sempre mais forte entre os descendentes que podem exercê-lo com facilidade. Eu tenho que cantar para exercer meu encanto, mas você não. — Ela espiou Theodore. — E o rei... ele não precisa do toque para exercer a cura da carne ou para fazer plantas florescerem.

Minha atenção se voltou inteiramente a ela.

— Desculpe, o que disse?

— O que foi? — Agatha recuou diante da minha reação.

— O rei me tocou todas as vezes em que precisei ser curada.

— Ah. Veja só. — Seus lábios se curvaram em um sorriso sugestivo. — Por que será?

Fechei os olhos com força.

O vento soprou de novo, cobrindo meus olhos e meu nariz de névoa salgada. Isso deveria ter me acalmado, mas o zumbido angustiante em meu peito só aumentou.

Olhei por cima do ombro. Theodore estava a mais ou menos dez passos de distância, o máximo que podia se afastar sem que um de nós começasse a passar mal. Estava esplêndido: a coroa de louros dourados repousava sobre sua cabeça, acomodada em seus cabelos negros. O sobretudo marrom caía como uma luva, moldando-lhe o peito largo e a cintura estreita, e a capa esmeralda ondulava ao vento sobre seus ombros musculosos. *Desgraçado*. Me obriguei a desviar o olhar.

Em Varya, uma névoa tênue pairava sobre a cidade portuária de Voros como um véu no sol nascente. Parte da cidade era murada e havia pequenas torres de vigia nos cantos, vinhas floridas cobriam os muros, transformando-os em gaiolas verdejantes. Meu olhar se distanciou até avistar a península onde ficava o Palácio Genevreer. Era uma construção de pedras brancas com telhado cinza, fazendo-a resplandecer apesar da névoa. Mesmo ali, do navio, eu podia ver as famosas vinhas floridas de Varya rastejando por seus muros como veias escuras enlaçando um corpo de pele clara.

A cidade era cheia de vida, a terra florescia e tudo ali era próspero graças ao poder de Theodore. Nunca me senti tão pequena.

— Agatha, não consigo. Não tenho controle algum sobre meu poder. Não tenho nada, nem sequer sei como me proteger. Vou ficar sozinha e...

Ela segurou minha mão com firmeza.

— Eu disse que estaria ao seu lado. Eu prometi. Você não vai ficar sozinha.

Ficamos ali, de mãos dadas, enquanto o navio continuava seu curso em direção ao cais. Eu estava observando as ondas azul-turquesa e a espuma do mar quando, de repente, uma energia incomum atravessou meu corpo e o que era um ressonar no peito se transformou em fortes puxões e fisgadas. A sensação foi piorando e coloquei a mão sobre a barriga, preocupada. Era como se a corda dentro de mim tivesse se multiplicado e estivesse sendo dedilhado por uma mão que vinha de algum lugar muito mais profundo.

Olhei para além das ondas suaves, para o fundo do mar. Havia algo diferente. Não tinha mais areia branca salpicada de corais coloridos. Agora parecia estar coberto de rochas escuras e retorcidas. Eu me inclinei para a frente, estreitando os olhos, e então percebi: eram corpos.

Muitos, muitos corpos. Seus membros imóveis estavam entrelaçados e sobrepostos como fios de uma trama. Ofeguei quando um braço esquelético apareceu logo abaixo do casco do navio; um ombro branco espectral, manchado pela decomposição, surgiu em seguida.

Depois, o cadáver inteiro. Era uma mulher. Seus cabelos escuros esvoaçavam como fogo negro. Ela estava morta, isso era certo, flutuando sem vida a menos de três metros abaixo da superfície.

Mas então ela se moveu.

Nadava com a graça de um ser vivo, como se estivesse acostumada à água, como se pertencesse ao mar. Ela se debateu para chegar à superfície ondulante, logo abaixo de mim, e seus olhos pretos se cravaram nos meus.

O rosto dela era desprovido de qualquer expressão e tinha a extremidade da mandíbula coberta por um emaranhado de cracas intricadas como rendas brancas. Ela estava *morta*. O mar parecia ser a única coisa que a mantinha inteira. Ela boiava de costas sobre as ondas e vi algas marinhas que pareciam ter se enroscado nos buracos em seu torso, causados pela decomposição. Um tendão fibroso crescera em seu peito na altura do coração e se enroscava em seu ombro, mantendo o braço na articulação. Havia nacos de carne faltando em seu rosto e nos membros, mas seus olhos sombrios me avistaram.

Os lábios putrefatos proferiram uma única palavra silenciosa.

Lar.

Gritei quando duas mãos fortes me agarraram e me puxaram para trás, arrancando-me da grade do navio. Eu estava quase pulando. Theodore me colocou de volta no convés e me segurou com tanta força pela cintura que eu

mal conseguia respirar. Ele me encarava, aterrorizado.

— Pelos deuses! Agatha estava gritando, chamando você. Não a ouviu?

Agatha estava pálida ao meu lado, com a mão sobre o peito.

Balancei a cabeça.

— Não, eu... Eu vi uma...

As pontadas em meu peito voltaram a ser um zumbido tênue e contínuo. Eu estava com tanto frio, tão tensa devido ao medo, que joguei meus braços ao redor do pescoço do rei e o abracei com força. Eu me odiei por buscar conforto em Theodore, mas ele era tão centrado, tão cálido. O momento pareceu se prolongar, esticando-se como um fio de melaço, até que ele me envolveu com os braços também. Respirando fundo, deixou o corpo relaxar contra o meu. O vínculo pareceu se iluminar dentro de mim, como se uma vela se acendesse. Levei os lábios ao ouvido dele.

— Eu vi uma mulher. Na água.

— Era uma négia. — Ele se afastou do abraço e me olhou nos olhos. — Elas saem para caçar nas águas que cercam as ilhas.

Embora estivéssemos perto um do outro, um calafrio percorreu meu corpo.

— O que elas caçam?

Um misto de pena e receio preencheu o olhar de Theodore antes de ele me puxar de volta para seus braços. Quando falou, sua voz era suave e carregada de remorso.

— Sirenas.

* * *

A carruagem chacoalhava, percorrendo as ruas de paralelepípedos azulados e ziguezagueando por entre árvores densas de folhagem verdejante e vistosa. Os galhos sustentavam enormes flores vermelhas com miolos que pareciam ser orbes de ouro. Quase não me lembrava de ter desembarcado do navio ou de ter caminhado pelo cais até a carruagem reluzente que lá nos aguardava, mas me lembrava de Theodore me guiando durante todo o trajeto com uma das mãos em minhas costas, atento e protetor. Me sentei ao lado dele na carruagem e, do outro lado, em um silêncio constrangedor, estavam Lachlan e Agatha.

— Elas caçam Sirenas. — Eu olhava pela janela, apavorada. — Agatha, você sabia? Por que não me contou?

Ela pareceu surpresa com a pergunta, mas Lachlan respondeu antes dela.

— Está ciente de que Agatha também passou quase vinte anos longe do

mar, não é? Você não foi a única a viver isolada do resto do mundo.

Agatha se retesou.

— Não preciso que responda por mim, comandante Mela.

Lachlan coçou o queixo.

— Não me chame assim, por favor.

— É seu título.

— É como se fôssemos estranhos.

— Justamente — disse Agatha, voltando-se para mim em seguida. — E você! Eu tentei lhe contar tudo o que sabia. Por acaso se esqueceu de como me evitava toda vez que eu tentava dizer qualquer coisa sobre nossa espécie?

Fiquei sem reação. Sempre fora difícil para mim ouvir sobre uma vida que nunca imaginei que conheceria. Cada fragmento que Agatha compartilhara comigo parecia um motivo para ficar de luto, uma pequena morte após a outra. Não saber doía menos.

— Além do mais — continuou ela, na defensiva —, quando fui embora de Varya havia poucas négias. Eu só ouvira falar de um ou dois ataques, nunca tinha visto uma. Eu não tinha ideia de que as águas estavam tão infestadas.

Theodore se mexeu ao meu lado, inquieto.

— Os ataques ficaram cada vez mais horrendos. Elas começaram a perseguir varianos também.

Senti um calafrio.

— Você não conseguiu fazer nada a respeito?

— Estou tentando. — O tom de voz e o olhar dele me deram vontade de xingá-lo e, ao mesmo tempo, mergulhar em um silêncio profundo. — Há assuntos mais urgentes que precisamos discutir, como a conversa com a imperatriz. Ela já está aqui. Vi seu navio no porto.

Lachlan olhou para Theodore com pesar.

— O vínculo de vocês ainda não se estabilizou. Será preciso levar Imogen com você quando for se encontrar com a imperatriz.

Theodore esfregou o rosto.

— Você conhece bem o tamanho da frota dela, das tropas também. Os contratos são extensos e precisam ser discutidos. Se eu entrar na sala do conselho com uma... mulher como Imogen ao meu lado...

— *Uma mulher como Imogen* — exclamei, ajeitando meu cabelo desgrenhado. — Como tem coragem de me ofender quando estou sentada bem do seu lado?

— Pelo amor dos deuses... Não se trata de uma *ofensa*. Mas, se eu aparecer

com uma mulher de beleza tão incomum, a imperatriz pode interpretar isso como um gesto de desdém, tanto em relação a ela quanto à filha.

Minhas bochechas coraram.

— Ah.

Lachlan e Agatha nos encararam, ligeiramente boquiabertos. Por fim, Lachlan sugeriu em tom estranhamente cauteloso:

— Sou seu braço direito. Ela pode entrar comigo. Podemos dizer que é sua prima e que estava ansiosa para conhecer a nova família.

Olhei para o comandante de cara amarrada. Conhecer a princesa de Obelia, noiva de Theodore, passava longe de ser motivo de empolgação. O vínculo em minhas entranhas se contorceu e se tensionou de ciúme.

Lachlan virou-se para mim com um semblante severo.

— Precisa se comportar.

Theodore bufou e revirou os olhos para o teto da carruagem.

— Malditos deuses...

— Tenho que concordar com o desagrado de Sua Majestade. Levar a atual esposa para conhecer a futura esposa soa como uma péssima ideia — afirmei.

— Vomitar na imperatriz de Obelia é pior — argumentou Lachlan.

Agatha assentiu.

— Lachlan tem razão.

— Obrigado.

— Fique quieto — rebateu Agatha.

Ela comprimiu os lábios, olhando depressa de mim para o rei. A expressão em seu rosto era a mesma que ela sempre fazia antes de iniciar uma discussão, de olhos apertados e lábios franzidos.

Quando Agatha respirou fundo, eu me preparei para o que estava por vir.

— Vossa Majestade — disse ela, docemente. — Também precisamos discutir sobre Imogen ser mandada para a Maga Vidente.

Theodore fechou os olhos.

— Hoje não, Agatha.

— Por favor, deixe-me falar, Vossa Majestade — pediu ela, e logo deu continuidade, sem esperar por permissão. — Estou disposta a acompanhá-la, ainda que seja bárbaro da sua parte insistir em mandá-la para lá. Mesmo acompanhada por mim, por soldados e por um curandeiro, ela ainda estará em perigo.

Lachlan pareceu ficar paralisado de ira.

— Onde quer chegar? — questionou Theodore, parecendo ficar tenso da

cabeça aos pés.

Agatha cruzou os braços com certa insolência.

— Caso o vínculo de vocês *não* se estabilize, o que, neste momento, parece altamente provável, visto que já se passaram quase três dias, gostaria de saber se está preparado para acompanhá-la em pessoa.

Theodore empalideceu.

— Vai se estabilizar.

— Como tem tanta certeza? — rebateu Agatha. — O normal é demorar dois dias, todas as histórias relatam exatamente isso. Suponho que haja algo de errado, não consigo imaginar o quê. De qualquer forma, como pretende lidar com o fato de estarem de lados opostos da ilha? Ambos vão enlouquecer de preocupação e mal-estar.

Assim que o palácio emergiu da névoa e as rodas rangeram sobre o cascalho da ampla entrada principal, pude perceber algo no rei de Varya que me deixou apreensiva: pânico.

Era um detalhe tão sutil que suspeitei que Agatha nem sequer tivesse notado, mas Lachlan notou. A boca dele se estreitou em uma linha dura enquanto observava o peito de Theodore subindo e descendo em respirações ligeiramente aceleradas. Senti outra camada de tensão recair sobre ele e seus olhos tão encantadores se arregalaram por um breve instante, o que fez meu coração martelar contra o peito.

Lachlan inclinou-se para a frente e disse, com uma palmadinha amigável no joelho do rei:

— Falamos sobre isso outra hora. — Seu sorriso era sincero, mas parecia preocupado também. O comandante olhou pela janela. — Chegamos, então vamos cuidar de uma decisão terrível por vez. O que me diz?

Então, diante do silêncio, ele uniu as duas mãos no ar com um estalo seco e anunciou:

— Hora de conhecer sua noiva.

12

Assim que saímos da carruagem, fomos recepcionados por uma legião de criados e soldados com ares de expectativa, todos alinhados em filas ordenadas. Theodore foi o primeiro a subir os degraus largos, dirigindo cumprimentos discretos aos que se encontravam mais perto da porta. Permaneci ao lado de Agatha, cabisbaixa, me sentindo extremamente deslocada com tanta opulência. Meu cabelo estava despenteado e revolto. Eu não estava usando anágua, corpete ou sapatos. Fiquei grata pelo menos pela barra do meu vestido ser longa o bastante para cobrir meus pés descalços.

Reduzimos o passo assim que entramos no saguão imponente, onde Theodore foi abordado por uma mulher magra que trazia uma pilha de envelopes em uma bandeja de prata. Olhei ao redor, admirando os detalhes reluzentes.

O teto dourado, decorado com afrescos. As escadarias curvas de mármore preto, uma levando à ala leste e outra à ala oeste. Estátuas claras dos grandes deuses, os rostos belos e austeros totalmente intactos, ladeavam as grades. Seus olhos ausentes eram severos, os cabelos esculpidos em coques altos e os corpos fortes, em roupas esvoaçantes. Procurei por Ligeia, mas não a encontrei. Todos seguravam velas, iluminando os degraus, fitando-nos com o mesmo olhar de autoridade e presunção tão frequente no rosto de Theodore.

Ninguém duvidaria que ele próprio era um deus.

Lachlan virou-se para mim.

— Não se deixe intimidar. Esse pessoal era libidinoso, violento e cabeça-dura. Você vai se sentir em casa.

Agatha fez um muxoxo de reprovação ao comentário e os dois se entreolharam em um contato visual demorado. Lachlan a contemplava com ternura e pesar. Distraidamente, ele pousou uma das mãos sobre o peito, como se sentisse dor.

— Meus aposentos são os mesmos, Agatha.

Agatha respondeu com um aceno curto e frio, depois enlaçou o braço no

meu.

De cabeça baixa, Lachlan subiu a escada oeste, dois degraus de cada vez, e desapareceu na escuridão do corredor.

— Onde está com a cabeça? — repreendi. — Você ainda o ama. E ele ainda ama você.

Ela revirou os olhos.

— Lachlan ama todo mundo e todos o amam. Ele é charmoso, muito malandro e sagaz até demais.

— Os opostos se atraem — disse, olhando para a escada por onde ele subira. — Acho que ele ficou magoado por você estar disposta a deixá-lo outra vez.

— Eu tentei explicar. — Agatha balançou a cabeça. — Disse a ele que iria com você quando o rei a enviasse em busca de Eusia também.

Senti o sangue gelar. Isso era algo completamente diferente. Era impossível saber para onde a caçada a Eusia me levaria, mas certamente seria perigoso.

— Você não pode vir comigo, Agatha — declarei, categórica. — Mal sei o que estou fazendo, e você tem ainda menos poder do que eu. Não quero que se machuque, eu morreria de culpa.

Ela abriu a boca, pronta para protestar.

— Por favor, não — interrompi. — Você cuidou de mim por tanto tempo, desistiu de tanta coisa por mim. Deveria aproveitar para viver sua vida agora.

— Não sei ao certo como.

Havia um desalento em sua voz. Eu não tinha sido a única a ser arrancada da vida antiga, não era a única começando do zero. Mas, por mais egoísta que isso soasse, eu me sentia grata por não estar sozinha no meio do furacão.

— Vossa Majestade!

Uma voz jovial ecoou pelo salão e um homem robusto de sorriso radiante se aproximou do rei. Seu rosto era tão redondo quanto sua barriga, e ele tinha pele marrom-escura e olhos âmbar enrugados.

— Que bom tê-lo de volta. — Ele parou diante de Theodore e fez uma reverência exagerada. — E então? A Ilha de Seraf era como suspeitávamos?

Theodore franziu as sobrancelhas escuras.

— Houve algumas surpresas.

— Bem, fazer o quê? — disse o homem. — A imperatriz e a princesa estão aqui há quase dois dias. Elas estão aproveitando para descansar e passear pelos jardins, mas acho que seria bom planejar as negociações diretamente.

O rei acenou com a cabeça.

— Obrigado, Eftan. Elas estão bem?

O sorriso do homem murchou ligeiramente e sua voz de trovão se suavizou.

— A imperatriz é uma mulher... exigente. Sugiro que a reunião seja realizada no jardim de inverno. Vou pedir aos criados que preparem a mesa. — Seus olhos se iluminaram e ele se inclinou com uma expressão sugestiva. — A princesa, no entanto, é uma graça. É um homem de sorte.

Theodore soltou um grunhido indiferente.

— E quem são estas jovens? — perguntou Eftan, colocando a mão sobre a barriga e transferindo seu peso de um pé para o outro.

— Esta é... — Theodore parecia estar tendo dificuldade para encontrar as palavras certas. — Lady Imogen Nel. Ela... — Ele acabou desistindo de procurar uma explicação para minha existência e fez um gesto na direção de Agatha. — E esta é a ex-esposa do comandante Mela, Agatha. Ela já foi minha governanta. Talvez se lembre dela.

Eftan franziu o rosto como se estivesse começando a reconhecê-la.

— Claro, claro. Agatha. Acho que me lembro de você. — Ele abriu um sorriso amável e suas bochechas se arredondaram ainda mais. — Vamos encontrar aposentos confortáveis para as duas. Venham comigo.

— É um prazer vê-lo de novo, chanceler — cumprimentou Agatha, ruborizando ao perguntar: — Por gentileza, há algum quarto disponível perto dos aposentos do comandante Mela?

— Acredito que sim.

Ele fez um gesto para uma criada e, pouco depois, Agatha estava subindo a escada oeste. Ela olhou para mim com um sorriso inseguro antes de sair de vista.

— Eftan, podemos conversar? — pediu o rei.

Ele se aproximou para sussurrar algo ao homem atarracado. Enquanto Theodore falava, Eftan ficou completamente imóvel, de coluna ereta, e de tempos em tempos me lançava olhares condescendentes.

Eu me segurei para não revirar os olhos.

Por fim, Eftan fez uma reverência a Theodore.

— Perfeitamente, Vossa Majestade — disse ele, antes de se virar para mim sem me olhar nos olhos. Com uma reverência, disse: — Tenha um bom dia.

Em seguida, deu meia-volta e saiu depressa do saguão.

— O que disse a ele?

Os olhos de Theodore se estreitaram, e senti um calor incômodo na barriga.

— Pedi para que preparasse os navios de guerra e os soldados para um

possível ataque de Seraf. — Sua voz era tão grave que quase fazia o ar vibrar. — E eu disse que você vai dormir no meu quarto por enquanto.

— Ah. — Engoli em seco. — E disse o porquê?

— Vou deixar que ele tire as próprias conclusões. Provavelmente vai ser melhor do que a verdade.

Theodore tirou a coroa da cabeça e foi para as escadas a leste. Segurei a saia do vestido e praticamente corri atrás dele.

— Ele vai pensar que sou sua amante, bem agora que sua noiva está aqui...

— Como eu disse, é melhor do que a verdade. O pobre homem cairia duro se eu contasse que você, na verdade, é minha esposa por vínculo de sangue.

Chegamos a um corredor extenso e o rei nos conduziu ao longo de janelas amplas que emolduravam jardins floridos, pavilhões cobertos de vegetação e o mar vasto e cintilante para além do penhasco. A tapeçaria sob meus pés era grossa e macia, mas eu estava louca por um par de sapatos. Um corpete. Roupas íntimas que me servissem. Um banho quente.

Theodore abriu a porta no fim do corredor.

— Depois de você, senhorita.

Ele se posicionou de costas para o batente, olhando para mim com o queixo inclinado para trás e o semblante fechado. Quando me aproximei da porta, parei. A tensão era palpável no pequeno espaço entre nós.

— Você me odeia, não é?

Ele sustentou meu olhar. Sua expressão era insondável como sempre, mas o sobe e desce de seu peito acelerou. Comigo não foi diferente.

Theodore fez um gesto com a cabeça em direção ao interior do quarto.

— Entre.

O espaço era magnífico, como era de se esperar. O pé-direito era alto, entalhado em painéis geométricos e decorado com pinturas que retratavam as vinhas floridas da ilha. O ambiente inteiro era revestido — previsivelmente — de tons de verde e dourado. Ao centro, havia uma cama ainda mais imponente do que a do navio. Era ampla e envolta por degraus, e cortinas pesadas de veludo pendiam das colunas que a cercavam. À frente de uma lareira luxuosa havia um divã enorme, mas estava longe demais da cama. Teríamos que arrastá-lo para mais perto para que pudéssemos dormir sem passar mal.

Levei um susto quando a porta se fechou. Theodore atravessou o quarto com ar pensativo, desabotoando o sobretudo e atirando-o sobre o encosto de uma poltrona.

— Fique por perto — disse ele ao entrar no toalete.

Próxima à porta, ouvi gargarejos e som de água batendo. Cruzei os braços com força sobre o peito e decidi dar uma olhada mais atenta no quarto de Theodore. Uma pilha perigosamente alta de livros erguia-se sobre a mesinha ao lado da cama. O exemplar no topo estava aberto e virado de cabeça para baixo, marcando o ponto onde ele interrompera a leitura. Logo ao lado havia um cálice delicado de cristal e uma garrafa de vinho. Em frente à janela que ia do chão ao teto, uma mesa tão desordenada quanto a que ele tinha no navio e, no meio da bagunça, um vaso com flores grandes de cor lilás. Senti uma curiosidade repentina de inspecionar os papéis ali espalhados, me perguntando se a caligrafia dele seria tão dura e imperiosa quanto ele era comigo ou se talvez a suavidade que ele escondia com tanto afinco se revelaria por escrito.

Foi quando alguém bateu à porta.

— Sim. O que foi? — gritou Theodore.

Ele saiu do toalete sem camisa. A pele bronzeada estava salpicada de gotas de água, e eu não consegui deixar de encarar seu corpo forte e bonito enquanto ele secava os cabelos e o rosto com a toalha. O peitoral tinha alguns pelos escuros e era firme e torneado. O abdômen definido parecia ter sido esculpido e terminava em duas entradas profundas que desciam até os quadris.

— Alfaiate, Vossa Majestade — anunciou uma voz tênue do outro lado da porta.

— Pode entrar.

Theodore colocou a toalha sobre os ombros largos. A porta se abriu e uma mulher encurvada e de cabelos grisalhos entrou.

— Olá, Antheia — cumprimentou o rei, sorrindo. — Faz tempo que não nos vemos, não é?

A idosa soltou uma risadinha infantil. A passos lentos, ela se aproximou empurrando um carrinho com vestidos, depois se abaixou em uma reverência trêmula.

— Pode parar — disse Theodore. Seu sorriso insuportável fez surgir uma covinha em sua bochecha esquerda. — Deixe comigo.

Ele pegou o carrinho e o empurrou até o meio do quarto.

— Desculpe-me por apressá-la — disse Theodore —, mas a lady Imogen precisa urgentemente de um vestuário. Algo sóbrio, por gentileza.

A idosa, Antheia, deu uma olhada em mim e se dirigiu ao carrinho.

— Sóbrio! — Seus olhos escuros e enrugados pareceram se acender. — É uma pena. Vou ver o que posso fazer.

O rei olhou para mim e seu sorriso imediatamente sumiu.

— Antheia vai ajudar você.

Ele se dirigiu a mim com frieza e indiferença. Quando se aproximou para retornar ao toalete, eu disse, baixinho:

— Acho que estava enganado. — Ele parou tão perto que eu conseguia sentir o cheiro do sabonete de vetiver em sua pele, os olhos verdes questionadores. — Você disse que eu era uma mosca, mas estava enganado. Acho que sou um mosquito. Uma coisa irritante da qual você não consegue se livrar, sempre sugando e sugando...

Tirei meu anel de noivado e estendi para ele.

— Pegue. Como pagamento. Não quero sua caridade e muito menos ficar ainda mais em dívida com você.

Ele olhou fixamente para mim, fazendo crescer a sensação de vazio em meu peito.

— Um mosquito? — repetiu ele, o canto de sua boca se curvando em um sorriso.

Não foi fácil, mas tomei coragem e ergui o queixo.

— Está zombando de mim?

O rei balançou a cabeça, e estendi o anel para ele outra vez.

— Não preciso de seu anel — disse Theodore, sério.

— A questão não é essa. — Quase desisti de explicar, mas, sem que houvesse um motivo, precisava que ele entendesse. — Meus cuidados sempre dependeram do que eu poderia oferecer em troca. Foi assim com Nemea, com Evander e agora com você. Agatha é a única que se importa comigo de verdade e até ela recebia uma remuneração para fazer as coisas por mim.

O semblante dele se endureceu.

— Isso acaba aqui, então.

— O que acaba aqui?

Ele colocou a mão sobre o anel, os dedos quentes tocando os meus, e afastou a joia em sinal de recusa.

— As transações. Selamos um acordo, é verdade, mas isso é uma coisa à parte. Ofereço meus cuidados agora porque esta é minha vontade.

A resposta me acalmou e me deixou mais nervosa ao mesmo tempo.

— Mas por quê?

Theodore não respondeu. Em vez disso, demorou-se olhando para mim até interromper nosso contato visual e virar-se para a velha costureira.

— Antheia está esperando.

Uma hora mais tarde, Theodore e eu estávamos descendo as escadas para o saguão de entrada. Ele estava majestoso com um terno claro e a coroa acomodada em seus cabelos escuros, mas seu humor tinha azedado ainda mais. Olhei para ele de soslaio.

— Que cara é essa?

— Eu pedi algo sóbrio a Antheia.

O vestido que ela me dera era qualquer coisa, menos sóbrio. A seda fazia lembrar uma pintura de flor de cerejeira que eu vira em um dos livros do escritório de Nemea e que sempre me encantara. Era de um cor-de-rosa delicado, mais claro na parte superior e gradualmente mais intenso até chegar na barra. As mangas de tule eram esvoaçantes e se afunilavam nos punhos, e o corpete justo deixava meu colo à mostra, descendo para uma saia que se movia com a fluidez da água, criando ondulações a cada passo.

— Foi o que serviu. — Chegamos ao último degrau e viramos no primeiro andar do palácio. — Doeria tanto assim me fazer um simples elogio? Estamos presos um ao outro e esse maldito vínculo está demorando para se estabilizar. E estou sozinha, longe de casa...

— Aquele lugar não era sua casa. Você precisa se sentir segura para chamar um lugar de "lar".

— Também preciso me sentir bem-vinda. — Senti que me atrapalhei e balancei a cabeça. — Não estou dizendo que... Não preciso que *este* lugar me traga a sensação de lar. Isso é impossível. Mas, às vezes, você consegue me diminuir tanto que quase desapareço. O mínimo que poderia fazer é me dizer que estou bonita com a droga do vestido.

Theodore franziu as sobrancelhas com um olhar de remorso.

— Peço desculpas — balbuciou ele. — Você... você é como uma emboscada atrás da outra. Eu ainda não me acostumei.

— Emboscada? — Vislumbrei um lampejo de suavidade em suas feições, em sua boca, mas desapareceu tão depressa quanto surgiu. — Pelos deuses! Até seu pedido de desculpas vem com uma ofensa!

Saí andando rumo à escadaria.

— Imogen. — Suas botas ecoaram quando ele veio atrás de mim. — Quer que eu elogie você? Está bem. Você é deslumbrante. Você é...

— *Mas o quê...*

Parei diante de um vão escuro sob a escada. Ali, como um fantasma à luz de velas postas a seus pés, estava a estátua da grande deusa Ligeia.

Cheguei mais perto, me sentindo em pânico.

Os cabelos erguiam-se no ar, soprados por uma rajada de vento eterno. O corpo de pedra estava envolto por um véu que cobria um de seus seios e descia até os quadris. As asas estavam bem abertas nas costas e ela tinha um dos braços estendidos para a frente, a palma da mão para cima com os dedos curvados em um gesto carregado de autoridade, chamando — ou amaldiçoando — seu observador.

O que mais me chamou a atenção foi a curva de seu nariz ligeiramente arredondado. Os lábios fartos, o queixo proeminente. Seus olhos, miúdos e penetrantes, perscrutavam o vazio adiante. O corpo inteiro era impressionante: ela tinha as pernas e os braços esguios e tonificados, a cintura era fina se comparada aos seios e quadris volumosos.

Era meu próprio retrato esculpido em pedra.

Theodore estava atrás de mim, sem se mover nem respirar. Pisquei com força para conter as lágrimas que brotavam em meus olhos.

— Vá se foder.

Minhas palavras eram dirigidas à Ligeia. E Theodore. E Nemea também. Estiquei a mão para tocar seus dedos gelados quando minhas lágrimas teimaram em transbordar. Sempre desejei ter poder — o direito a uma vida de minha escolha, uma forma de me manter em segurança. Mas *aquilo*... Eu mal conseguia respirar com o peso inesperado daquela revelação.

Theodore soltou um suspiro contido atrás de mim. Sequei as lágrimas depressa, desejando que ele não me visse naquele estado. Mas eu não conseguia me conter, algo dentro de mim tinha se despedaçado, e tudo o que eu acreditava ser verdade — quem eu era, de onde eu vinha —, além da esperança frágil e tola de ter uma vida que fosse só minha, estava se transformando em algo que eu não conseguia mais controlar.

Quando a mão de Theodore tocou minhas costas, quando seu calor me envolveu e o vínculo em minhas entranhas se agitou, minhas lágrimas rolaram sem pedir licença.

— Não chore. — A súplica dele era gentil. Seu braço envolveu meus ombros e ele me puxou contra o próprio peito. — Agora não.

— Eu... — balbuciei, fungando. — Ela... ela se parece comigo.

— Eu sei. — Ele tirou um lenço do bolso e, com um dedo sob meu queixo, levantou meu rosto e secou minhas bochechas. — Vamos lá. Respire.

A voz dele era tão afável e a reação dele era tão incompreensivelmente tranquila que eu senti vontade de gritar.

— Mais tarde, pode sofrer e até quebrar minhas coisas se isso for fazer você

se sentir melhor. Mas não vá para esse encontro assim.

Fechei os olhos, respirando fundo.

— Preciso falar com a Maga Vidente.

Se eu era descendente de uma grande deusa, se seu poder corria em minhas veias e havia uma função a ser assumida, eu precisava de respostas. Eu precisava de uma profecia.

Theodore continuou secando minhas lágrimas.

— Uma coisa de cada vez, está bem?

Então ouvimos passos e, de repente, Lachlan pigarreou.

— O que fez com ela?

— Ela viu a estátua — respondeu Theodore, sem tirar os olhos de mim.

Lachlan vestia um sobretudo preto elegante, exibindo uma série de medalhas em seu peito. Ele olhou para a grande deusa Ligeia e depois de volta para mim.

— Ah, que merda.

Ele veio até mim e, com uma das mãos em meu ombro, me afastou de Theodore.

— Imagino que tenha sido chocante, mas preciso aconselhá-la a não ficar tão perto do rei quando estiverem em áreas comuns — disse o comandante, com um olhar de repreensão para Theodore.

Mas o rei não disse nada, apenas continuou olhando fixamente para mim. Uma emoção insondável tomava conta dele. Ele parecia vazio, amedrontado e furioso ao mesmo tempo e, embora eu soubesse que não deveria, não conseguia parar de olhar para ele também.

— *Theo*. — O chamado veio como um aviso.

Lachlan enlaçou meu braço no dele e, tentando agir com descontração e leveza, deu uma palmadinha carinhosa em minha mão. Mas seu tom de voz e o olhar que lançava para nós dois eram carregados de apreensão.

— Animem-se, criaturas. Ouvi dizer que a imperatriz tem presas e gosta de usá-las.

13

O jardim de inverno não era tão pitoresco quanto soava.

Se tratava de um amplo salão de baile de dois andares, com uma parede inteira de vidro que dava vista para um jardim externo muito bem cuidado. As outras três paredes eram decoradas do chão ao teto com painéis que traziam os tons vibrantes das flores. Quatro lustres de cristal enormes e tão cintilantes quanto o mar pendiam do teto, banhando o ambiente com uma luz suave. Uma mesa comprida estava centralizada como uma espinha dorsal sustentando a sala vazia e, sobre ela, estavam dispostas uma penca de frutas — uma quantidade exagerada demais para que pudéssemos comer — e decantadores de vinho tinto em número suficiente para embriagar uma pequena comitiva de homens do rei.

Como planejado, entrei de braços dados com Lachlan. Theodore seguiu à frente, direto para a mesa, e serviu-se de uma taça generosa de vinho. O rei a sorveu em um gole desesperado, mas mesmo assim ainda aparentava estar perfeitamente sereno. Lachlan me conduziu para o mais longe possível de Theodore e serviu duas taças.

— Seu rosto — disse ele.

Toquei minha bochecha.

— O que há de errado com meu rosto?

— Está vermelho. Parece que levou uma bofetada. Se acalme, tente parecer mais comedida e menos como se sua vida inteira tivesse acabado de desabar.

Ele me entregou uma taça e tomei um gole demorado, impressionada com a forma como o vinho envolvia minha língua e rodopiava alegremente em meu estômago. Eu nunca tinha experimentado nada tão bom.

— Uma palavra amiga. — Lachlan olhou para mim com ares de quem sabia mais do que deixava transparecer. — O que quer que esteja acontecendo entre vocês dois... não há mal em ceder à tentação. O *grande* problema é serem pegos. Peço apenas que sejam discretos.

— Agatha disse alguma coisa? — disparei, na defensiva.

— Não sobre isso.

— Pelos deuses. — Tomei outro gole de vinho. — Não há nada entre nós.

— Imogen. — O tom de voz dele era solene. — Não há nada mais traiçoeiro do que a negação.

Antes que eu pudesse argumentar, Eftan apareceu trazendo uma pilha de pastas de couro preto. Ele tinha o mesmo sorriso amigável de quando o vi pela primeira vez, mas, ao se deparar comigo ali, seu semblante se fechou.

— Ah. — Ele pestanejou, parecendo estarrecido com minha presença. — Eu não esperava que você... viesse.

Lachlan fez um gesto em minha direção com a mão livre.

— Chanceler, o senhor já teve a oportunidade de conhecer a lady Imogen Nel, imagino. Prima distante do rei.

Eftan arqueou a sobrancelha.

— *Prima?* Ah, eu... Pois bem.

Ele deixou a pilha de pastas cair sobre a mesa com um baque ruidoso. Ainda surpreso, o chanceler torceu a boca, tirou um lenço do bolso e secou acima do lábio superior.

— Olá. De novo — cumprimentou Eftan.

Respondi com um aceno educado de cabeça e olhei para Theodore. Ele estava de pé na extremidade da mesa, segurando outra taça cheia e acompanhando nossa interação com um olhar assustadoramente vago. Então resmungou:

— Ah... merda.

As portas foram abertas por dois criados uniformizados. Coloquei minha taça sobre a mesa quando três mulheres entraram, todas tão reluzentes e pálidas quanto uma geada em pleno inverno. Só pela presença, eu conseguia identificar a imperatriz de Obelia. Alta e de porte robusto, ela se movia com uma autoridade elegante, como se estivesse no comando de tudo ao redor. Seu vestido de veludo era de um azul soturno e sua pele alva deixava visíveis as veias esverdeadas em suas têmporas. Seus cabelos longos e lisos da cor da neve caíam sobre os ombros e, no topo da cabeça, havia uma pesada coroa de diamantes. De seu pescoço pendia um colar que combinava com a coroa, incrustado com pedras preciosas maciças. E seus lábios finos eram vermelhos e vibrantes, como se tivesse acabado de comer um punhado de amoras.

Eu me curvei em uma reverência profunda enquanto ela e Theodore se cumprimentavam.

— Theodore Ariti. — A imperatriz tinha uma voz melódica e anasalada que evidenciava seu sotaque. A saudação foi consideravelmente amistosa, mas ela

não sorriu. — Você tem o rosto de seu pai, mas muito mais bonito — disse ela com uma risada seca. — Ele detestava esse fato, imagino.

Os lábios de Theodore se curvaram em um meio-sorriso e, embora eu o conhecesse havia pouco tempo, ficou nítido para mim que a menção a seu pai o deixou pouco à vontade.

— Olá, Nivala. Eu certamente fui uma pedra no sapato dele. — Suas palavras, como sempre, transbordavam charme e carisma. — Por favor, perdoe minha chegada tardia. Fico muito feliz em recebê-la.

Ela ergueu as sobrancelhas brancas.

— Esta é uma união vantajosa. É necessário que seja conduzida corretamente.

Theodore concordou com um aceno de cabeça e olhou para a jovem de cabelos igualmente brancos que estava atrás da imperatriz.

— Princesa Halla. — Ele falou o nome dela com encanto, o que provocou um espasmo de ciúme em meu peito. — Seu retrato não faz jus à sua beleza — disse ele, pegando-a pela mão e chegando mais perto.

E ela era, de fato, muito bela. A princesa era a minha antítese. Enquanto minha pele era dourada e meu cabelo, castanho-escuro e ondulado, o dela era branco. Os fios quase prateados e lustrosos estavam adornados com um diadema delicado de diamantes e pérolas. Ela era alta, como eu, mas cheia de ângulos, afilada como uma placa de gelo, e estava de branco, como vestiam-se as noivas de Obelia. Eu não conseguia imaginar seu semblante frágil e etéreo sufocado pelo preto bruto que as noivas leucosianas trajavam.

Ou talvez eu não quisesse imaginar.

Ela sorriu para Theodore e foi como se a primavera chegasse para afastar o inverno. As bochechas dela coraram sob os olhos azuis da cor do céu e sua boca miúda e arrebitada parecia uma maldita de uma rosa desabrochando. Theodore levou a mão dela aos lábios em um beijo que durou apenas um segundo, mas o momento em que a boca dele pressionou a pele da princesa se repetiu sem parar em minha mente, de forma lenta e torturante. Lachlan me cutucou com o pé e só então me dei conta de que eu estava fazendo careta. Tentei sorrir, mas meu rosto parecia engessado, então apenas ergui a taça para um grande gole de vinho.

— Excelente. — A imperatriz se dirigiu à extremidade da mesa e se sentou, nitidamente pronta para falar sobre o assunto principal. — Vamos ao que interessa?

A terceira mulher, que estava vestida com menos elegância, apresentou os

contratos e se pôs a decidir em uma conversa sussurrada com Eftan qual seria o primeiro ponto a ser discutido. Lachlan puxou uma cadeira para mim e sentou-se ao meu lado, enchendo minha taça sem que eu nem sequer precisasse pedir. Quando estavam prestes a iniciar as negociações, no entanto, a imperatriz pareceu se dar conta de que havia outras pessoas presentes.

— E quem são?

— Já conhece meu chanceler — respondeu Theodore, apontando para Eftan. — Este é meu braço direito e comandante naval, Lachlan Mela. E ao lado dele, minha prima, lady Imogen Nel.

Os olhos implacáveis da imperatriz repousaram sobre mim.

— Nel?

Eu considerava o comportamento de Theodore enigmático, mas em comparação à imperatriz ele era um livro aberto. Ela era fria feito um cadáver, e eu não conseguia decifrar nada com base em seu olhar ou tom de voz.

Abri um sorriso caloroso e reverente apesar de seu olhar cortante.

— Precisamente, Vossa Majestade Imperial.

Sem outra palavra sequer, ela voltou a atenção para a criada que a acompanhava e pegou o primeiro contrato.

— Certo. — Os olhos da imperatriz se moveram rapidamente sobre a página. — Há nossa diferença de religiões a ser discutida.

— O que estipulou é aceitável — disse Theodore. — Posso mandar fazer um anexo no qual a princesa possa adorar seu santo, até mesmo construir um jardim para cercá-lo.

Me esforcei para manter os olhos na quantidade exagerada de cachos de uva na minha frente, tentando apagar da memória a forma como o rei tinha olhado para mim no saguão.

— Formidável — respondeu a imperatriz, distraída. — Isso nos leva à questão das diferentes cerimônias de casamento. Oferendas de sangue são um rito indispensável para que casamentos obelianos sejam reconhecidos.

Fiquei tensa com aquela exigência e instintivamente toquei as cicatrizes em minha mão.

Theodore se mexeu na cadeira, parecendo ter sentido meu desconforto.

— Tenho muito tento quando se trata de oferendas de sangue. No entanto, com a devida transparência, eu estaria disposto a ter uma cerimônia obeliana. — A resposta do rei foi cautelosa. — Ainda assim, a princesa Halla será rainha de Varya, uma rainha leucosiana e, portanto, é necessário que participe de uma cerimônia tradicional de vínculo de sangue para que o casamento seja

reconhecido em meu reino e para que ela seja coroada.

— Explique melhor essa cerimônia — determinou a imperatriz. — Que poder será concedido a Halla após o vínculo?

Com um leve sobressalto, me lembrei de meus estudos. Como Theodore e eu vínhamos da linhagem dos grandes deuses, nosso vínculo de sangue nos permitia compartilhar nosso poder. Levei a taça à boca e tomei um gole demorado. E, por um momento breve, Theodore olhou para mim.

— O vínculo matrimonial exige que o casal faça um talho simples, geralmente na palma da mão de cada um — explicou ele. — Os dois cortes são pressionados um contra o outro. Não sentirá dor alguma, princesa, nada além do corte da faca. O sangue se mistura para estabelecer um enlace simbólico. Como os obelianos não são da mesma linhagem e não possuem o sangue dos deuses, a princesa não herdará nenhum dos meus poderes. Ela continuará como sempre foi.

A imperatriz balançou a cabeça, parecendo quase desapontada.

— Então para que serviria?

Theodore se endireitou na cadeira e sua voz adquiriu um tom de autoridade com resquícios de irritação.

— Se trata de uma tradição divina originária das Sirenas e foi adotada por todo o arquipélago.

A mulher fez um muxoxo de desagrado.

— Já ouvi falar de reinos leucosianos que dispensam esta tradição. Não vejo por que vocês...

— Apenas um reino se afastou de nossos deuses e tradições — rebateu Theodore —, e não são nossos aliados.

Ela estreitou os olhos.

— Entendo.

— Princesa Halla... — A suavidade quase sublime que revestia a voz grave de Theodore me provocou uma fisgada no peito. Senti algo parecido com humilhação ao compreender o motivo: eu queria que ele falasse comigo daquela maneira. — Estaria disposta a realizar um ritual de vínculo leucosiano?

Halla abriu um sorriso de orelha a orelha.

— Sim. Com certeza.

A princesa tinha o mesmo sotaque melódico da mãe que, saído de sua boca, adquiria um dulçor inédito. Com uma mão quase translúcida, a imperatriz deu uma palmadinha na mão da filha. Depois falou em voz baixa, mas eu consegui captar as palavras.

— Não seja indelicada em seu entusiasmo, Halla.

A princesa não esboçou nenhuma reação.

Theodore pigarreou.

— Gostaria de observar que não encontrei nada nos contratos referente a seus planos para que Halla ocupe o trono de Obelia quando for chegada a hora. Talvez esses detalhes devam ser...

— Não foi um deslize — declarou a imperatriz. Uma careta se insinuou em suas feições por um momento, mas foi rapidamente neutralizada. — Halla não é minha herdeira.

Theodore inclinou a cabeça. Até mesmo Lachlan se mexeu desconfortavelmente ao meu lado.

— Perdoe minha suposição — disse o rei. — Se sua única filha não é a herdeira do trono, importa-se se eu perguntar quem é?

Halla respondeu de forma mansa, mas articulada.

— Será nosso primogênito.

Theodore engoliu em seco. Ele lançou um olhar ríspido da imperatriz para a princesa Halla e o vínculo em minhas entranhas pareceu dar uma guinada em protesto.

— Muito bem — disse ele, por fim.

A imperatriz Nivala suspirou delicadamente e a atmosfera carregada do ambiente pareceu se dissipar.

— Com essa questão encerrada, devemos agora discutir o cronograma. A viagem até aqui foi penosa. Não vejo propósito em manter os dois meses de noivado como é o costume. Proponho que realizemos o casamento dentro de uma quinzena. Não quero que Halla volte para casa apenas para ser trazida para cá outra vez.

Theodore ficou imóvel a não ser por seu dedo indicador, que tamborilava sobre a mesa. A imperatriz sorriu de um jeito que me pareceu equivalente ao desembainhar lento de uma adaga.

— Algum problema?

— Eu estava contando com os dois meses habituais de noivado — explicou Theodore, muito calmo, enquanto eu sentia como se tivesse despencado de um precipício. — Não posso garantir a preparação de um banquete e de uma cerimônia em apenas quinze dias. E os convidados não terão tempo de se prepararem para a viagem.

— Ela tem um vestido. Você tem vinho. — A imperatriz deu de ombros. — Você tem uma cama para a consumação do matrimônio. Imagino que esteja

ansioso por este casamento, não?

A austeridade de Theodore era impressionante, bem como o autocontrole inabalável. Ele assentiu.

— É claro que sim.

Pelos deuses. O vínculo, meu ciúme desatinado, despertou algo primordial dentro de mim. Meu corpo foi invadido pelo impulso de arrastar Theodore para fora da sala junto comigo, de rasgar os contratos e fazer com que todos soubessem que ele era *meu*.

— No entanto — continuou Theodore, sem se deixar intimidar —, tradições são importantes...

— Não se deixe levar por minhas palavras ponderadas, Theodore — interrompeu a imperatriz com súbita rispidez. — Não foi uma sugestão.

O rei permaneceu em silêncio.

Ao meu lado, Lachlan endireitou a postura como se estivesse em alerta máximo, e eu me lembrei do que Theodore dissera sobre o poder da frota e das tropas obelianas. A imperatriz era uma excelente aliada e um pesadelo como inimiga.

— Vossa Majestade — interveio Eftan com tato diplomático.

As palavras vieram acompanhadas de um aceno de cabeça para Theodore, um gesto de quem queria dizer: *você precisa aceitar*.

Theodore pigarreou, e disse:

— Precisarei me ausentar antes do casamento, mas concordo com uma quinzena.

Comecei a achar que sangrar pelos olhos, nariz e boca em um ritual de ruptura fosse preferível a isso. O vínculo fazia com que a ideia de um casamento entre Theodore e a princesa parecesse mais hedionda do que ter minhas tripas arrancadas pelo umbigo. Precisava ir me encontrar com a Maga Vidente quanto antes.

Eu me servi de mais vinho e a discussão continuou com cláusulas sobre filhos legítimos e ilegítimos, tarifas comerciais e negociações sobre quais seriam as obrigações da futura rainha Halla. Enquanto isso, o vínculo em mim gritava *não*, *não*, *não*. Quando finalmente tive certeza de que o vinho fermentado não amenizaria meu sofrimento, estiquei o braço sobre a mesa e peguei a pena de Eftan, que olhou para mim em reprovação. Molhei a ponta da pena, escrevi uma nota em um pedaço de papel e a deslizei para Lachlan. Ele leu e sussurrou:

— Não se atreva.

— Não consigo ficar aqui — sussurrei de volta. — Isso não vai nos prejudicar. Ele vai ficar bem.

— Você consegue aguentar mais algumas horas. Precisa aguentar.

— Não, *não preciso*. Concordei com três das condições desse idiota. *Essa* não era uma delas.

Mas procurar pela Maga Vidente, saber sobre minha mãe e ter nosso vínculo rompido era. Me levantei sem aviso e a atenção de todos na mesa se voltou para mim.

Fiz uma reverência.

— Peço perdão, mas estou doente e não consigo ficar mais tempo.

— Minha nossa — disse a princesa Halla, levando uma mão delicada ao peito. — Espero que se sinta melhor.

— Obrigad... — Eu me detive em minhas palavras.

Olhei para seus dedos pálidos, ou, melhor dizendo, para a enorme pedra brilhante em seu pescoço logo acima do ponto que sua mão tocava. Era idêntica à pedra em meu dedo.

— Seu colar... — falei, girando meu anel de modo que a pedra ficasse escondida dentro de minha palma. — É tão diferente! Mas é lindíssimo.

O sorriso primaveril da princesa surgiu de novo.

— Ah, sim. É um espinélio. São extraídos somente em Obelia. Extremamente raros.

— Imagino que sejam. — Fiz outra reverência e olhei para Theodore. — Peço licença, Vossa Majestade.

— Imogen, não pode sair. — Seus olhos ardiam. — *Fique.*

— Peço mil perdões, Vossa Majestade. — Levei a mão ao abdômen, bem na altura da área em que nosso vínculo se debatia dentro de mim. — Estou sentindo muita dor, preciso...

— Dar um passeio pelo jardim — completou Lachlan, levantando-se e segurando meu braço. — O ar fresco vai fazer bem.

Tentei, sem sucesso, me desvencilhar de sua mão.

— Não quero passear pelo jardim, comandante.

— Quer, sim — disse Lachlan, me puxando para que eu desse a volta na cadeira. Depois olhou para Theodore, que tinha empalidecido de raiva, com um semblante incisivo. — Na verdade, sugiro que todos nós façamos um intervalo. Por que não mostra seu jardim favorito para sua noiva, Majestade? Estamos aqui há horas. Seria bom fazer uma pausa.

O sol estava alto no céu, fazendo com que as flores explodissem em cor. Lachlan segurava meu braço com firmeza enquanto passeávamos pelo caminho de cascalho logo atrás de Theodore e da princesa.

— Pode relaxar o braço, comandante — disse, assistindo a Halla se deslocar graciosamente pelo jardim, estendendo a mão para tocar as pétalas das flores com seus dedos elegantes. — Não vou fugir.

— Nunca vi alguém menos convincente do que você.

— Foi horrível. Só de pensar nos dois... — Fiz um gesto frustrado em direção às costas deles. — Esse maldito vínculo precisa ser rompido.

Lachlan me deu um olhar desconfiado, mas não disse nada.

Theodore e Halla diminuíram o passo para admirar uma fonte no centro do jardim e não tivemos escolha a não ser fazer o mesmo. A água borbulhava e escorria pelos músculos esculpidos e pelas asas abertas de três Sirenas estoicas. A luz reluzia através dos respingos, das gotas que caíam das pontas de seus cotovelos e suas penas. Halla contemplava tudo com admiração. Então, sem pressa alguma, veio se aproximando de mim.

— Lady Nel, por acaso cresceu por aqui? Deve ter sido uma infância esplêndida. Este lugar parece saído de um livro.

Theodore e Lachlan ficaram imóveis e apreensivos à espera de minha resposta.

— Não, Vossa Alteza. — Abri e fechei a boca, pensando em uma resposta adequada. — Eu... cresci mais ao norte.

A princesa assentiu.

— Espero que o norte daqui não seja tão frio quanto o norte que conheço.

Eu sabia pouco sobre o norte de Varya, mas tinha certeza de que não havia vales de gelo por lá.

— Imagino que seja bem mais quente — respondi com um sorriso relutante.

A princesa era adorável. Ela e Theodore pareciam formar um bom par. Senti uma ferroada sob as costelas.

— Espero que esteja se sentindo melhor — disse ela, com uma voz melódica e gentil. — Ficamos todos bastante tempo sentados naquela sala.

— Ficamos — concordei. — Seus contratos de casamento são bastante minuciosos. Sempre foi tão detalhista em seu planejamento, Vossa Alteza?

— Ah, não, foi minha mãe. — Os olhos azuis de Halla ficaram distantes. Ela mergulhou a mão na água da fonte e depois sacudiu os dedos, fazendo espirrar pequenas gotas. — Ela é uma estrategista de mão cheia.

— Ela parece ter pensado em tudo.

Eu soava exaurida, quase irritada. Forcei um sorriso mais amigável e torci para que fosse uma máscara convincente.

— Com certeza.

Halla se abaixou para se sentar na beirada da fonte. Quando falou, diminuiu o volume de sua voz e deixou transparecer certa comoção.

— Imagino que talvez não compreenda, mas é um choque e tanto deixar o próprio lar e se instalar em uma nova casa, onde nada é familiar e não se tem amigos, lugares ou aromas conhecidos. Sinto-me muito grata por minha mãe e Sua Majestade terem levado meu bem-estar em consideração.

Ela olhou para Theodore com gratidão, e ele baixou a cabeça em uma reverência. A dor que senti naquele momento não veio do vínculo. Era inveja genuína.

— Lady Nel, o que pode me contar sobre o rei? — Ela se inclinou em cumplicidade, mas não olhou para mim.

O olhar da princesa permaneceu em Theodore e ela sorriu, cativante. *Pelos malditos deuses*, aquilo era um flerte.

— Imagino que você o conheça melhor do que a maioria das pessoas, já que passaram a infância juntos — continuou a princesa.

Toquei minha testa, me sentindo completamente desconfortável.

— Sua Majestade e eu não éramos muito próximos.

— Como não? Ele decidiu trazê-la para me conhecer. Ele deve gostar de você, não é mesmo, Vossa Majestade?

Theodore baixou os olhos para suas botas polidas.

— É claro.

— Viu só? — Halla fez um gesto no ar, me incentivando a falar. — Conte-me tudo o que sabe.

Lachlan coçou o pescoço e seus olhos se arregalaram como quem dizia: *boa sorte*.

Eu me demorei em silêncio tentando ganhar tempo para pensar, depois me sentei ao lado dela na beirada da fonte e estreitei os olhos.

— Apenas coisas boas?

A pergunta pareceu pegar o rei desprevenido. Ele sorriu, quase nervoso. Foi um sorriso largo que deixou seus dentes brancos à mostra e evidenciou sua covinha. Senti um calor de admiração em meu peito.

— Por gentileza — disse Theodore.

Respirei fundo e voltei-me para Halla.

— Bom, ele é muito rico. — Ela riu como se eu tivesse feito uma piada. — E...

Pensei e pensei, mas a única coisa que me veio à mente foi a lembrança de sua mão em minhas costas, seus dedos em meu queixo, seu lenço secando meu rosto molhado de lágrimas.

— Ele é muito observador. E carinhoso, mas só quando quer.

Olhei automaticamente para Theodore. Havia algo de caloroso na expressão do rei e ele segurava os braços atrás das costas, parado sob o sol, que acentuava os ângulos de seu rosto. Eu me senti tão compelida a falar que não consegui me conter.

— Ele é gentil — continuei, ainda olhando para Theodore. — E se você um dia sentir que seu mundo está sendo virado de cabeça para baixo, se permitir, ele será sua âncora.

Interrompi nosso contato visual e nós quatro ficamos em silêncio, ouvindo o canto dos pássaros e o gotejar da água. Dei de ombros, virada para Halla.

— Isso é tudo que tenho para contar.

— É mais do que suficiente — disse ela, com o olhar iluminado por um sorriso. — Obrigada.

Eftan veio de algum lugar atrás das flores altas e parou entre nós.

— A imperatriz solicitou que retomemos a discussão sobre os contratos. Ela o aguarda lá dentro, Vossa Majestade.

Theodore assentiu e todos se aprontaram para retornar ao palácio. Continuei sentada na beirada da fonte, sentindo meu estômago afundar. Então o rei parou.

— Lady Nel, vamos?

— Não, Vossa Majestade. — Eu me endireitei sob seu olhar incisivo. — Acho que não devo.

Os olhos do rei se arregalaram quase imperceptivelmente. Então disse a Lachlan e Halla:

— Podem ir na frente.

Eles obedeceram. Lachlan seguiu com os ombros tensos, mas Halla parecia totalmente despreocupada.

— Você tem que vir — ordenou Theodore, de frente para mim.

— Não consigo. — Fechei o punho sobre meu abdômen. — Com o vínculo, é uma tortura para mim ficar lá ouvindo tudo aquilo. E, nesta nova vida, neste novo lugar, não aceito ser maltratada. Preciso ir até a Maga Vidente o quanto antes. Preciso da minha profecia...

— *Maltratada?*

— Sim.

— Não. — Theodore cerrou a mandíbula, categórico.

— Como assim, "não"? — Eu me levantei para encará-lo à altura. — Esse era seu plano desde o começo. Romper nosso vínculo e depois me mandar embora.

— Isso foi antes de...

— Antes *de quê*?

Ele parecia estar petrificado.

— Antes de sabermos que esse vínculo não iria se estabilizar. Antes de sabermos que eu vou me casar em poucas semanas. — Ele andou de um lado para o outro até parar na minha frente. — Fique até o final e eu irei com você.

Fui pega de surpresa.

— Falar com a Maga Vidente?

Ele ajeitou o sobretudo, inquieto, e assentiu.

— Mais uma transação, então?

Ele se encolheu como se fosse uma ofensa, mas era apenas a verdade. Mais uma condição. Mais um sacrifício para que eu pudesse receber uma migalha de gentileza.

— Sabe muito bem que não pode ir comigo. A imperatriz está aqui. E sua noiva, que é lindíssima, também está. E vocês têm todos esses contratos absurdos que...

O remorso do rei estava estampado em seu rosto.

— Eu disse que estaria ausente antes do casamento.

Era verdade. Não pude deixar de me perguntar por que ele tinha dito isso, como ele soube.

— Mesmo assim. Será motivo de ofensa — argumentei, ajeitando meu cabelo para que não se esvoaçasse com a brisa do mar.

— Vou presentear a princesa com joias. Vou soltar alguns fogos de artifício na baía para ela.

Soltei um riso de desdém.

— É claro. Que mulher não se distrairia com coisas espalhafatosas...

— Quer que eu vá com você ou não?

— Quero — respondi prontamente.

— Então eu vou.

Ele não se mexeu, olhando para mim com o mesmo olhar de quando acalmou minhas lágrimas diante da estátua de Ligeia.

— Tudo bem, então.

Mesmo com raiva, eu soava ofegante, surpresa.

O rei baixou o queixo e engoliu em seco com força.

— Tudo bem.

Então se afastou e começou a se dirigir ao palácio. Notei o rubor em suas maçãs do rosto definidas, notei sua respiração acelerada. Pequenos vislumbres de sentimentos que ele não controlava — ou não conseguia controlar. Então Theodore parou, olhou de volta para mim e falou:

— Se quiser ficar no jardim, pode ficar. Eu vou com você mesmo assim.

Fiquei sem palavras, tomada por um arroubo de gratidão. Então me apressei e segui pelo caminho de cascalho.

— É melhor voltarmos depressa — disse. — O dever nos chama.

14

Menos de duas horas depois, eu estava em um estábulo vazio enchendo um alforje com uma calça e uma camisa que Theodore me emprestara. Ele teve o cuidado de dobrar as peças com capricho e amarrar tudo com barbante.

Os cavalariços tinham sido dispensados e, do outro lado, mal-humorado e ranzinza, Theodore preparava um cavalo. Eu estava atenta a ele, à maneira tensa com que puxava as correias e a sela, aos olhos taciturnos, à mandíbula cerrada.

O humor do rei voltou a azedar assim que retornamos para o jardim de inverno e para os contratos que pareciam não ter fim. Ele ficava mais calado a cada ponto discutido e, a certa altura, começou a morder a bochecha e a batucar os dedos na mesa lustrosa. Só pude concluir que ele tinha se arrependido da decisão de me acompanhar e que sua honra insuportável era a única coisa que o impedia de voltar atrás.

— Agatha e Lachlan vão vir se despedir? — perguntei. Eu estava guardando as roupas ajoelhada sobre um monte de palha.

— Sim — respondeu ele, sem parar o que estava fazendo.

— Você está bem?

— Estou.

— Ah, que bom. — Amarrei o último alforje com um puxão brusco. — Você parece ótimo mesmo. — Me levantei e estendi os alforjes e Theodore pegou um. — Se estiver pensando em ficar com essa cara a viagem inteira, saiba que já entendi que se arrependeu de ter dito que iria comigo, não precisa deixar isso tão evidente.

Theodore virou-se para mim. Fiquei imóvel diante da intensidade de seus olhos verdes.

— Você sempre sabe de tudo, não é?

Ele deu um passo à frente, e não consegui responder. Algo parecia estar entalado em sua garganta. Theodore deu mais um passo em minha direção e estendeu uma mão forte contra minha barriga, me pressionando contra a parede

do estábulo. Deixei escapar um arfar surpreso sob o toque dele.

— Gostaria de saber o que realmente está me incomodando, Imogen?

Consegui reunir forças para responder com um leve aceno de cabeça.

— Não me arrependo de minha decisão, mas deveria. — Sua outra mão se fechou em minhas costelas como se ele quisesse me erguer do chão. Nosso vínculo ardia com um calor prazeroso e fulgurante, agitando-se em minhas entranhas. — Eu me referi a você como uma mosca e me odeio por isso. A verdade é que o inseto *sou eu*. Sou uma mariposa. E você é a lua. Me chamando, me *atraindo* para si. Mas nunca vou poder tocá-la sem destruir a mim mesmo no processo. Me resta apenas rezar para que esse dia chegue logo. — Ele me lançou um olhar de súplica. — Consegue entender? Estou fazendo o melhor que posso para me controlar, para manter distância, mas tudo o que você faz parece servir para frustrar esse objetivo.

Meu coração quase saiu pela boca. Teria sido menos estarrecedor se ele tivesse arrancado a pele do próprio peito para deixar à mostra os órgãos sangrentos e pulsantes por baixo. Mas aquilo, o toque, a proximidade, a confissão...

— Não está falando sério.

Theodore estava muito perto, o rosto inclinado para o meu. Eu poderia beijá-lo se ficasse na ponta dos pés. Suas sobrancelhas se arquearam ainda mais.

— Pelos deuses, como eu gostaria de não estar.

Minha frustração ganhou força com seu tom de desagrado.

— Fala de desejo como se fosse uma doença, como se eu tivesse o contaminado. — Empurrei seu peito musculoso sem muita pretensão, apenas para agarrar sua camisa segundos depois. — Como ousa me culpar, como se isso não passasse de uma armadilha minha, ou como se este fosse um sentimento perverso? Talvez eu seja o objeto do seu desejo, mas não sou a fonte.

Theodore não disse nada. Ele pareceu ponderar minhas palavras, depois esforçou-se para se afastar. Sua mão cálida se recolheu de minha barriga e imediatamente lamentei a distância. Soltei a camisa dele, mas continuamos próximos, olhando um para o outro.

Havia algo entre nós, afinal, por trás de toda a discórdia e embate. Eu não sabia dizer se era simplesmente o vínculo o que alimentava nossa atração, mas, naquele momento, eu estava *desesperada* para descobrir. Para desarmar as defesas que pareciam tão intransponíveis, para conhecê-lo, explorá-lo. A julgar

pela forma como o rei me olhava, pensei que ele talvez quisesse o mesmo.

Mas ele recuou.

— Peço perdão. — Ele me deu as costas, indo até o cavalo para prender o segundo alforje. — Não irá se repetir.

A parede atrás de mim era tudo o que me mantinha de pé. Era tão fácil para ele simplesmente se fechar em si mesmo. No instante seguinte, já estava sereno, indiferente ao que acabara de acontecer entre nós dois.

Então veio o som de passos sobre palha e Agatha apareceu. Ela usava um vestido cor de areia que parecia ser novo e trazia nas mãos uma cesta cheia de embrulhos de comida e garrafas de vinho.

— Aí estão vocês — disse ela, mas sua expressão se afligiu ao me ver. Ela alternou o olhar entre mim e Theodore. — Está tudo bem?

Fiz que sim com a cabeça.

— Aham.

Retesando-se com minha mentira, Agatha virou-se para Theodore e anunciou:

— Vossa Majestade, a princesa Halla está aqui. Ela veio desejar-lhe uma boa viagem.

Theodore endireitou os ombros, mas, antes que pudesse sair da baia, Halla surgiu ao lado de Agatha. Seus cabelos alvos estavam presos com firmeza e embelezados com presilhas de safira. O azul-gelo de seu vestido fino combinava perfeitamente com seus olhos. Com um sorriso amável, ela se abaixou em uma reverência.

— Gostaria de me despedir, Majestade.

Theodore continuou calado, mas deu um passo à frente, pegou a mão dela e a beijou em um gesto breve.

Quando percebeu que eu estava ali, ainda de pé contra a parede do estábulo, Halla estreitou os olhos, confusa.

— Não sabia que a lady Nel o acompanharia para cuidar das tratativas com seus capitães de guerra.

O rei olhou para mim e depois de volta para a princesa.

— A família dela mora perto de uma das bases.

— Que oportuno — respondeu ela com um sorriso tenso. Depois se ergueu na ponta dos pés e deu um beijo demorado na bochecha de Theodore. — Não vejo a hora de vê-lo de novo.

Ele apenas acenou com a cabeça em resposta.

Depois de uma última olhada para mim, Halla saiu a passos rápidos do

estábulo, de cabeça baixa. Fui assolada pela culpa, mas o sentimento foi atropelado pela chegada de Lachlan, que apareceu trazendo cobertores enrolados para a viagem e alguns embrulhos extras de mantimentos.

A forma como olhou de soslaio de Theodore para mim não passou despercebida.

— Venha me ajudar com isso, Imogen — pediu Agatha, fazendo um gesto para os embrulhos de comida que trazia e depois para a baia atrás dela, onde o segundo cavalo aguardava.

Ela começou a guardar as coisas no alforje preso na traseira do cavalo, depois olhou por cima do ombro e sussurrou para mim:

— Deixe que ele ajude você.

Ajeitei meu cinto. A calça de lã que Theodore me emprestara era grande demais e sobrava na cintura, além de me dar uma sensação estranha nos quadris e nas coxas.

— Não sei do que está falando — respondi, distraída.

— Preste atenção — disse ela com um olhar flamejante. — Vocês dois parecem determinados a trocar farpas, mas isso só vai dificultar o que está por vir. Deixe que ele *ajude*. Permita que ele a conforte e cuide de você. — Agatha pareceu abafar a emoção que despontara em sua voz. — A Maga Vidente e seu ritual são perigosos. Se você tentar agir por conta própria, tenho medo de que não consiga voltar.

— Agatha... — Balancei a cabeça. — Prometo que vou tentar.

Aceitar os cuidados do rei seria difícil agora que eu sabia o quanto isso era motivo de pesar. Olhei para Theodore. Ele usava uma camisa marrom que estava limpa, mas tinha manchas de sujeira, calças remendadas e botas surradas, isso porque, segundo ele, era melhor estar com uma aparência singela ao visitar zonas pouco exploradas de Varya. A falta de elegância não o prejudicava em nada. Na verdade, eu preferia vê-lo assim, com os cabelos ondulados sob a luz do sol, as roupas gastas cobrindo os músculos definidos.

Agatha me observava em silêncio.

— Preciso avisá-la... a ruptura não será imediata, nem virá sem complicações.

— O que quer dizer? — perguntei, voltando minha atenção para ela.

Havia empatia em suas palavras quando ela sussurrou:

— Eu vejo que há algo entre vocês dois. É confuso e espinhoso, mas existe alguma coisa.

Mordi o lábio inferior, determinada a evitar o assunto, e coloquei a barra da

camisa grande demais por dentro da calça. Não tardou para que o afeto nas feições de Agatha desse lugar a um olhar de pena.

— Talvez você consiga enganar a si mesma, mas não a mim. A Lachlan também não. — Ela respirou, aliviada.

— De que importa? — retruquei. Eu falava baixo, aborrecida. — Theodore é um rei. E eu sou... — Soltei uma risada exasperada. — Sou o quê? Uma órfã, uma assassina. Ele vai se casar com uma princesa que é linda, perfeita para ele. E ainda que as circunstâncias fossem diferentes... — A imagem do corpo de Evander, torto e submerso em minha banheira, invadiu minha mente sem aviso. Esfreguei os olhos como se isso fosse apagar a lembrança. — Theodore vai me ajudar a sobreviver à Maga Vidente porque este é o dever dele. Depois vou me despedir e partir para minha última tarefa.

— Imogen... — disse Agatha, estendendo a mão para mim.

Mas eu me afastei e fui para o pátio dos estábulos, onde Theodore e Lachlan puxavam o primeiro cavalo. Agatha queria extrair minhas emoções como se fossem pedras preciosas, algo precioso e digno de escrutínio, mas eu estava feliz deixando-as muito bem enterradas.

— Tudo pronto?

— Quase — respondeu Lachlan, passando por mim para buscar as rédeas dos cavalos.

No pátio ensolarado, Theodore nem sequer olhou para mim. Ele parecia ter mergulhado ainda mais em sua carapaça impenetrável de melancolia.

— Acha melhor comermos antes de partir? — perguntei, tentando dissipar o incômodo no ar.

Theodore testou uma correia da sela, estirando-a com um puxão e fazendo-a estalar.

— Pode comer depois que estiver montada.

Fiquei tentada a responder àquela frieza na mesma moeda. Ergui o queixo e tomei ar, mas... me detive. Talvez... se eu fosse como água, se me moldasse a ele... talvez conseguíssemos sobreviver aos dias que estavam por vir.

— Boa ideia — respondi com suavidade.

A mandíbula do rei pareceu relaxar. Então, sem dizer mais nada, ele colocou o pé no estribo e subiu no cavalo em um movimento habilidoso.

Agatha se aproximou e parou ao meu lado.

— Tome cuidado.

Acenei com a cabeça.

— Vejo você em uma semana.

Minha égua era graciosa, tinha o pelo brilhante e muito preto. Eu me posicionei ao lado do animal e tentei imitar a destreza de Theodore ao montar, mas fiquei paralisada assim que coloquei o pé no estribo.

— Eu... eu nunca montei sozinha.

— Ah, pelo amor dos deuses... E você deixa para nos contar isso *agora*? — Lachlan marchou até onde eu estava. Enquanto me conduzia para dar a volta no cavalo, falou em voz baixa de modo que apenas eu pudesse ouvir. — Seja paciente com Theo. Ele está tão apavorado quanto você. Talvez mais.

— Com o quê? Não é ele que vai passar pela ruptura.

O olhar do comandante se tornou sombrio.

— Vai saber da boca dele. Quando ele estiver pronto.

Então, quando me dei conta, ele estava me parando ao lado do cavalo de Theodore. Lancei um olhar de pânico para Lachlan.

— O que está fazendo?

— Desculpe — disse ele, dando uma palmadinha no joelho do rei. — Theo vai ensinar você.

— Não. Não, não precisa, obrig...

Mas Lachlan já estava forçando meu pé no estribo e me levantando para que eu me sentasse na sela de Theodore, na frente dele. Desajeitada, joguei a perna sobre a sela e me acomodei. Nós dois ficamos imóveis feito estátuas sob o olhar duro de Agatha, que levara uma mão à têmpora.

Lachlan sorriu com certo incômodo, depois deu duas palmadinhas na anca do cavalo e disse:

— Coloquei mais vinho nos alforjes.

Com as rédeas da minha égua em mãos, Theodore nos conduziu para fora do pátio e rumo à estrada que cortava os jardins externos do palácio, por onde a névoa do mar se espalhava. Sentei-me com as costas retas e todos os músculos retraídos. Theodore falou atrás de mim:

— Você está tensa demais.

— Você está fazendo o possível para manter distância. — Senti a pressão do corpo dele contra o meu. Seu peito e abdômen eram firmes e quentes. — Não parece sensato relaxar nessa posição.

— Será que não consegue ignorar nossos corpos e se concentrar no cavalo?

— O que disse? — Eu me inclinei para olhá-lo por cima do ombro. — O que está insinuando?

— Nada — respondeu ele imediatamente. — Apenas concentre-se na

porcaria do cavalo.

Eu me endireitei e olhei para frente de novo, bufando.

— Seu idiota.

Ele se aproximou e falou no meu ouvido com uma voz grave:

— Sente-se direito. Relaxe os quadris. Precisa se equilibrar para sentir o cavalo.

Bufando outra vez, tentei obedecer. Nós cavalgamos pela estrada de terra batida que ia do palácio a um prado vizinho repleto de árvores, e fui relaxando os músculos aos poucos.

Ele murmurou algo em aprovação.

— Está melhorando.

As palavras de encorajamento soaram ofegantes e um sentimento inesperado me invadiu. Fechei os olhos, irritada.

O caminho ficou irregular e ele bateu duas vezes no meu quadril, lembrando-me de sentir o movimento do cavalo. Segurando a língua, obedeci.

— Muito bem.

Quando ele acelerou o galope do cavalo, comecei a perder o equilíbrio e Theodore passou um braço em volta da minha cintura.

— Estou segurando você.

Ele nos manteve assim, com os corpos colados, enquanto trotávamos adiante. Meu coração estava disparado com aquele nível de proximidade e imaginei todos os pensamentos abomináveis que deviam estar passando pela mente do rei. Aos poucos, fui me acostumando com o ritmo mais rápido e consegui manter minha postura e equilíbrio.

— Pegue as rédeas — disse ele, entregando-as para mim.

Então nos conduzi por uma estrada de terra sinuosa cheia de florezinhas amarelas que balançavam ao vento, como se estivessem dançando ao som de uma melodia que eu não conseguia ouvir. Eu sorri, encantada.

— Que flores bonitas — suspirei, deixando escapar meus pensamentos.

— São ervas daninhas.

— Ah, tenha dó! — exclamei, com um estalo de fúria. — São bonitas mesmo assim!

Ele ficou em silêncio enquanto deixávamos as flores para trás e adentrávamos um campo verdejante. Teria sido preferível manter a calma, mas não era minha culpa o fato de aquele homem ser tão desdenhoso e rabugento.

No entanto, para minha surpresa, ele chegou mais perto. Sua bochecha tocou meu cabelo.

— Você tem razão — disse Theodore, como se quisesse se desculpar. — São mesmo bonitas.

Eu queria ter visto seu rosto, seus olhos. Queria saber de que forma mudavam quando sua voz soava daquele jeito. Mantive o olhar à frente, mas aquele único momento drenou toda a tensão restante em meu corpo. Mesmo sabendo que não deveria, descansei meu corpo colado no dele e nos movemos sobre o cavalo como se tivéssemos nos fundido.

Já na metade do campo, Theodore puxou as rédeas com força. Paramos e segurei um suspiro quando percebi o motivo. Eu conseguia senti-lo, firme e pulsante, pressionando meu quadril. Nenhum de nós se moveu por um instante. Meu corpo inteiro pareceu entrar em combustão, mas fiz o máximo para dissipar a sensação. Não trocamos uma palavra sequer enquanto eu desmontava desajeitadamente. Quando enfim coloquei meus pés no chão, olhei para ele. Seu rosto estava ruborizado, sua boca, apertada, e uma parte de mim queria deixá-lo sozinho com seu constrangimento, mas em vez disso balancei a cabeça em um gesto bem-humorado, fingindo censurá-lo:

— Será que não consegue ignorar nossos corpos e se concentrar no cavalo?

De repente, ele largou as rédeas da minha égua e saiu cavalgando em disparada pela estrada.

Não contive um sorriso.

— Não vai esperar por mim? — provoquei, mas quando o vínculo começou a se estirar e causar um desconforto nauseante, gritei: — Eu estava brincando!

Subi em minha sela e, por milagre divino, consegui que a égua me obedecesse.

Não demorou muito para que meu corpo começasse a doer. Meu cérebro também. Mergulhei em um turbilhão de receios, dúvidas e pensamentos que ameaçavam me sufocar. Nem mesmo a paisagem magnífica de Varya conseguia me acalmar.

Theodore cavalgava à minha frente, não muito longe.

— Você já encontrou a Maga Vidente antes? — perguntei, por fim.

Ele passou a mão pelos cabelos bagunçados pelo vento.

— Só uma vez.

O tom era cortante. Hostil. Ele não queria conversar, mas o silêncio entre nós estava me matando.

— E então? É tão terrível quanto Agatha diz?

O rei se endireitou na sela. Deixei o silêncio se estender até me conformar com a ideia de que ele não responderia. Até que:

— É.

Senti um calafrio e agarrei as rédeas com força. Não fiz mais perguntas, apenas me limitei a observar seus ombros rígidos e xinguei baixinho, odiando o fato de Agatha sempre, sempre ter razão. Era desanimador pensar que Agatha talvez também tivesse razão sobre nós dois, e que o quer que existisse entre mim e Theodore poderia me marcar permanentemente. Eu só queria me livrar dele de uma vez por todas. Além do mais, sentia que ia enlouquecer se fosse obrigada a suportar tantos dias ao lado de Theodore naquele estado de medo e silêncio.

— Vamos desembuchar. Que tal? — Esperei por sua reação. Alguns instantes depois, ele olhou para mim por cima do ombro com um ponto de interrogação em seu semblante sisudo. — É melhor botar para fora tudo o que está te deixando nesse péssimo humor. Tudo o que odiamos um no outro, todas as nossas reclamações. Assim, quando nosso vínculo for rompido, vamos ser devidamente expurgados um do outro.

Theodore soltou um assovio baixo e cavalgou em silêncio por mais alguns segundos.

— Que ideia horrorosa — disse.

Adentramos um vinhedo cujas folhas largas farfalhavam com o sopro da brisa morna do mar. Falei mais alto para que ele pudesse me ouvir:

— Está com medo, por acaso?

Isso bastou para que Theodore mordesse a isca. Ele respirou fundo e diminuiu a velocidade do cavalo. Quando estávamos lado a lado, ele me olhou de canto.

— Eu começo.

Flexionei os ombros, me preparando para o golpe.

— Sua falta de arrojo é alarmante — confessou ele. — Não consigo entender como alguém tão fascinante, filha de uma deusa tão estupenda e poderosa, conseguiu passar a vida feliz em se esconder nas montanhas feito um gato gordo e preguiçoso. Ainda por cima disposta a se casar com aquele capitão. Não, não apenas disposta, você parecia *não ver a hora* de se casar com ele. — As palavras se tornavam cada vez mais mordazes e carregadas de raiva. — Você vivia agarrada a ele, beijando-o, quando ele não tinha feito nada para merecê-la. A pior parte é que, por incrível que pareça, estou morrendo de inveja daquele defunto infeliz. Ele matava Sirenas e você queria ficar com ele mesmo assim. Isso me atormenta.

Ele fez uma pausa para respirar fundo, mas não pareceu se acalmar.

— Para mim, é um desafio tentar entender por que você não tenta aprimorar seu poder, usá-lo *como fonte de força*. Não entendo como é possível que não anseie por reivindicar o trono perdido de sua mãe. Você é covarde. E egoísta. Você cedeu seu sangue, fez a prece pelo fim de sua própria espécie. Só está preocupada com partes do mundo que a tocam. Você carece de bravura e prudência e, ainda assim...

Ele cerrou a mandíbula para não dizer mais nada.

Tentei engolir a mágoa e o constrangimento, a vergonha, mas senti um nó obstruindo minha garganta.

Ele esfregou a testa com a mão.

— Quando eu era pequeno, passava horas admirando a estátua de Ligeia, acendendo velas a seus pés e implorando pela coragem que as canções e lendas diziam que ela possuía. Então conheci você, tão parecida, e eu... eu quis... Foi uma decepção descobrir que não passa de uma casca vazia dela.

Os cavalos avançavam pela estrada de terra e eu tentava me acalmar. O aperto em meu peito fazia com que eu respirasse de forma curta e superficial. Um longo momento se passou antes que Theodore olhasse para mim. Mantive meus olhos no caminho adiante.

— Minha vez — avisei, quando finalmente consegui me recompor. — Você é um babaca metido. É tão presunçoso que acabou se tornando uma pessoa endurecida e intransponível feito uma muralha. Você tem zero empatia... por mim, por qualquer um que não tenha tido o privilégio de fazer escolhas próprias na vida, qualquer um que não tenha nascido em berço de ouro, qualquer um que não tenha tido poder desde o nascimento como você. Essas coisas não o tornam alguém melhor do que eu. Graças aos seus privilégios, você enxerga tudo em termos absolutos, oito ou oitenta, e por isso só consegue ver fragmentos do que eu sou. E, apesar de você ser hipócrita, cabeça-dura e ter me tratado com tão pouca educação, continuo desejando desesperadamente que consiga me ver como realmente sou e detesto isso. Queria que enxergasse que, só porque minha coragem não é como a sua ou como a de Ligeia, não significa que seja nula. Você não é tão diferente assim de Nemea com essa postura de controle.

Minha voz começou a perder a força e ficar trêmula, então falei depressa.

— Ouvi você rir uma única vez e foi para reagir com desdém de algo que eu disse. Seu único sorriso genuíno foi para a costureira. E, francamente, você acha que o simples fato de me achar bonita pode macular seu sagrado nome! E que os deuses não permitam que as cantigas que sem dúvida serão escritas

sobre você mencionem sua virilidade! Quanta pureza, o grande deus-rei Theodore não era atormentado por desejos carnais! Ele fazia as mulheres bonitas se vestirem com sacos de batata e...

— Já entendi — disse Theodore, arrasado.

— Não, eu ainda não terminei. E sabe o que mais? Você precisa de uma foda. Uma foda bem dada e demorada. Espero que sua nova esposa goste de seus beijos castos e abraços duros e dos fogos de artifício que irá soltar para ela na baía, porque esse é o máximo de afeto e demonstração de desejo que você tem para oferecer.

Minha raiva era ardente e eu queria afetá-lo de qualquer forma, mas, inundada de frustração, tinha dito uma coisa que não era inteiramente verdade. Eu já tinha sentido o desejo dele antes, muitas vezes. Mesmo naquele momento, me lembrar de sua mão forte sobre minha barriga me preencheu com uma sede voraz.

Em um silêncio aborrecido, Theodore voltou a cavalgar na frente. Passamos por vinhedo após vinhedo sem trocar uma palavra. Quando o sol concluiu seu trajeto em arco no céu e voltou a se aproximar do horizonte, Theodore fez sinal para que parássemos na lateral da estrada.

Com o rosto amarrado, ele desmontou e começou a vasculhar o alforje. Sacou uma garrafa de vinho. Tirou a rolha.

— Está mais leve? — questionou ele, tomando um gole demorado.

— Não. — Joguei minha perna por cima da égua e caí de pé com um grunhido. — Estou pior do que antes. Você tinha razão, foi uma ideia horrorosa.

Ele concordou com um suspiro. Tomou outro longo gole. Depois se aproximou, chegando perto demais. Eu estremeci.

— Tome.

O rei me encarou com olhos atentos, esperando que eu tomasse o vinho. Sorvi um gole generoso, sustentando seu olhar. Era o mesmo vinho que eu tinha bebido à mesa no jardim de inverno, doce e efervescente.

— É muito gostoso — disse, tomando mais um gole.

— Obrigado.

— Foi você quem fez?

Ele acenou com a cabeça.

— As uvas são de um dos vinhedos pelos quais passamos. Eu mesmo cuido delas.

Achei graça.

— Você entende de cultivo?

— Sim. — Ele me deu um sorriso, mas ainda havia mágoa em seu olhar. — Talvez acrescentem às cantigas que vão escrever sobre mim — disse ele em uma piada autodepreciativa. — Rei Theodore, o puritano da jardinagem.

Sorri de volta.

— Lachlan me disse que você nem sempre foi assim.

Ele arqueou as sobrancelhas escuras.

— Ele me contou sobre as noites no navio cheio de mulheres.

Theodore soltou uma risada grave. Era rouca e contida, e eu me acalmei ao ouvi-la.

— Imaginei que tivesse sido ele. Maldito Lachlan. — Ruborizando, ele deu uma risadinha, então olhou para o céu que escurecia. — Daqui a mais ou menos um quilômetro há uma casinha. É para uso de viajantes e trabalhadores do campo. — Seu olhar se fixou no meu. — Podemos dormir lá esta noite.

Assenti com uma onda de expectativa.

Quando tentei levantar minha perna dolorida até o estribo, meu pé escorregou e quase cai. Soltei um gemido de dor e me endireitei, mas Theodore apareceu às minhas costas, me segurando pela cintura. Ele me apertou como se estivesse se preparando para me levantar, mas, em vez disso, inclinou-se para mais perto. Sua mão deslizou para cima, de modo que os nós de seus dedos roçaram levemente a parte inferior dos meus seios.

— Se eu tivesse conhecido você naquela época... — disse ele com a boca perto do meu ouvido.

Senti meu coração acelerado.

— O quê? — perguntei, tentando olhar para ele por cima do ombro.

Eu não conseguia respirar. Ele franziu a testa e fechou a boca, como se tivesse pensado melhor.

— Diga.

Devagar, Theodore abriu bem os dedos e espalmou a mão ainda mais em minhas costelas, como se quisesse tocar o máximo possível de mim.

— Eu teria venerado você — disse ele, rouco e provocante. — Teria deitado você em minha cama como quem coloca uma deusa em um altar. Teria me ajoelhado diante de você. E, quando tivéssemos terminado, muito, muito tempo depois... — Ele me puxou para mais perto, pressionando o peito em minhas costas. Eu quase me derreti com a pressão de seu corpo. Ainda tentando olhar para trás, meu nariz roçou seu queixo. — Eu agradeceria por me devorar e me dilacerar com essas suas garras.

Então ele se afastou em um movimento abrupto e me ergueu para a sela tão

depressa que cheguei a ficar zonza. Deixei escapar um gemido de frustração e senti meu rosto ficando quente.

Theodore olhava para mim do chão com um sorriso convencido.

— Você é um idiota.

— Sim, eu sei — disse ele, dando risada.

Depois voltou a montar e, com um estalo de língua, os dois cavalos voltaram a avançar pelo trajeto. Seu corpo parecia relaxado pela primeira vez e seus ombros fortes estavam leves de uma forma que eu nunca tinha visto antes.

— Você parece muito contente — disparei.

— É fácil ficar contente quando se provoca esse tipo de som vindo de uma mulher.

Seguimos em marcha lenta — para meu alívio, porque todos os músculos do meu corpo doíam. Assim como meu ego. Mas o ar entre nós estava mais descontraído, menos carregado.

— Eu não teria dilacerado você — falei, por fim. — Não gosto de desperdício.

— Ah, não? — Ele riu de novo. — O que teria feito?

— O que qualquer deusa digna de devoção faria — afirmei. Ele olhou para trás com um olhar divertido e cheio de expectativa. — Teria exigido que você me adorasse uma segunda vez. Depois mais uma.

Um sorriso se espalhou por seu rosto e ele tomou mais distância com o cavalo. Cavalgando à frente, Theodore inclinou a cabeça em direção ao céu, como se imerso em um devaneio agradável. Tive a impressão de ter ouvido um murmurar satisfeito vindo dele.

De onde eu estava, passei o restante do curto trajeto até o ponto de descanso imersa em um devaneio só meu.

15

Assim que deixamos a estrada principal, avistamos três cavalos amarrados a um bebedouro e uma carroça desgastada carregada de pacotes e mantimentos. O casebre de teto de palha erguia-se ao lado de um poço de pedra. Não havia porta nem vidros nas janelas e o chão próximo à entrada era de terra batida, como o da estrada.

Ouvimos vozes e risadas abafadas vindas lá de dentro.

Theodore puxou as rédeas do cavalo e desmontou.

— Não saia daqui — ordenou, sua mão pairando sobre a adaga que trazia presa à cintura.

A apreensão dele espantou todos os meus pensamentos impróprios.

Mas, antes que Theodore pudesse entrar, três jovens saíram. Dois deles, baixos e franzinos, pareciam ser irmãos. Eles me lembravam de pontas de flechas serafitas com seus cabelos escuros e narizes afilados. O terceiro era alto e muito bonito, de cabelos dourados e cacheados, pele marrom e olhos alegres de um tom muito claro de verde. Todos eles estavam sorrindo.

— Tem espaço lá dentro — avisou um dos irmãos, falando com Theodore. — Vamos dormir aqui fora. O tempo está bom.

O rei apenas assentiu em resposta, com a cara fechada. Então o rapaz atraente me viu e, com um sorriso ainda mais largo, veio caminhando em minha direção.

— Precisa de uma mãozinha?

Theodore agarrou o cabo da adaga.

— É melhor não encostar sua "mãozinha" em minha esposa se não quiser perdê-la.

O rapaz jogou os dois braços para cima como quem se rende.

— Só estava tentando ajudar — explicou ele, de olhos arregalados.

Olhei com reprovação para Theodore, mas fui ignorada. Pisando duro, ele veio até mim e me ajudou a descer da égua. Os homens se retiraram para uma pequena clareira atrás do casebre onde havia uma fogueira, carrancudos graças

à interação e conversando entre si.

— O que deu em você? Agora eles não vão nos convidar para a fogueira de jeito nenhum.

— Finja que gosta de mim. — Ele pegou o odre de água no alforje da minha montaria e o abriu para que eu bebesse. — Aja como se estivéssemos casados e felizes. Vai ser difícil, eu sei, mas tente.

Tomei um gole d'água, irritada.

— Por quê? O que aconteceu?

Theodore franziu a testa e colocou a mão sobre a barriga. Sobre o vínculo.

— Eu não conheço essa gente. E só de pensar naquele rapaz tocando em você... — Ele balançou a cabeça e bebeu um gole d'água também. — É essa porcaria de vínculo. Pode fazer isso por mim, por favor? E fique ao meu lado. Se acharem que você é qualquer outra coisa que não minha esposa, não estará segura.

— Você está com ciúme! — Eu o encarei enquanto ele vasculhava o alforje outra vez. — Disse que minha reação depois da reunião sobre o contrato foi patética, mas está fazendo exatamente a mesma coisa.

O rei balançou a cabeça.

— É diferente. Estávamos diante da imperatriz de Obelia...

— Está vendo aquele ali, o que é bonitão? — apontei. Theodore franziu a testa e olhou para trás. — Quando você estiver dormindo hoje à noite, nós dois vamos dar uma fugidinha para as videiras para fazer amor. Depois, no café da manhã, você vai ser obrigado a ouvir em silêncio enquanto falamos sobre nossos futuros filhos.

Ele olhou para mim, descontente.

— A sensação é ruim, não é? — alfinetei.

— É — admitiu ele com um grunhido.

Fomos cuidar dos cavalos e Theodore ficou em silêncio durante todo o tempo, pensativo. Quando terminamos, ele pegou uma tigela pequena e um pano nos alforjes e me conduziu até o poço. Dando a volta para ficar de costas para os homens ao redor da fogueira, Theodore se sentou na mureta de pedra, encheu a tigela com um pouco d'água e jogou o pano dentro. Depois abriu bem as pernas e me pegou pela mão, me puxando para perto, de modo que fiquei entre os joelhos dele. Por um momento, não consegui fazer nada além de encará-lo: os cílios escuros, a curva do nariz, o arco do cupido.

— O que está fazendo?

— Tratando você como se fosse minha esposa.

Os olhos dele estavam na altura do meu queixo. Com gestos lentos e delicadeza avassaladora, ele afastou os fios de cabelo que tinham escapado da trança que eu estava usando. Senti cócegas na orelha e nas têmporas quando seus dedos roçaram minha pele e prendi a respiração. Theodore segurou a trança, enrolou-a uma vez no punho e deu um puxão leve, inclinando meu queixo para cima e deixando meu pescoço à mostra.

Um ruído baixo de satisfação veio de sua garganta enquanto ele alternava o olhar entre minha boca, meu pescoço e um ponto ainda mais abaixo. Usando a mão livre, Theodore torceu o pano e, com toda a calma do mundo, passou-o por minha bochecha e depois desceu para a lateral do meu pescoço. Engoli um gemido.

— Você... não precisa...

Ele molhou o pano de novo e o levou de volta à minha pele corada.

— Você está coberta de poeira e suor — disse ele mansamente. — Faz parte da obrigação de um bom marido ajudar a esposa a e limpar antes de providenciar o jantar e colocá-la na cama. Não acha?

— Não é isso que você está fazendo.

Ele desceu com o pano ainda mais, até minha clavícula, onde a camisa que eu usava — a camisa dele — estava ligeiramente aberta. Fechei os olhos. Ele certamente estava reparando na cor das minhas bochechas, percebendo minha respiração cada vez mais ofegante.

— Você está se vingando de mim pelo que eu disse. Está me provocando — acusei.

O rei balançou a cabeça.

— Não é o que estou tentando fazer. Eu juro. — As palavras soaram como uma carícia morna em minha pele. — Mas admito que gostaria de não me importar com o que pensa de mim.

Ele secou uma gota de água em meu queixo com o dedo, puxando meu lábio inferior para baixo com o movimento.

— Só mais dois dias e o vínculo será rompido. Depois disso você não se importará mais.

Nossos olhares se cruzaram e, quando ele sorriu com ironia, senti meu coração virar do avesso.

— Tomara.

O calor permaneceu em seus olhos quando ele se afastou e soltou minha trança, segurando o pano entre nós. Tínhamos chegado ao limite e agora estávamos prestes a ultrapassá-lo. Pensei em Lachlan e no pedido de Agatha:

que eu me permitisse ser cuidada e que cuidasse de Theodore também. Apesar da confusão da semana anterior, ela acreditava que algo mais tinha surgido e florescido entre nós, como uma das videiras floridas do rei. Era desejo, atração, mas nada além disso. Nada duradouro poderia florescer em nossas circunstâncias. Mesmo que algo tivesse inexplicavelmente surgido, talvez alimentado pelo nosso vínculo de sangue, estávamos a dois dias de arrancá-lo pela raiz.

Esvaziei a tigela e a enchi com água limpa. Molhei o pano e o torci. O interior das minhas coxas doía depois de tanto tempo montada e eu me apoiei no joelho dele.

— Então, como previamente estabelecido, você já foi fogoso e viril. E ainda é, algumas vezes. — Ele riu, e eu me deleitei com o som. — Mas *eu* sempre tive medo.

O olhar de Theodore se fez mais sóbrio. Eu me encostei em seu peito, toquei seu queixo e inclinei seu rosto para cima. Enquanto eu passava o pano pela lateral firme de seu pescoço, ele levantou a mão e a pousou em meu quadril.

— De quê?

— De tudo. Quando eu era pequena, tinha medo do escuro.

— Assim como toda criança.

Molhei o pano de novo e abri a gola de sua camisa, me permitindo admirar os ângulos de seu peitoral forte.

— Talvez meu medo fosse como o de qualquer criança, mas a escuridão no Forte Linum era diferente. Sinistra. É tão escura e tão densa que parece corpóreo, como se fosse um monstro por si só. Eu me distraía e passava tempo demais lendo no escritório e depois tinha que sair correndo para chegar ao meu quarto. Eu chegava à minha cama no andar debaixo tremendo e chorando.

Ele acariciava meu quadril com movimentos sutis do polegar.

— Por que não dormia no escritório?

Balancei a cabeça e deslizei o dedo pelo dorso de seu nariz, depois por sua bochecha.

— Eu queria meu quarto. Um lugar que era só meu.

— Muito corajoso de sua parte.

Theodore olhou para mim como na noite em que nos conhecemos, como se enxergasse o fundo da minha alma. Ali, no entanto, parecia olhar com ainda mais atenção, enxergando uma camada mais profunda. Por mais tolo que soasse, torci para que, daquela vez, as peças se encaixassem de uma forma que

o agradasse. Eu me levantei de seu joelho para jogar fora a água suja da tigela, depois torci o pano.

— Estou com fome. — Olhei para além de Theodore, para os três homens amontoados em torno da fogueira crepitante. — Vai ter que bajulá-los para podermos aquecer a comida.

Theodore fez uma careta ao se levantar e depois passou as mãos na calça.

— Primeiro, vou fazer nossa cama.

— *Camas*. No plural.

Ele veio em minha direção e pegou a tigela e o pano da minha mão.

— *Cama*. No singular. Como se existisse a mínima possibilidade, com esse vínculo de sangue ainda por cima, de eu deixar você dormir longe de mim sendo que estamos no meio do nada com três homens estranhos dormindo logo ao lado.

O limite estava indo para os ares. Eu poderia muito bem dormir em segurança em meu próprio saco de dormir, com minha própria manta, ainda que ao lado dele. Os homens em questão eram inofensivos, só estavam rindo e contando piadas de mau gosto. Mas eu não conseguia argumentar.

Eu *era mesmo* egoísta, exatamente como Theodore dissera. Reprimi minha vergonha e acenei com a cabeça.

— Está bem. Uma, então.

De volta aos cavalos, ajudei Theodore a desamarrar nossos suprimentos. A estrada por onde estávamos viajando se ampliava adiante, separando a extensa praia de areia plana dos limites do vinhedo. As ondas se quebravam ao longe, mas eu quase conseguia ouvi-las enquanto o fim do dia se instalava e tudo ia ficando mais silencioso.

Theodore assoviava baixinho ao me entregar um saco de dormir e uma manta. A melodia era familiar, talvez uma música ao som da qual eu já tinha dançado antes. Era veloz e ritmada, mas ele a assoviava bem mais devagar. Com suas roupas surradas e os cabelos escuros despenteados da viagem, Theodore parecia irreverente e à vontade. Um sorriso se formou em meu rosto.

— Você é diferente fora do palácio.

Ele olhou para mim desconfiado.

— Ah, é?

— É.

— Não faz muito tempo que me conhece — observou, sorrindo também. — E se eu for sempre assim e você e eu tivermos nos conhecido em circunstâncias muito específicas?

Eu ri e aceitei uma segunda manta quando ele a entregou para mim.

— Sei que ter me conhecido dificultou um pouco sua vida, mas fico pensando se não são seus deveres e responsabilidades que fazem com que você seja sempre tão... rabugento. Ou toda essa pressão que você coloca nos próprios ombros.

Sem pressa, dei a volta no cavalo para ir até a casa. Ele me seguiu.

— Você parece gostar de estar ao ar livre. Sob o sol, andando na terra — continuei. — Acho que gosto mais de você aqui fora também.

Pelo jeito que ele me olhava, eu não sabia dizer se minhas palavras tinham soado como insulto ou elogio. Ele pegou as coisas que eu estava levando para carregá-las em meu lugar.

— Desculpe. — Tentei falar enquanto ele ainda estava perto. — Eu não... Você tem razão, faz pouco tempo que nos conhecemos.

Ele balançou a cabeça para meu pedido de desculpas.

— Você me apavora, Imogen.

— Eu?

— Faz pouco tempo que me conhece, é verdade. Mas, de alguma forma, me conhece muito bem.

A cena me desarmou completamente. Ele estava ali, diante de mim, parecendo arrasado e angustiado. Senti vontade de tocá-lo, de acariciar seu rosto e suavizar sua testa franzida.

Ele se virou para o casebre, mas, antes que eu pudesse segui-lo, olhei de relance para as ondas... e senti meu sangue gelar. Na linha trêmula do horizonte despontavam quatro pequenos contornos de navios. Longe como estavam, não passavam de borrões, mas algo dentro de mim entrou em estado de alerta. Prendi a respiração e atravessei a estrada de terra até a praia.

O vínculo se debateu e protestou conforme nossa distância aumentava.

— Imogen? — chamou Theodore.

Mas continuei andando, sabendo que ele viria atrás de mim.

Minhas botas afundaram na areia e meus músculos cansados queimaram quando forcei meus passos. Eu passara a vida inteira olhando para o mar de longe. Pela minha janela no Forte Linum, um navio na superfície da água não passava de um ponto turvo, mas, se eu olhasse com muita atenção, acabava conseguindo distingui-los. Sempre foi fácil para mim reconhecer os navios de Nemea no porto, com suas bandeiras vermelhas com estampa de enguia, tremulando ao vento como se serpenteassem no fundo do mar, e as velas escuras da cor do vinho amargo que ele oferecia.

Theodore se aproximou e a agitação dentro de mim se acalmou de imediato. Ele avistou o mesmo que eu e, de repente, seu semblante se transformou novamente no de um rei. Ele baixou o queixo, seu olhar se endureceu.

— Lá vem ele.

Não havia vestígio algum de surpresa em sua voz. Theodore estava preparado, sabia que os homens de Nemea viriam. Eu também sabia, mas mesmo assim me vi petrificada, sentindo o medo serpentear por dentro de mim como se fossem aquelas malditas enguias.

Nemea tinha vindo buscar o que era dele.

16

Tropeçando na areia, me apressei em direção ao casebre e aos cavalos.

— Temos que ir.

Theodore veio logo atrás e agarrou meu pulso para me obrigar a parar.

— Ir para onde?

Olhei para trás, para os navios apavorantes de Nemea.

— Precisamos continuar a viagem esta noite, romper o vínculo o mais rápido possível. Preciso ir embora de Varya. Preciso ficar o mais longe possível dos homens de Nemea.

Theodore segurou meu rosto para que eu olhasse para ele.

— Você precisa dormir. E comer. Não vou permitir que encontre a Maga Vidente cansada e com fome, isso só vai piorar a situação.

— Por favor. — Eu estava com tanto medo que simplesmente não conseguia ver sentido nas palavras dele. — Por favor, só mais algumas horas. Depois vou tentar dormir. Prometo.

O rei franziu as sobrancelhas, mas, por fim, concordou com um aceno breve de cabeça.

— Mais algumas horas. — Ele soltou meu rosto. — Depois vou alimentá-la à força e amarrar você com a manta no saco de dormir.

Assenti com o queixo trêmulo.

Quando voltei a montar a égua, meu corpo dolorido protestou contra a decisão de seguir viagem. O caminho tinha se estreitado tanto que eu conseguia tocar as videiras, pairando a mão sobre as folhas macias. Apesar do susto, estava aliviada por estarmos seguindo em frente em vez de ficar estacionados em um só lugar. Estar em movimento ajudava a aliviar o aperto que tinha comprimido minhas costelas desde o momento em que avistei aqueles navios.

Passamos por incontáveis videiras até que o que restava da luz do dia se esvaiu. Theodore olhou para mim por cima do ombro.

— Está cansada.

Não encontrei forças para negar.

— Tem algum lugar para dormir aqui perto?

Ele balançou a cabeça.

— Vamos ter que nos acomodar entre as videiras.

Entramos em uma das fileiras e, mais adiante, avistamos um agrupado de árvores floridas que formava uma pequena barreira entre o vinhedo e o começo da praia. O céu já tinha um tom escuro e profundo de azul quando desmontamos e amarramos nossos cavalos. O espaço era pouco. Contornei os cavalos e os postes que sustentavam as videiras para pegar meu saco de dormir e a folhagem fez cócegas em minha bochecha. Fiz uma pausa.

— Vossa Majestade?

Ele soltou uma gargalhada.

— Me chame de Theo.

— Theo. — Gostei de sentir o nome dele em minha boca. — Preciso aprender a controlar meu poder. Nemea está muito perto. Ligeia teria nadado até os navios e afundado um por um. Eu também deveria ser capaz de fazer isso.

Ele parou de desenrolar o saco de dormir que tinha em mãos.

— Vou ensiná-la a usar meu poder. Talvez isso a ajude a descobrir como dominar o seu. — O rei remexeu os conteúdos do alforje, tirou alguns nacos de carne-seca e um pedaço de pão e me entregou. — Mas isso será de manhã, quando você estiver descansada e alimentada.

Ele tinha razão. A exaustão parecia dilacerar todos os meus músculos, mas minha mente ainda estava a toda velocidade. Mordi um pedaço de pão e abri meu saco de dormir, depois enrolei a manta sobre os ombros e me acomodei de barriga para cima, com a comida esquecida aos meus pés.

— Você se lembra do colar da princesa? — sussurrei, olhando para o céu. Theodore estava a um braço de distância. — É idêntico ao meu anel.

— Provavelmente é uma coincidência.

— Hum.

Claro que fazia sentido, mas, ainda assim, eu estava com a pulga atrás da orelha.

Ao longe, as ondas se acalmavam, insetos zuniam e a brisa se agitava nas folhas acima de nós.

— Theo? — sussurrei.

— Sim — respondeu ele, grogue.

— O que é aquele vitral de Sirena no seu navio?

— É nisso que está pensando agora?

Eu me virei de lado para olhá-lo.

— Normalmente é muito mais agradável dormir comigo. Mas estou ansiosa. Não consigo parar de pensar.

— Certo. — Ele se levantou de repente e arrastou o saco de dormir até a base da videira mais próxima. — Venha.

Eu me apoiei em um cotovelo.

— O que está fazendo?

— Vamos praticar agora. Vou contar sobre a Sirena. — O rei se ajoelhou. — E, de manhã, você vai me deixar dormir.

Fui até ele.

— Você parece ser o tipo de pessoa que sai da cama assim que o sol nasce — observei, me sentado.

— Venha mais para cá. — Ele colocou a mão em minhas costas. — Tem que tocar a base.

Theodore me empurrou um pouco para a frente e o breve contato foi suficiente para que um calor voraz se espalhasse por todo o meu corpo. Isso acalmou o caos em minha mente.

— Assim está bom — disse ele quando ficou satisfeito com minha posição. — E eu de fato acordo com o nascer do sol quando estou descansado. O que você, minha cara, está impedindo de acontecer.

A mão dele deslizou pelo meu braço, apertando meu pulso.

— Coloque seus dedos na terra. Afunde bem.

Cravei os dedos na terra até chegar em um ponto mais fresco.

— Fique assim.

A noite estava agradável e eu conseguia distinguir as feições dele à luz da lua, as maçãs do rosto, a mandíbula definida. Os lábios carnudos. O cabelo bagunçado sobre a testa. Encarei Theodore sem o menor pudor. Ele pareceu gostar da atenção e abriu um sorriso.

— A Sirena no navio... É sobre isso que queria falar?

Por sorte estava escuro demais para que ele me visse corar.

— Sim. A Sirena.

— Quando meu pai, Athan, era jovem, ele se apaixonou por uma Sirena que, antes disso, tinha afundado um dos navios do reino. Ele ficou fora de si quando isso aconteceu. Meu pai tinha um temperamento notável e decidiu ir atrás dela para exigir algum tipo de compensação pelo prejuízo. Não é algo muito sábio de se fazer; abordar uma Sirena dessa forma é arriscado. Mas seu gênio difícil e a coroa pareciam muni-lo de uma coragem muito descabida.

Como era de esperar, ao confrontá-la, a Sirena não se intimidou. Não deu a mínima para o fato de ele ser um príncipe, nem para a ira que sentia. Ele gritou ameaças aos quatro ventos, mas ela apenas ouviu tudo com indiferença.

Theodore se inclinou para frente para ver minhas mãos.

— Está com os dedos na terra?

Assenti, e ele reclinou a cabeça.

— Ótimo. E obviamente, como a Sirena não estava nem aí para meu pai, ele se apaixonou de cara. Por fim, graças aos deuses, eles acabaram se tornando amantes, embora eu não saiba como. E assim foi por muitos anos. Meu pai mandou fazer um novo navio e a imortalizou naquele vitral. Mas meu pai era filho de um grande deus e, à medida que sua vez de assumir a coroa se aproximava, com a força de meu avô diminuindo, esperava-se que o príncipe encontrasse uma esposa de origem nobre, que desse à luz um herdeiro. E ele cumpriu com isso: se casou com minha mãe e, antes de mim, os dois tiveram filhos que não sobreviveram. Mas ele não se separou da Sirena, que passou a ser uma amante propriamente dita. Ele a exibia para quem quisesse ver, a levava para bailes e jantares, a cobria de presentes que não dava para minha mãe. Ela detestava a Sirena. E detestava meu pai também, acho, embora fosse sensata a ponto de nunca deixar isso transparecer. A Sirena desapareceu um dia, provavelmente graças a um ataque de négia. Eu nasci um ano depois, mais ou menos.

A brisa assoviou e preencheu o silêncio entre nós. Agarrei a terra na mão, mexendo os dedos.

— Que história triste. Para sua mãe, é claro, que foi tratada de forma tão terrível, mas para seu pai e a Sirena também. Eles se amavam e não tinham permissão para ficar juntos.

— Não acho que sejam grandes vítimas. — Theodore desviou o olhar em pensamentos profundos. — Quando se tem o sangue dos grandes deuses, é impossível ter tudo o que quer.

— Quem disse? Certamente não era isso que seu pai pensava.

— Ele pensava o contrário. — Theodore pigarreou e ficou em silêncio por um longo momento. — Ele achava que a divindade garantia todos os seus desejos. Mas isso fazia dele insensível e indulgente, isso feria as pessoas.

— Entendo — falei enquanto Theodore tocava meu braço, perdido em pensamentos. — Por isso você quer se transformar no oposto.

Ele alisou minha pele com o polegar.

— Pelo que você diz, acabei me transformando nele.

— Você parece ser muito melhor que seu pai. — Observei seu rosto à pouca luz, buscando qualquer migalha de emoção. De repente, tive certeza de que conhecê-lo melhor me preencheria. — Mas agora entendo por que causo tanto incômodo.

— Eu não diria que você me causa incômodo, Imogen. — Ele me soltou e se apoiou sobre as próprias mãos. — Muito pelo contrário. Infelizmente.

— Ah. — Eu soava perigosamente ofegante quando finalmente perguntei: — Por quanto tempo mais preciso ficar sentada com as mãos na terra?

Theodore olhou para mim, muito sério.

— Uma semana.

Fiquei sem reação, então vi um sorriso travesso surgir em seu rosto.

— Você é muito idiota. — Eu atirei um punhado de terra nele. — Por quanto tempo ia me fazer ficar aqui sentada?

O rei caiu na gargalhada, e eu o acertei com toda a terra que consegui agarrar na mão.

— Tudo bem, tudo bem. Desculpe. Levante-se.

Ele me ajudou a ficar de pé e envolveu minha cintura com um braço quente. Senti seu corpo firme e cálido às minhas costas e seus dedos calejados seguraram meu punho. Theodore então conduziu meu braço em direção a uma videira, mas sem chegar perto demais.

Tocando a bochecha na minha, ele perguntou:

— Qual é a sensação do seu poder?

Senti uma onda de arrepios. O vínculo se acendeu como uma vela e tive que engolir em seco para conseguir pensar.

— Começa como um zumbido.

— Onde?

— Aqui. — Eu toquei uma de suas mãos, que repousava firmemente sobre a parte superior do meu abdômen. — Mas vai crescendo e sobe até minha garganta.

— Comigo também é assim — contou ele. — Mas, em vez de subir até a garganta, vai em direção às minhas mãos. — Ele apertou meu punho. — Diga à videira para se enrolar em seu dedo.

— Não sei como fazer isso.

— Você não tentou.

Fiquei nervosa com a ideia de não conseguir. Com a ideia de ele me ver fracassar. Respirei fundo.

— Solte o ar — disse Theodore, leve como uma pena, pressionando a mão

em meu abdômen em um gesto de comando e apoio ao mesmo tempo. — Concentre-se. *Tente*.

Manter o foco seria impossível com o corpo dele pressionado contra o meu. Ele era confiável, determinado, e flexionei meus músculos doloridos para não me apoiar nele. Eu tinha adiado o cansaço dos últimos dias tanto quanto pude, mas agora, cercada pela noite e pelo corpo de Theodore, tudo o que eu queria era ceder à exaustão.

A mão dele em minha barriga incendiou-se com seu poder quente e o zumbido em meu ventre começou. Não sabia dizer se era ele que estava provocando isso ou se simplesmente tinha me ajudado a me concentrar.

Assim que a sensação surgiu, tive que me esforçar para controlá-la. Meu coração disparou enquanto eu focava o olhar na videira delgada. Com os dentes cerrados, chamei-a para mim com um pensamento nítido e preciso. Nada aconteceu. Theodore me segurou com mais força. De novo, dei uma ordem, fiz uma *súplica*. Repeti várias vezes, e Theodore permaneceu calmo e silencioso atrás de mim enquanto eu tentava. Por fim, quando a emoção começou a aumentar, meu braço formigou, a palma da minha mão ficou quente e a pequena espiral verde se esticou dolorosamente devagar em direção ao meu dedo.

Tive uma sensação de cócegas enquanto a videira se enrolava em mim como uma serpente minúscula.

Prendi a respiração, impressionada.

— Você conseguiu — disse Theodore.

Eu me virei em seus braços com um sorriso. Nós dois éramos só calor e coração acelerado. Meus sentidos se emaranharam e me senti plena com a proximidade dele. Descansei a cabeça em seu ombro.

— Eu consegui.

O rei soltou meu braço e tocou meu quadril, olhando para mim com admiração. Meus medos e minha inquietação nunca tinham parecido tão distantes. Ele abaixou o nariz para tocar o meu.

— Parabéns.

Eu me pus na ponta dos pés devagar. Nossas bocas se aproximavam quando um grito estridente rasgou o silêncio da noite.

Nos afastamos em um sobressalto. O grito se calou, mas veio outro um instante depois. Theodore olhou para mim de olhos arregalados antes de correr para os cavalos e desamarrá-los. Sem perder tempo, ele me ajudou a colocar a sela, montou no próprio cavalo e disparou adiante, rumo à linha de vegetação e

árvores que nos separava da praia.

— Fique perto — ordenou ele antes de desaparecer em meio às videiras.

Ele estava correndo em direção ao perigo e eu não conseguia fazer com que minha égua fosse rápido o suficiente.

— Imogen — chamou Theodore.

Meu estômago se revirou em uma onda de enjoo. Finalmente começamos a galopar, mas ainda não era rápido o suficiente para me poupar da náusea.

De repente nos vimos em uma longa extensão de praia plana. À frente, em um círculo, havia um aglomerado de pequenas cabanas de palha. No espaço entre elas havia tochas acesas que tremulavam com o vento.

Theodore galopava pela areia úmida e já se aproximava de um grupo de aldeões que estavam amontoados a pouca distância das ondas. Estavam todos voltados para algo no centro do aglomerado, mas eu estava longe demais para enxergar o que era.

Quando me aproximei, senti um calafrio ao ver seus rostos. Todos tinham a mesma expressão de horror. Entre eles estava uma mulher, uma Sirena. Ela estava deitada de bruços com o rosto voltado para a água, tinha os braços estendidos e gritava em agonia. O vestido decotado nas costas estava encharcado e grudado no corpo e seus cabelos castanhos estavam espalhados pelo rosto. Sangue escuro jorrava da raiz musculosa de sua asa direita, que estava exposta e suspensa por apenas alguns fios de tendão. A carne estava mutilada como se tivesse sido cortada com uma lâmina dentada.

Theodore já desmontara do cavalo e corria para o lado da Sirena quando puxei as rédeas da minha égua. Ao desmontar, caí na areia, com os joelhos fracos demais para me sustentar.

— Imogen. — Ele voltou em minha direção, preocupado.

— Estou bem. *Vá.*

Ele pareceu incerto por um momento, antes de enfim correr até a Sirena e se ajoelhar ao lado dela.

— Foi uma négia? — perguntou, tocando as costas ensanguentadas dela com o semblante compenetrado.

Cheguei até os dois no momento em que ele puxava a adaga.

— Tenho que remover as asas.

A mão estendida da Sirene tremia, e eu a segurei, me ajoelhando ao lado dela.

— Ele vai cuidar de você.

Theodore estava coberto de sangue até os cotovelos, segurando a adaga com

firmeza ao posicioná-la na base das asas. Desviei o olhar para o rosto aterrorizado da Sirena, que balançava a cabeça e sussurrava com os lábios trêmulos:

— Minha filha.

— Sua filha? — A mão dela suava frio. — Onde?

Quando seus olhos molhados se voltaram para o mar, eu entendi.

— Ela está na água.

Olhei para Theo no momento em que ele afundou o fio da lâmina nas costas da Sirena. O cabelo escuro e encharcado de suor do rei estava grudado em sua testa, e ele trabalhava com eficiência, mesmo com os gritos da Sirena ecoando pela praia.

Concentre-se. Tente.

Apertei a mão da Sirena antes de soltá-la.

— Eu vou buscar a filha dela.

A superfície do mar estava calma quando me levantei para encará-lo. Ao longe, a luz da lua iluminava um banco de areia que separava a lagoa do resto do mar.

Sinta a vibração na barriga, pensei comigo mesma enquanto caminhava em direção à beira da água. Eu tinha conseguido atrair a pequena videira; também conseguiria comandar o mar.

Afinal de contas, o mar *pertencia a mim*.

A água batia nos meus tornozelos e entrava em minhas botas quando me atingiu diretamente nas entranhas. A sensação de vibração persistiu até se transformar em um pulsar, então fui mais uma vez invadida por aquela força tão assustadora e viscosa. Eu a senti subindo pela minha garganta, ocupando todo o meu ser, e de repente era como se eu pudesse enxergar toda a lagoa em minha mente. Me concentrei ainda mais e consegui sentir o movimento das ondas menores na superfície. Consegui sentir três corpos suspensos nas profundezas.

Apenas um tinha batimentos cardíacos.

Cerrei os dentes e avancei mais para dentro da água, concentrando minha atenção nas vibrações fracas daquele único coração batendo que se propagavam pelo mar. Então, como Theodore tinha ensinado, ordenei ao poder que fluía por mim que me trouxesse a garota.

— *Imogen* — soou a voz de Theodore, mais alta que os lamentos da Sirena.

Virei o rosto em sua direção. Ele tinha uma aparência sinistra, com as mãos cobertas de sangue, suor e areia e a expressão retorcida pelo medo. Mesmo assim, suas mãos se mexiam com firmeza às costas da Sirena enquanto ele

tentava estancar o sangramento.

— Saia da maldita água, senão juro pelos deuses que eu...

— Não. — Minha resposta foi calma, mas resoluta. — Eu posso ajudar.

Ele balançou a cabeça, parecendo desesperado.

— Pelos deuses. — O rei cerrou a mandíbula. — *Seja rápida*.

A superfície da água começou a se agitar. O mar tinha obedecido. A correnteza estava trazendo a garota para mim, mas, enquanto eu a esperava, a pulsação em meu peito começou a arder como pele incendiada, como se algo estivesse fazendo um esforço contrário, resistindo. A dor me fez arfar.

Theodore gritou meu nome da areia.

Redobrei meus esforços à medida que o corpo atravessando a água se aproximava até que, de repente, senti tudo parar. A dor dilacerante continuava piorando enquanto eu tentava ordenar que o corpo viesse até mim mais uma vez, mas nada aconteceu. Então algo emergiu da água a poucos metros de distância.

Eu não consegui respirar.

Os aldeões gritaram, em preces e de medo, quando uma négia apareceu diante de mim, trazendo uma adolescente desacordada em seus braços. O corpo da garota estava cheio de cortes profundos, mas seu peito ainda se movia.

A coisa que a segurava — a mulher morta — tinha cabelos longos e emaranhados que se embaraçavam em cordões semelhantes a tentáculos, cobrindo seu peito e seus braços e acompanhavam as curvas de carne acinzentada como um fio de costura. Havia um pequeno ouriço do mar roxo em uma de suas órbitas oculares, mas o olho que ainda existia me observava com um olhar familiar.

— Entregue-a para mim — ordenei com voz trêmula.

— Aí está você, minha querida. Espero por você há tanto tempo...

As palavras da négia vinham de sua boca de lábios apodrecidos, mas uma segunda voz idêntica fez ecoar as mesmas palavras em meu crânio. O poder borbulhava no meu peito.

— O que disse?

Aquelas palavras. *Eu já ouvira aquilo antes.*

Ela se aproximou de mim a passos trôpegos até chegar perto o bastante para colocar a menina em meus braços estendidos. Seus olhos se fixaram nos meus.

— Aí está você, minha querida — repetiu ela em uma voz lenta e terrível. — Espero por você há tanto tempo...

Em choque, tropecei para trás, carregando a garota. Aquelas eram as

mesmas palavras que eu tinha ouvido em minha cabeça quando Evander me forçou a entrar na banheira. A risada que saiu da mulher morta era artificial e crepitante como se houvesse água em seu peito.

— Não tenha medo. Você e eu somos um — disse a négia. — Graças ao vínculo pelo sangue ofertado. O vínculo das palavras. Não podemos ferir uma à outra.

— Um vínculo? Mas... — Pensei nas cicatrizes em minha mão, em todo o sangue que fui obrigada a ceder ao longo dos anos. Pensei nas palavras... no ritual de Nemea. Uma gota de suor frio desceu pelas minhas costas. — Eusia.

A négia não respondeu.

Outro corpo surgiu na superfície da água ao lado dela e recuei mais um passo. O cabelo da outra era mais claro, da cor de areia molhada, e a pele de seus ombros e costelas parecia gelatinosa, quase transparente. Seus olhos obscuros se fixaram nos meus.

— Os corpos são reanimados pelo meu poder — disse a négia em uma voz idêntica à que usara pouco antes, em uma voz idêntica à que ecoava em minha cabeça. — E eu sou animada pelo seu, minha querida, sempre tão generosa. Aí está você. Exatamente como sua mãe. Eu esperei você por tanto tempo...

17

A passos desajeitados, saí da água e voltei para a areia úmida. A garota em meus braços soltava gemidos fracos, a cabeça tombada em meu antebraço, mas meus olhos só conseguiam acompanhar as duas négias que agora se afastavam pela água. De cada lado de suas colunas, viam-se nós grotescos de carne, os cotos onde antes havia asas.

Theodore surgiu ao meu lado e pegou a menina dos meus braços dizendo algo em um tom baixo e imperativo, embora eu não conseguisse ouvi-lo. Só conseguia pensar na prece que fiz inúmeras vezes, no sangue que eu tantas vezes ofertara.

Senti uma vergonha insuportável e meus joelhos cederam, me fazendo desabar na areia.

Um vínculo com Eusia. Um vínculo com todas as négias. Por isso elas não me machucavam, porque *meu poder* corria em suas veias pútridas.

— Imogen, ajude!

Theodore tinha deitado a garota às minhas costas e suas mãos pairavam sobre um dos ferimentos no braço dela, que vertia sangue vermelho na areia. Senti-me nauseada diante daquela cena, vendo a mãe da garota se arrastar pela praia para ficar ao lado dela.

Mais aldeões tinham se reunido ao redor delas com tochas em mãos. Mesmo à pouca luz, notei como as pessoas me observavam. Hesitantes, desconfiadas. De pernas bambas, me pus de pé e fui até Theodore. Evitei os olhares de repugnância que me lançavam, mas eu merecia cada um deles.

Meus dedos tremiam quando toquei um corte na barriga da garota e fechei os olhos. Com o coração acelerado e meu próprio poder ainda pulsando em mim, foi mais fácil encontrar e conduzir o de Theodore. Senti meu braço vibrar e o calor se espalhar pelas pontas dos meus dedos e, quando afastei minha mão, os aldeões ofegaram.

Conseguira curá-la, deixando apenas uma pequena cicatriz.

A mãe da garota olhou para mim em choque. Um homem atrás de Theodore

perguntou:

— O que ela é, Vossa Majestade? — A desconfiança em sua voz era evidente. — Maga? Feiticeira?

A pergunta feita entredentes e repleta de medo deixava evidente quanto uma mulher com magia era recebida com receio. Só era permitido uma Maga Vidente por reino, e sua magia e seu trabalho com feitiços eram extremamente restritos. O que eu poderia dizer a eles? Eu era a filha de Ligeia. Ligada por sangue ao rei e aos monstros que os atormentavam. Não era possível explicar quem eu era, o que tinha feito, sem despertar a ira dos aldeões, que certamente se espalharia pelas aldeias vizinhas.

Ao meu lado, Theodore soava calmo.

— Ela é Vossa Rainha.

Eu me voltei para ele.

— O que disse?

Theodore me ignorou e continuou cuidando dos últimos ferimentos da garota.

— Sua filha vai ficar bem. Só precisa descansar — disse ele à mãe, que ainda estava apavorada. Depois me pegou pelo braço e me ajudou a ficar de pé. — Precisamos de uma cabana para passar a noite, se puderem nos ajudar.

Ele falava com uma das mulheres mais velhas na multidão, mas todo o grupo na praia entrou em atividade. Os aldeões expressaram agradecimentos e deram as boas-vindas, alguns correndo de volta para as cabanas para preparar um abrigo para nós e outros iluminando o caminho com tochas.

— Você perdeu a cabeça? — sussurrei para Theodore, caminhando a seu lado.

O rosto dele continuava impassível. Com a mesma postura nobre de sempre, ele foi até a água para lavar o sangue das mãos e dos antebraços, depois me puxou, tentando manter alguma distância entre nós e a multidão enquanto íamos para as cabanas.

— Agora não.

— Sim, agora. — Minha culpa era violenta demais para que eu simplesmente a reprimisse. — Não sou a rainha deles. Sou a *razão* pela qual aquilo aconteceu. Eu dei meu sangue...

Então, com um puxão em meu braço e um grunhido de frustração, a boca de Theodore estava na minha. Seus lábios eram macios, quentes, mas o beijo era intenso e cheio de autoridade. Ele se afastou apenas o suficiente para me olhar nos olhos.

— O que você... — Deixei escapar um gemido, atordoada.

A mão dele se enganchou nos cabelos perto da minha nuca e ele falou contra minha boca:

— Estou garantindo sua segurança.

— Mas...

Ele me beijou de novo. Da segunda vez, o beijo foi lento e carinhoso. Quando ele voltou a se afastar, puxando meu lábio inferior, falou em um sussurro:

— Pelos deuses! Você realmente não sabe quando calar a boca.

Então, com a mesma determinação com que me beijou, ele me pegou pela mão e me puxou em direção à aldeia com passos firmes.

Minha única resposta foi um ofegar involuntário e teimoso.

Uma mulher de cabelos brancos nos levou a uma das maiores cabanas e Theodore me empurrou para dentro, depois voltou-se aos aldeões para pedir que cuidassem de nossos cavalos. Cambaleei pelo chão de terra batida e me aproximei da lareira pitoresca que havia lá dentro. Senti meus olhos arderem e os fechei com força.

— Malditos sejam os deuses, Imogen. — O rei fechou a porta e passou a tranca de madeira, depois começou a fechar e trancar as três janelas pequenas da cabana. — Quando eu disser para ficar quieta, *obedeça*.

Ele estava se esforçando para controlar o volume da própria voz, mas não a raiva.

— As aldeias à beira-mar são supersticiosas. Eles honram os grandes deuses de corpo e alma, fogem de qualquer poder que não possam compreender. Se você não estivesse sob minha proteção explícita, se eu não tivesse demonstrado meu cuidado e confiança, teriam atacado você.

A sensação dos lábios dele nos meus evaporou em um instante. Por isso ele me beijou, afinal. Senti um nó na garganta.

— Seria merecido.

— Não diga isso.

— Essas pessoas vivem com medo por causa da minha covardia, do meu egoísmo. É por *minha* causa que estão sendo mortas e raptadas.

Theodore esfregava o rosto em uma bacia próxima.

— Fale baixo, Imogen.

Tirei as botas molhadas, sentindo minha pele arrepiada graças à água do mar.

— Não seja gentil comigo, Theo. Diga o quanto sou covarde. Diga que não

sou nem a sombra do que deveria ser. Não sente nojo de mim e do que fiz com seu povo? *Com meu próprio povo?* Não quer arrancar seu sangue de mim o mais rápido possível? Eu sou a razão pela qual as négias existem!

Ele se aproximou.

— Pelo amor de todos os deuses, fale baixo. — Seus olhos arregalados refletiam a chama da lareira, uma imagem perfeitamente adequada à raiva que emanava dele.

Theodore respirou fundo, tentando se recompor, e seu olhar pousou sobre meus lábios. Ele deu um passo para perto. Depois outro. Inclinou a cabeça como se fosse me beijar de novo.

— Não vou punir você. Está fazendo isso sozinha.

— Você não pensa assim. — Minha voz era ríspida, mas eu não conseguia negar a atração que sentia por ele. Eu queria ser confortada, queria que ele me consumisse por inteiro, mas recuei um passo. — Não é verdade. O que quer que *acreditemos* sentir um pelo outro, a explosão de calor que sentimos dentro de nós quando nos tocamos, é apenas o vínculo. De fato sou tudo o que você disse que eu era. Covarde e irresponsável. Você deveria me dar o que mereço. Não permita que o vínculo impeça você de determinar a mesma penalidade que aplicaria a qualquer um que prejudicasse seu povo.

Os olhos de Theo eram insondáveis. Ele tinha as sobrancelhas baixas, a mandíbula cerrada feito pedra.

— Quer que eu culpe você? Quer ser castigada?

— Sim — sussurrei.

Engoli em seco.

— Eu culpo *Nemea* — disse ele, sua voz transbordando ódio. — Nemea usou você desde que era criança. Nemea sabia o que você era e a amedrontou. Ele a moldou conforme bem entendeu. E, mesmo depois de todos esses maus-tratos, você não sucumbiu. Apesar de tudo, está viva. Eu sei que foi mais corajosa e mais valente do que qualquer grande deus ou deusa jamais precisou ser.

A voz dele se elevou e ecoou pela pequena cabana, mas logo se conteve e se calou. Sem tirar os olhos dos meus, uma respiração lenta passava por seus lábios. Ele deu um passo, depois outro, então o curto espaço entre nós deixou de existir.

— Não há ninguém como você. — Theodore falou baixo. Havia admiração em sua voz e em seu olhar, como se suas palavras fossem uma prece.

Em meio à culpa, à vergonha e ao medo, eu me senti livre por um breve

momento.

— Não, eu...

— Não vou discutir com você, Imogen — interrompeu ele. O rei se aproximou e, muito devagar, passou um braço ao redor de minha cintura. — Não esta noite.

Com o outro braço, envolveu meus ombros e me puxou para si. Deixei escapar um suspiro trêmulo e me agarrei a ele, desejando que meu coração se acalmasse.

— A Maga Vidente é capaz de romper os dois vínculos? O nosso e o que compartilho com Eusia?

Depois de um longo silêncio, ele afirmou com a cabeça.

— Vamos viajar o dia todo amanhã. Vou levá-la o mais rápido que puder. — Sua mão subia e descia em minhas costas, brincando com minha trança bagunçada.

Eu me permiti relaxar contra ele, deixei minha cabeça descansar em seu ombro forte. Ofeguei sem saber se o calor resplandecente que inundava meu ventre vinha de nosso vínculo ou do meu desejo. Olhei para cima, processando a proximidade de nossos lábios, sentindo o quanto ele era firme, quente e convidativo.

Nossas respirações desaceleraram e se encontraram entre nós dois. Então, respirando fundo, com resignação, Theodore me soltou. Ele deu um passo para trás e vi seu rosto corado, sua boca entreaberta. Ele ajeitou a camisa e apontou para a pequena cama no canto.

— Precisa dormir um pouco, Imogen.

Olhei para a cama e depois busquei os olhos dele outra vez. Eu precisava de carinho. Distração. Queria me perder nele, queria deixá-lo sufocar a centelha de tristeza que crescia dentro de mim. Eu continuava a senti-lo em meu corpo. Abri a boca com o pedido tomando forma em minha boca: *Venha comigo. Estou exausta, me sentindo oca por dentro, e só você pode remediar esse vazio.*

Mas me calei.

O rei me olhava com intensidade indescritível. Não queria que ele me visse como uma criatura voraz, incapaz de me controlar depois de uma noite tão terrível quanto aquela. *Não há ninguém como você*, dissera ele. Eu não conseguia suportar nem sequer a ideia de ser alvo de seu desprezo.

Baixei os olhos para o chão.

— Boa noite.

O silêncio que se seguiu foi tenso e prolongado. Por fim, ele respondeu com

um aceno brusco de cabeça, pegou um travesseiro na cama e se acomodou diante da pequena lareira, virando-se de lado.

— Boa noite.

Um buraco perfurou meu estômago quando me aninhei nos travesseiros e cobertores, me corroendo por dentro. Desejei ter um frasco de nepente, desejei ter arrastado Theodore para a cama comigo. Mas apenas fiquei olhando para o teto, ouvindo sua respiração.

Demorou muito para que qualquer um de nós adormecesse.

Com nossos cavalos a galope, percorremos o restante do trajeto em dois dias.

A noite tinha caído horas antes de finalmente chegarmos à costa norte de Varya e às pequenas ilhas rochosas do litoral. O vento forte agitava meus cabelos e senti gotas de chuva nas bochechas. Mesmo sabendo da dor que me aguardava, estava aliviada por finalmente ter chegado.

Com os músculos doloridos, desci da égua e segui pela praia de areia escura em direção à costa brilhante e cheia de espuma. Uma faixa estreita de água separava as pequenas ilhas — chamadas Ilhas Sagradas — do resto de Varya. Na maior e mais próxima delas havia uma pequena choupana.

— Como vamos atravessar? — perguntei ao rei, que vasculhava os alforjes perto das árvores.

— Ela faz a água baixar. — Theodore soava estranhamente desprovido de emoções.

— Quanto tempo demora?

Eu estava ainda mais ansiosa depois de ver a choupana.

— Como ela vai saber que estamos aqui, no escuro?

— Vamos esperar o sol nascer.

— Por quê?

— Porque é minha decisão.

As palavras dele eram cortantes feito lâmina. Ele estava parado ao lado da árvore na qual os cavalos estavam amarrados e, embora os detalhes de seu rosto estivessem ocultos pela noite, eu conseguia imaginar seu olhar de reprovação e a inquietação que se apoderava de todos os seus músculos sob a chuva gelada.

— Sua decisão? — Eu me aproximei pela areia para olhar em seus olhos. — Você me fez vir correndo até aqui para me obrigar a ficar sentada nesta praia esperando o amanhecer?

— A Maga Vidente é perigosa. Vamos esperar pela segurança da luz solar.

Era uma ordem real, mas eu o conhecia bem o suficiente para perceber o

medo em sua voz, para saber que a rigidez de seu corpo não vinha de um dia inteiro a cavalo, mas de algo pior.

— O que ela pode fazer comigo à noite que não possa fazer de dia? — Acabei com o resquício de espaço entre nós. — Vou sofrer de qualquer maneira. É você quem não quer entrar. Quero saber o porquê.

Os únicos sons vinham da chuva e das ondas, abafando a respiração pesada de Theodore. Senti gotas caindo sobre meu rosto e meus olhos.

— Precisamos sair da chuva.

— Você está mudando de assunto — insisti, cruzando os braços. — Primeiro, conte o que foi. Você não quer nem mesmo pisar na areia. Por quê?

— Vou providenciar um abrigo para nós e conversaremos depois — disse ele, os olhos semicerrados.

— Está bem.

Movimentando-se com destreza, ele pegou comida e uma garrafa de vinho de uma bolsa de couro, sacudindo galhos e gravetos do solo arenoso com o nervosismo e contraindo os ombros e a mandíbula.

Um barulho ao meu lado me fez dar um pulo para trás. Uma única trepadeira em flor tinha se desenrolado do tronco da árvore e pairava no ar. Dela, brotavam novos rebentos como pequenos vermes que se contorciam e ganhavam espessura e quantidade. Quando Theodore terminou, as trepadeiras se entrelaçarem e formaram um pequeno refúgio em forma de cúpula. As folhas se expandiram, cada uma ficando maior do que uma mão aberta, e flores brancas surgiram, emitindo uma luz fraca em meio à escuridão da tempestade.

— Ótimo — parabenizei.

Eu me abaixei para rastejar para dentro do pequeno abrigo no momento em que um raio rasgou o céu. Theodore se aproximou para me acompanhar quando o estrondo do trovão preencheu o ar, tão alto que tive que cobrir meus ouvidos com as mãos.

Eu sentia o calor dele em meio ao cheiro de chuva, terra molhada e suor. O espaço era pequeno, e Theodore... não era. Seu ombro estava pressionado contra o meu e, por baixo das camadas finas e úmidas de nossas camisas, a pele parecia me queimar feito fogo.

Fechei os olhos e respirei fundo.

Em breve não restaria nada a não ser a ausência dele, e a ideia me trazia uma tristeza imensa. Mordi o lábio inferior e tentei ser razoável.

O som tímido de uma rolha saindo da garrafa me despertou de meus pensamentos. Theodore levou a garrafa aos lábios e inclinou a cabeça para trás

com tanta sede que tive a impressão de que ele tomaria tudo em um só gole. Ele bebia como se tivesse encontrado água fresca depois de dias no deserto.

— Já não estou na chuva. — Peguei a garrafa pelo gargalo com um puxão. — Agora pode me contar tudo.

Ele grunhiu.

— Você realmente não vai me deixar em paz, não é?

A chuva fina havia se transformado em um dilúvio, rugindo contra as folhas. Tomei um gole de vinho.

— Você sempre entra em pânico quando alguém menciona a Maga Vidente. Lachlan disse que você estava com medo antes de sairmos e agora você está bebendo como se quisesse se afogar em uma piscina de vinho. É preocupante, e não preciso de mais preocupações antes deste ritual. Então, não, não vou deixar você em paz.

— O que tenho para contar não vai fazer com que fique menos preocupada.

— Não adianta dizer isso.

Ele respirou fundo. Nossos dedos se roçaram quando ele puxou a garrafa para mais um gole.

— Estive aqui há sete anos, a pedido de meu pai. Ele escondia isso, mas a verdade é que nasceu com pouquíssimo poder e não era muito habilidoso com o pouco que tinha. Só os deuses sabem o motivo. — O rei levou a garrafa aos lábios e tomou outro gole demorado. — Era motivo de muita vergonha para ele e agora posso entender o porquê: ele era filho único de um grande deus. Reza a lenda que ele deveria ter sido igual ao pai, ou pelo menos parecido. Eu, por outro lado, nasci com muito poder... como o pai dele. Isso sempre foi uma questão delicada entre nós. Ele insistia que eu dominasse a mim mesmo, que dominasse meu poder. Nada do que eu fazia era suficiente. Demorou anos para eu entender que ele me invejava, talvez até algo pior. Quando eu tinha vinte anos, ele decidiu que queria realizar um ritual de transferência. Ele queria me dar o pouco poder que tinha, acrescentá-lo ao que eu já possuía e me fazer subir ao trono, já que em sua mente não podia se comparar a mim.

Depois disso, Theodore demorou-se tanto em seu silêncio que cheguei a pensar que não diria mais nada. Então me inclinei, para que ele continuasse.

— Eu não queria ser rei — confessou, por fim. — Mas ele me arrastou para cá mesmo assim, para a Maga Vidente. Fizemos o ritual. — Houve mais um instante de silêncio. — O ritual de transferência... tira a vida de quem o faz.

Fui pega de surpresa. Sua voz estava cheia de pesar.

— Fui embora no meio da noite, depois de ver meu pai morrer de forma

cruel, responsável por uma coroa que eu não queria, com um poder que eu não queria... E com um frasco roubado do veneno da Maga Vidente em meu bolso. O veneno que ela usa para as profecias e rituais que realiza. — Ele olhou para a costa escura diante de nós. — Eu não conseguia levar o corpo do meu pai de volta comigo. Eu... eu bebi a garrafa de veneno inteira, bem ali, naquela praia, com os pensamentos ainda turvos pela fumaça do ritual.

Não percebi que estava segurando a perna dele até que seus dedos esbarraram nos meus. Ele virou minha mão para cima e passou um dedo sobre a teia de cicatrizes brancas em minha palma.

— Dias depois, acordei em um quarto que não reconheci. Um casal de idosos, Hector e Antonia, cuidou de mim até que eu recuperasse a saúde. Eles moram não muito longe daqui. Eftan governou em meu lugar por um tempo e permitiu que eu convalescesse por alguns meses aqui. — Ele ergueu a garrafa de vinho. — Aprendi a fazer este vinho. Aprendi a cozinhar pratos do povo de Varya. Cuidei do campo, limpei estábulos, lavei roupas. Estava em luto por meu pai e minha liberdade, mas também nunca fui tão feliz. Ainda os visito com frequência.

A voz dele ficou embargada.

— De certa forma, se tornaram um pai e uma mãe para mim.

— E agora você está aqui de novo por minha causa. — Senti um buraco no estômago. — Sinto muito.

— Não. — Theodore balançou a cabeça de maneira enfática, virando-se para mim. — Pare de pegar tanta culpa para você. — Seus olhos estavam fixos nos meus. — Eu escolhi isso. Eu concordei. Nenhum de nós sabia que teria que ser assim. — Sua mão livre subiu até minha mandíbula e ele deslizou o dedo pelo meu queixo. — E mesmo sabendo...

Um aperto seco tomou o espaço entre meu peito e as costelas. Mesmo envolta nas palavras gentis de Theodore, só conseguia me ver como alguém egoísta, quase cruel, completamente indigna do cuidado que ele, ainda assim, me oferecia. Recuei, fugindo de seu toque.

O olhar dele se endureceu.

— O que houve?

— Nada — respondi, falando baixo. — Estou exausta.

— Imogen?

Uma chave virou na minha cabeça.

— Vou falar com a Maga Vidente sozinha. Vou pegar a poção e depois podemos nos encontrar em um lugar seguro para realizar a ruptura.

O rosto perfeito e gentil dele se transformou em uma careta.

— Isso é uma piada?

— Não. — Pisquei depressa várias vezes, sentindo uma ferroada no olho.

A chuva estava mais forte e ele baixou as sobrancelhas, o maxilar estremecido.

— Se acha que vou deixá-la entrar lá sozinha... — Ele passou a mão pelo cabelo molhado. — O que deu em você? Isso é alguma forma doentia de autopunição?

— Não.

— Está chateada por eu ter tocado em você?

— O quê? Não.

Ele ficou imóvel. Apenas seu peitoral largo subia e descia enquanto ele inspecionava meu rosto.

— Tem certeza?

— Estou... — Balancei a cabeça. — Estou com vergonha. Você cuidou tanto de mim mesmo sem que eu merecesse, e só magoei você. Mas não, não estou chateada por ter me tocado.

— Não há mais transações ou condições entre nós, não se lembra? — disse ele em um sussurro rouco. — Você merece porque eu digo que merece.

Devagar, ele levou a mão ao meu rosto. O toque era leve como uma pluma quando se arrastou pela minha maçã do rosto e depois para baixo. Eu me inclinei para mais perto, envolvida pelo toque.

— Está chateada por eu ter beijado você?

Fechei os olhos com a lembrança.

— Não.

O alívio o dominou por completo. Um gemido rouco e desesperado escapou de seu peito e, em um movimento ágil, ele me ergueu no colo, guiando minhas pernas para que se encaixassem ao redor de sua cintura. Um calor intenso percorreu meu corpo quando seus dedos se afundaram no meu cabelo, torcendo-o em seu punho com firmeza.

— Que bom.

Por um momento, permanecemos ali, sentados, encaixados, seu corpo firme entre minhas coxas, nossos olhares presos um no outro. Os olhos dele queimavam, e a respiração quente roçava em meus lábios sensíveis, provocando arrepios. Eu estava prestes a implorar quando ele aproximou a boca da minha.

O beijo veio com uma lentidão enlouquecedora, consumindo o mundo inteiro ao redor. Mergulhei na maciez da boca dele, na firmeza de seu corpo, no

calor vagaroso de sua língua. Um gemido de sofreguidão escapou de minha boca quando seus dentes roçaram meu lábio inferior. Ele não estava se privando de nada, e eu queria cada vez mais. Movi os quadris sobre os dele e quase perdi o juízo com o som rouco que ele soltou. Theodore deslizou as mãos largas pelas minhas costas, descendo cada vez mais, depois elas buscaram minha camisa, seus dedos trabalhando com urgência nos fechos.

— Preciso ver você.

Os lábios dele tocaram meu ombro, meu pescoço. Ele mordeu minha orelha e desceu em direção ao meu peito quase nu quando um choque gelado de água tocou minhas nádegas e minhas coxas.

Nós estremecemos.

— Mas o quê...

Fora do abrigo, o céu escuro e cinzento brilhava com a luz tênue da manhã. A tempestade ainda rugia, mas mesmo através da chuva, pude distinguir a choupana com telhado de palha da Maga Vidente e a silhueta de uma pequena figura encapuzada sobre as rochas. Seu braço estava estendido em direção ao mar e a onda que ela enviara até nós começou a retornar em uma curva de espuma branca, como se nos chamasse.

Theodore segurou meus ombros com força, determinado, como se quisesse me impedir de ir. Mas o sol já tinha surgido. Era hora de romper os laços.

18

Estávamos com os pés na beira da água, em silêncio, olhando para a figura imóvel do outro lado. Nuvens carregadas cobriam o céu como picos rochosos imponentes, me fazendo lembrar das montanhas de Nemea. Ao meu lado, Theodore respirava com dificuldade. Se eu colocasse a mão sobre o coração dele, tinha certeza de que o sentiria bater com a força de um martelo. Eu estava molhada e com frio, mas o calor dele, a pressão de seus dedos, a suavidade de seus lábios ainda estavam grudados no meu corpo, me assombrando. Rezei para que o ritual de separação também removesse esse tipo de lembrança.

A figura nas rochas levantou o braço. O movimento era pouco humano, ao mesmo tempo espasmódico e estranhamente fluido, como se ela fosse movida por algo além de seus próprios músculos e tendões. Com um movimento rápido do punho, a água do canal deslizou para longe, como se fosse um pano sendo puxado lentamente sobre uma mesa.

— Ela é uma Sirena?

Theodore assentiu ao meu lado.

— O pai dela era de Varya — disse.

— Mas ela não é uma deusa, certo? Como ela consegue comandar a água sem tocá-la?

— É a magia dela — explicou ele, taciturno. — Uma Maga Vidente abençoada com o poder dos deuses pode tornar esse poder ainda mais forte graças à própria magia. Mas, ao contrário do poder divino, que flui livremente naqueles que o possuem, a magia sempre exige algo em troca.

A maré tinha baixado o suficiente para que pudéssemos atravessar, revelando as rochas e conchas que salpicavam o fundo. No entanto, nenhum de nós se mexeu. Olhei para ele, para o contorno bonito e definido de seu perfil. Seus olhos estavam fixos, o olhar distante. Me perguntei se ele estaria pensando na última vez em que estivera ali, se ele e o pai ficaram lado a lado assim antes de atravessar, com o vento forte e salgado fazendo seus olhos lacrimejarem.

A preocupação me invadiu de uma só vez. Eu preferia comer a areia em que

estava pisando a forçá-lo a fazer uma coisa daquelas de novo. Dei um passo relutante à frente. Depois outro. Finalmente, a bota de Theodore rangeu na areia molhada atrás de mim, mas parou um momento depois.

Eu me virei.

— Você está bem?

Ele assentiu rápido demais. Suas feições estavam tensas, ele tinha as mãos cerradas ao lado do corpo. Dei um passo para trás e toquei seu antebraço. Theodore tentou puxá-lo de volta, mas eu o segurei e, com cuidado, abri sua mão e entrelacei nossos dedos. Ele me olhou com admiração e desalento.

— Podemos já ter nos desentendido, mas você me confortou. Quero fazer o mesmo por você.

Ele apertou minha mão e depois a levou aos lábios para um beijo. E assim, juntos, atravessamos.

— Deve estar imaginando uma mulher como você — disse ele quando estávamos na metade da travessia. — Mas ela não é assim. Ela é antiquada, endurecida pelo tempo. Sentimentos não significam nada para ela, apenas seus venenos, sua magia. — Ele puxou minha mão e me fez olhar para ele. — Não cometa o erro de pensar que ela será boa com você.

Engoli em seco.

— Não vou.

Quando terminamos o trajeto, a maré retomou sua altura original, alcançando nossos calcanhares. As rochas eram escorregadias e íngremes e nossas botas molhadas deslizaram sobre algas verdes brilhantes, sobre pedrinhas e areia, até finalmente pararmos diante da choupana.

A porta era irregular e fora instalada de forma torta. As lacunas entre as ripas tinham sido preenchidas com plantas secas e piche, e as faixas de metal tinham sido corroídas pela maresia havia muito tempo, mas ainda assim pareciam resistentes. Estendi o braço, mas me detive.

A expectativa e o medo me deixaram com vontade de vomitar, mas logo eu estaria livre. Em pouco tempo, eu me livraria de todas as amarras adoecidas que ainda me prendiam à minha antiga vida; em pouco tempo, começaria uma nova vida, que seria só minha. Estaria livre da tortura de um vínculo de sangue que me fazia desejar um homem que eu nunca poderia ter.

Eu me voltei para Theodore e estendi a mão para tocar sua bochecha com a barba por fazer, e ele aninhou o rosto em minha palma com um semblante angustiado.

— Me perdoe — sussurrei.

Então, sem aviso, escancarei a porta da choupana, entrei e a fechei com violência. Uma vez lá dentro, tateei a madeira em busca de um ferrolho e o tranquei, pressionando as costas contra a porta.

Do lado de Fora, Theodore esmurrava a madeira.

— Imogen!

O interior da choupana estava escuro como a noite.

— Imogen. *Pelos malditos deuses!* — Ele bateu na porta de novo. — Abra imediatamente.

Então uma voz surgiu do mais absoluto nada. Era uma voz feminina e jovem, melódica e agradável, tão envolvente que parecia fazer meu peito vibrar.

— Aí está você, minha querida. Espero por você há tanto tempo.

Senti uma onda de terror. Theodore redobrou a força da batida ao som da voz dela, fazendo a madeira chacoalhar atrás de mim.

— Imogen, abra a porcaria da porta. — No golpe seguinte, tive a impressão de que ele se jogou contra a porta. — *Imogen*.

— Ele vai quebrar minha porta — disse a voz.

— Então vamos ser rápidas.

— Rápidas? — cantarolou a voz, melodiosa. — Ah, minha menina, o que deseja leva tempo.

— Como sabe o que desejo?

— Não me conhece, não é mesmo? — sibilou ela. — Consigo sentir seu poder através do mar assim como você pode sentir a água que se infiltrou em suas botas. Quase consigo sentir no ar o gosto do sangue divino que flui sob sua pele tenra e macia.

Um leve farfalhar me causou calafrios.

— Seu sangue se espalhou pelo mar durante décadas. Presumo que esteja aqui porque o quer de volta.

— Sou filha da grande deusa Ligeia. Preciso saber o que... aconteceu. Para onde ela foi. E como. — Tentei engolir saliva, mas minha boca estava seca. — E desejo romper dois vínculos de sangue.

Um estrondo alto veio da porta às minhas costas, seguido de vários outros.

— Dois vínculos! É coisa demais... Ninguém nunca a avisou? — Sua diversão era cruel. — Por acaso faz com que você se sinta mal? — Outro farfalhar veio da escuridão, seguido do som de vidro tilintando. — Preciso de seu sangue primeiro, querida, para fornecer as respostas pelas quais procura, e para saber que tipo de poção devo escolher para a ruptura.

Theodore se atirou contra a porta de novo e de repente ouviu-se um estalo

logo antes do som de algo se estilhaçando.

— Abra a porta, Imogen. Não dê seu sangue sem que eu esteja ao seu lado.

Ela soltou um riso brando e aveludado.

— Ele quer mesmo romper o vínculo?

— É claro que quer. Por isso veio comigo.

Ela apenas resmungou diante da minha resposta.

— O vínculo de sangue está confundindo a nós dois — insisti.

— *Confusão* não é o nome que eu daria. O vínculo com uma Sirena é preciso e cristalino como água... tem a ver com *proteção*. É tudo o que importa.

Balancei a cabeça, tentando não perder a coragem. Aquela era a única maneira de protegê-lo, mantendo-o fora da choupana, longe da fumaça e das lembranças. Mais sussurros e, em seguida, a voz adorável se tornou grave.

— Seu sangue.

— *Imogen*. — A voz de Theodore era suplicante, desesperada.

— Fazer uma poção levará horas, no mínimo. A ruptura leva dias. Receio que minha porta não vá aguentar por tanto tempo.

Minha respiração se acelerou enquanto eu olhava para o breu.

— Vamos. Agora — insistiu ela, condescendente, como se pudesse me ver.

A escuridão era impenetrável, meus olhos simplesmente não conseguiam se adaptar. Em algum lugar no meio da choupana, três esferas se iluminaram. Não era uma luz dourada como a de velas, mas um brilho opaco, como quando uma lanterna ilumina a membrana entre o dedo indicador e o polegar. As luzes preencheram a sala com uma aura macabra, iluminando uma figura em seu centro.

Ela estava sentada sobre um amontoado de vinhas. Seu corpo era esguio e jovem, diferente da figura encurvada que eu tinha avistado nas rochas. Mas, à medida que a luz se intensificava, pude ver melhor as videiras que se enroscavam em seu torso, em seus ombros e no pescoço, forçando-a a ficar ereta. A pele de seus braços nus era flácida. Brilhava sobre uma cabeça careca e projetava sombras grotescas sobre os bolsos de pele flácida que pendiam sob seus olhos. Olhos vazios e imóveis, viscosos como leite de cabra, e ainda assim eu sabia, sem sombra de dúvida, que ela podia me ver claramente.

Meus dedos se contorceram para destrancar a porta.

— Quanta crueldade — ralhou ela. — Eu sei que o tempo e a magia me transformaram em um monstro, mas não é preciso olhar para mim dessa forma. Abra a porta, Imogen. — Suas palavras se tornaram amargas, possessivas. — Quero ver meu rei.

Minha própria possessividade tomou conta de mim e o vínculo de sangue me fez queimar de dentro para fora. Sem tirar os olhos dela, estendi a mão para trás e procurei o ferrolho. Quando abri a porta, tudo foi inundado pela luz fria da manhã.

— Olá, Theodore.

Ela falava com ele como se fossem amantes, sua voz carregada com a sugestão de lembranças de momentos compartilhados entre os dois. Senti a ponta dos meus dedos doerem quando minhas unhas começaram a se alongar em garras.

— Veja como cresceu — continuou a Maga Vidente. — Foi de um garoto de rosto doce a um homem endurecido em tão poucos anos. Mas continua muito belo, como sempre.

Theodore não olhou para mim. Não me tocou. Em vez disso, colocou o corpo entre o meu e o da Maga Vidente. Seu tom era hostil.

— Olá, Rohana.

— Ah, minha nossa. Não me diga que ainda está bravo. Depois de todo esse tempo? — ronronou ela.

As palavras se espalhavam pelo ar como um incenso perfumado e inebriante. O canto de uma Sirena. Em pânico com o som, com o que Theodore poderia fazer, agarrei a camisa dele como se essa pequena restrição pudesse impedi-lo de ser puxado em direção a ela. Mas ele não cedeu.

— Desta vez, não.

Comecei a sentir uma fúria incontrolável. *O que ela tinha feito com ele?*

O canto dela se transformou em uma risadinha.

— Claro. Afinal, agora você tem a proteção dela. Tem certeza de que quer abrir mão disso?

O sorriso de Rohana era sarcástico e monstruoso e revelava uma fileira de dentes azulados e afiados feito agulhas.

Houve uma longa pausa antes de o rei finalmente responder:

— Sim. Tenho certeza.

— Que pena.

As esferas de luz rodopiavam ao redor dela, feitas inteiramente de ar levemente luminoso e denso. O som de suas videiras preencheu a choupana. Elas se entrelaçaram, levantando-a mais alto, e se enroscaram em suas pernas macilentas, em torno de seu véu translúcido e manchado, e a levaram até uma bacia rústica esculpida no chão. Era feita da mesma rocha da ilha, como se a choupana tivesse sido construída em torno dela.

— Venha, então. Dê-me seu sangue e o pagamento e irei orientá-la.

Segurei o braço de Theodore com mais força. Meu corpo hesitou diante da ideia de sangrar em mais um ritual.

— O que vai fazer com meu sangue?

— É claro que se preocupa com isso, não é mesmo? — Sua risada mudou e transformou-se em um som áspero, como areia raspando em vidro. — Lembro-me do primeiro dia em que provei seu sangue na água. Acho que era apenas um bebê. Desde então, você tem sido bastante generosa.

Meus dedos se afundaram no braço de Theodore.

— Responda minha pergunta.

— Não vou me alimentar dele como Eusia, minha querida. Não criaremos nenhum vínculo. Só preciso de uma gota para poder vê-la com mais clareza. Para que eu saiba como ajudar.

Senti a cabeça girar e olhei para Theodore, que estava me observando de volta. Seus olhos eram sérios, mas ele acenou com a cabeça em sinal de confirmação. Caminhamos juntos até a rocha em que estava Rohana. Algo barulhento rolou aos nossos pés enquanto caminhávamos. Theodore manteve seu olhar fixo, mas eu olhei para baixo.

Ossos. Eram ossos humanos. E de animais. Espalhados por todo o chão. A luz da esfera incidia sobre suas formas brancas e amareladas e vi que as extremidades estavam quebradas, como se a medula tivesse sido sugada. Theodore apertou meu braço contra seu torso forte.

Cheguei perto da bacia e finalmente olhei para cima, diretamente nos olhos de Rohana. De perto, seu rosto era ainda mais repulsivo. As grandes bolsas de pele sob seus olhos estavam enrugadas e marcadas por veias brancas. Estendiam-se até as pálpebras, manchando também aquela pele delicada.

— É por causa da fumaça — explicou ela de repente. — De centenas de anos de profecias. Meus olhos eram dourados como os seus. Meu cabelo também era como o seu. — A amargura contaminava suas palavras. — Sempre abrimos mão de algo pelo poder, não é mesmo?

Uma vinha se ergueu no ar e deixou cair uma pequena faca de ponta irregular na bacia vazia.

— Sangue — disse ela.

Soltei o braço de Theodore e coloquei a faca na borda da bacia. Em vez de usá-la, pressionei a ponta da minha garra na extremidade de um dos meus dedos e pressionei até que uma única gota pingasse.

— Você também, querido rei — disse Rohana, exageradamente dócil.

Peguei a mão de Theodore e repeti o feito. Uma única gota de sangue pingou. Mais duas gavinhas serpentearam em nossa direção e, na extremidade de cada uma delas, havia um pequeno frasco com um líquido preto.

— Bebam.

— Para que serve? — questionei.

— Para que você flutue. — Sua voz belíssima vinha acompanhada por um sorriso sinistro. — Vai soltar seus lábios e libertar sua mente. Vai relaxar seus músculos para que eu possa conhecer você de verdade. Não ofereço profecias que não podem ser recebidas. Você precisa se abrir para mim, querida. Precisa me deixar entrar.

Não conseguia pensar em nada mais aterrorizante. Eu tremia quando me obriguei a pegar o frasco. Theodore pegou o dele e o fechou na palma da mão.

— Se a fumaça fizer com que ela passe mal, não a toque. Não arranque seus cabelos nem mexa em sua pele. Sua boca suja não tocará o corpo dela. Ela não lhe deve nada por sua profecia.

— O pagamento é necessário para que...

— Sim, eu sei. — A voz de Theodore preencheu a choupana. — Mas ela não é sua. Ela é minha.

Rohana fez uma careta e deixou seus dentes manchados à mostra.

— Não por muito tempo, Vossa Majestade.

O silêncio de Theodore era assustador.

— Garanta que não tocará nela ou deceparei você com minhas próprias mãos.

Rohana olhou fixamente para ele por um momento antes de acenar com a cabeça, sinalizando que estava de acordo. Ele levou o frasco aos lábios e bebeu. Segurei sua mão para impedir que a minha tremesse e bebi do meu próprio frasco também. O líquido era espesso, turvo e fétido. Envolveu minha língua e minha garganta e, ao engoli-lo, tive uma crise de tosse. Mas tentar expeli-lo só fez com que ficasse ainda mais denso. Theodore apertou minha mão enquanto uma sensação de formigamento tomava conta do meu peito. De repente, um estrondo retumbante ecoou em minha cabeça. Pressionei minha têmpora, desesperada para que a sensação fosse embora.

Outra vinha espiralada se ergueu no ar e esvaziou o conteúdo de um terceiro frasco de lodo preto na bacia onde as gotas de nosso sangue tinham caído. Houve um chiado, algo borbulhando, e então Theodore soltou minha mão. Com um soluço úmido, ele caiu de joelhos, gemendo.

— Theo? — Peguei seu rosto em minhas mãos. Sua pele estava fria e

escorregadia. — O que aconteceu?

— Estou... passando mal... — balbuciou ele.

Em seguida se arqueou para trás, acima dos ossos espalhados pelo piso úmido de madeira. Fiz o possível para guiar seu peso inerte para baixo devagar, mas ele era grande demais. Escorreguei e nós dois fomos ao chão com um estrondo.

Gemi de dor, mas o vínculo de sangue dentro de mim me colocou de pé outra vez.

— O que fez com ele? — gritei para Rohana por entre os filetes de fumaça que se desprendiam da bacia.

— Ele está bem, minha querida — disse Rohana, abaixando o rosto para a fumaça. — Ele já sabia que isso aconteceria.

— Ele sabia? — Eu avancei contra ela, mas as vinhas a puxaram para trás. — *Desfaça isso*.

O que quer que eu tivesse bebido estava começando a me afetar também. Eu me sentia como se estivesse afundando, como se o tempo e o mundo ao meu redor estivessem submersos em uma água espessa e preguiçosa. Pisquei com força, tentando entender por que o rosto de Rohana começou a ficar borrado.

— Eu dei um pouco de hedera para ele. Não pode ser *desfeito*. — Seus olhos vazios se fixaram nos meus. — O pagamento é necessário antes de começarmos. A magia precisa ser alimentada, Imogen, e eu conheço muito bem meu querido deus-rei. — Ela deu uma risada que fez minha raiva aumentar. — Theodore vai preferir me pagar enquanto estiver inconsciente.

As três esferas se apagaram.

Uma escuridão total se instalou na choupana, o único som que a preenchia era o das videiras se arrastando e chacoalhando. Meus sentidos estavam tão confusos que eu não conseguia localizar onde Rohana estava na pequena sala. Então o corpo do rei se contorceu aos meus pés.

Olhei para baixo e vi um leve lampejo de luz amarela. Um braço pálido envolto em vinhas estava enganchado no torso dele. Era Rohana, deslizando seu corpo decrépito, mergulhando seus dedos ossudos nos cabelos espessos de Theodore, agarrando-os como se quisesse arrancá-los. Seus lábios rasgaram as bochechas do rei e seus dentes se cravaram na orelha dele.

Sem pensar, avancei contra ela novamente e afundei minhas garras na pele fina e flácida em torno de seus bíceps frágeis. Minha outra mão rasgou o véu da Sirena, cravou-se nas costelas e arrancou um grito agudo de sua garganta.

Rohana não passava de um saco de ossos. Com facilidade, a ergui e a atirei no chão, ficando entre ela e Theodore.

Minha voz saiu como um rugido de meu peito.

— Se tocar nele de novo, vou arrancar seus membros um por um.

— Ele precisa pagar. — A voz dela era fraca e suplicante. — O ritual já começou, a fumaça já está em meu peito. Tenho que substituir o que foi tirado.

Eu estava quase me engasgando com a névoa pútrida que enchia a choupana e ainda precisava das poções da ruptura. Eu precisava de uma profecia. Mas minha raiva estava me consumindo. Enfiei as garras ainda mais fundo.

— Por favor — gemeu ela. — Preciso de carne.

Carne. Eu jamais permitiria que ela o tocasse.

Os lábios finos de Rohana se retraíram em um rosnado.

— Há uma ordem, um equilíbrio. Me matar vai arruiná-lo. Se não permitir que ele pague, então você mesma deverá pagar para que eu possa continuar a servir.

— Estou cansada de pagar com meu corpo para que monstros como você continuem vivendo.

Minhas garras tocaram as costelas dela quando as forcei ainda mais fundo, e o grito de Rohana ricocheteou nas paredes.

— Não seja como Eusia. Não mate os seus. Que tipo de monstro seria *você* se me tirasse das pessoas a quem sirvo?

Eu acreditava ser um monstro. Vivi com vergonha e medo do que eu era. Mas, mesmo com minhas garras tocando os ossos de Rohana, o sentimento tinha desaparecido momentaneamente. Eu não era como ela. Jamais seria.

— O que exatamente você quer? — perguntei. — Quanta carne?

— Apenas um pedaço. Com um pouco de gordura — respondeu Rohana em um chiado aliviado. — E cabelo. Arrancado da raiz.

O cheiro repugnante e adocicado da fumaça começou a pesar em meus pulmões. Tinha cheiro de coisa morta, moribunda. Minha cabeça latejava com a pressão da bebida, mas consegui tirar minhas garras de sua pele enrugada.

— Não se mexa. — Eu falava como se tivesse bebido uma garrafa inteira de vinho.

Foi quase impossível, mas enrolei um punhado de cabelo na nuca com os dedos e arranquei-o do couro cabeludo. Uma das videiras dela se esticou ansiosamente em minha direção.

Os olhos brancos e vazios de Rohana me observavam, famintos, enquanto

eu levantava a camisa. Enterrei a ponta de uma garra na pele macia abaixo do umbigo e arranquei um pequeno pedaço de carne pingando sangue. A videira pegou meu cabelo e minha carne e os enfiou dentro da bochecha esquálida de Rohana.

Seu corpo inteiro relaxou, instantaneamente saciado.

Ela foi rebocada de volta para a bacia, parecendo um cadáver pálido sob a luz da única esfera. Uma fumaça marrom se formou e as videiras a levantaram, segurando-a de forma que seu rosto ficasse suspenso acima da borda. Um som repugnante de sucção penetrou meus ouvidos quando Rohana sorveu profundamente a fumaça espessa.

Eu mal conseguia vê-la com a densidade da névoa. Minha visão começou a se fragmentar a cada respiração, mas eu me acomodei para proteger Theodore entre minhas pernas antes que a luz da esfera se extinguisse novamente. Na escuridão, me senti flutuando.

A voz que soou, então, não era de uma jovem. Era a voz de uma velha — fraca e trêmula.

Uma coroa. Arrancada, arrancada, arrancada da cabeça.
Um vínculo. Extinto, extinto, extinto do sangue.
A rainha jaz drenada de sua divindade.
O rei está destroçado e dilacerado sob suas asas.

Rohana emitiu um som agonizante que durou o que pareceram ser minutos.

O que foi criado por eles dizimará a ordem de todas as coisas.

Balancei a cabeça. Minha voz estava distante e minha língua parecia enrolada.

— Não estou... entendendo...

Rohana gargalhou na escuridão.

O que foi criado por eles resultará em caos. Resultará em destruição. Resultará em morte.

Sentindo-me incorpórea e atordoada, tive a sensação de estar descansando sobre ondas ásperas e franzidas. Balançando, oscilando, afundando. Tentei entender o significado das palavras dela, e um calafrio percorreu meu corpo quando compreendi.

Eu era a rainha, desprovida de seu poder.

E Theodore... o rei.

Destroçado e dilacerado por minha causa.

E juntos... o pânico tomou conta do meu corpo enquanto meus pensamentos e temores lentamente se concretizavam.

Juntos, causaríamos caos.

Causaríamos destruição.

Causaríamos morte.

19

O tempo pareceu congelar. Talvez tenha parado de fato. Minha visão ficou turva e depois escureceu por completo. Quando despertei, estava caída no chão. Pairava acima de mim a luz da esfera e, ao meu lado, Theodore, que ainda estava inconsciente. Aos poucos, meus ouvidos começaram a captar um tilintar de vidro, o sopro da fumaça e o rastejar das vinhas.

Com cuidado, estendi o braço e toquei o peito de Theodore. Sua respiração parecia estável. Eu me apoiei em meu cotovelo, levantando o corpo, e vi Rohana inclinada sobre a bacia, sua cabeça lisa refletindo a luz lúgubre e amarela da esfera.

— Diga, Imogen — disse ela, sua voz jovem outra vez. — Sei que quer falar.

— Quero minhas poções para a ruptura. — Minha voz estava rouca.

— É o que eu estou fazendo.

— Eu paguei por duas.

— Mas receberá uma.

Fiquei de pé em um salto, mas as vinhas se enroscaram em minhas panturrilhas e meus pulsos e me seguraram no chão. Tentei me concentrar e encontrar o poder de Theodore em meio à confusão, mas eu estava muito fraca e Rohana estava muito forte.

— Posso romper o vínculo entre você e seu rei. Mas isso é tudo. — Seus olhos perversos e leitosos me encaravam. — E é uma pena, devo dizer. Vocês ficam muito melhores juntos.

Minha cabeça estava latejando.

— O que disse? — gritei. — E meu vínculo com Eusia, o vínculo que você acabou de dizer que acaba com minha divindade? — Eu me contorci, tentando me desvencilhar das vinhas. — Você disse que vou arruinar Theodore, que vamos causar morte e caos. Como podemos ser melhores juntos?

Rohana me soltou com uma risada macabra.

— Quanta juventude e quanto frescor. Você é mesmo brilhante, vê as coisas com muita nitidez. Mas permita que sua visão se distorça e se perca, permita-se

enxergar além.

Fiquei de pé, irritada.

— Se essa é sua forma de me dizer para procurar mais significado na profecia, *vá se foder*.

Rohana se mexia muito pouco e seu corpo miúdo pendia sobre a gaiola de vinhas que a sustentava. Ela colocou um pequeno frasco de vidro no laço de uma vinha e a guiou em minha direção.

— Hora de irem embora. Isso removerá o deus-rei de seu sangue...

Quase perdi a cabeça.

— E meu vínculo com Eusia?

— Você criou esse vínculo com o mais vil dos feitiços. E um feitiço deve ser desfeito pelo Mago que o lançou.

Eu estava quase sem esperanças.

— O que devo fazer? — Minha voz estava trêmula. — E como?

Uma vinha se acomodou sob seu queixo e inclinou sua cabeça. Rohana me observava sem piscar, atenta.

— Volte para o seu lar.

— Meu lar? — repeti, franzindo a sobrancelha.

De repente, as vinhas começaram a se agitar como um leito de cobras muito verdes, rastejando em volta de Theodore. Elas o içaram, arrastando-o sobre os ossos em direção à porta caindo aos pedaços da choupana.

Volte para o seu lar.

O vínculo de sangue pulsava como um coração acelerado. Aflita e preocupada, eu me apressei para acompanhá-lo. Eu o toquei, precisando desesperadamente da segurança de seu calor. Tracei os contornos de suas maçãs do rosto com delicadeza, o dorso pronunciado de seu nariz, depois desci até seus lábios.

Lar.

Era uma palavra mutável cujo significado se distorcia de um segundo para o outro. Meu raciocínio ainda estava lento devido à fumaça do ritual, mas aquela palavra, *lar*, fez minha mente girar e dominou meus pensamentos.

Então fui levada para outro lugar. Eu estava onde já fora meu lar um dia, na sala do trono branca e gelada do rei Nemea, sentindo o frio penetrar meus ossos. Olhei para a parede e a vi: as asas escuras expostas como decoração.

Eram iguaizinhas às minhas.

O rei está destroçado e dilacerado sob suas asas. Senti um aperto no peito. *O que foi criado por eles dizimará a ordem de todas as coisas.*

— O que eles fizeram... O que a rainha e o rei fizeram... — sussurrei, agarrando-me ao ombro forte de Theodore. Senti o sangue gelar. — Nemea...

Quando Rohana gargalhou, tive certeza.

— Ele é meu pai.

— Boa menina. — Ela parecia satisfeita com minha constatação, mas eu estava devastada.

Lembrei-me das feições de Nemea, do timbre de sua voz e até mesmo do toque de sua mão.

— Eu não...

A Maga apareceu diante de mim. Seus dedos esqueléticos agarraram minha mandíbula e ela levantou meu rosto.

— Você é o que vai causar caos, destruição e morte. Você é a fonte da desolação e da mudança.

Minha garganta se comprimiu, estava preste a me debulhar em lágrimas.

— E Theodore... — balbuciei. Eu era filha do homem que ele mais odiava. — Eu vou destruí-lo também?

Ela piscou preguiçosamente.

— O poder e o senso de dever dele permanecerão inabaláveis. Ainda assim, ele estaria disposto a renunciar ao trono por você.

— Não. — Balancei a cabeça. — Ele é um rei bom e leal...

— Caos. Destruição. Morte — sussurrou. Tive um vislumbre de seus dentes azulados, e sua boca enrugada se contorceu em um sorriso. — Quer saber o que eu faria se ainda fosse jovem e bonita como você? — Seus olhos se iluminaram. — Eu ficaria com Theodore. Usaria o poder e o corpo dele para continuar a salvo. O caminho para romper o vínculo com Eusia será arriscado. Seria tolice partir sozinha. — As vinhas a trouxeram para mais perto, mas eu continuei onde estava, atordoada demais para recuar. — A guerra tomará forma na água. Você é uma deusa-rainha. Deve se apossar do que deseja enquanto ainda pode. — Então ela falou mais baixo. — Porque, um dia, ficará *como eu*.

Empurrei a mão dela para longe do meu rosto. Seu riso gracioso destoava completamente do monstro na minha frente, mas o conselho atingiu meu peito com força avassaladora.

Fique com Theodore. Eu queria. Com todas as forças.

Apesar de toda a destruição que Rohana via em meu caminho, apesar de nosso futuro juntos ser incerto, aquele era meu desejo. Meus olhos arderam com as lágrimas e achei que fosse vomitar, mas eu me recusava a desmoronar naquele lugar infernal.

Algumas vinhas ainda envolviam o corpo de Theodore. Tentei me concentrar no poder dele que fluía em mim e as toquei, ordenando que o levassem para a porta. A resposta foi lenta e as vinhas resistiam ao meu controle frágil, mas consegui fazer com que o deixassem perto o bastante da entrada para que eu mesma o arrastasse para a luz do dia e a brisa do mar.

Lá fora, as ondas se chocavam contra as rochas. Tentei reencontrar minha calma naquele som, mas cada palavra da profecia de Rohana era como uma lâmina afiada cortando minha pele, dolorosa e impossível de ignorar. Arrastei Theodore para mais longe da choupana e bati a porta.

— Adeus, Rohana. Espero que apodreça no inferno.

À luz do dia, a aparência de Theodore estava muito pior. Sua pele dourada perdera todo o viço e ele suava frio. Além disso, sua respiração estava fraca, quase imperceptível.

— *Droga, droga, droga.*

Segurei seu rosto úmido, toquei seu pescoço. A pulsação estava lenta.

Fechei os olhos e vi o rosto de Nemea outra vez. Lembrei-me de quando era criança e me sentava em seu colo, do pavor que sua voz anasalada despertava em mim. Pensei nos presentes que ele me dava depois de arroubos de crueldade: vestidos, joias, livros. Pensei no polegar dele cravado em minha carne para extrair meu sangue, no modo estranho como seu olhar ficava perdido e vazio ao repousar sobre mim. Talvez ele estivesse pensando em minha mãe. Minha mãe, cujas asas estavam penduradas em sua parede.

Eu me curvei e vomitei sobre as pedras. Tossindo, limpei a boca e me arrastei até o corpo inerte de Theodore.

— Theodore. Por favor. — Bati em seu peito de punhos cerrados. — Theo. Levante-se.

Ele grunhiu.

— Theo — supliquei, segurando seu rosto de novo. — Você precisa acordar. Temos que voltar.

A maré estava alta e as rajadas de vento tinham transformado a superfície em uma sequência de cristas revoltas e espumosas. Eu me ajoelhei e segurei sua mão, mas ele apenas deixou a cabeça pender para o lado, sem reação.

Entrei em pânico, certa de que o que quer que tenha acontecido era irreversível. Eu estava sozinha, completamente sozinha, a não ser por uma mistura de medo e fúria que me atravessava com a mesma violência do mar. Então me levantei e caminhei até a água, olhando para as ondas.

— Ouçam minha voz — ordenei entredentes. — Ouçam.

O poder em meu ventre ganhou força e eu me concentrei com todo o meu ser para entrelaçá-lo ao mar até que não houvesse fronteira entre nós, até que fôssemos um só.

No momento seguinte, quando puxei o ar para os pulmões, o mar pareceu avançar. Quando soltei a respiração, a água recuou. Pedi para que as ondas se acalmassem e as cristas de espuma se tornaram planas. Mais do que isso: um corredor estreito entre a ilha de Rohana e a costa de Varya se abriu, revelando um caminho de areia. Eu sentia as ondas calmas nas pontas dos meus dedos e, quando curvei a mão, o mar se ergueu pelas rochas em minha direção.

A maré avançou com leveza até encontrar o corpo de Theodore. Seus cílios escuros tremularam ao sentir o contato, mas ele não se levantou.

— Theodore? — Minhas palavras ficaram presas na garganta ao olhar de novo para ele. — Droga. Acorde. Por favor, acorde.

Ordenei que a água se movesse mais rápido e o mar o embalou, carregando-o por cima das rochas e para o canal que agora era apenas lama. Com a mão no bolso, segurando a poção, eu o segui. A água fria tocou meus quadris, meu umbigo, e, quando alcançou meu peito, comecei a nadar.

Ele estava completamente desacordado, imóvel. Parecia estar morto. Nadei mais depressa, pedindo que a correnteza me ajudasse. Quando minhas botas tocaram a outra margem, corri pela areia e fiz com que a água trouxesse Theodore pela praia até o abrigo, junto aos nossos cavalos. Ele ficou estirado sobre a areia escura, sua camisa branca grudada na pele. De repente, um gemido de dor escapou de sua boca e ele abriu os olhos.

Caí de joelhos ao lado dele.

— Theo. — Forcei um sorriso, tirando o cabelo molhado de sua testa. — Vou cuidar de você. Preciso que me diga como chegar à casa onde Hector e Antonia moram. Você consegue?

Os olhos dele se fecharam de novo. Bati em seu rosto com força e, dessa vez, ele os abriu o suficiente para que eu conseguisse ver o verde de suas íris.

— Estrada — balbuciou ele antes de fechar os olhos de novo.

Uma gota escura escorreu de uma de suas narinas. Era como óleo, como sangue preto. Eu a sequei rapidamente e me abaixei para beijar seus lábios gelados e seu queixo. Ele não se mexeu.

Deixei que minha fúria tomasse conta. Soltei um palavrão e me forcei a manter o foco até quase desabar de exaustão, mas, de alguma forma, consegui fazer com que as vinhas do abrigo que Theodore tinha construído me ajudassem

a envolvê-lo e colocá-lo no cavalo. Montei também, posicionando-me atrás dele, e seguimos pela estrada enquanto eu tentava mantê-lo equilibrado sobre a sela.

A chuva ia e vinha, mas eu quase não a sentia enquanto percorríamos sobre a lama. Cavalgamos em silêncio por mais de uma hora e não tirei a mão das costas de Theodore, o tempo todo sentindo sua respiração e seu coração.

Se eu parasse de monitorar seus batimentos, se parasse de insistir, não sei o que seria de mim.

Fizemos uma curva na estrada e uma casa de madeira cercada por um jardim exuberante apareceu mais à frente. O exterior era todo pintado de branco e videiras floridas escalavam as paredes.

O dia estava se esvaindo. Acariciei o ombro de Theodore.

— Queria que pudesse me dizer se este é o lugar certo.

Desci do cavalo em frente ao portão que levava ao jardim da propriedade. Com um pouco de força, o ferrolho enferrujado cedeu e entramos. Quando levei os cavalos para o gramado, vi um homem idoso cochilando na varanda coberta. Seus cabelos brancos e crespos se destacavam contra sua pele negra e havia um pequeno cachimbo pendurado em sua mão.

Olhei para Theodore deitado sobre o lombo do cavalo e senti uma onda de preocupação.

Pigarreei.

— Com licença.

O homem acordou em um sobressalto.

— Sim? — respondeu ele, endireitando-se na cadeira.

— Você é o Hector?

— Sim, sou eu.

Os olhos cor de jade dele eram gentis e rodeados por marcas de rugas e ele os estreitou ao olhar para mim, absorvendo os detalhes da minha aparência: as roupas encharcadas e sujas, o cabelo bagunçado ainda pingando. A gentileza em seus olhos desapareceu no instante em que avistou o corpo de Theodore.

— Quem é aquele?

— É Theodore, o rei de Varya. Ele está doente.

Hector arregalou os olhos. Ele se moveu mais rápido do que eu imaginava ser possível, deixando a varanda e indo até o cavalo a passos largos.

— Meu garoto — disse o homem, tocando a bochecha de Theodore com uma mão nodosa. — Vamos preparar um banho quente para você.

Juntos, nós o descemos e colocamos cada um de seus braços sobre nossos ombros, depois marchamos em direção à casa.

— E quem é você? — perguntou Hector, rouco.

— Meu nome é Imogen — respondi. Ignorei o peso da poção em meu bolso. Ignorei a vergonha que me fazia querer admitir tudo o que eu realmente era. — Sou a esposa de Theodore.

20

Hector se desequilibrou por um instante antes de se firmar no chão.

— Esposa? — repetiu. Ele balançou a cabeça e gritou em direção à porta aberta. — Antonia! — Depois voltou-se para mim outra vez. — Theo teria nos contado se tivesse se casado. Teria enviado uma carta.

— Foi muito repentino. Também não esperávamos. — Chegamos à varanda e subimos o pequeno degrau carregando o peso impressionante de Theodore. — Ele me falou de vocês dois. Disse que eu encontraria a casa de vocês mais adiante na estrada.

— Vocês estavam com a Maga Vidente? — perguntou Hector por cima do peito largo de Theodore, me vigiando com atenção.

— Sim — respondi com certo receio. — Viemos em busca de uma profecia, mas a magia do ritual o deixou assim.

Ele assentiu, nitidamente apreensivo. Passamos pela porta andando de lado. Ao entrar, encharquei o tapete sofisticado que ocupava quase todo o chão da sala principal. Notei que a peça era diferente das coisas simples de madeira da casa e me perguntei se fora um presente de Theodore. Na verdade, o cômodo todo era uma mistura de artigos rústicos e itens que pareciam ter saído de um palácio.

O calor da casa me recebeu como um abraço, acompanhado dos aromas de chá de ervas, flores e ensopado que vinham da cozinha. Soltei um longo suspiro, segurando Theodore com mais força.

Uma vida como aquela era *exatamente* o que eu queria. Mas sabia que era impossível.

— Por aqui — chamou Hector, atravessando a sala. — Antonia? — gritou ele outra vez. — Onde essa mulher foi parar?

Então a esposa apareceu, saindo do quarto. Ela era alta, magra e forte para sua idade avançada. Sua pele bronzeada parecia suave apesar de ter algumas manchas de sol e ela usava os cabelos brancos trançados e presos com grampos no alto da cabeça.

— Para a cama — disse ela com uma voz tênue. Seus olhos aflitos enxergavam apenas Theodore. — Ele não parece nada bem.

Juntos, vestimos o rei com roupas secas e depois o deitamos na cama. Sua pele continuou muito gelada e ele resmungava e gemia a cada movimento enquanto dobrávamos suas articulações. Passei os dedos por seus cabelos, desembaraçando-os como eu podia, e limpei a areia escura de sua testa e de suas bochechas. Antonia saiu para buscar chá e Hector se prontificou a colocar a água do banho para esquentar.

— Tem mudas de roupa no armário — disse Antonia, finalmente dando sinal de que notara minha presença. Ela olhou para minha mão sobre a têmpora de Theodore. Para meu anel. — Não é nada sofisticado, mas me parece que usamos mais ou menos o mesmo número. Devem servir. Vossa Majestade.

As palavras me fizeram estremecer.

— Por favor, me chame de Imogen.

Ela olhava para mim com frieza.

— Volto mais tarde para trazer um caldo para ele e um ensopado para você.

Eu estava sem energia para tentar fazê-la gostar de mim e mal consegui balbuciar um "obrigada" por educação.

Quando Antonia fechou a porta, a força que ainda me mantinha de pé se evaporou e meus ombros caíram, pesados. Tirei a poção do bolso e a coloquei ao lado das pomadas para dor na mesinha de cabeceira. O estado de Theodore estava me angustiando, então decidi ir direto para a banheira.

Me despi de minhas roupas molhadas, entrei na água fumegante e comecei a chorar.

Vocês ficam muito melhores juntos, dissera Rohana.

De todas as palavras da Maga, aquelas eram as que não saíam de minha cabeça. Era impossível distinguir os batimentos do meu coração da pulsação do vínculo entre nós dois. Ambos diziam a mesma coisa: *fique com ele, fique com ele, fique com ele.*

Deve se apossar do que deseja enquanto ainda pode, dissera ela. *Porque, um dia, ficará como eu.*

Estremeci apesar da água quente e afundei meu rosto nas mãos. Senti vontade de gritar e destruir tudo ao meu redor.

— Tem um espacinho para mim?

Dei um pulo ao ouvir a voz grogue de Theodore. Ele tinha virado a cabeça no travesseiro e me observava por entre as pálpebras pesadas.

O nó em meu peito começou a se afrouxar. Segurei a borda da banheira e

apoiei meu queixo nas mãos, sorrindo para ele.

— Não tenho um bom histórico quando se trata de tomar banho com um homem.

A risada que ele deu em resposta soou dolorosa, como se a fumaça da choupana da Maga Vidente ainda estivesse em seu peito.

— Como está se sentindo?

— Morrendo de dor — murmurou ele.

— Antonia deixou um pouco de nepente. Vou pegar para você.

Olhei em volta em busca de uma toalha e a avistei em um banco fora do meu alcance. Theodore me acompanhava com o olhar, exausto, mas também com certo divertimento.

— Feche os olhos.

Um sorriso malicioso se insinuou nos cantos de sua boca.

— Só pode estar brincando — reclamou ele. — Ver você entrar no meu quarto com aquela roupa toda molhada foi muito mais revelador do que vê-la nua. E penso nisso o tempo todo.

— É mesmo? Então parece que não está precisando refrescar a memória. Feche os olhos.

Ele soltou um grunhido indignado, e não consegui não rir.

— Você está animadinho demais para um homem acamado.

Theodore virou-se para mim com o semblante sério.

— Tomar aquilo de novo me faz lembrar da morte, Imogen. — Ele engoliu em seco. — Mas você me faz lembrar de que estou vivo.

Fiquei sem reação, me sentindo imersa em anseio e esperança e cativada pelo modo como ele me admirava. Balancei a cabeça, tentando me recompor.

— Espertinho.

A água se agitou quando me levantei em um movimento rápido e peguei a toalha dobrada.

Ele murmurou algo lisonjeiro ao me ver, mas eu me cobri depressa, tentando ignorar o calor que sentia no peito com a atenção dele.

— Imogen — disse ele, severo de repente. — Você está sangrando.

Olhei para a pequena mancha vermelha de sangue que desabrochava na toalha.

— O que aconteceu?

Saí da banheira com uma careta.

— Foi a Maga Vidente. Obrigada por ter me avisado com antecedência que o serviço dela é pago com carne.

— O pagamento deveria ter vindo de mim — protestou Theodore. — O que você fez?

— É claro que não permiti, seu idiota. Queria que eu ficasse de braços cruzados enquanto ela se arrastava em cima de você e sugava suas forças? Eu quase a ataquei.

— Que merda. — Com certo esforço, ele levou a mão ao rosto para massagear a têmpora. — Venha aqui.

— Não foi nada.

— Será que pode vir aqui? — repetiu ele, exasperado, batendo no colchão com o punho cerrado. — *Por favor.*

Ficamos olhando um para o outro, um de cada lado do quarto. O ar entre nós crepitava.

Sem pressa, fui até ele e me sentei na beirada da cama. Consegui manter meu rosto sereno, mas havia um turbilhão de sentimentos dentro de mim. Então cheguei mais perto, ansiando pelo conforto de seu toque, e nossos corpos se roçaram.

Ele passou o braço pesado sobre minhas pernas e tocou a barra da toalha.

— O que aconteceu? O que ela disse?

Eu não queria falar nada daquilo em voz alta. Queria mentir, engolir tudo o que tinha descoberto e nos resguardar do resto do mundo mais um pouco. Olhei para a poção asquerosa na mesinha ao lado. Por fim, a vergonha falou mais alto do que minhas vontades.

— Ela não é capaz de romper meu vínculo com Eusia — expliquei. — Eu mesma preciso encontrar um jeito de fazer isso. E depressa. A cada dia que passa, mais Sirenas são perseguidas e mortas por causa do meu poder. — Estendi o braço e peguei a poção. — Isto é para nós dois.

Ele continuou me observando sem dizer nada.

— Quando você estiver bem... — Tive que me esforçar para falar. Nosso vínculo se revirava em protesto dentro de mim. — Vou pedir permissão para Hector e Antonia para que façamos a ruptura aqui. Quanto antes, melhor.

Minhas palavras soaram vazias aos meus ouvidos.

Houve um espasmo em seu maxilar e ele engoliu em seco, mas seu rosto permaneceu indecifrável como sempre.

— Diga qual foi a profecia.

Respirei fundo.

— Uma coroa. Arrancada, arrancada, arrancada da cabeça. Um vínculo. Extinto, extinto, extinto do sangue. A rainha jaz drenada de sua divindade. O rei

está destroçado e dilacerado sob suas asas.

Fiz uma pausa.

E deixei de fora a última parte.

O que foi criado por eles dizimará a ordem de todas as coisas.

Theodore franziu as sobrancelhas, mas algo nele pareceu relaxar, como se tivesse se resignado a um destino inevitável.

— O rei sou eu, não sou?

Senti um aperto no peito. Balancei a cabeça e falei com uma convicção que eu não sentia de verdade.

— Não, não é você. — Devolvi a poção à mesinha e peguei o pequeno frasco de nepente. A rolha se soltou com um som abafado. — Isso vai ajudar com a dor.

Segurando seu queixo com a barba por fazer, encostei o frasco em seus lábios e fiz com que inclinasse a cabeça para trás.

— Ela estava falando de Nemea — expliquei.

Ele olhava para mim com um misto de anseio e fascínio. Eu tinha que me preparar para quando aquilo mudasse, para quando seu olhar fosse contaminado pelo asco, assim como acontecera com Evander quando ele descobrira quem eu era de verdade.

— Ele... — Pousei minha mão sobre o peito de Theodore, sentindo os batimentos de seu coração. — Ele é meu pai.

Theodore agarrou minha coxa e seus olhos se arregalaram. Não com a repugnância que eu esperava, mas com preocupação.

— Pelos deuses, Imogen. Você... Como você está?

Fiquei sem palavras. A reação dele foi completamente inesperada.

— Estou bem.

— Não, não está.

O rei me fitou com atenção, depois pegou minha mão e me puxou para mais perto até que eu ficasse deitada sobre ele. Pega de surpresa, senti minhas defesas cederem e me deixei derreter em seus braços quando ele me abraçou.

— O que está fazendo? — sussurrei com o rosto aninhado sob seu queixo. — Eu não... não causo repulsa em você?

Ele riu como se a ideia fosse absurda. Depois falou com a boca enterrada em meus cabelos:

— Eu sinto muito, Immy.

Meu nome dito daquela forma, com tanto carinho e doçura, me fez levantar a cabeça. Seu olhar era reverente e acolhedor.

— Você está muito, muito longe de me causar repulsa.

Fechei os olhos e me acomodei em seu peito outra vez, me sentindo em paz.

— É hora de nós dois entendermos que não fomos moldados por nossos pais e que eles não têm poder algum sobre o que ainda nos tornaremos.

Assenti com alívio e gratidão. O ritmo do coração de Theodore me acalmava. Ele me soltou com certa relutância e eu me deitei a seu lado no colchão. Minha cabeça estava em seu ombro e passei uma perna sobre o corpo dele.

— Rohana disse mais alguma coisa? — perguntou, acariciando meu joelho descoberto com o polegar.

Uma pressão sufocante encheu peito. Eu não tinha forças nem coragem para contar tudo, para revelar que eu seria a causa de sua ruína, que ele talvez sacrificasse tudo o que tinha de mais precioso por minha causa. Seu reino não sobreviveria a uma guerra contra o continente de Obelia e, se eu tentasse ficar com ele como Rohana aconselhara, o confronto seria inevitável. E carregar o ressentimento de Theodore acabaria comigo.

Ainda assim, me aconcheguei em seus braços. Sabia que não deveria, mas a distância era impensável.

— As asas da minha mãe estão penduradas na parede de Nemea. Queria saber se é dele a coroa que Rohana viu sendo arrancada. Se o vínculo extinto foi o da nossa família. E se...

— As asas da sua mãe... — Theodore apertou meu joelho. — Nemea teve coragem de pendurar as asas de Ligeia na parede? — Ele ergueu o pescoço para olhar meu rosto. — Está pensando em ir acertar contas com ele, não está? Pode esquecer.

— Quando nosso vínculo deixar de existir, você vai se importar muito menos com meu paradeiro e minha segurança.

Ele ficou sério.

— Realmente pensa assim? — Sua voz era áspera, mas o toque de sua mão continuava suave, subindo por minha perna. Ele apalpou meu quadril por cima do tecido fino da toalha. — Se você se ferir, todas as Sirenas vão continuar a sofrer. Meu povo também. Você precisa se manter o mais segura possível. Voltar para aquela montanha para enfrentar Nemea por vingança não vai romper seu vínculo com Eusia. Nós temos que resolver isso primeiro.

Minha respiração ficou trêmula com a forma como ele me tocava, com a intensidade de seu olhar. Havia um desejo urgente em Theodore, como se ele tivesse passado tempo demais sendo arrastado por uma maré implacável e

aqueles fossem seus primeiros momentos respirando ar puro.

— Como assim, *nós*?

Minha respiração oscilou quando sua mão escorregou por baixo da toalha. Seus dedos traçaram um caminho suave por minha pele e meus pensamentos se transformaram em fumaça. Ele acariciou minha lombar, depois minha cintura. Seu rosto ganhava cor e seus movimentos pareciam mais desenvoltos. O nepente já começava a fazer efeito.

— Você precisa descansar — sussurrei.

— Agora não.

Theodore me puxou para cima de seu corpo, me guiando com mãos firmes para que eu me acomodasse sobre seu abdômen. Ofegante, segurei a toalha bem apertada contra o corpo e o encarei. Os olhos dele estavam escuros e cansados, mas mais ardentes do que nunca. Com um gesto suave, seus dedos percorreram a lateral das minhas coxas e deslizaram por baixo da toalha outra vez. Ele agarrou meus quadris com força.

Eu sabia que estava sendo imprudente, mas seu toque atenuava minha dor e silenciava meu medo da hostilidade do mundo lá fora.

— Diga o que deseja. — Sua voz soava incandescente feito brasa. Ele arrastou as mãos quentes por minhas coxas até alcançar o ferimento aberto na minha barriga. Com cuidado, conteve o sangramento e fechou corte. Depois subiu a mão muito devagar e a deixou repousar entre meus seios, na altura de meu coração despedaçado. — Seus desejos mais íntimos.

Eu mal conseguia respirar.

— Eu... eu não sei.

— Sabe, sim. — Acariciando minha pele, ele soltou um murmúrio abafado que me incendiou por dentro. — Diga.

Meus olhos se fecharam e minhas costas se arquearam quando ele tocou meu seio e o tomou na mão.

— Quero um lar sereno e harmonioso. — Minhas bochechas ficaram quentes ao confessar algo tão banal. — Onde eu me sinta segura. Quero conhecer outras pessoas como eu para não me sentir tão só.

Meu corpo relaxou e a toalha escorregou por minha cintura enquanto Theodore acariciava meu mamilo. Com calma, sentou-se e passou um braço em volta da minha cintura, pressionando meu peito nu contra o dele.

Arfei com a sensação, com o calor e a firmeza de seu corpo. Ele roçou os lábios nos meus.

— Immy... — suspirou ele contra minha boca, me deixando zonza.

Então Theodore me beijou. Foi intenso e tão arrebatador que cheguei a pensar que com aquele gesto ele tentava afastar a realidade impossível dos meus desejos. Cada movimento de sua língua era como uma promessa: *vou te dar tudo isso e muito mais*. Entrelacei meus dedos em seus cabelos úmidos. Eu me sentia divina com meu corpo enroscado no dele, absorvendo cada gota de devoção que me era oferecida. E era mais do que eu merecia, considerando tudo o que Rohana revelara.

Caos. Destruição. Morte.

Theodore pressionou a boca macia em meu queixo, percorreu o maxilar, e desceu até meu pescoço. Por um momento, o terror causado pela profecia desapareceu. Eu me sentia dominada por um ímpeto febril enquanto desabotoava sua camisa, deixando-a cair por seus ombros em seguida. Ele nos virou na cama e me segurou contra os travesseiros, mas seu corpo dolorido não permitiu que se movesse para ficar por cima de mim com a facilidade que desejava.

— Vou amaldiçoar os deuses por isso para o resto da vida. — Ele soava frustrado. — Finalmente tenho você nua em minha cama e mal consigo me mexer.

Eu ri e o beijei. Theodore era um homem determinado. Havia uma sofreguidão na forma como me beijava, como devorava cada centímetro do meu corpo. Seus dentes roçaram meu mamilo e ele o chupou entre os lábios, provocando uma leve pontada de dor, que ele tratou de aliviar com o toque quente de sua língua. Sua mão enorme se enganchou na parte de trás dos meus joelhos e afastou minhas pernas enquanto me beijava entre os seios.

— Onde está a poção? — murmurou ele contra minha pele, descendo os beijos cada vez mais.

Pisquei com força, tentando pensar com clareza para formular uma resposta.

— Ali em cima. — Ofegante, apontei para os fracos na mesinha de cabeceira. — É o preto.

Theodore soltou um gemido que pareceu ter vindo do fundo de sua garganta ao me penetrar com um dedo. Joguei a cabeça para trás, sentindo-o deslizar para dentro e para fora de mim com o dedo em gancho. Ele me penetrou com um segundo dedo, mantendo o movimento de vaivém.

— Jogue a poção no fogo.

Levantei a cabeça do travesseiro, arfando.

— *O quê?*

Ele me olhou, seu rosto vermelho e surpreso, com os dedos ainda dentro de

mim.

— O que foi?

— Espere um pouco. Pare. — Ele obedeceu, e imediatamente me arrependi do meu pedido. — Por que eu jogaria a poção no fogo?

Theodore olhou para mim como se eu estivesse falando outra língua.

— Porque não vamos romper o vínculo.

— Como não?

— Se fizermos isso, você não vai conseguir se manter a salvo. Encontrar Eusia e romper o vínculo com ela seria perigoso demais sem a combinação dos nossos poderes.

— O que deu em você? — perguntei, incrédula, tentando recuperar o fôlego. — Você jamais teria dito isso dois dias atrás. Não teria nem sequer cogitado a possibilidade. Seu casamento é em menos de duas semanas. O vínculo nos deixa debilitados quando estamos longe, como vou procurar Eusia se não podemos ficar a mais de dez passos de distância?

Ele franziu o rosto, consternado.

— Você achou que ia sozinha?

Eu me sentei na cama e cobri meu corpo com o lençol. De repente, as palavras de Rohana ressoaram em minha mente. *Ele renunciaria ao trono por você.*

— Não preciso lembrar você de seus deveres reais, preciso? — disparei. — E a imperatriz? E sua noiva?

Os músculos de Theodore se flexionaram quando ele se ajoelhou sobre o colchão, massageando a mandíbula.

— Garantir a segurança do meu povo *também* é honrar meu dever. E não assinei nenhum dos contratos da imperatriz.

— Mas deu sua palavra. O que vai acontecer se você desistir? — Pressionei meus olhos com as mãos. — Não acredito que estou tentando convencer você a se casar com ela.

Ele pareceu abalado.

— Eu vou encontrar uma solução.

— Você está confuso por causa do ritual da Maga Vidente. E nós temos ficado muito perto um do outro. — Metade da roupa de cama estava enrolada na cama e a outra metade estava no chão. Estávamos os dois ruborizados e descabelados. — Sou só um desejo passageiro que você precisa suprir.

Theodore franziu a boca.

— Um desejo passageiro. — Suas palavras transbordavam sarcasmo. — Foi

você quem disse que eu precisava de uma foda bem dada, não foi? Talvez depois eu consiga voltar a pensar com clareza.

— Theodore, eu não...

Seus músculos se retesaram e ele estremeceu de dor ao se arrastar para o outro lado da cama.

— Nada disso é o ideal. Não planejei nada do que está acontecendo. — Ele se deitou de costas para mim. — Cuidado para que sua teimosia não acabe matando você, Imogen.

— Minha teimosia? Isso não é justo...

Três batidas vieram da porta. Puxei os lençóis até o queixo e me afundei nos travesseiros.

— Trouxe ensopado — anunciou Antonia do lado de fora. — E caldo.

Fechei os olhos com um nó na garganta. Nós dois soamos igualmente infelizes ao dizer em uníssono:

— Pode entrar.

21

Ao final da noite, Theodore já estava se sentindo bem e foi se sentar junto à lareira na sala. Ele estava com olheiras e sua pele ainda estava pálida, mas parecia relaxado, com os pés para cima e a cabeça apoiada no encosto da cadeira, segurando uma xícara de chá.

Não trocamos mais do que algumas palavras breves depois que saímos da cama.

Eu estava sentada no chão, de frente para o fogo, assistindo às chamas e pensando no que tinha acontecido. O toque de Theodore permanecia em minha pele e dentro do meu corpo. Era como se seus beijos, suas mãos, fossem uma extensão de seu poder, criando raízes em mim apesar de nossos conflitos. Ajeitei minha saia e desejei poder voltar no tempo, desejei ter ficado calada e deixado que ele me levasse ao êxtase que ambos desejávamos. A lembrança incompleta não seria suficiente para suprimir o pesadelo das tarefas que nos aguardavam.

Encontrar e matar Eusia. Romper nosso vínculo. Descobrir uma forma de fazer Nemea pagar por todas as suas mentiras e crueldade. Dirigi meu olhar para Theodore. Ele me observava de olhos semicerrados, seu peito subindo e descendo num ritmo que me fez desconfiar que estava pensando o mesmo que eu.

Hector escancarou a porta da frente e entrou carregando um feixe de lenha.

— Que bom que já acordaram! — Ele deixou as toras de madeira ao lado da lareira e olhou para Theodore enquanto limpava as mãos. — Sua cara não está das melhores.

— Já estive pior — respondeu Theodore com um riso fraco.

Hector riu também, uma risada calorosa e contagiante, e depois virou-se para mim com um sorriso largo que não pude deixar de retribuir.

— Você, por outro lado, está muito melhor do que quando chegou, toda encharcada de chuva. — Ele apontou para o vestido que eu usava. Eu tinha pegado um vestido de linho de Antonia no guarda-roupa. Era simples, bordado

com um padrão de flores em tons de lilás. — Eu me lembro desse vestido. Você fica tão bonita nele quanto Antonia, na época que ainda o usava.

Ele procurou a esposa com o olhar. Antonia estava na cozinha preparando uma bandeja com frutas, pão e ovos cozidos. Hector foi até ela e a beijou no rosto, depois se serviu de uma xícara de chá.

— Ficou sabendo, Theo? Sobre o ataque em Ammos?

Theodore ficou imóvel.

— O quê?

— Falei com o filho do padeiro, que passou por lá. — Hector olhou para mim. — Ammos fica a apenas uma hora de caminhada da costa, caso não saiba. Três navios saquearam tudo, incendiaram muita coisa. Dois deles não tinham qualquer identificação. O garoto disse que eram navios mercenários. Mas um era serafita.

Senti um nó de medo se alojar no fundo da garganta. Theodore endireitou a postura, derramando chá morno na poltrona sem querer.

— Quando foi isso?

Com a pergunta, ele se levantou de supetão e perdeu o equilíbrio. Eu tive que me levantar para segurá-lo.

— Duas noites atrás — disse Hector, arregalando os olhos cor de jade. — Desculpem, pensei que tivessem ido até a Maga Vidente por isso. Para pedir orientação.

Theodore balançou a cabeça.

— Não. Eu não fazia ideia.

O rei parecia estar longe, seus olhos vagavam pela sala. Ele foi até a porta da frente, fechou-a e a bloqueou com a viga de madeira.

— O que está fazendo? — perguntou Antonia, apreensiva.

— A situação é de perigo — respondeu ele, indo até a janela para fechar as persianas. — Eles estão procurando por ela.

Hector e Antonia me encararam com um olhar de espanto.

— Quem são eles? — perguntou Hector. — E o que querem com a rainha de Varya?

Senti vontade de me enfiar em um buraco.

— Eu não sou rainha de Varya. — Cocei uma sobrancelha diante da confusão crescente dos dois. — Quero dizer, sou, mas não por escolha. Theodore não me escolheu para ser sua rainha. Eu... eu não sei o que sou.

Antonia cruzou os braços e olhou para mim.

— Vocês são casados?

— Sim — respondemos em uníssono.

— Ela é uma Sirena — contou Theodore, trancando outra janela. — Nós selamos um vínculo de sangue quando eu a ajudei a escapar do forte do rei Nemea, onde ela estava sofrendo maus-tratos. Venho adiando uma guerra com ele há anos. Tirá-la de lá desencadeou o inevitável.

— Ah, Theo... — disse Hector, balançando a cabeça. — Por que fez isso? Por que não pensou em um plano?

Theodore parou, seus ombros erguidos como se tivesse ficado ofendido.

— *Eu tentei.*

Senti uma pontada de vergonha por minha falta de paciência, por não ter aceitado *esperar* como ele me pediu que fizesse. Ele olhou para mim, mas não encontrei nenhum sinal de arrependimento em seu olhar, apenas uma certeza atormentada.

— Mas eu não podia deixá-la. — Theodore pigarreou. — Ela é filha da grande deusa Ligeia e do rei Nemea. Ela é capaz de matar o monstro que caça as Sirenas. — Ele olhou para o casal e continuou, com mais calma. — Mas a verdade é que... isso não importa. Eu simplesmente não conseguiria ter ido embora sem ela.

Senti uma onda de calor no peito que chegou às minhas bochechas. *Ele renunciaria ao trono por você*. Rohana tinha razão, afinal. Ele já tinha feito isso.

Hector e Antonia olharam para mim. Ela fez uma reverência rápida, e eu não soube como reagir. Fiquei com a boca entreaberta, meio abobalhada.

Theodore parecia cheio de determinação outra vez. Ele preparou um prato com frutas, pão e ovos, depois deu um beijo no rosto de Hector e outro no de Antonia.

— É provável que os navios e os homens já tenham partido, mas durmam com uma espada por perto por via das dúvidas. E lembrem-se: portas e janelas trancadas. Vamos partir ao amanhecer.

Antonia levantou um dedo.

— Você ainda está debilitado demais para...

Mas ele balançou a cabeça e sorriu para ela.

— Seu caldo foi o melhor remédio. Estou novo em folha.

Ela deu uma palmadinha em Theodore, ainda com um semblante preocupado.

— Vou preparar comida para a viagem — disse ela, relutante. — Hector vai equipar os cavalos.

Senti meu coração disparado. Eu estava com tanto medo que não conseguia

sair do lugar.

Theodore seguiu para nosso quarto com a comida, mas parou diante da porta antes de entrar e olhou para mim. Seu rosto ainda exibia a febre e a melancolia provocadas pelo momento que tínhamos compartilhado, bem como o medo e a incerteza dos dias que estavam por vir. Sua voz foi como um encanto próprio, como se ele tivesse usado meu poder contra mim.

— Pode vir para a cama comigo?

O pedido quase me fez derreter. Desejei boa-noite timidamente para Hector e Antonia e o acompanhei.

Restavam poucas velas acesas no quarto e o fogo na lareira fora reduzido a brasas. Theodore colocou a comida sobre a pequena escrivaninha no canto enquanto eu fechava a porta e passava o ferrolho. Quando me virei, ele estava diante de mim.

As notícias sobre os navios de Nemea e o mal-estar após o encontro com a Maga Vidente tinham se transformado em palavras cortantes e olhos incisivos.

— Repita — disse ele com um tom áspero. — Repita que quer tomar a poção. Que quer seguir em frente, enfrentar a guerra e o desconhecido sem que possamos contar com o apoio um do outro. Sem que consiga se curar, sem que eu possa ajudá-la a se manter a salvo.

Abri a boca, atordoada. Eu não queria nada disso. Queria ficar com ele. A ideia de me separar de Theodore me paralisava de angústia. Mas não podia destruí-lo ainda mais, ver seu reino ruir simplesmente para que eu tivesse o que queria. Eu tinha que garantir minha própria segurança. E se perdesse a vida tentando fazer tudo sozinha, pelo menos não teria o levado comigo.

Diante do meu silêncio, Theodore chegou mais perto e me prensou levemente contra a porta.

— Se você realmente acha que o que sinto por você não é nada além de um desejo passageiro, então vamos ter esta noite juntos e matar nossa vontade. Depois podemos romper o vínculo e seguir em frente. — Ele segurou meu queixo e inclinou meu rosto para cima, tocando nossas bocas. — Então diga, Imogen.

Tentei fazer com que as palavras tomassem forma em minha língua, mas não consegui. Eu ouvira a profecia. Ficarmos juntos era impossível e, ainda assim, parecia impensável dizer isso em voz alta.

Ele esperou sem tirar os olhos dos meus e aproximou nossos rostos até que nossas respirações se tornassem uma só.

— Diga que *isso* entre nós não passa de uma ilusão causada pelo vínculo.

Eu não conseguia respirar, não conseguia me mexer.

— Muita coisa conspira contra nós dois. — Balancei a cabeça. — Isso... O que há entre nós, seja lá o que for, vai acabar. E vai acabar mal.

— Você não sabe.

Sim, *eu sei*.

Fechei os olhos, sentindo um peso no peito. Ainda assim, não consegui dizer as palavras que deveria.

— Vamos voltar para o palácio — sugeri, por fim. — Depois podemos decidir.

Ele soltou meu rosto e deu um passo largo para trás. Ficamos cada um de um lado do abismo que se formara entre nós.

— É melhor comermos alguma coisa — decidi. — E depois irmos dormir. Precisamos partir o quanto antes.

Ele assentiu com a cabeça, escondendo-se atrás de um semblante fechado.

Na manhã seguinte, o céu estava cinzento e escuro, coberto pelas nuvens pesadas que restaram da tempestade. Eu estava dando uma maçã para minha égua enquanto Theodore se despedia. Na noite anterior, tínhamos jantado em silêncio, recostados nos travesseiros, e adormecido quase imediatamente depois em nossos respectivos lados da cama. Mas, quando amanheceu, estávamos tão agarrados um ao outro que parecia que tínhamos tentado nos fundir durante o sono.

Despedidas feitas, montamos em nossos cavalos e partimos pela estrada lamacenta. Uma garoa fina ia e vinha e um silêncio incômodo pairava entre nós. Não ouvia-se mais nada além dos cascos dos cavalos chapinhando na lama.

— Está descansado o suficiente para tentar seguir viagem durante a noite? — perguntei.

— Sim. — A resposta foi fria e cortante.

Seguimos viagem em um ritmo bom. Durante o trajeto, minha mente estava a mil por hora em busca de um plano. Quando finalmente chegássemos ao palácio, Lachlan e Agatha colocariam juízo na cabeça de Theodore. Romperíamos nosso vínculo e eu poderia partir para tratar de quebrar o vínculo que eu compartilhava com Eusia. O único problema era que eu não tinha ideia de onde poderia encontrá-la.

O dia estava terminando e o sol se derramava em vermelho-vivo no horizonte. Paramos para que os cavalos bebessem água em um riacho inundado pela tempestade e nos sentamos sobre duas rochas para esperá-los enquanto

comíamos o pão e o queijo que Antonia mandara para nós.

— O que você sabe sobre magia? — perguntei, mordiscando a crosta do pão. — Sobre feitiços como os da Maga Vidente.

Theodore balançou a cabeça. Seu olhar estava distante.

— Não muito.

A resposta me irritou.

— "Não muito" ainda é mais do que nada.

Ele finalmente se deu ao trabalho de se virar para mim, mas não fez nada além de me olhar de cara fechada.

— Estou de saco cheio da sua atitude — disparei. — Você está com raiva de mim, acha que é maluquice querer romper nosso vínculo. Já entendi. Pare de dificultar as coisas e me ajude a criar um maldito plano apesar disso. — Rasguei um pedaço de pão e o coloquei na boca. — Se eu conseguisse entender como essa magia funciona, talvez fosse possível pensar uma maneira de encontrar Eusia e matá-la. Ela usa magia da mesma forma que Rohana, imagino.

Um rubor de irritação coloria o rosto de Theodore, mas ele conseguiu se conter.

— Não sei onde ela pode ter aprendido. É algo rigidamente controlado. Uma Maga Vidente tem direito a ganhar um aprendiz dez anos antes do fim da vigência de seu ofício.

Ele se levantou e foi até a égua, conduzindo-a de volta à estrada.

Eu o acompanhei, pensativa.

— E quanto tempo dura a vigência de uma Maga?

— Quatrocentos anos — respondeu Theodore, apoiando o pé no estribo para montar no cavalo. — O de Rohana tem 278 anos.

— Então se eu tivesse matado Rohana, como quase fiz, Varya teria ficado sem uma Maga Vidente por tempo indefinido.

— Correto.

— Onde Rohana aprendeu a fazer magia? — perguntei, subindo na sela com um grunhido.

— Acho que nenhuma delas tem idade para ter aprendido com a Maga Anciã. Não consigo me lembrar quando foi que ela morreu. Os feitiços são passados adiante, mas Rohana e as Magas dos outros reinos criam feitiços do zero também.

— Quer dizer que elas criam os próprios feitiços? — Deduzi que o feitiço que Eusia usara para estabelecer nosso vínculo era de autoria dela.

Theodore respondeu com um aceno solene.

— O ritual de transferência que meu pai realizou... Rohana é a única pessoa em Leucosia que sabe como fazê-lo. — Ele ficou pensativo por um momento enquanto nos afastávamos do riacho. — Não sei muito sobre a Maga Anciã, mas sei que ela foi executada e eviscerada, se não me falha a memória, pela forma como usava magia. Há poucas histórias sobre ela. Aconteceu nos Primeiros Anos, quando os grandes deuses eram novos. Isso é tudo o que sei.

Descemos uma colina íngreme, retornando aos vinhedos pelos quais tínhamos passado na viagem de ida.

— Rohana disse que nosso vínculo, o meu e o de Eusia, foi criado com a mistura do vínculo das Sirenas com a magia. Ela disse que fui eu quem realizou o feitiço e que, portanto, eu teria que quebrá-lo. Mas não sei como.

Nós cavalgávamos lado a lado.

— O ritual — disse ele. — A prece que Nemea fazia você recitar. Qual era, mesmo?

— "Ofertamos à areia. Ofertamos à água. Ouvi-nos, atendei-nos. Purificai o mar."

As palavras deixaram um gosto amargo em minha boca.

— O feitiço deveria ter afetado sua saúde. — Ele estreitou os olhos. — Você se sentia mal depois do ritual?

— Não. Naquelas montanhas, quase nada. No entanto, imagino que, em um ritual feito ao nível do mar, eu sentiria mais coisas.

A noite caía e levava consigo o calor da tarde. Eu me enrolei no xale de tricô que Antonia tinha me dado de presente, fechando-o com firmeza em volta do meu corpo.

— Você tem livros sobre magia no palácio? Algo que o grande deus Jesop tenha escrito?

— Sim. Vários — disse Theodore, hesitante. — Mas o acesso a eles é proibido.

— Proibido aos plebeus, você quer dizer?

Ele baixou os olhos, envergonhado.

— Não. Nem eu tenho permissão para pegá-los.

Um vento forte soprou pelo vinhedo fazendo cócegas em minha pele. Eu conseguia sentir o olhar de Theodore em mim.

— Quem consegue dizer não para você? — brinquei, com um sorriso sarcástico. — Preciso fazer umas aulas.

Ele riu de um jeito sombrio, como o crepúsculo.

— Uma eremita muito brava cuida dos livros. Ela não deixa ninguém tocá-los. Nem eu.

— Bem, Vossa Majestade — comecei, endireitando a postura na sela. — Sua eremita não me conhece. Sou especialista em persuadir as pessoas a fazerem o que não querem, não acha?

A sombra de sorriso que ele deu pareceu fazer o frio da noite se dissipar.

— Que os grandes deuses estejam com você. A eremita tem uma bengala muito pesada. Ela me dava uns cascudos quando eu era pequeno e tentava mexer nos livros escondido.

Nós rimos juntos, mas não demorou para que aquele silêncio incômodo voltasse a se estabelecer.

Ele acelerou o ritmo, galopando por vinhedos intermináveis. Devia ser por volta de meia-noite quando meus olhos finalmente começaram a ficar pesados, mas um estrondo soou de repente e despertei de minha sonolência por completo.

Eram cavalos.

Theodore puxou as rédeas.

— *Devagar, devagar.*

— Isso está vindo lá da frente? — perguntei, desacelerando também.

Antes que ele pudesse responder, veio o som de uma buzina.

— Soldados! — bradou Theodore na escuridão. — Mais devagar! Aqui fala o seu rei. Segurem as rédeas.

A comitiva surgiu no horizonte, diminuindo a marcha até parar em filas bem ordenadas. Na retaguarda vinha uma pequena carruagem.

— Vossa Majestade? — chamou uma voz familiar.

Lachlan veio a galope até a frente do grupo. Ele vestia sua armadura de ouro e, mesmo sob a luz da lua, eu conseguia ver a preocupação estampada em seu rosto.

— Pensei que ainda estivesse com a Maga Vidente — disse o comandante. — Estávamos indo procurá-lo.

— O que aconteceu? — perguntou Theodore, preparando-se para a resposta.

Mas Lachlan não respondeu. Em vez disso, olhou para mim com certo desagrado.

— Parece ótima para alguém sofrendo com os efeitos de um ritual de ruptura.

— Eu... — Sem saber o que dizer, encolhi os ombros. — Nós não...

Theodore me interrompeu.

— Eu perguntei o que aconteceu, comandante.

— Ammos foi saqueada — respondeu ele, taciturno. — Assim como Notos, na costa oeste. Nemea dobrou o tamanho de sua frota com navios mercenários. É mais do que previámos. Ele não deveria ter fundos para isso. — Lachlan me lançou outro olhar fulminante. — A imperatriz não está contente. Ela mandou uma carta para que a própria frota venha nos ajudar. Ela exige que você reúna as Sirenas e as obrigue a usar seus poderes para fortalecer a marinha, quer que acabe com os inimigos para que a ascensão de sua filha ao trono não seja adiada. Por favor, preciso ouvir que a ruptura foi feita e que Imogen só está assim por ser excepcionalmente resistente.

Theodore não se mexeu, estoico como sempre, mas senti que estava apreensivo com as informações trazidas por Lachlan.

— Vossa Majestade? — insistiu o comandante, alternando o olhar entre nós dois.

— Nós não tomamos a poção ainda — respondi por Theodore. — Tivemos... uma complicação.

— Uma complicação? — Lachlan soltou um riso irritado. — Como o quê, por exemplo? Perderam a poção, por acaso? Ou simplesmente não quiseram se dar ao trabalho de tomá-la?

— *Já chega* — vociferou Theodore. — Não vai falar com ela dessa forma.

Ele desceu do cavalo e se dirigiu à carruagem para falar com seus homens.

— Retornem para o palácio. — Depois olhou para mim e para Lachlan. — Quanto a vocês, venham comigo. Temos que conversar.

22

A cabine da carruagem era apertada e o braço de Theodore roçava no meu enquanto sacolejávamos pela estrada rumo ao Palácio de Genevreer. Lachlan estava sentado de frente para nós dois com uma expressão furiosa.

— O que deu em você, Theo?

A pergunta era incisiva, acusatória. Theodore se enrijeceu.

— O que quer dizer com isso?

— Sempre foi tão disciplinado. Seguia tudo à risca, sempre andando na linha. Eu cheguei a me perguntar qual era seu problema. — Lachlan passou os dedos pelo cabelo curto. — Mas, desde que *ela* apareceu, você não tomou nem uma boa decisão sequer. Que tipo de problema impediu vocês de romperem o vínculo assim que receberam a poção?

Não foi surpresa para ninguém quando entrei na defensiva.

— O rei Nemea é meu pai — falei, cruzando os braços sobre o peito, antes que Theodore pudesse responder. — Compartilho um vínculo de sangue com Eusia e com todas as négias. Preciso encontrar e matar Eusia, só assim eu e as outras Sirenas estaremos a salvo. Theodore quis manter o vínculo porque isso me protegeria do perigo que vou enfrentar.

Lachlan franziu as sobrancelhas, sem acreditar.

— Isso não é uma porcaria de uma complicação. Isso é um problema todo seu, Imogen. E não deveria afetar você em nada, Theo.

Theodore perdeu a paciência.

— As Sirenas são parte do meu reino. São meu povo desde que a rainha Ligeia desapareceu. O sucesso de Imogen nessa jornada também é de minha responsabilidade enquanto rei.

O olhar do comandante se alternou entre nós dois mais uma vez e uma constatação pareceu atingi-lo gradualmente.

— Ah, que merda. Mas que *merda*. — Ele pressionou os olhos. — Só pode ser brincadeira.

— O quê? — Olhei para Theodore e depois de volta para Lachlan.

— Apresentei tantas mulheres bonitas para você ao longo dos anos — disse o comandante, apertando o dorso do nariz. — Depois de todas as mulheres compatíveis e descomplicadas com quem você já esteve, é por *ela* que você se apaixona!

Theodore ficou imóvel feito uma estátua ao meu lado. O silêncio dele se estendeu por tanto tempo que foi, por si só, uma resposta. Eu quase conseguia ouvir meu próprio coração, sentindo um misto de medo e euforia.

— Você vai negar? — pressionou Lachlan, balançando a cabeça. — Não que eu esteja surpreso. É o que acontece quando alguém se agarra demais à própria virtude. Você acaba se rendendo à primeira mulher nua que aparece em sua cama.

Theodore se lançou sobre Lachlan, agarrando-o pelo pescoço com uma das mãos enquanto a outra se ergueu, pronta para o golpe. Gritei e tentei puxá-lo pelo ombro, mas o espaço da carruagem era muito pequeno, então ele se desvencilhou de mim e acertou o nariz de Lachlan. Eu me coloquei entre os dois, empurrando as costas contra o peito de Theodore e as palmas das mãos contra o peitoral de Lachlan.

— *Parem com isso.* Ficaram malucos?

Uma gota de sangue pingou da narina de Lachlan. Ambos ofegavam ao se recostarem de volta nos assentos, mas não baixei a guarda e continuei ajoelhada entre os dois, no chão da carruagem.

— Preciso que ele pense com clareza. — Lachlan esfregou o nariz com o dorso da mão e fez uma careta ao ver o sangue.

— Eu sei, mas não vai conseguir nada assim, seu idiota — falei, empurrando-o outra vez na altura do peito. — Theodore deveria ter batido mais forte.

A carruagem chacoalhou com um solavanco e me atirou para a frente. Ao me desequilibrar, minha cabeça acertou o queixo de Theodore e ele grunhiu de dor ao mesmo tempo em que enlaçava minha cintura para me segurar. Então veio um barulho alto do lado de fora. Os cavalos relincharam e, de imediato, os soldados começaram a gritar uns com os outros.

Lachlan e Theodore se enrijeceram. O comandante agarrou a espada que estava no banco a seu lado e Theodore puxou a que ficava acoplada no teto, acima de seu assento.

— O que foi isso? — sussurrei.

A carruagem diminuiu a velocidade até parar por completo.

— Não saiam daqui — disse Lachlan, colocando o capacete dourado de

volta.

Ele espiou pela janela, mas não conseguiu enxergar nada com o breu lá fora. Então abriu a porta e saiu. Theodore fechou a porta e girou a tranca frágil, depois apagou a chama da pequena lamparina que pendia do teto. Ficamos no escuro, ofegantes, nossos corpos um contra o outro.

— Será que devo sair? — perguntei em um sussurro. — Se houver algum perigo, talvez eu possa ajudar. Meu encanto é melhor do que atirar uma flecha no escuro.

— Não — respondeu ele, categórico. — Eles são mais habilidosos do que você, e está mais segura aqui dentro.

Mordi o lábio inferior.

— Usei o seu poder e o meu muito bem quando você ficou inconsciente depois da profecia. — Ele balançou a cabeça em resposta, mas eu falei antes que pudesse me dizer "não" de novo. — A morte e o perigo vão cruzar meu caminho várias vezes, Theodore. Você não pode me salvar sempre.

Eu não conseguia enxergar seu rosto na escuridão, mas ouvi quando ele respirou fundo. As vozes dos soldados chegavam até nós abafadas pelas paredes da carruagem, o tilintar de suas armaduras soava amortecido, mas eu ainda conseguia distinguir todos os sons que vinham de fora.

Alguém gritou:

— Apareçam. Baixem as armas.

Um assovio no ar interrompeu o silêncio, depois veio um baque seco. Então alguém grunhiu e ouviu-se o barulho pesado e metálico de um corpo protegido por uma armadura caindo no chão.

Então o caos se instaurou.

O som de metal contra metal, além de gritos e relinchos, explodiu ao redor. Theodore praguejou quando me lancei sobre ele, girando a tranca da porta da carruagem. Escorreguei na lama, mas ele segurou meu cotovelo para me equilibrar. Seus soldados pareciam faróis brilhando sob o luar e, no meio deles, um grupo de silhuetas se moviam com velocidade traiçoeira, muito mais ágeis do que a lentidão das armaduras.

Theodore ficou ao meu lado com a espada em punho. Mantive as costas para a carruagem e dei a volta devagar até me aproximar de um dos homens de preto.

Canalizei toda a minha concentração para o meu ventre, no lugar onde residia meu poder, onde meu vínculo perverso com Eusia se agarrava a mim como um parasita. Senti meu corpo se aquecer e se expandir como uma boca

voraz e destemida e um frisson de poder subiu por meu peito e chegou à minha garganta. Em um piscar de olhos, meu encanto o atingiu em cheio, como um anzol invisível.

O homem travou no lugar. Suas costas se arquearam e ele deu um passo trôpego para trás, as botas chapinhando em uma poça. Como se fosse um boneco controlado por um ventríloquo, o homem se virou para mim com movimentos descoordenados.

Levei um susto: era um dos homens que Theodore e eu tínhamos encontrado no casebre. Eu o reconheci. Era o rapaz bonito, de cabelos loiros. Seus olhos eram tão claros que eu conseguia vê-los à luz da lua.

— Im, volte aqui. — O aperto de Theodore era forte e protetor em meu braço. Ele tentou me segurar, mas resisti.

O homem abriu a boca, tentando puxar ar em vão. Eu estava em pânico. Percorri o corpo dele com os olhos: ele vestia roupas pretas surradas, tinha uma bandoleira cruzando o peito e uma faixa vermelha em volta dos bíceps. Na borda da faixa, uma enguia retorcida exibia as presas.

— Você é um mercenário? — perguntei. — Foram mandados pelo rei Nemea?

Ele tremia, o rosto ruborizado. Amenizei meu encanto, permitindo que ele inspirasse uma única vez.

— Responda.

Puxei uma adaga da bandoleira dele e a pressionei contra seu pescoço. O som do metal cortou o ar, misturando-se aos gritos e ao impacto seco de punhos contra carne. Theodore ergueu a espada com um grunhido, desferindo um golpe contra um mercenário.

Intensifiquei o encanto sobre o homem diante de mim. Seus olhos se arregalaram, mas ele não disse nada.

E não fazia diferença. A faixa vermelha em seu braço bastava como resposta.

Minha raiva se elevou como uma onda e rasguei sua garganta. O sangue jorrou como uma cortina vermelha, respingando em minha camisa. Theodore estremeceu ao meu lado. Interrompi a influência do meu encanto no momento em que o homem caiu de joelhos.

Ver aquela enguia, entender o quanto Nemea chegara perto, fez com que eu fosse tomada por um pavor profundo que nunca tinha sentido antes. Impulsionada por ele, o poder dentro de mim ficou mais forte, mais feroz, e meu encanto se estendeu na direção dos mercenários espalhados pela estrada. Um a um, os homens começaram a se debater e desabar na lama.

Os soldados de Theodore recuaram, espantados diante da visão de seus inimigos convulsionando no chão. Minha visão se tingiu de fúria. Intensifiquei meu encanto ainda mais. Meus olhos ardiam. Então senti a mão de Theodore segurando meu braço com força.

— Imogen, pare. — Ele me sacudiu com urgência. — *Pare agora!*

Ele atravessou o grupo de homens em agonia, ergueu um deles nos braços e gritou meu nome outra vez. Só quando Theodore o puxou para perto é que o mundo ao redor voltou a ganhar foco. Era Lachlan.

O pânico me atingiu como um raio. Eu me engasguei com um soluço e desfiz todos os encantamentos que ainda sustentava. Um som úmido e abafado preencheu meus ouvidos quando os mercenários puxaram o ar ao mesmo tempo, arfando em desespero. Os soldados de Theodore avançaram de uma vez e dei um passo para trás instintivamente. As espadas encontraram pele e osso, arrancando gritos em um coro macabro. O sangue escuro e espesso escorreu pelas poças na estrada como se o próprio solo estivesse sangrando.

Com cuidado, Theodore ajudou Lachlan a se levantar, passou o braço por seus ombros e, juntos, seguiram adiante, abrindo caminho entre os mortos e os que ainda agonizavam.

— Retornem para seus cavalos — ordenou Theodore com a voz cansada. — Avancem.

Os olhares desconfiados dos soldados recaíram sobre mim. Alguns se abaixaram até o corpo inerte do soldado que fora derrubado de seu cavalo. Havia uma flecha quebrada alojada na lateral de seu pescoço. Eles removeram a parte de cima da armadura do homem e o colocaram sobre a garupa de seu cavalo, de barriga para baixo.

— Lachlan. Me desculpe — pedi quando ele e Theodore passaram por mim rumo à carruagem.

O comandante balançou a cabeça.

— Estamos quites. — Ele tentou dar um meio-sorriso. O semblante de Theodore continuava abatido. — É bom para que eu aprenda a não deixar você brava.

A voz dele estava rouca depois de eu tê-lo estrangulado. A ideia fez meu estômago revirar. Lachlan subiu na carruagem, mas Theodore ficou para trás. Esperei que ele olhasse para mim, que visse o quanto eu estava abalada, que me confortasse com seu olhar gentil e me ajudasse a sair da escuridão em que eu tinha mergulhado com tanta facilidade.

Mas, em vez disso, ele encolheu os ombros e entrou na carruagem. Sem ele,

o mundo pareceu ensurdecedor. O som das espadas sendo enfiadas nas bainhas, o relinchar dos cavalos, as vozes dos soldados. O eco incessante das ondas à distância; o farfalhar sem fim das videiras. Minha mente também era cruel, me fazendo rever o sofrimento no semblante de Lachlan e o rosto de Theodore contorcido de preocupação. O cheiro acre de sangue em minha camisa era insuportável e o tecido tinha ficado pegajoso e gelado. Pisei na lama com a cabeça baixa e fui para a carruagem. Naquele momento, decidi que não voltaria a ver Theodore após a ruptura de nosso vínculo. Eu era tão imprevisível quanto uma tempestade, tão destrutiva quanto um maremoto. E nunca me perdoaria se ele fosse afetado pela devastação que eu causava.

Theodore tocou minha perna e me balançou.

— Chegamos.

Dois dias tinham se passado. Quando as rodas da carruagem começaram a ranger sobre o cascalho, dei uma olhada pela janela, bocejando. O Palácio de Genevreer parecia um esqueleto em chamas à noite. As paredes de pedra eram pálidas feito osso e as janelas iluminadas contrastavam com o céu escuro.

A carruagem parou e uma pequena comitiva de criados apareceu para nos receber. Theodore saiu primeiro e não estendeu a mão para mim. Pouco depois, um criado veio depressa e me ajudou a descer pelos degraus estreitos.

— Obrigada — murmurei.

Ele deu uma olhada na camisa suja que eu ainda usava. Estava amarrotada e endurecida com o sangue seco. Na confusão, o alforje com minhas roupas limpas tinha caído e fora deixado para trás entre cadáveres e poças de sangue. O vestido que Antonia me dera estava lá dentro e senti uma tristeza estranha por perdê-lo. Mais uma coisa que eu tinha arruinado.

Olhei para meu próprio corpo. Estava usando as calças de Theodore, que eram grandes demais e que eu precisara amarrar com uma corda desgastada. Minhas botas estavam cobertas de lama e meu cabelo estava embaraçado e cheio de nós. Theodore pelo menos tinha se banhado naquela tarde, em um pequeno riacho às margens da cidade.

Eu o observei de longe, andando pelo caminho de cascalho. Mesmo com a camisa surrada dobrada até os cotovelos, mesmo exausto, não havia como não saber quem e o que ele era. O rei parou diante dos degraus de mármore do palácio, seu queixo inclinado para trás, seus ombros largos e fortes em uma postura majestosa.

Eu não tinha percebido o quanto ele tinha se despido de suas defesas

enquanto estávamos viajando juntos. Sozinho comigo, ele tinha se transformado em uma pessoa completamente diferente. Mas, de volta ao palácio, todas as partes suaves e vulneráveis dele subitamente se recolheram, escondendo-se outra vez.

Parei ao seu lado.

— Eu gostaria de tomar um banho.

Ele respondeu com um aceno curto de cabeça. Algo tinha mudado entre nós depois que perdi o controle, depois que quase matei Lachlan. Isso me fez ter certeza de pelo menos uma coisa: o rei de Varya não podia se dar ao luxo de me amar. No mundo dele, ficarmos juntos era impossível. Eu era uma ameaça, indigna de confiança. E ele... tinha uma coroa a honrar.

A poção de ruptura pareceu fazer peso em meu bolso.

— Esta noite, deveríamos... — comecei, mas a atenção de Theodore estava em outro lugar.

— Deveríamos o quê? — perguntou ele, distraído.

Um sulco profundo de preocupação tinha se formado em sua testa. Ele olhava para uma longa fila de carruagens suntuosas, estacionadas perto do gramado uma após a outra como um colar de pérolas.

— O que foi? — perguntei.

Ele balançou a cabeça.

— Não sei o que todas essas carruagens estão fazendo aqui.

Ele se virou e subiu as escadas, dois degraus por vez. Acelerei o passo para acompanhá-lo, correndo em seu encalço pelo saguão de entrada. Uma música etérea ecoava entre as paredes. A melodia era delicada, quase melancólica. Theodore seguiu o som até uma porta ornamentada mais adiante no palácio e, quando a escancarou, levou um susto.

Era a sala do trono. O espaço era imponente, repleto de cristal e ouro, e lá dentro encontramos vários convidados com trajes extravagantes. Era como se Theodore tivesse levantado a tampa dourada de uma caixinha de joias onde se guardava as pedras mais brilhantes. A nobreza de Varya era detentora de uma riqueza que só existia nos sonhos dos serafitas.

Theodore entrou na sala estarrecido e a voz do arauto ecoou acima dos violinos, dos cochichos e das risadas. A música cessou e todos os convidados viraram-se para o rei, fazendo uma reverência. Senti vontade de me esconder atrás da porta, mas Theodore se embrenhou ainda mais entre os convidados, analisando a cena em completo choque.

— O noivo está de volta. — A imperatriz surgiu no meio do salão, seus

braços abertos em uma saudação conveniente.

Fiquei para trás o máximo que pude sem que nosso vínculo fosse impactado. Ouvi passos atrás de mim e Lachlan apareceu com o capacete em mãos.

— Que merda é essa? — murmurou ele quando se deparou com os punhos cerrados de Theodore.

— O que está acontecendo? — perguntou Theodore à imperatriz, falando entredentes.

A imperatriz inclinou a cabeça com um olhar suave em seu rosto pálido. Para a minha surpresa, a enorme coroa de diamantes que usava não escorregou de sua cabeça com o movimento.

— Ora, é uma festa de noivado, é claro. O casamento será em pouco mais de uma semana.

A princesa Halla apareceu entre os convidados e fez uma reverência exagerada diante de Theodore. Ela usava um vestido branco justo enfeitado com contas brilhantes, e uma espécie de véu transparente e esvoaçante descia de sua tiara e cobria seus ombros.

— Majestade, estou muito feliz com seu retorno. — Ela se endireitou com um sorriso radiante. — Imagino que queira se limpar, mas posso pedir uma dança antes disso?

Theodore parecia estar petrificado. Uma mancha vermelha subia seu pescoço e ele engoliu em seco.

— Uma dança — disse ele a Halla, com um gesto educado.

O sorriso da princesa ficou ainda mais satisfeito quando ela estendeu os braços para o rei. Theodore pegou sua mão e, mantendo certa distância, segurou a princesa pela cintura. A música voltou a preencher o salão e a multidão abriu caminho. Quando deram os primeiros passos, o vínculo me fez ficar com vontade de vomitar. Senti uma dor aguda acompanhada de uma onda de indignação e descontentamento. A saliva pareceu ficar mais espessa em minha língua, mas não me mexi. Apenas cerrei a mandíbula, sentindo um aperto no peito, e aguentei o desconforto.

— Você está bem? — perguntou Lachlan, olhando para mim.

— Não precisa fingir que se importa.

— Eu me importo — disse ele com um suspiro. — Eu estava bravo quando nos encontramos na estrada. A situação não está fácil.

— A poção está comigo. — Eu assistia à dança dos dois, vendo Theodore conduzir a princesa com um ar solene. — Pode chamar Agatha para mim? Vou

tomá-la e gostaria que ela estivesse comigo.

— Theo sabe?

— Não. — Balancei a cabeça. — Não conte a ele. Por favor.

Ele franziu os lábios, parecendo desconfortável.

— Vou procurar Agatha.

Assim que ele saiu, uma voz suave e adocicada ronronou em meu ouvido.

— Parece que a viagem foi muito difícil, lady Nel.

A imperatriz Nivala falou de maneira polida, mas seus olhos azuis diziam outra coisa enquanto ela observava o meu estado. Dei um passo para trás e fiz uma reverência.

— Sim, Vossa Majestade Imperial. Foi bastante difícil.

Ela tirou os olhos de mim e se pôs a observar a dança da filha e de Theodore.

— Eles são adoráveis juntos, não são? — disse ela, satisfeita.

E eram. Ele era o sol, abrasador e tenaz, e *ela* era a lua, alva e límpida, iluminada pela presença dele. Então o que eu era? Talvez a escuridão que se esgueirava à margem, ofuscada pela luz dos dois. Quando a atenção da imperatriz se voltou para mim, as rugas em seus olhos se aprofundaram em questionamento.

— Há alguma razão para terem demorado tanto? Você está coberta de sangue seco.

— Não, Vossa Majestade Imperial. — Fiz outra reverência, morrendo de náusea. — Com licença.

— Espere um momento. — Ela permaneceu estranhamente imóvel, olhando fixamente para mim. Ou melhor, para o anel de noivado que eu ainda usava no dedo. — Seu sobrenome... *Nel*. — O tom casual dela destoava completamente de seu olhar penetrante.

Ela estendeu a mão em direção à minha. Seus dedos eram longos e ossudos, mas seu toque era macio. Então tomou minha mão, justamente a do anel, e, deslizando o dedo indicador por minha pele, disse:

— Gostaria de saber mais sobre suas origens.

Senti um calafrio, mas fiz que sim com a cabeça e tentei organizar minha mente para responder. O sobrenome da família de Nemea era Miros. Eu não me lembrava qual era o de Ligeia, embora tivesse estudado isso em minhas aulas.

— Nasci em Seraf — respondi com a voz trêmula.

Restava apenas contar a história que tinha sido contada para mim.

— Seraf. Entendo. — Seus olhos astutos se iluminaram. O dedo ainda traçava uma linha repetitiva no dorso da minha mão. — É um nome interessante — disse a imperatriz com um sorriso rígido e pouco amistoso. — É obeliano. Sabia disso?

Ela interrompeu as carícias em minha mão, mas não a soltou. Senti um nó na garganta, os sentidos em alerta. Balancei a cabeça, respondendo que não sabia. A imperatriz olhou para a nobreza ali reunida, para aquele amontoado de trajes elegantes, para Theodore e Halla. Depois olhou para mim.

— Então posso contar. — Ela falou como se estivesse compartilhando um segredo que deveria ser mantido entre nós. — Anos atrás, quando o rei Athan ainda estava no poder e o rei de Seraf, Nemea, ainda era jovem, meu marido faleceu. Era um homem agradável. Simples. Ele gostava de cavalos. Era o consorte mais banal que uma imperatriz poderia desejar.

Ela fez uma pausa para uma risada desprovida de emoção.

— Todos os governantes leucosianos foram para o norte, para a cerimônia. A rainha Rillion. A rainha Ligeia também. Alguns deles nunca tinham visitado o continente antes, afinal, a distância é grande. Os Nel eram uma família obeliana riquíssima, muito antiga, da qual fui próxima desde a juventude. Os membros de nossas famílias se casaram entre si por gerações, mas, naquela época, ainda eram poucos. Restaram a matriarca, seu filho adulto e enfermo e a esposa dele, que era muito reservada. Eles tiveram uma menininha tímida que tinha cachos brancos lindíssimos. Naquela primeira noite, organizaram um jantar elegante para a realeza leucosiana na mansão em que moravam. Durante as refeições, fomos passear pelos jardins. Era verão no norte e a noite estava excepcionalmente agradável. Quando retornamos para o prato seguinte, meia hora mais tarde, os corpos dos Nel, dos quatro, estavam empilhados bem no meio da sala de jantar, ao lado da mesa. — Ela estalou a língua como quem diz "Que pena". — Eles tinham sido rasgados do pescoço até a virilha. O corte era tão profundo que suas entranhas se derramaram pelo tapete requintado.

Mais uma vez, seu dedo começou a traçar uma linha vagarosa no dorso da minha mão. Até o meio. Como o corte feito no corpo dos Nel.

— Todas as joias da matriarca desapareceram de seu corpo. Um colar e um par de brincos de espinélio. Havia um anel também.

A história me pegou de surpresa.

— Que desfecho terrível.

— De fato.

— Por que me contou isso?

— Ora, por nada. — Ela passou o polegar em um gesto rápido sobre minha palma, sobre minhas muitas cicatrizes, e sorriu. Depois soltou minha mão. — Você, nascida em Seraf, com esse nome. Isso me trouxe a lembrança. — Ela estalou os lábios. — Nemea era muito bonito na época. Ele foi muito atencioso comigo em meio ao choque e ao luto pela morte do meu marido. Adoraria saber como ele está.

Senti meus batimentos ficarem acelerados.

— Há quantos anos isso aconteceu?

Ela estreitou os olhos azuis, pensativa.

— Halla ainda não tinha nascido, portanto, a 25 anos atrás. Pelos deuses, o tempo é uma coisa impressionante, não é?

Naquele momento, não era o tempo o que eu considerava impressionante.

— Boa noite, Vossa Majestade Imperial.

Eu me curvei em uma reverência trêmula, olhei uma última vez para Theodore e, decidindo ignorar o vínculo entre nós dois, saí rapidamente da sala do trono.

23

Subi as escadas à luz de velas a passos trôpegos. Os grandes deuses alinhados junto ao corrimão estavam virados para mim e eu me preparei para enfrentar seus olhares vazios e fulminantes em meio à dor incessante e aguda em meu estômago. Olhei com uma careta para a estátua sinistra de Panos, mas havia algo a ser aprendido com todos os deuses — incluindo minha mãe. Algo em sua frieza, em sua inflexibilidade. Theodore tinha as mesmas qualidades, mas eu... Eu tendia a me desintegrar diante dos meus desejos, dos meus medos. Me custou muito não correr de volta para Theodore.

E, para piorar, eu tinha certeza de que a imperatriz de Obelia sabia exatamente quem eu era.

Quando cheguei ao topo da escada, meu estômago se contorceu. Corri depressa até a porta do quarto de Theodore, no fim do corredor. Talvez devesse ter ido para outro lugar, mas o palácio era como um labirinto e eu ansiava pelo conforto de um lugar que me fosse familiar. Girei a maçaneta e corri para o lavabo. Na bacia, vomitei até suar frio. Depois de um tempo, o vômito cessou, mas a dor, não. Molhei meu rosto quente com água fria e tirei a camisa suja. Antes de tirar as calças, peguei com cuidado o frasco com a poção de ruptura do bolso e o coloquei na mesinha de cabeceira de Theodore.

Eu tinha a sensação de que uma pedra pesava sobre meu peito, gradualmente esmagando meus ossos e meu coração. Me lavei com um sabão que tinha o cheiro de Theodore e, quando terminei de me limpar, me enrolei em uma toalha e me encolhi no chão de azulejos, esperando a próxima onda de náusea.

Então a porta do quarto rangeu e eu me levantei depressa.

— Theo?

Mas era Agatha. Ela estava com um lindo vestido cinza, mas suas feições eram de preocupação, e senti meus olhos arderem.

Pelos deuses. Eu queria que fosse ele. Sempre queria que fosse ele.

— Lachlan me contou tudo. — A voz dela era terna e seu semblante se

suavizou.

— Ele mencionou a parte em que eu quase o matei quando perdi o controle? — perguntei com um suspiro entrecortado. — Contou sobre Eusia e Nemea?

Agatha fez que sim. O olhar dela tinha um quê de pena.

— Pelo menos você voltou inteira.

— Não sei. Estou me sentindo vazia por dentro. — Minhas palavras ficaram entaladas na garganta. — Acho que... acho que eu o amo.

Agatha ficou imóvel. Calada. Depois fez um gesto breve com a cabeça.

— Vou lhe ajudar a se vestir.

Senti mais uma onda dolorosa de náusea.

— Você ouviu o que eu disse?

— Sim. Eu ouvi.

Agatha abriu o guarda-roupa de Theodore. Lá dentro havia alguns vestidos que reconheci do carrinho da costureira. Ela escolheu um de seda cor de vinho.

— Para quê? Vou acabar vomitando em mim mesma.

Agatha veio até mim, determinada.

— Não sei como as coisas vão ser, Imogen. Não sei o que pensar sobre tudo isso. Talvez tenha que lutar por ele, talvez tenha que deixá-lo ir. Mas o que quer que precise fazer, não poderá fazer nua.

Soltei um riso triste e deixei que ela me ajudasse a colocar as roupas de baixo, mas paramos no meio do processo quando saí correndo para o lavabo achando que fosse vomitar.

— Qual é o seu plano? — perguntou Agatha, puxando as fitas às minhas costas para amarrá-las.

Plano era uma palavra forte demais para a confusão de tarefas que eu tinha em mente.

— Não sei... Tenho que encontrar Eusia. Descobrimos que ela é uma feiticeira, ou que pelo menos possui algum nível de magia, como as Magas Videntes. Theo disse que há livros sobre magia em algum lugar aqui. Preciso procurá-los. — Senti um calafrio com uma onda de náusea. — Mas precisamos romper o vínculo antes. Vou tomar a poção agora e...

— Imogen? — Olhei para a porta aberta. Lá estava Theodore, seu rosto pálido feito uma vela, com uma mão sobre a barriga. Seus olhos arregalados se moviam entre mim e Agatha. — Você ia tomar a poção?

Agatha soltou as fitas da minha roupa antes de terminar de amarrá-las.

— Vou deixar vocês conversarem. — Ela apertou minha mão rapidamente

para se despedir. — Me chame quando precisar de mim.

Ela passou por Theodore e saiu do quarto. A atmosfera no cômodo mudou completamente. A passos lentos, ele chegou mais perto e meu mal-estar diminuiu. Seus olhos verdes estavam cheios de mágoa e sua voz era áspera.

— Responda.

— Sim, eu ia. Você não fala comigo há quase dois dias. A imperatriz... — Não consegui encontrar as palavras certas para explicar a interação que acabara de ter com ela. — E você e Halla... Vocês são adoráveis juntos. Sua festa de noivado está acontecendo lá embaixo. E tenho meus próprios problemas para resolver...

— Eu sequer consigo notar a presença dela quando você está por perto. — O rosto dele transbordava emoção. — Você ocupa todos os meus sentidos. Você domina minha mente desde a hora que acordo até a hora que vou dormir. Você está em todos os meus sonhos. Não consegui falar com você depois do que Lachlan disse porque... não soube como reagir quando percebi que ele tem razão. Sobre o que sinto...

— Theo — sussurrei, interrompendo-o.

Ele balançou a cabeça com brusquidão.

— Não é o vínculo. Nós dois sabemos que não é. Existe algo entre nós que aquela porcaria de frasco não pode dissolver. — Ele encerrou a distância que havia entre nós e segurou meu rosto nas mãos, falando contra minha boca. — O que sinto por você vai além da razão, além do dever e do desejo. Você virou meu mundo de cabeça para baixo. Você é a única coisa que faz sentido em meio ao caos. — Nossas testas se tocaram e ele roçou o nariz no meu. — É você. Eu quero *você*.

Fechei os olhos. Aquela declaração parecia inimaginável. Perigosa. As palavras de Rohana contaminavam meus pensamentos. Não era de admirar que ele não conseguisse pensar com clareza. Minha alma era como a água: mutável, selvagem e destrutiva. A de Theodore, por outro lado, tinha raízes que eram profundas e fortes. Mas eu tinha me infiltrado entre elas ao ponto dele se afogar.

Ele me beijou e todos os meus pensamentos lúcidos se embaralharam. Sua boca estava quente e macia e encontrou a minha com uma avidez que destruiu minha tênue determinação.

Eu fiquei na ponta dos pés e o beijei de volta como se ele fosse oxigênio, como se fosse a própria luz e eu tivesse passado toda a minha vida sufocando no escuro. Ele gemeu contra a minha boca enquanto sua língua explorava a minha.

Seus dedos se enroscaram em meus cabelos. Ele pressionou os lábios no meu queixo, no meu pescoço.

— Não ache que sou egoísta — pedi, ofegando. — Não pense mal de mim por estar aqui quando deveria estar procurando e lendo aqueles livros, por não ter tomado a poção.

Havia agonia em suas feições.

— Se você é egoísta... — Ele me beijou com desejo e sofreguidão. — Então eu não passo de um demônio voraz e ganancioso de tanto que a desejo.

Se antes eu me considerava fraca quando se tratava de Theodore, agora eu via que estava enganada. Eu o beijei com avidez vergonhosa. Ele desceu meu corpete e arrastou a boca sobre meu ombro nu, descendo até a clavícula. Um grunhido de frustração escapou dele quando não conseguiu se livrar por completo da peça teimosa.

— Vire-se.

Ele me fez girar e beijou minha nuca por trás enquanto me conduzia até a cama, depois me empurrou até a ponta do colchão, curvando seu corpo sobre o meu enquanto desamarrava o resto dos cordões da minha roupa e passava lábios, dentes e língua por toda a extensão das minhas costas. Ele então demorou-se em beijos carinhosos sobre a pele que cobria minhas asas e terminou de me despir enquanto deslizava seus lábios cada vez mais para baixo, até chegar à parte inferior das minhas costas. Sua voz estava rouca e seu hálito quente foi como um afago em minha pele.

— Você usa roupas demais.

Por fim, quando minhas vestes não passavam de um monte de tecido em volta dos meus pés, Theodore soltou um gemido grave de satisfação ao me ver nua e debruçada sobre o colchão. Com um toque delicado, ele afastou alguns fios de cabelo do meu rosto e me deu um beijo terno no meio das costas.

— Perfeito — sussurrou ele, provocando um arrepio em mim. — Você é linda.

Ele desceu por minhas costas com beijos suaves até se ajoelhar atrás de mim. Deixei escapar um suspiro entrecortado quando sua boca roçou devagar a curva das minhas nádegas enquanto seus dedos agarravam e massageavam minha carne. Então ele afastou minhas coxas. A primeira carícia de sua língua arrancou um gemido do fundo do meu peito.

O mundo se reduziu a Theodore, à onda intensa de calor que se espalhava dentro de mim a cada toque de sua língua habilidosa. Com um aperto vigoroso, ele levantou meu joelho sobre a beirada da cama e intensificou sua dedicação.

O calor se espalhou por meu corpo em ondas crescentes.

— Theo — ofeguei.

— Ainda não — determinou ele, falando contra a carne macia da parte interna de minha coxa.

Ele deslizou um dedo para dentro de mim, gemendo ao fazê-lo. Depois outro. Minhas mãos agarraram o cobertor e meus quadris se arquearam, mas ele me segurou com seu braço forte. Com seus dedos me penetrando e sua língua quente posicionada perfeitamente na parte mais sensível do meu corpo, foi impossível aguentar.

Meu grito inundou o quarto. Meu corpo inteiro estava molhado de suor, pulsando e estremecendo com a maneira fluida e delicada com que sua língua e seus lábios estavam mergulhados em mim. Ele me colocou de costas e abriu minhas pernas. Depois arrastou a boca pela parte interna das minhas coxas, me mordendo e me beijando.

Quando eu me estiquei para tocá-lo, completamente exausta, ele se afastou e apoiou a bochecha em meu joelho, olhando para mim com um sorriso malicioso.

— Parece ter se esquecido de que sou um homem ganancioso quando se trata de você. — Ele enterrou o rosto entre minhas pernas de novo, chupando e lambendo. — Ainda não terminei.

Não demorou muito para que tudo ao redor começasse a oscilar em meio à minha euforia, para que eu estivesse gemendo e me arqueando contra a boca dele outra vez.

Fiquei esparramada sobre a cama, sentindo meus membros fracos como galhos finos. Theodore se ergueu sobre mim com o sorriso mais convencido que eu já tinha visto.

— Quer descansar?

— Parece estar muito orgulhoso de si mesmo.

Ele veio por cima de mim com o mesmo sorriso no rosto. Sua beleza era enfurecedora.

— Uhumm-humm.

Foi tudo o que respondeu enquanto envolvia meu seio com a boca.

Ergui as costas, sedenta por mais. Theodore obedeceu e voltou a usar a língua.

— Tire suas roupas — pedi, ofegante.

Ele se sentou sobre os joelhos e começou a desabotoar a camisa. Com dedos desajeitados, estendi a mão para suas calças sem tirar os olhos de seu abdômen

definido e tórax forte que se contraía e flexionava enquanto ele tirava a camisa. Ele era deslumbrante, tinha o corpo perfeitamente esculpido como o de todas as estátuas que decoravam o palácio. Theodore me observava com um olhar faminto enquanto eu admirava as curvas de seus músculos, os pelos escuros em seu peito e o rastro tênue que descia até onde meus dedos repousavam. Desabotoei a calça e a empurrei para baixo junto com a roupa íntima.

Vê-lo nu foi um deleite. Seu desejo estava evidente em seu membro grande, que estava ereto e latejante. Eu o envolvi com uma das mãos e Theodore soltou um gemido sôfrego.

— Deite-se — ordenei com a boca contra seu peito.

— Você não tem que...

— Quieto.

Eu o empurrei sobre os travesseiros com um sorriso satisfeito e o coloquei em minha boca. Senti um arrepio de prazer quando Theodore sugou o ar para dentro dos pulmões em um espasmo e imediatamente levou a mão a minha nuca, agarrando meu cabelo. Ele jogou a cabeça para trás e seus lábios carnudos se abriram em um gemido abafado.

Eu também era gananciosa. Queria tê-lo por completo, queria ser consumida por ele, guardar a memória de seu toque em meus músculos, em minha medula, queria carregá-la comigo pelo resto da vida. Ele soltou um grunhido rouco e exasperado e me puxou para cima, sentando-me em seu colo.

Theodore olhou para mim com um sentimento terno e afetuoso que eu não quis decifrar. Já seria difícil o bastante tirá-lo do meu sangue, que dirá do meu coração. Sua boca fervorosa encontrou a minha com devoção, descendo depois para o meu pescoço e minha orelha. Ele guiou meus quadris sobre os dele e olhou para mim com atenção absoluta enquanto descia meu corpo bem devagar.

— Deuses. — Arfei com a sensação de ser preenchida por ele.

— Imogen — gemeu ele contra meu pescoço.

Então Theodore ajustou o corpo e agarrou meus quadris antes de arquear os dele e afundar-se por completo dentro de mim.

— *Immy*.

Não consegui respirar na primeira vez em que ele me guiou para cima e depois de volta para baixo. Ele suspirava em êxtase. O prazer estava gravado em suas feições e seu olhar delirante estava atento a cada movimento meu.

Um sorriso iluminou seu rosto.

— O quê? — perguntei, ofegante. Ele balançou a cabeça e passou um braço

em volta da minha cintura.

Gemi quando ele me virou e me colocou de costas sobre a cama, movimentando-se sobre mim em um novo ritmo.

— Diga. Eu quero saber.

Ele parou, respirando com dificuldade. Seu sorriso se transformou em um olhar de fascínio.

— Eu nunca quis nada... — murmurou ele. — Do jeito que quero você.

Meu coração quase explodiu. Ele me beijou antes que eu pudesse responder e nos tornamos um emaranhado de suspiros intensos, músculos em espasmos e gemidos de prazer. Theodore percorreu cada parte do meu corpo em uma maré arrebatadora que dissolveu qualquer resquício de razão. Juntos, nos lançamos sem retorno às profundezas do êxtase mais doce que eu já sentira.

A madrugada estava silenciosa e tranquila. Eu estava quase cochilando com a cabeça apoiada no peito de Theodore e uma perna pesadamente jogada sobre ele, traçando círculos em seu abdômen. Ao longo das semanas, tinha aprendido a reconhecer o humor dele pelo ritmo de sua respiração. Naquele momento, estava calma e leve. Não havia tensão em seus músculos torneados e seus dedos não estavam agitados como de costume.

Ele estava em paz. E eu invejava isso. Minha mente era um redemoinho de planos, preocupações e pensamentos ruins, imersa na tentativa de encontrar uma maneira de ficar com ele, de permanecer ali. Mas, por mais que tentasse, eu não conseguia encontrar uma solução.

A respiração de Theodore ficava cada vez mais rasa conforme ele pegava no sono. Quando sua mão escorregou da minha cintura, alguém bateu à porta. Levantei a cabeça depressa.

— Vossa Majestade? — Uma voz masculina veio do outro lado da porta. — Eu trouxe os livros.

— Deixe-os aí — resmungou.

— Sim, Vossa Majestade. — Ouvimos um som abafado. — Boa noite, Vossa Majestade.

— Que livros? — perguntei a Theodore em um sussurro.

Eu me levantei da cama e fui até à porta, ouvindo com atenção para ter certeza de que não havia ninguém do outro lado.

— Você está com energia demais depois de tudo isso — resmungou ele. — Devo ter feito algo de errado.

— Não, estou morta. Completamente esgotada e deliciosamente dolorida.

— Sorri para ele por cima do ombro. — Mas estou ansiosa demais para dormir. Parece que tem abelhas dentro do meu crânio.

Abri a porta. Cerca de uma dúzia de pequenos livros encadernados em couro gasto e craquelado estavam empilhados em uma cesta no chão com um pedaço de papel dobrado em cima. Arrastei-os até a porta e peguei o primeiro livro e o papel.

Theodore me observava da cama, seus olhos sonhadores e cansados.

— Você é linda — disse ele, com um sorriso se insinuando no rosto.

— Você também — respondi com vergonha.

Desdobrei o papel e voltei para a cama para lê-lo.

Eremita Vasili,

Eu me casei. Como presente de bodas, venho com humildade solicitar acesso a todos os tomos do grande deus Jesop que tratem de magia, das Magas Videntes e de outros temas correlatos. Como bem diz, os livros pertencem ao reino de Leucosia. Tem minha palavra de que serão utilizados apenas para a proteção e preservação de nosso reino.

Seu rei,
Theodore Ariti

Louvado seja o legado dos grandes deuses por ter encontrado uma esposa, digna que o faça dobrar o joelho. Você já estava ficando velho.

Aqui estão os livros. Devolva-os em dois dias, tal como estão.

Achei graça na resposta ríspida e Theodore deu risada quando se virou para ler o bilhete.

— A eremita mora no palácio — falei. — Você deveria ter dito que está *prestes* a se casar. Ela vai saber que o casamento ainda não aconteceu e vai vir atrás de você com a bengala.

— A mulher não sai do porão há quarenta anos. — Ele beijou meu braço. — Além disso, eu me referia a você.

— Ah. — Minhas bochechas ficaram quentes. — O que isso significa?

"Uma esposa digna, que o faça dobrar o joelho"?

— Em Leucosia, o rei ou a rainha deve se ajoelhar diante do noivo ou da noiva, somente, como parte da cerimônia de união. — Seus olhos estavam fechados. Ele deu de ombros. — Meu pai nunca fez isso. A eremita deve se lembrar disso e, tradicional como é, provavelmente está tentando me deixar culpado para que eu honre a tradição.

Eu me lembrei da noite em que escapei do forte de Nemea, do vento uivante, de como eu tremia e de Theodore ajoelhando-se diante de mim quando jurei lealdade a ele. Deixei o livro sobre o colchão e me virei para encará-lo, tirando uma mecha de cabelo de sua testa.

— Você se ajoelhou para mim. — Minhas palavras eram tímidas e escondiam uma pergunta.

A covinha de Theodore surgiu em seu rosto quando ele esboçou um sorriso travesso.

— E vou fazer isso de novo mais tarde.

Empurrei seu ombro, constrangida.

— Quando escapamos do forte de Nemea.

Ele abriu os olhos, sonolento, olhou para mim e os fechou outra vez.

— Estou apaixonado por você desde o momento em que a vi naquele mirante com aquele vestido horroroso. Foi muito fácil me ajoelhar.

— Mentiroso — respondi, desconcertada.

Ele balançou a cabeça sem abrir os olhos e sussurrou com um meio-sorriso.

— Perdidamente apaixonado.

Theodore passou um braço por minha cintura e me puxou para mais perto para um beijo profundo e demorado. Apesar do calor de seu corpo, senti um calafrio. Ele caiu no sono pouco depois, mas continuei acordada, encarando o dossel da cama. A voz decrépita de Rohana assombrava meus pensamentos.

Você é uma deusa-rainha.

Deve se apossar do que deseja.

24

Não consegui dormir. Fiquei deitada na beira da cama, apoiada no travesseiro para conseguir ler à luz fraca de uma única vela. Com os olhos pesados, examinei a caligrafia rigorosa de Jesop. Eram páginas e mais páginas enfadonhas sobre genealogias e histórias dos grandes deuses, desde a juventude. Havia casamentos, mortes e nascimentos, e comecei a odiar a memória apurada do autor, lamentando que não tenha sido acompanhada pelo dom de ir direto ao ponto.

O sol começava a nascer e iluminava o céu lá fora, tingindo-o em tons frios. Meu desejo era que o tempo parasse. Queria ler todos aqueles livros em um estalar de dedos e encontrar exatamente o que precisava, mas a cada página inútil minha esperança ia diminuindo. Mesmo que eu descobrisse onde Eusia estava, mesmo que o feitiço exato de que eu precisava estivesse escrito em detalhes diretos e precisos, a informação não me daria o que eu realmente almejava.

Fechei o livro e olhei para Theodore. Ele estava dormindo de barriga para cima, com a boca entreaberta e a testa relaxada. O mundo inteiro estava contra nós, mas meu corpo e meu coração pareciam não se importar. Passei a vida inteira imaginando como seria pertencer a algum lugar e agora estava começando a descobrir.

Peguei outro livro. Era um volume pequeno, encadernado em couro azul e com páginas amareladas e lombada desgastada. Com uma urgência renovada, folheei as páginas frágeis uma após a outra até me deparar com o título de um trecho:

A PRIMEIRA MAGA.

O cobertor escorregou do meu corpo quando me sentei. Com os joelhos contra o peito, segurei a capa do livro com as duas mãos e continuei a ler de olhos arregalados.

A feitiçaria originou-se da malevolência e da cobiça, mas devo admitir que não é desprovida de valor. Seus méritos são diversos. Permite a cura, a profecia e a capacidade de farejar sangue no mar, na terra ou no ar. Em determinadas circunstâncias, excede até mesmo o poder dos deuses. Tem-se conhecimento de casos em que navios emergiram das profundezas com ajuda da feitiçaria e de corpos que se levantaram de seus túmulos. Mas devo enfatizar minha advertência: embora a feitiçaria possa gerar muitos frutos a quem a pratica, o preço a ser pago em troca é mais do que o dobro.

A temperatura no quarto pareceu despencar. A lembrança grotesca da pele flácida e escamosa que pendia sob os olhos leitosos de Rohana me veio à mente. Pensei em seus dentes azulados e em seu corpo desprezível. A magia a transformara de donzela em monstro.

Quando a Maga Anciã iniciou seu trabalho de feitiçaria, rumores diziam que ela desejava ofuscar a irmã, a grande deusa Ligeia, que fora agraciada com o poder incomensurável dos deuses ao nascer. A Maga ganhara muito pouco. Sua mente, porém, era perspicaz. Ao derramar seu próprio sangue de Sirena, misturar poções, realizar sacrifícios e entoar preces bem elaboradas, ela conseguiu criar um novo tipo de poder. Um poder que a grande deusa, sua irmã, não possuía.

Meu coração martelava. O quarto ficava cada vez mais claro e Theodore acordou, mas logo voltou a dormir depois de se aconchegar em mim. Ele encostou o corpo quente no meu e passou o braço pesado em volta da minha cintura. Ajeitei o livro e continuei a leitura.

O primeiro feitiço realizado foi uma boa ação. A Maga concedeu uma profecia a uma mulher com um filho a caminho. Ela usou uma única gota de sangue, um pedaço da carne adiposa da mãe e uma poção de água do mar e ervas defumadas. A mãe queria saber o futuro e o destino da criança, pois vinha sofrendo com sonhos agourentos. A Maga previu que a bebê seria uma grande vidente. Chamou-a de Rohana e previu que ela aconselharia e protegeria o arquipélago de Leucosia por muitos anos.

Naquela época, porém, a Maga ainda não tinha o conhecimento de que a nova magia era totalmente diferente do poder dos grandes deuses. A magia usada para feitiços tem um limite e um preço. Com o tempo, a Maga começou a ficar mais fraca e percebeu tarde demais que precisava encontrar uma maneira de repor o que sua feitiçaria vinha consumindo-lhe. Era o próprio corpo dela o que estava sendo sorvido, e o que antes fora forte e vital tornara-se frágil.

A magia da Maga rendeu-lhe fama. Ela era conhecida em todo o reino, assim como os grandes deuses. Alguns a temiam, outros a reverenciavam, e outros, ainda, a maldiziam, relutantes em confiar em uma magia rara que não compreendiam. À medida que sua saúde se deteriorava, a habilidade de conjurar feitiços também definhava. Quando sua notoriedade diminuiu, ela sucumbiu à loucura. Começou a exigir o pagamento por seus serviços previamente e, embora alguns preferissem pagá-la, por medo, muitos não o fizeram, pois o preço era alto.

Existe um relato curioso sobre a mãe a quem a Maga concedera a profecia. Conforme o relato da jovem Rohana, eis o que sei:

A bebê já era uma criança quando a Maga procurou sua mãe para cobrar o pagamento. Àquela altura, seu corpo estava tão enfraquecido que ela tinha contratado ajudantes para carregá-la pelo arquipélago. Eles a levaram até a costa norte de Varya, onde Rohana e a mãe moravam, e entrou na pequena casa sem ser convidada. Dois dias depois, partiu com os músculos revigorados. Seu corpo

estava inteiro de novo, seus olhos brilhavam e sua pele estava firme. A mãe de Rohana nunca mais foi vista.

A partir de então, a Maga consagrou as Ilhas Sagradas como o local-ritual para a magia de Varya. Ela se ligou à terra e ao mar em uma pequena ilha e, assim, conseguiu se sustentar, atraindo aqueles que buscavam seu poder e preservando sua energia escassa. Da mesma forma, todas as Magas das ilhas criaram um local-ritual sagrado para se sustentar e praticar a arte da feitiçaria.

— Pelos deuses...

Passei para a página seguinte apressada, sedenta por mais, mas tudo o que encontrei foram regras e leis relativas às Magas Videntes e à magia. Uma extensa lista das linhagens divinas estava registrada na página ao lado. Pensei em Rohana e na choupana em que estivemos. O chão era coberto por ossos, tanto de humanos quanto de animais. A história que Theodore contara sobre o ritual de transferência me veio à mente. Ele não conseguiu retirar o corpo do pai daquela choupana repugnante. Agora eu entendia o motivo: aquele fora o pagamento.

— *O preço era alto* — sussurrei para mim mesma, imersa em um turbilhão de pensamentos sombrios.

Theodore se espreguiçou ao meu lado, e deixei que ele me puxasse mais para perto. Eu precisava tocá-lo. Fui tomada por um temor profundo.

Olhei para o livro mais uma vez. A página na qual as linhagens estavam gravadas parecia estar coberta por uma delicada trama preta, como uma teia de aranha. A caligrafia de Jesop era miúda e meticulosa, e as linhas que conectavam os nomes eram como fios tênues de tinta. Encontrei primeiro o nome do grande deus Panos. Ele era o primeiro entre dois irmãos mais novos e uma irmã, todos criados a partir da geração anterior de deuses da terra. A ascendência de Panos chegava até o pai de Theodore, Athan. O livro era antigo demais para que Theodore constasse nos registros, mas seus irmãos mais velhos estavam lá. Eram três, e todos tinham falecido antes de completarem dez anos.

Em seguida, encontrei Ligeia. Não havia um emaranhado de traços partindo de seu nome, mas sim um único fio que se projetava para a direita. Uma irmã mais nova.

Tive um sobressalto quando li o nome.

Eusia.

Eusia. A irmã da minha mãe. A Maga Anciã. A criatura monstruosa que se alimentava do meu poder e caçava minha espécie tinha sido a Maga Anciã do reino.

— Theo. — Sacudi seu ombro. — Theodore, acorde.

Ele me abraçou pela cintura e resmungou em meio ao sono.

— O que aconteceu?

— Encontrei uma coisa. Pode me contar de novo sobre a execução da Maga Anciã? Você disse que a mataram?

Ele esfregou os olhos.

— Acho que sim. Se não me falha a memória, ela foi eviscerada e jogada ao mar na costa de Anthemoessa.

— Anthemoessa? — Balancei a cabeça. A ilha natal das Sirenas ficava no extremo oeste e agora estava inabitável devido à praga. — Ela fez da ilha de Rohana, nas Ilhas Sagradas, seu local de ritual. Como ela teria chegado até Anthemoessa?

Ele balançou a cabeça devagar.

— Não faço ideia. Desculpe, Immy. Talvez Agatha saiba.

Ele beijou meu ombro e arrastou a boca por meu braço, deixando uma trilha de beijos vagarosos em minha pele. Mas, mesmo quando seu toque despertou um calor satisfatório dentro de mim, não consegui relaxar.

— Eusia foi a Maga Anciã — sussurrei. — Ela foi... ela *é* irmã de Ligeia.

Theodore se deteve em suas carícias. Ele levou a mão à minha bochecha e virou meu rosto para que eu olhasse para ele.

— Imogen, isso é impossível. Ela está morta.

Balancei a cabeça e levantei o livro.

— É o que diz aqui.

— Como? — Seu olhar se tornou distante e ele pareceu perdido em pensamentos. — Como é possível matar um ser que já está morto?

— Magia.

Theodore franziu as sobrancelhas.

— Magia — repeti. A mera ideia me causou mal-estar. — Eu teria que usar um feitiço para romper nosso vínculo antes de mais nada. Posso usar um feitiço para encontrá-la, um para romper nosso vínculo e outro para matá-la de vez.

Ele se retesou e segurou meu cabelo, frustrado.

— Não. Um feitiço é totalmente diferente de *três*, Imogen. Você viu o que a magia faz. Não se lembra de Rohana?

— Ela usa magia há séculos. Três feitiços não poderiam...

— *Não.*

— Se meu vínculo com Eusia perdurar, as Sirenas vão continuar morrendo.

Ele encostou a testa na minha. Continuei a falar.

— Se meu vínculo com Eusia não for rompido, você e eu...

As palavras ficaram entaladas em minha garganta. Theodore olhou para

mim, ansioso.

— Você e eu o quê?

O calor em seus olhos não escondia seu medo. Eu sentia o mesmo. O mundo lá fora estava contra nós, pronto para nos separar, para nos reduzir a nada. Sem pensar, nos entregamos a um beijo sôfrego, ambos consumidos pelo medo. Ele agarrou meu cabelo, deixando meu pescoço à mostra.

— Você e eu o quê?

— Nada.

Com a mão livre, ele afastou minhas pernas. Então Theodore me tocou até me deixar molhada e ofegante.

— Diga.

— É impossível.

O vínculo de sangue que eu e Eusia compartilhávamos não era a única coisa capaz de separar Theodore e eu. Mas os contratos, o casamento e a profecia evaporaram da minha mente quando ele se posicionou em cima de mim, com os quadris sobre os meus. Ele me olhava como se eu fosse preciosa e lapidada como uma pedra rara.

— Acha que ficarmos juntos é impossível?

Agarrei os ombros de Theodore quando ele me penetrou com uma única investida febril e voraz. Eu gemi e seus lábios encontraram os meus. Ele tentava afastar o terror de tudo que enfrentávamos com aquele beijo. Seus lábios estavam escaldantes, catárticos, mas a escuridão rondava minha mente, agarrando-se à minha pele corada com uma ameaça gélida como a morte.

— Você já é minha, Imogen — disse ele contra minha bochecha. — Só minha.

O sol nascente banhava os ângulos de seu corpo musculoso em uma luz sutil que também preenchia-lhe os olhos. Tentei me entregar, deixar que suas palavras me inundassem como uma profecia só nossa, uma bênção.

Contudo, em meio à nossa respiração ofegante, ouvimos um barulho. Ficamos paralisados. A fechadura que eu trancara na noite anterior estava sendo aberta com uma chave. A porta se escancarou no exato momento em que Theodore se afastava e puxava o cobertor sobre nossos corpos nus.

Lachlan adentrou o quarto. Ao se deparar com a cena, ele baixou o olhar e sussurrou um palavrão. Parada à porta, Agatha levou as mãos ao rosto, constrangida.

— *Saia* — bradou Theodore.

— Desculpe. Peço perdão. — Lachlan se ajoelhou, o olhar fixo no tapete.

Sua voz não denunciava urgência alguma, mas a tensão em sua boca e a dureza de suas palavras não passou despercebida por mim. — A imperatriz está acordada e soltando fogo pelas ventas porque você não retornou para a festa de noivado ontem à noite. Ela insiste que Vossa Majestade acomode a cerimônia na praia. Elas querem que o casamento e o apoio de Obelia na guerra sejam abençoados hoje.

O olhar que Theodore lançava a Lachlan era como um punhal invisível. Ele segurava o lençol que nos cobria com tanta força que os nós de seus dedos estavam brancos. Pousei a mão em seu peito para acalmá-lo e senti seu coração disparado.

— Lachlan. — Minha voz soava trêmula de vergonha. — Vá. Por favor. Já vamos sair.

Ele assentiu e se levantou em um silêncio carregado.

— Lady Imogen. — A forma como Lachlan disse meu nome denotava uma formalidade desconcertante. — Fez exatamente o oposto do que me disse que faria.

Os olhos de Theodore se incendiaram.

— *Saia imediatamente*.

Agatha chamou Lachlan da porta, furiosa, mas ele a ignorou e sustentou o olhar de Theodore.

— Como seu comandante e braço direito, é minha responsabilidade aconselhá-lo. Depois da cerimônia obeliana, é melhor que você e Imogen concluam a ruptura.

— Eu sou seu rei, como se atreve a...

— Caso se recuse, levarei o assunto ao Conselho para que a ruptura seja votada.

— O Conselho não tem voz em meus assuntos pessoais.

— Não. Mas o vínculo de sangue é, para todos os efeitos, o catalisador desta guerra. E tem potencial para criar mais problemas com a imperatriz. — Ele ergueu o queixo tomando ar, como se convidasse o rei ao confronto. — Nós temos voz em seus assuntos pessoais quando eles comprometem o reino.

— *Lachlan* — exclamou Agatha, atônita.

Quando o comandante se voltou para ela, parecia incrédulo com a intervenção. Agatha apenas balançou a cabeça, seus olhos castanhos arregalados e magoados.

— Não pode forçá-los. Não pode fazer com eles o que fizeram com nós dois.

— Agatha. — O tom de voz dele se tornou suplicante. — Agatha, é

diferente.

Mas a maneira como ela se retraiu, de forma tão ferida e categórica, fez Lachlan recuar.

— Agatha...

Ele saiu correndo atrás dela, batendo a porta.

Tudo estava desmoronando. Theodore e eu ficamos enrolados nos lençóis, em silêncio e em choque.

Ele fechou os olhos e foi para o outro lado da cama. Seus ombros fortes se curvaram. Senti na boca o gosto amargo da culpa. Eu finalmente entendia por que Theodore abominava tanto minha falta de senso de dever, meu egoísmo, minha covardia. Eram traços calamitosos, e eu o emaranhara da cabeça aos pés nisso.

O vínculo em minha barriga se revoltou como se tivesse sido desobedecido. Eu tinha prejudicado Theodore. Meu olhar se voltou para a poção esquecida ao lado do meu anel.

— Theo — sussurrei. — Há uma parte da profecia que eu não... consegui contar para você. Foi a última coisa que ela me disse. "O que foi criado por eles dizimará a ordem de todas as coisas."

Theodore não se moveu.

— O que foi criado por Ligeia e Nemea... Eu. Significa que vou arruinar tudo. Já devo estar...

— Chega — disse ele suavemente.

O silêncio incerto se prolongou e Theodore levantou-se da cama. Ele pegou suas roupas e as vestiu com movimentos duros e o semblante fechado. Eu me levantei e me dirigi ao toalete de cabeça baixa. Peguei a poção em meu caminho.

— Pare.

O pedido veio como um soco. Eu me virei para olhar para Theodore e me deparei com seu olhar severo.

— Você está tão determinada a acreditar que ruim, que é um monstro. Eu não consigo acreditar... me *recuso* a acreditar que conhecê-la, que ter selado um vínculo com você... — Ele engoliu em seco. — Que... gostar de você possa ser a causa da destruição. Mas caso seu intuito seja me devastar, então faça-o por completo. Acabe comigo e com tudo o que me pertence. Uma vida sem você não é a vida que eu quero.

Sustentei seu olhar febril, sentindo meu coração pleno e arrasado ao mesmo tempo. As palavras se enroscaram em minha língua.

— Pense no que está me pedindo, Theodore — falei por fim, com a voz embargada. — Nas pessoas que sofreriam se mantivéssemos o vínculo. No custo disso para seu reino.

— Ainda não tenho a solução. Não sei... — Ele balançou a cabeça. Seu rosto estava estampado com o tormento que sentia. — Acha que estamos fadados a ser como sempre fomos? Você, paralisada pelo medo, e eu, infeliz e obediente feito um cão. Nós dois estávamos definhando. — Ele se aproximou, reduzindo o espaço entre nós. — Você iluminou minha vida. Me fez sentir fúria, e medo, e alegria, e desejo. Como posso me recolher de volta à escuridão depois de me sentir tão vivo?

Eu quis chorar, sentindo um nó na garganta. Algo gelado e pesado começou a se espalhar pelo meu peito. Talvez fosse uma armadura crescendo ao redor do meu coração, ou talvez meu coração estivesse se encolhendo, transformando-se em pedra, porque eu sabia exatamente o que precisava fazer. E também sabia como seria terrível.

Observei a aparência desalinhada de Theodore, seus cabelos desgrenhados como se eu os tivesse acariciado a noite toda. Ele não se parecia com o rei intocável que eu conhecera. Não. Eu tinha neutralizado todas as suas defesas e ele mal resistira.

— É melhor nos apressarmos. — Finalmente consegui reunir forças para falar. — Não se esqueça de colocar a coroa.

25

Graças aos deuses, Lachlan e Agatha não estavam no salão quando saímos. Meu vestido vinho estava amarrotado depois de ter ficado jogado no chão a noite toda. Meu cabelo estava solto e despenteado, e o frasco com a poção em meu bolso balançava contra minha coxa enquanto eu apressava o passo ao lado de Theodore.

Quando chegamos à escada que levava ao saguão de entrada, falei:

— Acho que vai ser melhor se eu andar atrás de você. — Theodore parou de repente, afrontado com a sugestão. — Não quero que a imperatriz nos veja juntos, menos ainda que me veja entrando ao seu lado. Algo nela me incomoda. Tenho a impressão de que sabe quem eu sou.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Por que acha isso?

— Eu conto tudo depois do ritual. — Fiz um gesto na direção das escadas. — Você primeiro.

Sob o olhar de estátuas de grandes deuses, ele desceu as escadas com uma expressão de descontentamento. Eu me mantive a dez passos de distância. Os sons do palácio chegaram até nós.

Havia criados atarefados, soldados em fila e cortesãos em trajes finos e cheios de joias andando de um lado para o outro. Eles se deslocavam pelo salão em grupos elegantes que lembravam buquês de flores na primavera. Theodore chegou ao pé da escada e se deteve, olhando para mim com olhos cheios de expectativa. Balancei a cabeça.

— O que foi que eu acabei de dizer?

— Não quero você atrás de mim — insistiu ele, falando baixo e com a voz cheia de afeto. — Quero você ao meu lado.

Ele endireitou a coluna com certa autoridade real, como se dissesse que não se curvaria a regras que o desagradassem. Ele não me abandonaria por ordens de um conselho que ele mesmo havia nomeado. Suspirei, vencida. Ele olhou para minha boca com desejo.

— Você está muito linda — sussurrou.

— E você é muito bobo. — Olhei em volta, me lembrando do alerta de Lachlan para que fôssemos discretos. Depois baixei os olhos para meu vestido, tentando desfazer os vincos profundos na saia. — Parece que acabei de ser resgatada do meio da mata.

Theodore concordou com a cabeça.

— Mesmo assim. Além do mais, acho que é melhor desse jeito. — Ele passou minha mão pela dobra de seu braço e nos conduziu até a porta do jardim. Então percorreu meu cabelo, minha boca e o decote do meu vestido com um olhar cálido. — Se eu fico tão desnorteado com você assim, ficaria completamente perdido se a visse vestida como realmente deveria estar.

— E como eu deveria estar vestida?

— Com uma coroa. — Ele abriu a porta para mim. — Incrustada com pedras cor de mel para combinar com seus olhos.

Meu coração ficou acelerado, ainda que eu tenha me dado conta de que não queria ser uma rainha. Não queria o peso de uma coroa em minha cabeça — fosse como herdeira de meu pai, fosse como herdeira de minha mãe. Eu queria ficar bem longe dos conselhos, das guerras e da frivolidade. Queria uma vida pacata, tranquila e segura.

No entanto, em outro lugar, em outras circunstâncias, talvez eu pudesse suportar a ideia, se fosse ao lado de Theodore.

Uma névoa fresca pairava sobre o jardim, umedecendo as flores vibrantes e deixando as pedras do caminho escorregadias sob meus chinelos. Uma breve trilha nos levou a uma escada de madeira que levava diretamente à praia. Lachlan e Agatha estavam longe da água, conversando em voz baixa com Eftan. O chanceler parecia particularmente taciturno naquela manhã e estava com as mãos atrás das costas, cruzadas em punhos cerrados. Quando me viu de braços dados com Theodore, sua expressão ficou ainda mais severa, mas os olhos de Agatha se iluminaram.

Ela correu até mim, pegou minha mão e me puxou para mais perto da água. Um pequeno grupo de mulheres obelianas vestidas com túnicas estavam reunidas ao lado, preparando-se para a cerimônia.

— Eu sinto muito. — Ela segurou minha mão com força. — Falei poucas e boas para Lachlan por ter surpreendido vocês dois daquele jeito. Nunca vou perdoá-lo por sugerir que a ruptura de vocês fosse tema do Conselho. — Ela olhou para as ondas se formando ao longe com um olhar sombrio e pensativo. — Não podem permitir que Lachlan decida por vocês. Precisam decidir

sozinhos.

Eu também observava as ondas. Conseguia sentir a água respirar e pulsar, espelhando os ritmos do meu próprio corpo. Imaginei que fosse um espelho do corpo de Eusia também, onde quer que sua carcaça podre e fragmentada estivesse.

— Eu entendo quais são as preocupações de Lachlan — respondi. — E o peso que tudo isso coloca sobre ele. Por favor, não deixe que isso atrapalhe o que vocês dois estão tentando reconstruir.

Agatha soltou minha mão com um riso amargo.

— Tarde demais. — Ela olhou para ele, que estava mais adiante na areia, com uma expressão vazia. — Não há nada para ser reconstruído. O que há entre nós não passa de um punhado de cinzas amontoado em nosso caminho.

O vento soprou e bagunçou seus cachos, mas ela os arrumou para trás com um sorriso triste.

— Passamos muito tempo separados. Antes nos completávamos, mas agora não nos encaixamos mais.

Uma melancolia indescritível tomou conta de mim.

— Mas você ainda o ama?

— Sim, amo. — Agatha levou a mão à bochecha e secou uma lágrima que tinha deixado escapar com um gesto rápido, depois entrelaçou o braço no meu. — E essa é a pior parte.

— Então continuem insistindo. — Eu não sabia se era um bom conselho ou não, mas queria que ela tivesse o que eu não podia ter. — Talvez estejam tentando fazer as coisas voltarem a ser como eram antes, mas vocês são pessoas diferentes agora. Precisam de tempo para conhecer um ao outro de novo, para explorar o que cada um se tornou.

Agatha olhou para mim com os olhos marejados.

— Tudo bem — respondeu ela com um meio-sorriso de gratidão. Consegui ver uma pontada de esperança em seu olhar. — Chega deste assunto.

Olhei por cima do ombro, querendo saber se a cerimônia estava para começar, mas os obelianos ainda se punham a mexer em um conjunto de caixas de madeira.

Eu ofeguei quando percebi que uma das mulheres entre eles era a princesa Halla. Ela e as outras duas, suas damas de companhia, usavam vestidos cor-de-rosa idênticos. Os cabelos claros de Halla estavam soltos, lisos e sem adornos, caídos sobre um dos ombros graças ao sopro da brisa. Não havia blush em suas bochechas angulosas e seus lábios também não estavam pintados do tom rosa-

pétala de sempre. Quando ela se virou, quase recuei tamanha foi minha surpresa. De seu pescoço até a barra do vestido, havia uma fita de um vermelho brilhante, exatamente da cor de sangue.

O efeito era tão forte, tão chocante, que tive que me esforçar para manter uma expressão neutra. Eu só conseguia pensar na história da imperatriz sobre a noite em que os Nel tinham sido mortos, cortados da nuca até a virilha, com as entranhas se espalhando pelo tapete, sem dúvida por um dos homens do rei Nemea — tudo para que ele pudesse roubar algumas joias. Aquilo tinha dedo dele, de seu plano ignóbil e covarde.

Eu me inclinei para Agatha.

— Onde está a imperatriz?

— Ela disse para Lachlan que se recusa a falar com o rei ou ficar perto dele até que ele se desculpe por ter ofendido a filha na noite passada — respondeu ela, preocupada.

— Pelo amor dos deuses.

Uma das damas tirou uma estaca pontiaguda de cristal de uma caixa de madeira. Era lisa e transparente e a ponta era extremamente afiada. Depois de inspecioná-la, a princesa Halla se virou para o pequeno grupo de pessoas que se formara na praia. Quando seus olhos encontraram os meus, ela ficou sem reação.

— Lady Imogen, que surpresa vê-la aqui.

Fiz uma reverência enquanto seus olhos azuis percorriam meu vestido amassado e meu cabelo bagunçado. Eu não estava usando cor alguma em meu rosto, nem joias, exceto o anel de espinélio em meu dedo. Era como se eu tivesse acabado de acordar de um sono agitado.

Halla voltou a atenção para a praia mais uma vez e, muito séria, disse, mantendo a voz baixa:

— Gostaria de conversar com você.

Senti uma pontada de nervosismo e apertei a mão de Agatha.

— Certamente, Vossa Alteza.

A princesa foi caminhando pela praia, de cabeça baixa e braços cruzados. A areia, a água e o céu se fundiam em um tom nublado de cinza. Não consegui me afastar muito e parei assim que senti um desconforto no estômago.

— Vossa Alteza, sobre o que gostaria de falar?

Ela parou e se virou para mim.

— Sabe qual o intuito do ritual que estou prestes a realizar?

— Soube que se tratava de uma bênção. — Mantive a voz calma e o

semblante impassível. — Para o futuro casamento. E para a guerra.

— Sim, precisamente — respondeu ela com o tom melodioso de sempre. — Espero que entenda a razão pela qual desejo tal coisa.

Franzi as sobrancelhas.

— É claro.

Halla se aproximou. A brisa soprava seus cabelos para trás, deixando seu rosto esmaecido em evidência.

— Então não interfira. Fui incumbida de uma tarefa e acredito que sua presença e... o tempo que passa com o rei poderiam me impedir de realizá-la.

Continuei olhando para ela sem dizer nada, sem entender se "a tarefa" era simplesmente providenciar um herdeiro ou algo mais sinistro. De qualquer forma, ambas as perspectivas fizeram minhas entranhas se revirarem.

— Que tarefa é essa?

Ela baixou as sobrancelhas e deu uma resposta curta e seca.

— Esta é uma pergunta inapropriada.

— Sei que perdeu a confiança de sua mãe, Halla. Algo aconteceu para que ela deixasse de reconhecê-la como herdeira. Imagino que esteja desesperada para cair nas graças da imperatriz outra vez, mas ela não me inspira confiança e, por consequência, em você também não. Quero saber se pretende causar algum mal a Theodore ou ao reino para se redimir aos olhos de sua mãe — declarei, resoluta.

Imaginei que ela ficaria furiosa, que fosse reagir à minha difamação com um ataque de raiva, mas a princesa apenas me olhou com lágrimas nos olhos e permitiu que o silêncio se estendesse.

— Diga a verdade — pressionei, sentindo meu coração martelar.

— Não tenho intenção de feri-lo. — Ela piscou forte para afastar as lágrimas e virou-se para as ondas escuras. — Só preciso dar um neto para minha mãe.

Não era motivo de consolo saber que eu deixaria Theodore e Halla em paz para cumprirem o dever de dar um herdeiro ao povo. Eu deveria almejar a mesma coisa... Dar continuidade a uma linhagem, a um reino, mas era incapaz de encontrar sentido nisso. Não era algo que me trazia realização ou felicidade. Não conseguia conceber tal coisa em um mundo no qual eu não tinha segurança ou um lar. Não conseguia me imaginar dando continuidade à linhagem de Nemea. A mera ideia me parecia tão punitiva quanto ser açoitada.

— Entendo.

Com um aceno firme, voltei até Agatha e Theodore caminhando pela areia

molhada. Os dois me acompanhavam com olhares atentos, os quais evitei com determinação.

A princesa ficou onde estava, tentando se recompor. Alguns minutos depois, se dirigiu a Theodore com o vestido diáfano esvoaçando a cada passo dela. Halla se posicionou diante do rei e se curvou em uma reverência cheia de floreios.

— Majestade, agradeço por sua presença — disse ela com a voz cadenciada. — A bênção de nossa união é de suma importância para mim.

Theodore tensionou e relaxou a mandíbula, olhando para ela com uma expressão indecifrável.

— O prazer é meu.

Ela se aproximou um pouco mais, inclinando a cabeça para trás de forma sedutora a fim de olhar para ele.

— A cerimônia tende a me causar muito mal-estar — explicou ela, docemente. — Peço que me dê a honra de permanecer ao meu lado, como rei e meu futuro esposo, para que possa me segurar quando for preciso.

Theodore endireitou a postura.

— Não seria melhor simplesmente acomodar-se de joelhos?

— De forma alguma, Vossa Majestade. Tenho que ficar de pé, com o mar na altura dos tornozelos. — Ela baixou a voz. — E devo confessar que a ideia me assusta.

Ele comprimiu os lábios e concordou com a cabeça. Halla então entrelaçou os dedos nos dele e o levou até a beira da água. Conforme andava a passos lentos, a água molhava a bainha de seu vestido, deixando-o pesado. Ela se posicionou de costas para Theodore e conduziu as mãos dele para cima, de modo a fazê-lo segurar sua cintura. Então olhou para ele por cima do ombro com um sorriso.

— Assim.

Um tormento de possessividade apoderou-se de mim. Não fazia sentido, mas nosso vínculo de sangue inflamou-se dentro de mim em protesto, doloroso e abrasador. Agatha se aproximou e me puxou para trás. Eu tinha dado um passo em direção ao mar sem perceber, como se estivesse atendendo a um chamado.

— Respire fundo — disse ela, de forma que somente eu pudesse ouvi-la. — Já sabemos que seu controle perde a força quando suas emoções estão exaltadas.

Respirei fundo, enchendo os pulmões com o ar salgado. Não pareceu ajudar

muito. A princesa se virou de frente para Theodore, depois virou-se para todos nós reunidos na praia e, com um sorriso angelical, falou mais alto do que o barulho das ondas agitadas.

— Sei que vocês não rezam para meus santos, bem como eu não adoro seus deuses, mas peço que se ajoelhem durante a cerimônia em demonstração de respeito.

Todos nós obedecemos e nos abaixamos sobre a areia.

Revisitei minhas lembranças das aulas com Agatha quando eu era criança, tentando me recordar do que tinha aprendido sobre os santos obelianos. Só consegui me lembrar de que cada família escolhia o seu. As outras duas mulheres com vestes combinando entraram na água, ficaram de frente para a princesa e se ajoelharam. As fitas vermelhas que desciam pelo centro de seus corpos flutuavam sobre a espuma branca como um rastro escarlate.

Então a voz de Halla ecoou pelo ar úmido como uma canção, crescendo e depois desaparecendo em seu peito, carregada de emoção e adoração.

— Venho com gratidão, com louvor, com infindável reverência. Venho para preservar nosso equilíbrio. Para aceitar e oferecer em igual medida.

Uma das damas que estava no mar ergueu a estaca cristalina para Halla, que a segurou com ambas as mãos.

— Rogo por um matrimônio feliz. Uma união que floresça e gere muitos filhos.

Senti o estômago embrulhado, revirando-se de enjoo. Baixei o olhar e notei que minhas mãos entrelaçadas estavam brancas, como se tivessem sido drenadas de sangue.

A voz de Halla se suavizou.

— Suplico para que fortaleça as águas com seu poder, que guie a frota do rei Theodore. Que as correntes se voltem a seu favor, que as inunde com seus servos fiéis para que o inimigo seja lançado e arrastado à profunda escuridão que tudo consome.

Olhei para Halla como se tivesse levado um choque. Senti um calafrio da cabeça aos pés quando ela girou a estaca e a segurou com uma das mãos e depois estendeu a outra com a palma virada para cima.

— Eis o meu sangue como oferta em sinal de gratidão por suas bênçãos.

Halla fechou os olhos e sussurrou tão baixo que mal consegui ouvir as palavras em meio à brisa.

— Em nome de seu corpo dilacerado e de seu sangue derramado. — Ela segurou a ponta afiada da estaca sobre o dedo indicador e, afundando-a, abriu

um corte limpo. Seu sangue vivo gotejou sobre as ondas. — Ofertamos à areia. Ofertamos à água. Ouvi-nos, atendei-nos. Purificai o mar.

O pânico me atingiu como um golpe no peito.

— *Não*.

Eu me pus de pé enquanto todos ao redor suspiravam em uníssono. Entrei correndo no mar espirrando água para todos os lados e ouvi o som da espada de Lachlan sendo puxada da bainha quando ele saiu em disparada atrás de mim.

— Que raios você está...

— Parado, Lachlan — vociferou Theodore.

— Theo, será possível que...

— *Parado*.

Arranquei a estaca das mãos de Halla e nos encaramos, uma de frente para a outra. A parte branca de seus olhos subitamente se tingiu de vermelho, estriada por veias inflamadas e serpenteantes. De alguma forma, sua aparência se tornara ainda mais sinistra com os lábios macilentos e as bochechas encovadas. Seus joelhos cederam e Theodore se apressou em segurá-la.

— Quem é sua santa? — questionei, segurando a estaca entre nós. — Diga o nome dela.

— Achei que tivesse dado sua palavra de que não iria interferir.

O timbre doce e melódico dela tinha desaparecido e falava com a voz trêmula de uma anciã. Theodore arregalou os olhos ao ouvi-la.

— Responda!

Eu a agarrei pelo vestido e sacudi seu corpo. Halla já não conseguia se mover e todo o peso de seu corpo caiu sobre os braços fortes de Theodore enquanto ela soltava um grito estridente de dor e raiva.

— Majestade, faça alguma coisa — suplicou ela.

— Imogen.

A voz de Theodore estava tão controlada que chegava a ser assustador. Olhei para ele atrás de Halla e algo em seu semblante me desestabilizou. Ele estava perdido. Em toda sua constância e nobreza, ele não sabia o que fazer.

— Solte-a, Im.

Não consegui obedecer. Minhas palavras saíram tensas e suplicantes:

— Ela adora à Eusia.

— *Eusia*. — Os olhos vermelhos de Halla se arregalaram à menção do nome e sua mandíbula relaxou. — Conhece Eusia?

— Sim. Eu a conheço bem. — Minha respiração estava ofegante. — Por que você a adora? Que tipo de magia ela fez para você?

Halla reagiu com afronta.

— Ela fez um milagre para nossa família.

— Ela fez um *feitiço* — corrigi, rangendo os dentes. — Qual foi o pagamento exigido?

A pergunta fez com que ela se desse conta de alguma coisa. Seu rosto se esvaziou, a boca se apertou em uma linha estreita e reticente. Minhas garras saltaram das pontas dos meus dedos e rasgaram a frente de sua túnica.

— *Imogen* — bradou Theodore. — Eu disse para soltá-la.

Balancei a cabeça e, com um solavanco, puxei-a das mãos do rei. Ele não estava esperando por aquele tranco e o corpo da princesa caiu na água. Eu a segurei acima da superfície, mas me aprofundei na água até que a sentisse batendo em minhas coxas, gelada e cortante.

— Qual foi o preço que sua família pagou pelo feitiço?

A água obedeceu à minha ordem e a envolveu como uma serpente, arrancando guinchos aterrorizados da princesa.

— Me tire da água — gritou ela, em pânico. — *Por favor.*

— É bom que tema a água, Halla. — Eu a puxei para perto e olhei no fundo de seus olhos. — Porque ela pertence *a mim*.

Ordenei que outra corrente de água se contorcesse em torno de seu corpo. Ela se encolheu, apavorada, e seus gritos rasgaram a névoa da manhã.

— Um corpo — confessou ela. — O preço pelo milagre foi um corpo.

— De quem?

Minha própria voz soava estranha aos meus ouvidos. Eu estava tão vasta e poderosa quanto o mar revolto. A ponto de me confundir com ele, me perder em suas águas. Halla se debatia em minhas mãos como um peixe em um anzol e lágrimas rolavam de seus olhos vermelhos.

— Meu pai. Eusia prometeu que minha mãe finalmente teria um filho e ela ficou grávida de mim. Meu pai foi o pagamento.

Meu rosto se retorceu em repulsa. Olhei para Theodore, que estava petrificado atrás dela, e nos encaramos por um momento demorado e assustador.

— Eusia é um monstro e você a adora mesmo assim?

Mesmo diante do pensamento perturbador do que a imperatriz fizera, minha mente foi parar em Nemea. No que a imperatriz dissera sobre ele ter sido atencioso enquanto ela se lamentava pela morte do marido. Pensei na família eviscerada, em meu anel, arrancado dos dedos inertes de um deles. Pensei na fita vermelha na parte frontal do vestido de Halla. Na história sobre a execução

de Eusia, cujo corpo foi esquartejado e lançado ao mar. Pensei na prece que Halla tinha feito sobre a água e em como Nemea tinha me ensinado a mesma prece quando eu era pequena e me equilibrava alegremente em seu colo.

Por trás da dor que eu sentia no peito, por trás das trevas viscosas de meu vínculo com Eusia e do calor reluzente do vínculo que eu compartilhava com Theodore, havia uma certeza. A súbita e terrível lucidez.

— Imogen.

A voz de Theodore foi como uma âncora me puxando de volta à minha carne e meus ossos. Voltei a ser capaz de discernir o que era água e o que era minha pele outra vez. Eu olhei para ele, posicionado diante de mim como um sinal de fogo. Meus olhos arderam com sua luz.

— Traga-a para a areia, Immy.

Eu não conseguia me mexer. Um passo levaria ao seguinte e eu já sabia onde aquele caminho terminaria. Theodore avançou um pouco mais enquanto eu o observava com atenção. A curva do nariz, o contorno definido da mandíbula, os cabelos escuros emoldurando a testa franzida. Pensei no hálito dele em minha pele, na boca dele em meu corpo e em como meu nome soara em sua língua quando ele o sussurrou na calada da noite.

— *Agora*, Imogen. Eu sou seu rei. — Ele disse com firmeza, como quem segura o punho de uma arma que jamais falhara.

Levei Halla um passo para mais perto da areia.

— E o que sou eu? — A pergunta saiu com mais comoção do que eu gostaria. O semblante dele se suavizou. — Seu objeto de estudo? Sua amante? Sua rainha? A herdeira de Seraf e a rainha das Sirenas? Não sou nenhuma dessas coisas e sou todas elas ao mesmo tempo. Não pertenço a lugar nenhum, mas pertenço a toda parte.

Uma nuvem de mágoa cobriu o rosto dele.

— Você sabe o que é.

— Não sei. — Senti um nó na garganta. — A única parte de mim que encontrou um lar de verdade foi meu coração. — Eu ofeguei, puxando a respiração trêmula. — Mas eu sou mais do que isso, não sou? Você quer que tudo aconteça de maneira ordenada e pacífica. Quer que as coisas continuem como estão. Mas acho que tudo deveria ser desfeito antes que um de nós possa ter até mesmo a mera esperança de conseguir o que desejamos.

A guerra interna que Theodore enfrentava estava estampada em seus olhos. Halla tremia em meus braços, e eu a ergui até que seu rosto ficasse a poucos centímetros do meu.

— Vou *destruir* sua santa.

Sem dizer mais nada, eu a soltei. Ela afundou na água com um grito engasgado, e fiz com que uma onda a carregasse de volta à areia.

Theodore a ajudou a se desvencilhar do emaranhado de seda ensopada que suas vestes tinham se tornado e pude ver que os efeitos do feitiço que ela fizera tinham se dissipado aos poucos. Sua cor tinha retornado e o vermelho deixara seus olhos. Com as pernas tremendo, ela se recostou no peito de Theodore.

— Ela afirmou ser sua rainha — lamuriou-se Halla, olhando para ele com uma expressão aflita e suplicante.

Theodore olhou para mim e depois de volta para a princesa. Eu tinha sido imprudente ao falar na frente de todos, ao revelar que eu era uma ameaça à posse dela sobre ele e seu título. Me restava apenas esperar que Theodore neutralizasse meu erro. Ele respirou fundo.

— Ela é.

Eu o encarei, boquiaberta.

Havia uma nota de compromisso em sua voz, como se revelar a Halla tudo o que existia entre nós pudesse fazer com que fosse possível me manter por perto.

— Imogen é a Sirena herdeira. Temos um vínculo de sangue e, como resultado, ela tem acesso ao meu poder. Nosso vínculo a manterá a salvo quando ela partir para... para encontrar Eusia.

Halla permaneceu imóvel por um longo tempo, atordoada e escorada em Theodore. Então, vagarosamente, ela aproximou a mão trêmula do rosto dele e, ao falar, voltou a soar meiga e dócil.

— Minha mãe vai nos destruir.

As feições de Theodore se endureceram com a sentença.

— Você deu sua palavra, não deu? Disse que *eu* seria sua rainha. — Com o polegar, Halla traçou a maçã do rosto dele. — E a palavra de um rei não é tão determinante quanto a tinta de sua caneta? — As palavras eram duras e hostis. — É bom que se apresse em romper esse vínculo, Majestade. Nosso casamento acontece em uma semana.

A ameaça me feriu e fez com que meu impulso de protegê-lo disparasse. Eu cerrei os dentes e tateei o bolso à procura do frasco com a poção, mas me detive ao sentir algo na água. O latejar no meu peito se intensificou quando dedos gelados roçaram meu tornozelo e garras irregulares arranharam minha panturrilha.

— *Sumam daqui.*

Disparei a ordem pelas ondas e as négias se ergueram à minha voz,

rompendo a superfície com seus olhos de morte. Halla gritou e saiu correndo da água, e Lachlan, Eftan e Agatha recuaram na areia quando três cadáveres de Sirenas surgiram diante de mim com a carne azulada e podre coberta de alga. Elas falaram em coro com suas bocas escurecidas, e a voz de Eusia ecoou dentro do meu crânio:

— *Seu lar. Seu lar. Seu lar.*

Eusia as enviara para me ridicularizar. Para repetir mais uma vez o que estava tentando me dizer desde o início. Para escancarar o que eu vinha tentado ignorar com tanto afinco.

— Eu já sei.

Ergui minha saia molhada e pesada e voltei para a praia, sentindo a água escorrer por minhas canelas enquanto eu saía do mar. As négias continuaram a entoar sua mensagem mesmo quando meus calçados encharcados já tocavam a areia seca. Todos estavam espantados, inclusive Theodore, enquanto eu avançava pela praia. Só parei quando cheguei até Lachlan.

— Vou precisar de um navio para me escoltar até Seraf quando eu acordar.

— Quando você acordar?

— Sim. — Coloquei a mão no bolso e levantei a poção de forma que só ele pudesse ver.

Ele concordou com a cabeça, muito sério.

— Vou providenciar.

De cabeça baixa, passei por Eftan e Agatha erguendo minha roupa encharcada. Eftan protestou quando Theodore saiu pela areia atrás de mim.

— Majestade, deixe que ela vá.

Mas Theodore mesmo assim abandonou Halla, trêmula e com frio.

— Nós temos que conversar — disse ele, estendendo o braço para mim.

Eu me senti despedaçar por dentro, mas me desvencilhei de seu toque.

— Immy, pode vir comigo?

— Vá cuidar da sua noiva.

— Eftan vai ficar com ela.

— *Você* tem que ficar com ela — disparei. — Cumpra seu dever, Theo. E eu vou cumprir o meu.

Theodore estremeceu como se tivesse levado uma bofetada.

— Imogen... Eu me recuso a perder você...

— Você estava fadado a me perder desde o começo. — Minha voz falhava. — Eu dei minha palavra quando fizemos o acordo no forte de Nemea. Por favor, me ajude a mantê-la.

Segurei firme a poção e corri para as escadas, tomando distância.

Este não é o fim, menti para mim mesma enquanto tirava a rolha do frasco. Nós teríamos mais tempo. Iríamos brigar de novo, provocar um ao outro, e eu sentiria de novo sua voz grave reverberando em meu corpo quando nos deitássemos juntos. Eu disse a mim mesma que ele ainda era meu, mesmo ao levar o frasco à boca e inclinar a cabeça para trás.

— Imogen? — Theodore me chamou, angustiado. — Não!

Apertei o passo. A bebida viscosa deslizou por minha língua e ficou entalada em minha garganta, mas me obriguei a engoli-la. Tinha um gosto pútrido, era preta e densa feito piche. A dor veio pouco depois. Foi como se um punhal em brasa estivesse me dilacerando de dentro para fora. Eu já estava no primeiro degrau da escada que levava aos jardins quando meus joelhos cederam e minha visão ficou turva. Minha cabeça latejava como se tivesse levado um golpe.

Então senti mãos fortes em meu corpo e sons abafados por um zumbido enlouquecedor em meus ouvidos. Eu não conseguia me concentrar em nada além da dor aguda em meu peito, além da sensação de líquido invadindo meus pulmões.

Quando tentei puxar o ar, um gorgolejo escapou de minha garganta.

— Eu não... não consigo respirar...

— *Imogen*.

Aquela voz tão familiar atravessou toda a dor.

Meu peito ardia. *Não pode se afogar*, disse a mim mesma, tentando conter meu pânico, mas eu *estava* me afogando. Alguém me tirou do chão enquanto eu ofegava sem parar. Vi um borrão multicolorido em minha visão periférica — eram flores. Minha garganta borbulhava. Metal em minha língua. O líquido quente e espesso escorreu pelos cantos da minha boca e desceu pelo meu queixo. Preencheu meu nariz. Eu o senti até mesmo em meus olhos, pegajoso, quando tentei piscar.

Meu corpo se contorcia, embalado por braços fortes. Tossi algo líquido e quando minha visão me abandonou e meus pulmões arderam com o desespero do afogamento, senti o sol.

Theodore.

Seu poder.

Quente e implacável, ele se derramou sobre mim como ouro derretido. Ele tentou muito, com todas as forças, combater a escuridão.

Mas a escuridão venceu.

PARTE III

AS PROFUNDEZAS

26

Não havia nada nos abismos obscuros e insondáveis do mar além da pressão — uma força capaz de reduzir qualquer ser vivo a uma versão grotesca e distorcida de si mesmo.

E ali, sob toda aquela massa infinita de água, jazia meu corpo: apodrecendo, em uma transformação lenta.

Um calor indescritível rasgou meu ventre. Não era como o de Theodore, terno e luminoso como a luz do sol, mas um fogo implacável que fervia meu sangue e incendiava minhas veias. Minha visão ficava turva, os sons chegavam amortecidos, e eu sentia meu próprio ser se despedaçando. Theodore me abandonava, gota após gota de sangue divino.

Eu não conhecera o mar sem a força dele pulsando em meu corpo. Não conhecera o mar acompanhada apenas pelo vínculo com Eusia contaminando minhas entranhas.

A ausência de Theodore não traria mera tristeza, porque o vazio sempre acaba preenchido por coisas perversas. E era lá, nos recessos mais silenciosos do oceano, onde nasciam os monstros.

27

Inspirei profundamente como se tivesse voltado à superfície. Meu corpo estava muito quente, coberto por uma camada de suor frio. Olhei para um teto que não reconheci. Era simples, sem entalhes dourados ou pinturas de videiras. Não tinha cheiro de verão e sabonete de vetiver como o quarto de Theodore, mas sim um aroma sem graça de menta e lavanda com um toque acentuado de nepente.

Por um momento, me perguntei se ainda estava no palácio e senti meu peito se contrair. A cama estreita rangeu quando me sentei e girei o corpo para colocar os pés no chão. Meu corpo inteiro doía como um grande hematoma latejante. A camisola cinza que eu vestia era fina, mas áspera em contato com minha pele sensível.

Olhei ao redor do pequeno quarto, sentindo minha mente prisioneira de uma névoa espessa. Havia um copo d'água e alguns frascos pequenos de remédio na estante ao lado da cama e uma bacia embaixo da janela, por onde os raios de sol da tarde entravam e se projetavam no chão.

Meus olhos estavam ardendo. Os malditos raios de sol me lembravam de Theodore. Eu estava oca, tomada pela ausência do ponto quente onde estivera nosso vínculo, mas Theodore continuava presente. Ele estava em todos os lugares. Em minha pele, em meu corpo. Eu ainda ouvia o eco de sua voz em meus ouvidos.

Uma determinação amarga me obrigou a ficar de pé. Me obrigou a engolir as lágrimas e a me concentrar em meu objetivo. Eu não podia ficar sentada sozinha, de camisola, chorando por causa da luz do sol, ou desmoronaria completamente. Eu tinha que ir para Seraf. Nemea tinha as respostas das quais eu precisava.

Fui até o lavabo, mas parei ao sentir um peso desconhecido no pescoço. Levantei a mão e puxei uma corrente de ouro comprida que estava sob minhas roupas. Era um trabalho delicado e havia um pequeno diamante incrustado no fecho. Na ponta estava meu anel de noivado. O espinélio. Cerrei os dentes.

Soltei a corrente e comecei a esfregar a pele com água gelada.

Havia roupas dobradas em um banco ao pé da cama. Meu olhar pairou sobre a calça escura e a túnica. Estavam dobradas em pequenos retângulos perfeitos e amarradas com um barbante, exatamente como Theodore dobrara nossas roupas quando partimos em viagem. Um par de botas pretas muito bonitas estava logo ao lado. Parei quando notei a segunda pilha de roupas.

Era um vestido preto como a noite, mas o tecido macio tinha um brilho sutil e iridescente — como as asas de uma Sirena. Passei os dedos pelo decote profundo em V. Pequenos pontos de linha preta desenhavam uma videira sinuosa que ia até os ombros, acompanhada de folhas e flores em um bordado encantador. Meus dedos travaram. Escondidas entre as videiras, de modo que era impossível dizer onde uma terminava e a outra começava, havia penas.

Respirei fundo com um nó na garganta. Ele mandara fazer um vestido para mim. Preto para simbolizar o vínculo infinito de sangue, quando as barreiras entre duas pessoas se dissolvem e elas se tornam um só. Tentei sufocar a centelha de esperança que surgiu dentro de mim. Peguei o vestido e sacudi a saia, e um pequeno objeto caiu das dobras do tecido, quicando no chão com um tilintar. Meus joelhos tremeram quando me abaixei para pegá-lo.

Era outro anel. Incrustada na filigrana dourada havia uma grande pedra cor de mel. Da mesma cor dos meus olhos. Fechei-os com força.

— Theo, seu desgraçado.

A porta se abriu silenciosamente e uma mulher jovem, de olhos iluminados e pele marrom reluzente, entrou.

— Ah! Está acordada!

Ela esboçou um leve sorriso, mas seu olhar examinou cada parte do meu corpo com atenção minuciosa. Seu cabelo preto estava preso firmemente para trás e coberto por uma touca branca transparente. Seu vestido era simples, verde-escuro variano, e por cima dele usava um avental branco impecável.

— Está se sentindo bem? Parece que viu um fantasma.

Senti o anel de Theodore contra minha palma quando fechei meus dedos ao redor dele.

— Não. Nada de fantasmas — respondi.

Mas eu de fato me sentia como se estivesse sendo assombrada.

— Bem, agradeça a Panos por isso. — Ela fechou a porta e entrou no quarto. — Vou ajudá-la a se vestir, Vossa Majestade.

Eu me virei para ela.

— O que disse?

A mulher arregalou os olhos, depois fez uma reverência rápida.

— Perdoe-me. Fui instruída pelo rei a tratá-la por Vossa Majestade.

— Pelo rei? Mas *por quê*?

Meu coração martelava no peito. Por um momento me deixei levar e me perguntei se Theodore teria encontrado alguma forma de solucionar o impasse com Halla e sua mãe.

Ela balançou a cabeça, nervosa.

— Presumi que fosse porque a senhora é uma rainha, Majestade. Disseram-me que é a herdeira de Ligeia.

— Ah. — Hesitei, me sentindo ingênua. — É claro. — Olhei para a cama e franzi as sobrancelhas. — Quanto tempo fiquei...

— Três dias.

Com o olhar abaixado, em uma reverência desconfortável, a mulher sacudiu a peça íntima de seda e as roupas de baixo que estavam dobradas entre o vestido.

— Vou usar a túnica.

Ela olhou para mim, confusa.

— Mas está tão bem dobrada para sua viagem. Sua Majestade foi muito cuidadoso ao prepará-la. Certamente espera que a senhora use o vestido. É lindo, não é?

Eu não sabia o que pensar.

— Ele esteve aqui?

Distraída, deixei que ela tirasse as alças da camisola por meus ombros e passasse as vestes de seda por minha cabeça.

— Ele mesmo a trouxe até aqui ontem de manhã. — Ela enrolou as faixas ao redor de minha cintura e começou a amarrá-las. — Ficou um dia e meio cuidando de você. Quando parou de sangrar... foi quando ele a entregou a nós, curandeiros.

— Entendo.

Senti uma onda violenta de tristeza. Ele realmente me deixara. Eu tinha pedido para que ele fizesse isso, para que cumprisse seu dever e, ainda assim, não consegui enganar a dor. Vesti a roupa de baixo e o vestido. Ela o ergueu sobre meus quadris e, em seguida, amarrou o corpete com puxões suaves.

— Não cabe a mim dizer isto, Vossa Majestade — começou ela calmamente, apertando o corpete e ajustando as faixas —, mas, se a conforta, ele não a deixou por vontade própria. O chanceler Eftan praticamente o arrastou daqui.

Assenti, incapaz de decidir se aquela informação era um castigo ou um bálsamo.

— Sua amiga, a moça de cabelos cacheados, também estava muito preocupada. Até mesmo a imperatriz de Obelia veio visitá-la na noite passada, bastante aflita com seu estado. E deixaram isto.

Ela tirou um envelope lacrado do bolso e meu coração disparou.

O selo de cera se quebrou quando o abri. Percebi que não era de Theodore.

Imogen,

Preparei um navio para você conforme solicitado. Peço apenas que tente não afundá-lo. O Hércules é uma embarcação ágil, de porte pequeno, e conta com uma tripulação competente e disciplinada. Todos os marinheiros a bordo têm vínculos com Sirenas e estão, portanto, imunes a seu encanto. Contudo, não me surpreenderia se você desse um jeito de contornar a proteção divina, visto que gosta tanto de privar a nós, homens, de oxigênio. Uma carruagem estará à sua disposição para conduzi-la até o cais assim que despertar. Procure pelo Chanceler Eftan, que vai providenciar para você.

Desejo sucesso em sua jornada.
Comandante Lachlan Mela

A carta parecia um empurrão para fora da porta. Eu a dobrei e a fechei. Coloquei o anel que segurava sobre o banco e calcei minhas botas em silêncio. Antes de sair, peguei as roupas embrulhadas e presas com barbante que Theodore havia me deixado.

— Obrigada.

— Não vá se esquecer de levar isto!

A jovem curandeira pegou o anel, que reluziu sob a luz do sol quando ela o entregou a mim.

Olhei para a pedra brilhante e a raiva se apoderou do meu ser. Eu não me iludi a ponto de pensar que nossa ruptura teria sido indolor, mas também não imaginei que Theodore pudesse ser tão ingênuo.

Ele deveria ter me deixado ir por completo. Nada de anel ou vestido. Aquelas promessas que nunca poderia cumprir.

A curandeira me observou olhando para o anel e ergueu as sobrancelhas em uma pergunta.

— Está se sentindo bem, Majestade? Precisa de mais alguma coisa? Talvez um pouco de nepente para dor?

Coloquei o anel no dedo.

— Não.

Saí depressa para o corredor. Decidi me trocar quando chegasse ao navio.

O saguão estava sendo decorado para o casamento. Bandeiras azul-escuras de Obelia estavam hasteadas ao lado das bandeiras de Varya, decorando os corrimãos de mármore preto. Era como se um jardim tivesse sido plantado na base de cada uma das escadas. Videiras se entrelaçavam nos balaústres e se enroscavam nos tornozelos das estátuas dos grandes deuses. Os criados passavam apressados por baixo delas, carregando cestas com velas e buquês de flores.

Assim como as vinhas pareciam se espalhar pelo palácio livremente, uma raiva sombria e devastadora começou a se espalhar por mim.

Eu estava prestes a sair pela porta da frente, já que era perfeitamente capaz de providenciar minha própria carruagem, mas me deparei com Eftan. Ele e uma mulher vestida com um uniforme de criada estavam na base da escadaria mais distante revisando papéis e analisando o andamento da decoração do saguão.

Quando me viu, ele franziu o rosto rechonchudo e veio em minha direção a passos curtos e rápidos, seus olhos arregalados saltando do meu rosto para o vestido que eu usava e, finalmente, para o anel de Theodore em meu dedo. Seus lábios finos se curvaram para baixo.

— O rei é mesmo um tolo.

Soltei um suspiro enfadado.

— Como vai, chanceler?

— Você o seduziu. O corrompeu. — Ele me segurou pelo braço e, apesar de sua baixa estatura, começou a me arrastar em direção às portas. — Você levou este reino à ruína e ele quer vesti-la de noiva como se fosse uma brincadeira. Vá embora. Saia agora, antes que ele a veja. — Desvencilhei meu braço da mão de Eftan com um solavanco tão brusco que ele se desequilibrou. — Ele se casa com a princesa em quatro dias — disparou o chanceler —, e você não poderá voltar. Nem como amante, nem como... — Ele suspirou, exasperado, e seu rosto passou de vermelho para roxo profundo.

Inclinei a cabeça ao ver a facilidade com que meu encanto me escapara, com a rapidez com que meu poder obedecia ao mais simples dos desejos. Era diferente agora, sem o vínculo com Theodore em meu ventre.

— Meu caro Eftan — entoei enquanto o homem apalpava a própria garganta. — Vim solicitar uma carruagem para que eu possa partir e nunca mais voltar. Pode me ajudar?

Ele concordou com um aceno frenético.

Um sorriso lento curvou meus lábios.

— Muito gentil da sua parte.

Eu me virei para as portas e interrompi meu encanto, ouvindo o eco de sua respiração ofegante e desesperada ricochetando no mármore.

A tarde estava quente e ensolarada. Um ar úmido e com aroma de flores entrava pelas frestas da porta da carruagem. Eu já estava tão acostumada com aquele perfume e com a forma como se misturava com o cheiro do mar que agora mal o sentia, mas respirei fundo quando a carruagem começou a chacoalhar pela estrada de paralelepípedos azulados que levava ao Porto de Panos.

Minha mente estava turbulenta como a superfície do mar, repleta de pensamentos obscuros e agressivos. Todos eles me levavam de volta a Nemea. Aqueles olhos vazios e cinzentos e aquela crueldade implacável. Me faziam pensar naquela montanha fria e árida, longe, muito longe do mar. Nunca pensei que voltaria. Fiz tudo o que pude para evitar isso. Mas, se alguém no arquipélago poderia saber onde Eusia estava, era ele.

Antes que a carruagem parasse, coloquei o anel que Theodore me dera na corrente em meu pescoço e respirei fundo, pensando na ironia de minha coleção de anéis de noivado. Meu cabelo tinha sido lavado enquanto eu estava desacordada e agora cheirava a flor de laranjeira. Eu levei a mão à cabeça e o prendi em uma trança comprida que descia pelas costas. Quando terminei, minhas mãos tinham parado de tremer.

Ao me acomodar no banco, senti algo cutucando minha coxa. Inspecionei o assento e, quando não encontrei nada, tateei o vestido. Meu coração ficou gelado quando senti o quadrado de papel dobrado no bolso. Era uma carta e estava lacrada com cera verde. Era o selo de Theodore: uma mão cercada por videiras.

Ao abri-la, voltei a tremer. Precisei pressionar o papel em meu colo e segurá-lo com firmeza para conseguir ler.

Immy,

Começo sem saber o que escrever para você. O vazio que você deixou ocupa tudo ao meu redor. Quero que saiba que nunca quis deixá-la. Fui compelido pelo Conselho. Acusaram-me de ter negligenciado meu dever e, por minha imprudência, ter provocado a guerra que se avizinha. Eftan não queria nem mesmo que o vestido e o anel chegassem às suas mãos e cedeu apenas quando ameacei expulsá-lo permanentemente do palácio.

Tudo isso para dizer que me encontro à deriva.

A tristeza que carrego é avassaladora, mas acredito que meu propósito tem se tornado mais evidente do que nunca. Meu dever e meu desejo passaram a ser um só e ambos estão inquestionavelmente atrelados a você. Sua ausência me mostrou que, se me permitisse, eu teria prazer em rasgar meu peito outra vez para fazer de mim seu abrigo. Ainda não sei como, as respostas ainda me escapam. Mas, se ao fim de tudo, ainda quiser me aceitar de volta — e mesmo que não aceite —, eu sou seu.

Por ora, devo suportar a sentença que a mim foi imposta e enfrentar a angústia que me aguarda para poder manter você e meu povo a salvo. Volte para mim e me absolva deste fardo.

Para sempre seu,
Theo

Alisei o papel amassado com o coração doendo.

— Pelos deuses, Theo.

Theodore renunciaria completamente ao próprio dever se eu voltasse. Ele permitiria que eu o arruinasse por completo. E, no entanto, a verdade era que isso era exatamente o que eu desejava. Com os olhos ardendo, dobrei novamente o papel e o guardei dentro do meu corpete, acima do peito.

Por ora, devo suportar a sentença que a mim foi imposta e enfrentar a angústia que me aguarda.

O condutor nos fez parar ao lado de outra carruagem do palácio, grande e adornada com gravuras de vinhas douradas. Quase me engasguei. Quando a porta da carruagem se abriu e o criado estendeu a mão para mim, balancei a

cabeça.

— Passamos pela carruagem do rei?

Se ele me visse com o anel, naquele vestido, sua pouca determinação — e a minha — iria pelos ares.

— Sim, Vossa Majestade.

— O que diabos ele veio fazer no cais?

— Deseja que eu vá descobrir? — O homem me encarou, os lábios projetados.

— Não, não, não. Vou andar depressa. Você o vê?

O homem olhou para a esquerda, depois para a direita. Balançou a cabeça. Então peguei o pequeno pacote de roupas de viagem que Theodore deixara para mim e saí da carruagem sem aceitar a mão do condutor.

— Obrigada.

O cais estava abarrotado. Fileiras e mais fileiras de tábuas de madeira úmidas e uma verdadeira selva de mastros me cercavam por todos os lados, além de marinheiros e comerciantes carregando mercadorias para cima e para baixo pelas pranchas, com seus apitos e gritos ensurdecedores. Apertei os olhos contra o sol para ler os nomes nas proas e, quando cheguei ao fim da primeira plataforma, parei. A água era tão azul e límpida, tão tranquila e ondulante, que quase me esqueci do que sondava abaixo da superfície.

Um navio ao longe chamou minha atenção. Protegi os olhos do sol para enxergar melhor. Erguidas no topo dos quatro mastros, havia bandeiras obelianas, um conjunto de runas cor de gelo sobre um fundo azul-safira que sempre me faziam pensar em flocos de neve.

Era o navio da imperatriz.

Os preparativos para o casamento estavam em pleno andamento e o palácio inteiro estava em alvoroço para que tudo ficasse pronto a tempo. Eu não consegui entender por que a imperatriz estava partindo poucos dias antes do casamento de sua adorada filha depois de todas as exigências e todos os contratos minuciosos para garantir os cuidados dela. Toda aquela conversa sobre herdeiros, dotes e jardins para adorar sua santa monstruosa e, no fim das contas, ela estava indo embora antes mesmo de ver Halla em seu vestido de noiva.

O navio passou pelos quebra-mares e percebi o que acontecia. A imperatriz jamais iria embora se não tivesse conseguido o que realmente viera buscar: os contratos.

Rotas comerciais garantidas, tratados assinados. Senti vontade de vomitar.

Theodore certamente os assinara. Por qual outro motivo uma mulher como a imperatriz viria até o sul? Ela poderia ter mandado Halla sozinha para se casar, como todos os governantes faziam com seus filhos. Ela não fizera uma viagem tão arriscada por amor à filha, mesmo que tivesse sacrificado o marido para tê-la. Tudo o que a imperatriz fazia, todas as decisões que tomava, as ordens e os pedidos, visavam garantir seu próprio poder.

Apesar do calor da tarde, senti um calafrio.

Rangendo os dentes, tentei conter a pressão crescente em meu peito quando gritos e aplausos atraíram minha atenção. Atrás de mim, a multidão se deslocava em meio ao som metálico de armaduras. Fiquei na ponta dos pés e avistei um lampejo dourado.

Era a comitiva de Theodore. Ele provavelmente viera se despedir da imperatriz. A coroa de cabelos brancos da princesa Halla foi a primeira coisa que vi, resplandecente como uma pérola roubada do fundo do mar. Foi apenas um vislumbre, já que os soldados logo bloquearam minha visão. Sem pensar, abri caminho até a frente da multidão. Foi como se meu corpo estivesse sendo atraído por um ímã. Eu estava desesperada para ver Theodore uma última vez.

Uma bota pisoteou meu dedo do pé e um cotovelo me atingiu no peito, mas me espremi atrás de um estivador alto e corpulento e, quando vi Theodore, perdi qualquer noção de dor e do lugar em que estava. Eu me transformei em puro anseio. Ele mal parecia ser real, austero e bonito como o deus de quem descendia. Seu sobretudo e calça cinza-escura acentuavam o contorno imponente de seu corpo e o vento soprava alguns fios de cabelo escuro que caíam sobre sua testa. Eu estava perto o bastante para enxergar o verde de seus olhos, o traço curvo de sua boca farta. Ele estava cabisbaixo e não tirou os olhos das tábuas do chão ao passar.

A sensação de pesar em meu peito se tornou ainda mais sufocante. Eu quis gritar *Olhe para mim*, mas me contive e tranquei os dentes. Fiquei ali olhando para as costas dele por mais um instante antes de dar meia-volta e me distanciar da multidão.

— Imogen?

Senti o sangue gelar. Quando me virei, me deparei com Lachlan, vestido em sua armadura dourada. Ele tinha se afastado da escolta real e me observava com olhos castanhos ansiosos. Ele veio até mim.

— Já estou indo embora. Só estava procurando o...

Então ele me abraçou. As articulações dos antebraços da armadura beliscaram meu braço e a placa do ombro arranhou meu queixo. Deixei escapar

um grunhido.

— O que deu em você?

Ele se afastou e me segurou pelos ombros.

— Que bom que não morreu.

Franzi as sobrancelhas.

— Eu estava correndo esse risco?

A boca dele se entreabriu e uma lembrança pareceu vir-lhe à mente.

— Theodore acreditava que sim — contou ele de forma grave. — Agatha também. Eles ficaram de luto no primeiro dia como se você tivesse morrido de fato.

Estremeci, sentindo meus olhos arderem.

— Aposto que ficou aliviado, não é, comandante? A morte teria sido uma maneira muito mais simples de se livrar de mim.

A boca de Lachlan se curvou em um sorriso sarcástico.

— Acha que eu queria que você morresse?

— A amante de seu rei é sua inimiga, não é? — Erguei as sobrancelhas. — Não se esqueça de que eu quase matei você também.

— Não me esqueci. — Ele balançou a cabeça. — Não quero que você morra. E não quero ver Theo infeliz, o que é o caso. Só quero garantir que o reino esteja a salvo.

Lachlan virou o rosto, contemplando o cais movimentado. Ele também carregava um novo fardo. Estava estampado nos sulcos em sua testa, nos cantos de sua boca retorcidos para baixo.

— Como vamos seguir em frente?

Balancei a cabeça com resignação, e ele respondeu com um olhar condescendente.

— Ora, você é a personificação de uma grande deusa. O sangue dos seus ancestrais corre por suas veias. Vai dar um jeito. — Ele apontou para um navio atrás de mim. — Seu navio está ali. — O meio-sorriso que esboçou não chegava a seus olhos. — Adeus, Imogen.

Apesar de suas palavras de encorajamento, me senti completamente perdida. Só me restava acenar com a cabeça em resposta enquanto ele seguia seu caminho.

— Lachlan — chamei, também para minha surpresa.

O comandante se voltou para mim.

— Eu... gostaria de um conselho. Como... como passou todos esses anos longe de Agatha? Como conseguiu aguentar?

Ele coçou a mandíbula.

— Eu não tenho um bom conselho para dar.

— Estou sem alternativas, comandante.

Ele soltou uma risada infeliz.

— Tudo bem. Já que insiste em saber, eu bebia e vadiava por aí. Então, depois de alguns anos, passei a ter companheiras mais duradouras. Nunca estive só. Eu me sentia pior sozinho. Depois de muitos anos, um amigo se tornou meu companheiro. E ele... me fez muito bem. Ele me colocou de volta nos eixos e me ajudou a sair do fundo do poço ao qual eu tinha sucumbido.

— E você foi feliz nesse período? Com ele? Sem Agatha?

Lachlan balançou a cabeça.

— Sinto muito, Imogen — disse. — Eu estava contente. Me sentia satisfeito e apaixonado. Mas nunca fui feliz como fui com ela. — Ele encolheu os ombros. — Mas você não é como eu. Muitos de nós conseguem encontrar o amor. Talvez haja esperança para você.

Soltei um longo suspiro.

— Estou me sentindo ainda pior — confessei.

— Eu costumo causar isso nas pessoas.

Dei risada com a resposta dele. Quando olhei para trás, vi o nome *Hércules* gravado no navio mais próximo com letras grafadas em vermelho.

Me virei em direção à prancha de embarque, mas, antes, pedi:

— Diga a Agatha que a amo.

— Assim que eu conseguir encontrá-la.

Parei onde estava.

— O quê?

Ele não parecia preocupado, mas fui tomada por uma sensação inquietante.

— Não a vejo desde a noite passada. Deve estar precisando ficar um pouco sozinha depois de tudo o que aconteceu. Sabe como ela é.

A situação me pareceu estranha. Agatha jamais teria saído do meu lado. Ela não teria permitido que eu acordasse sozinha naquele quarto desconhecido. Mas pensar assim era ridículo da minha parte. Afinal, ela não era mais minha protetora, e eu não queria que fosse. Além disso, Agatha era astuta e destemida. Não havia motivo algum para o meu receio. Lancei um olhar incisivo para Lachlan.

— Vá encontrá-la. Faça isso assim que voltar ao palácio. E diga a ela que voltarei em segurança.

Ele arqueou as sobrancelhas como se eu tivesse dito algo risível.

— Certo — respondeu Lachlan como se não estivesse me levando a sério. Mas então endireitou-se diante do meu olhar severo e acenou com a cabeça. — Está bem. Vou fazer isso.

— Ótimo. Obrigada. — Caminhei rumo ao *Hércules*, sentindo meu coração despedaçado. — Cuide dos dois — pedi, olhando para trás.

Ele comprimiu a boca e acenou com a cabeça, depois desapareceu no meio da multidão.

A prancha rangeu com o meu peso e segurei a saia do vestido nas mãos, prestando atenção em como a luz refletia no tecido. Tons de roxo, azul e verde dançavam na trama preta. Fui direto para a cabine que o capitão designou para mim, tranquei a porta e, afrouxando um laço de cada vez, arranquei o vestido do meu corpo, me despindo das videiras e das penas como se fossem pele envelhecida. Senti um nó na garganta ao dobrá-lo caprichosamente e colocá-lo com cuidado na extremidade do catre.

O barbante queimou meus dedos quando o puxei para soltar a calça e a túnica dobradas. Tinham sido feitas sob medida para mim. Toquei os pequenos botões dourados nas costas da túnica, que tinha sido desenhada para ser aberta e dar espaço para as minhas asas.

Eu estava me vestindo quando um barulho metálico ecoou pelo navio. Um sino. Uma buzina grave e sinistra ressoou em seguida, fazendo meus músculos tensionarem com o aviso. Corri da minha cabine para o convés, onde a tripulação já formava um tumulto, correndo para amarrar novamente as cordas que já haviam sido soltas. Eles enrolaram a corda de amarração novamente em torno do cunho. Até mesmo o cais abaixo estava ficando vazio à medida que as pessoas corriam em direção às ruas de paralelepípedos, afastando-se do porto.

A tripulação do navio começou a desembarcar.

— O que está acontecendo? — perguntei a uma tripulante, puxando seu braço para fazê-la parar.

A mulher tinha as bochechas bronzeadas e permeadas por sardas e linhas de expressão.

— Navios inimigos — respondeu, apontando com a cabeça para o horizonte.

Tive que estreitar os olhos, mas fiquei completamente imóvel quando consegui enxergar.

Os borrões familiares.

As velas vermelhas.

Eram navios de guerra de Seraf.

28

Meia dúzia de navios serafitas se alinhavam na linha do horizonte. A frota avançava velozmente rumo ao porto, com suas velas sinistras impulsionadas pelo vento. Do outro lado dos quebra-mares, os navios de guerra varianos içavam âncoras e baixavam velas, avançando depressa em direção ao mar aberto. Havia outros navios de guerra atracados com centenas de marinheiros em seus conveses, todos ocupados em impulsionar as embarcações para longe dos cais.

Senti uma responsabilidade incomensurável diante de tudo aquilo. Era por minha causa e de Theodore — por termos unido nosso sangue naquele quarto gelado no topo do forte decadente do rei Nemea — que eles agora corriam perigo.

Eu me agarrei a uma corda acima de mim e me impulsionei para cima, ficando em pé na amurada do navio. Observei o cais. Outro navio de guerra de Varya estava a duas docas de distância do *Hércules* e os marinheiros a bordo o preparavam para zarpar, escalando os cordames com a mesma agilidade de aranhas em suas teias.

— Vossa Majestade. — O capitão do *Hércules* falava comigo do convés. Tinha cabelos ruivos escuros e muito curtos e o sol escurecera suas sardas. Ele estreitou os olhos castanho-claros e ergueu a mão em uma ordem silenciosa para que eu descesse. — O protocolo determina que o cais deve ficar vazio até que a marinha neutralize a ameaça.

Apontei na direção do navio de guerra.

— Eu vou com eles.

Ele se virou para olhar o navio.

— Para onde?

— Em direção à frota serafita. Vou afundá-los.

Ele sorriu com uma expressão condescendente.

— O rei e o comandante foram muito claros em suas ordens. Você está sob minha proteção até que sua tarefa seja concluída. Vossa Majestade passou a ser

responsabilidade minha assim que pisou neste navio.

A ideia de estar "sob a proteção" dele fez despertar uma fúria ardente no vazio em minhas entranhas onde antes estivera o vínculo com Theodore. Não havia tempo para discutir. Eu me recusava a pedir permissão. Sem hesitar, lancei um encantamento silencioso na direção dele. Mas o capitão apenas balançou a cabeça, depois olhou para mim.

— O que foi isso?

Franzi a testa. Não tinha dado certo. Eu me lembrei da carta de Lachlan — toda a tripulação tinha vínculo com Sirenas e, portanto, eram imunes ao meu encanto. Desci para o convés com um suspiro frustrado.

— Espero que esteja preparado para ser repreendido pelo rei, capitão, porque não pretendo permanecer sob sua vigilância.

Dei a volta por ele, mas, antes que eu chegasse à passarela, ele me segurou pelo cós da calça e me puxou para trás como se eu fosse um cachorro malcomportado preso à coleira.

Eu me girei de frente para o capitão e dei um soco em seu queixo. Foi um golpe péssimo e minha mão doeu muito, mas o homem cambaleou para trás, gemendo e segurando o rosto.

Com o coração batendo tão alto quanto a sirene, desci correndo pela prancha. O capitão veio correndo atrás de mim e abri os braços para manter o equilíbrio. Ele era da minha altura, esguio, mas felizmente eu era mais rápida. Dobrei a esquina no cais, pulando por cima de um canto onde a água espirrava e molhava a madeira. As botas do capitão ribombavam nas tábuas e o som ficava mais alto à medida que ele se aproximava. O porto já estava quase vazio, exceto por marinheiros e soldados que se ocupavam das cordas de amarração antes de seus navios partirem para a batalha.

Lancei quatro encantos e agradeci aos deuses quando senti que atingiram os marinheiros à minha frente, cravando-se profundamente em seus peitos. Tinha sido fácil demais. Minha ordem mal tinha se formado em minha mente quando os homens obedeceram. Assim que passei correndo, eles formaram uma barreira para impedir a passagem do capitão, prendendo-o como um animal em uma armadilha. Comecei a correr mais rápido em direção ao navio de guerra, sentindo meu poder explodir em meu peito com mais intensidade do que nunca, como uma massa de lama fervente.

Quando me aproximei, vi dois marinheiros uniformizados soltando as cordas e se preparando para subir a prancha.

— Esperem — gritei para eles, fazendo-os parar.

Um grito gutural veio de trás de mim. Eu me virei, olhando por entre meu cabelo revolto com o vento, e vi um dos marinheiros que eu tinha encantado tirando um punhal da cintura. O outro prendia o capitão do *Hércules* contra as tábuas do cais, pressionando uma bota pesada em seu ombro enquanto um terceiro imobilizava suas pernas.

— *Parem* — gritei, apavorada.

A ordem foi dada com clareza, mentalizada com intenção, mas meu encanto não cessava. O lodo quente continuava correndo dentro de mim e tensionei a mandíbula, tentando controlá-lo. O poder era *meu*, afinal de contas, mas o vínculo que eu compartilhava com Eusia tinha mudado desde o ritual de ruptura com Theodore: tinha se fortalecido.

O vínculo com Theo provavelmente aplacara o controle dela sobre mim.

O marinheiro que estava prendendo o capitão ergueu o punhal exatamente quando a prancha do navio à minha frente começou a ser içada.

— *Merda*. — Eu estava a poucos metros de embarcar. — Desça a prancha! Me deixem entrar!

Eu gritava, mas os marinheiros apenas me encararam com espanto e continuaram o que estavam fazendo.

Minha atenção estava dividida demais e meu nervosismo era como um zumbido em meus ouvidos. Meu corpo inteiro respondia ao meu poder — rendido, possuído. Relutante, me concentrei em um novo encanto, dessa vez ordenando que os marinheiros devolvessem a prancha ao cais. Suas expressões se afrouxaram e seus olhos ficaram vidrados. Enquanto obedeciam à minha ordem, corri de volta em direção ao local onde o capitão gritava, preso por dois marinheiros, um em cada ombro.

Outro deles sentou-se sobre as pernas do capitão e um quarto homem cravou seu punhal. Eu vociferei, retirando meu encanto e tentando renová-lo com novas ordens, mas nada que eu fazia era capaz de dissuadi-los. O punhal se fincou na barriga do capitão com um som úmido e repugnante, e seu grito preencheu o ar no momento em que eu alcancei o marinheiro que empunhava a lâmina. Afundei minhas garras em seu braço, mas o homem que estava sentado sobre os joelhos do capitão se lançou contra mim e passou um braço em volta do meu pescoço, me derrubando com força sobre o cais. Rasguei seu braço também, manchando minha túnica com seu sangue, mas ele não reclamou e não recuou.

Eu não consegui fazer nada além de observar enquanto o punhal serrava a barriga do capitão, descendo em uma linha vertical do esterno à virilha. Seus

órgãos se derramaram sobre a tábua do cais e o sangue escorreu espesso e escuro pelos vãos e se infiltrou na madeira molhada. Ele continuou a gritar e espernear, mas, depois de alguns momentos, ficou em silêncio.

Então os marinheiros entoaram a prece:

— Ofertamos à areia. Ofertamos à água. Ouvi-nos, atendei-nos. Purificai o mar.

Os homens puseram-se de pé e usaram as botas para empurrar o corpo sem vida do capitão para além da borda do cais.

Um soluço trêmulo escapou da minha boca à medida que toda a energia abrasadora dentro de mim começava a arrefecer.

Por fim, o marinheiro que estava me imobilizando me soltou e também se dirigiu para a beirada onde estavam os outros. Seu braço estava em frangalhos e sangrava abundantemente, mas todos permaneciam impassíveis, fitando as sombras que se moviam na água abaixo deles. Fiquei de joelhos, olhando fixamente para os vultos escuros que cortavam o mar.

As négias tinham vindo buscar o corpo. A oferenda. A água borbulhou e tingiu-se de vermelho, e então, como se tivessem recebido uma ordem, os quatro marinheiros murmuraram a prece de Eusia mais uma vez. Prendi a respiração quando eles deram um passo para fora do cais, mergulhando nas águas profundas e sangrentas.

Caminhei pela passarela, trêmula e com frio. Minha túnica estava ensopada com o sangue do marinheiro que me segurara. Meu vínculo com Eusia era como uma mão dentro de mim. Eu me tornara uma marionete e ela, a titereira.

Mantive o olhar fixo nos marinheiros no topo da prancha, que ainda estavam sob meu encanto. Seus olhos estavam opacos e seus corpos, relaxados. Então um pensamento me ocorreu: *Eles são marionetes nas suas mãos. Não existe diferença alguma entre você e ela.*

Quando minhas botas tocaram o convés, fiz cessar o encanto e esperei, prendendo a respiração. Esperei por preces e punhais, mas ambos balançaram a cabeça como se tivessem acordado de um sonho agitado.

Um deles levou a mão à testa, como se verificasse se estava com febre, mas os dois continuaram em suas tarefas como antes. Quando terminaram de erguer a prancha, o navio partiu, balançando sob meus pés.

— Quem é você? — A voz da mulher atrás de mim era seca e ríspida.

Eu me virei e soube exatamente de quem se tratava. Não havia dúvida, com seu uniforme perfeitamente engomado, seus olhos de aço e o montante de medalhas fixas em seu peito. Era a capitã do navio de guerra. Ela era ossuda e

parecia calejada pelo tempo, com o dobro da idade de todos os outros soldados e marinheiros ao nosso redor. Ela direcionou o olhar para a mancha de sangue em minha túnica e estreitou ainda mais os olhos.

Minha boca se entreabriu inutilmente e meu cérebro pareceu se esvaziar. Eu ainda estava abalada com a cena violenta que acabara de presenciar.

— Eu... eu sou... — Não fui capaz de formular uma única frase. — Capitã, eu sou...

Ela baixou as sobrancelhas com um semblante temível.

— Uma passageira clandestina, ao que parece.

— Não. — Eu ainda estava tremendo, mas tentei endireitar a postura e transmitir através de meu corpo a autoridade fácil que Theodore sempre usava como armadura. — Meu nome é Imogen Vathia.

Passei muito tempo sem me lembrar do sobrenome herdado de Ligeia, que agora saía de minha boca com a facilidade de um suspiro. O sobrenome era *Vathia* graças ao espírito das profundezas das águas que havia ajudado a criá-la.

— Sou filha e herdeira da grande deusa Ligeia — continuei. — Estou aqui para ajudá-la a afundar aqueles navios.

Os olhos da capitã se arregalaram.

— Eu conheci Ligeia. Ela ajudou meu navio uma vez, quando eu era uma capitã inexperiente, muitas décadas atrás. — Ela franziu os lábios. — Você se parece com ela.

A mulher examinou a tripulação, que se movimentava pelo convés.

— Temos regras sobre Sirenas em nossos navios, Vossa Majestade — disse ela finalmente.

— Quais são?

Um estrondo profundo ressoou pelo ar, atraindo nossa atenção. Os navios de Seraf e Varya estavam próximos o suficiente para trocar tiros de canhão e o primeiro deles parecia ter atingido o mastro de um dos navios varianos, partindo-o no meio como se fosse um galho sob a chuva forte.

A capitã respirou fundo, inquieta. Ela olhou para baixo outra vez, para a mancha escura de sangue em minhas vestes.

— Se uma Sirena está a bordo, todos os marinheiros devem usar cera nos ouvidos para que não sejam afetados por seu canto. Mas, como é a filha da deusa, imagino que a cera pouco adiante para mantê-los a salvo de seu encanto silencioso. Estou certa?

Minha boca ficou seca ao pensar em meu poder depois de testemunhar como se tornara perigoso.

— Está — murmurei.

— Preciso que dê sua palavra, então — pediu a capitã, olhando no fundo dos meus olhos.

— Minha palavra?

O vento soprava, empurrando a névoa salgada para meu nariz, fazendo o poder vibrar em minhas entranhas.

— Se eu permitir que permaneça neste navio, Vossa Majestade, todos nós estaremos em risco. Estou confiando a segurança de cada membro e soldado desta tripulação a você. A deusa podia ser perigosa, mas era precisa na execução de seu poder. Você é como sua mãe?

Meu corpo inteiro estremeceu sob o peso da vergonha e da apreensão diante da responsabilidade que ela exigia que eu assumisse. Minha visão estava turva, obscurecida por sangue escuro e pegajoso. Os gritos agonizantes do capitão ecoavam em meus ouvidos. Eu não sabia absolutamente nada sobre minha mãe, e meu poder era tudo, menos preciso. Também tinha certeza de que Eusia apreciaria uma oferenda tão grandiosa quanto um navio de guerra inteiro, cheio de corpos varianos. Mas, apesar de tudo isso, respondi:

— Sim. Eu sou.

— Então bem-vinda a bordo — disse a capitã, acenando com a cabeça em aprovação.

Os disparos dos canhões se intensificavam e o navio oscilava no mar agitado. Corri para a proa em busca de uma visão melhor. Os navios de Seraf e Varya tinham formado duas fileiras com as laterais voltadas uma para a outra e nuvens de fumaça branca pairavam entre eles. O som dos canhões e o estrondo das balas faziam meus músculos se enrijecerem. Eu não conseguia fazer nada com meu poder e os navios flutuavam tão próximos uns dos outros que eu não tinha ideia de como poderia afundar os serafitas sem puxar os tripulantes de Varya para o fundo do mar também.

O vento era forte e desprendia fios de cabelo da minha trança. Eu me mantive firme, apesar de sentir que estava prestes a sucumbir. A voz da capitã ressoou atrás de mim.

— Puxem a vela. Canhões a postos.

Nosso navio estava se aproximando da sexta embarcação serafita. Ela me deu um aceno de cabeça autoritário.

— Quando quiser, Majestade.

Olhei para o navio serafita, analisando a couraça escura que eu conhecia tão bem. Meu medo era como dedos em volta da minha garganta, sufocando minha

respiração. Do outro lado da faixa estreita de água, avistei o capitão de Seraf, imponente e ameaçador com seu capacete escuro. Por um momento pensei em Evander.

Imaginei seu rosto, contorcido de repulsa ao olhar para mim. Visualizei a sala do trono de Nemea e as asas de minha mãe na parede. Visualizei as palavras abaixo dela, gravadas com orgulho no mármore.

O MONSTRO SEMPRE É DERROTADO.

Um poder sombrio e avassalador irrompeu em meu peito com as lembranças. Eu desejei que a tripulação serafita ficasse imóvel e uma revoada de encantos atravessou o espaço entre nosso navio e o deles. Minha garganta queimava e senti um frio repentino, como se tivesse sido degolada e abandonada para sangrar até morrer, mas, de repente, toda a tripulação inimiga ficou petrificada.

Então a voz da capitã se fez ouvir.

— Fogo!

Meus ouvidos doeram com o estrondo da pólvora, mas continuei sem me mover, assistindo ao ataque ao navio serafita. Balas de canhão perfuravam o casco, estilhaçando a madeira e levantando nuvens de pó no ar salgado. Mas o que realmente me paralisou foi a maneira como os soldados e a tripulação serafita começaram a se mover devagar, dando passos que não pareciam humanos em direção à borda do navio e depois saltando para o mar, um após o outro. Eu não tinha ordenado que fizessem isso, minha intenção era apenas imobilizá-los. Enquanto o navio desmoronava com suas velas rasgadas e mastros quebrados, eu observava os lábios de nossos inimigos se movendo em perfeita sincronia.

Todos falavam ao mesmo tempo e consegui distinguir algumas palavras.

Ofertamos à areia. Ofertamos à água. Ouvi-nos, atendei-nos. Purificai o mar.

— Não!

Eusia estava faminta.

Desde que fora criada, ela ansiava por poder, por reconhecimento, vivendo à sombra da irmã. Por anos e anos buscou uma maneira de alimentar sua magia insaciável e finalmente parecia ter encontrado um jeito de se manter alimentada.

Eu.

Minha mente estava imersa em uma bruma de tristeza quando chegamos a

outro navio de Seraf. Aquele já estava bastante danificado, com enormes buracos na parte superior do casco, mas não estava afundando.

A capitã tocou meu ombro com orgulho, a nostalgia e o contentamento estampados em seu rosto.

— Mais uma vez — instruiu-me ela, inclinando o queixo em direção aos serafitas.

Acenei com a cabeça, absorta em meus próprios pensamentos.

— Claro.

Seria impossível manter Varya e seu povo a salvo sem dar a Eusia os corpos que ela tanto desejava. Eu me concentrei mais uma vez no poder repugnante em meu ventre quando percebi qual era o navio diante de nós.

Era o navio-almirante de Seraf. Reconheci a popa quadrada e os quatro mastros elevados. A enguia com presas retratada na vela maior. Era o navio de Evander e, décadas atrás, quando ainda era um rei explorador, pertencera a Nemea. Ele o levara aos confins do mundo, a todas as ilhas e também ao continente norte. Contava-se histórias sobre a coleção macabra de ossos de Sirenas que apodreciam em seu porão, sobre Sirenas que tinham sido amarradas aos mastros e deixadas ao sol por dias a fio.

O navio lendário pertencia ao fundo do mar. A fumaça dos canhões era espessa e esbranquiçada e fazia meus olhos lacrimejarem. Eu me impulsionei para cima para me agarrar às cordas e examinei o navio inimigo. Meu coração se encolheu quando deixei meu encanto crescer dentro de mim enquanto fixava minha atenção na tripulação numerosa do outro lado. Mas me contive quando vi um lampejo dourado em meio à fumaça.

Parei quando reconheci o formato da velha coroa dentada. Era Nemea. *Ele estava ali.* Ele, que não entrava em um navio havia quase trinta anos, recusando-se a se colocar em perigo, permanecendo em seu forte na montanha.

O olhar implacável do rei pareceu me encontrar mesmo com toda a fumaça. Como uma aparição tenebrosa, ele estava no meio do convés, vestido com uma armadura preta e surrada que não se ajustava bem a ele. Seus olhos frios e penetrantes cravaram-se nos meus.

Minha mente era incapaz de assimilar aquela cena. Ele estava em um navio, nas águas de Varya. Eu estava indo ao encontro dele. Rohana me dissera isso. Eusia zombara de mim, dizendo que eu deveria voltar para o meu *lar*.

Meu poder pulsava dentro de mim, crescente como uma tempestade, mas eu o contive. Arranquei, um por um, os botões que cobriam minha coluna. A ordem da capitã para abrir fogo ecoou pelo ar e balas de canhão saíram

disparadas dos dois navios. Uma das salvas do inimigo atingiu a lateral do navio ao meu lado e tentei me proteger dos estilhaços de madeira, mas senti lascas afiadas perfurando minha pele na bochecha, no pescoço e no braço.

Eu me esforcei para manter a clareza e concentrei minha intenção na água, ordenando que uma corrente profunda se interpusesse entre nosso navio e o de Nemea. Em dois segundos, o navio serafita oscilou, forçando seus canhões a desviarem o alvo.

— Mas que diabos está fazendo? — vociferou a capitã enquanto eu continuava a abrir a parte de trás da minha túnica. — Pare-os! Leve-os para a água!

Minhas asas romperam a pele. Eu as flexionei, tentando manter o equilíbrio com o novo peso que me puxava para trás. Nosso navio estava muito castigado e a cada golpe se rachava ainda mais, mas o navio-almirante de Seraf não conseguia superar minha corrente e inclinaram-se até que suas velas ficaram frouxas.

— Vou embarcar naquele navio — gritei de volta para a capitã.

O rosto dela estava vermelho e saliva se acumulava nos cantos de sua boca.

— Atire-os na água primeiro!

Balancei a cabeça. Não podia correr o risco de atrair Nemea acidentalmente para a lateral do navio.

Ela desembainhou a espada no momento em que uma bala de canhão sobrevoou o convés. Nós nos abaixamos.

— Você deu sua maldita palavra! — vociferou ela, apontando a espada para minha garganta.

— Muito cuidado. — Meu corpo se tensionara e meu poder vibrava dentro de mim. — Não tenho um bom histórico com capitães.

As rugas em seu rosto se aprofundaram com a minha ameaça. Ela fez uma careta, deixando os dentes à mostra e o nariz franzido em sinal de repulsa.

— Saia do meu navio.

A hostilidade dela me era familiar e a suportei sem dificuldade. Mantive o queixo erguido e me equilibrei sobre meus pés. O navio de Nemea estava próximo o bastante para que eu pudesse planar até lá. Quando dei o sinal, uma rajada de vento soprou sob mim e saltei do navio com as asas abertas. Meu estômago se revirou com a sensação de estar voando. Aterrissei desajeitadamente na cobertura do navio serafita e me segurei com força nas cordas, queimando as palmas das mãos.

Minha presença assustou a tripulação de Nemea. Minhas asas escuras os

deixaram de cabelo em pé, como cães farejando uma presa. Eles prepararam flechas e cordas enquanto se esquivavam das balas de canhão que ainda voavam contra eles. Com os dentes cerrados e usando toda a minha concentração, lancei apenas três encantos. Eu tremia para mantê-los firmes, para não deixar que fossem impedidos por Eusia. Os encantos alcançaram o peito dos homens que estavam mais próximos de Nemea e seus ombros caíram quando se viraram para me obedecer, cercando-o. Quando o arrastaram em direção ao mastro mais próximo, a sensação de ardor voltou à minha garganta.

Nemea não resistiu, não gritou nem protestou. Continuei em movimento, tomando cuidado para não ser atingida pelas flechas e tentando manter o controle sobre meu poder, mas não tirei os olhos dele do outro lado das cordas. Imaginei que seu rosto fosse ficar vermelho e que seus olhos fossem se esbugalhar como sempre acontecia em suas crises de fúria, mas Nemea apenas se inclinou para trás, encostando a cabeça no mastro enquanto o amarravam. Ele me olhou diretamente nos olhos, mesmo enquanto os homens tiravam sua espada da bainha, amarravam suas mãos e retiravam a cera protetora de seus ouvidos. E, quando meu corpo já começava a perder o calor, a coroa dentada de ouro foi retirada de sua cabeça, caindo com um baque metálico no convés, junto à espada.

Em seguida, os três homens se voltaram para a lateral do navio. Eu não dera nenhuma ordem. Nem sequer senti quando o encantamento foi corrompido, mas já era Eusia quem os controlava. Os três murmuraram a prece, atravessaram o convés a passos incertos e depois se atiraram no mar.

Flechas zuniam ao meu redor e eu fui mais alto, tentando manter o equilíbrio. Foi quando Nemea chamou por mim.

— Pare de enrolar, menina. — O sangue gelou em minhas veias quando ouvi sua voz. Eu me senti uma criança outra vez, pequena, incapaz e precisando ser disciplinada. — Pensei que já tinha aprendido. Morremos quando nos demoramos, Imogen. Faça o que pretende fazer antes que ambos encontremos nosso fim.

Ele tinha razão, por mais que eu odiasse admitir. O que fiz a seguir também foi motivo de angústia. Fechei os olhos e libertei meu poder. Não consegui contar quantos foram, mas meu encanto — ou o poder de Eusia — sabia o que era necessário fazer. Eu me concentrei em todos os marinheiros no convés, e eles soltaram um longo suspiro ao mesmo tempo. Gemi com a dor excruciante em minha garganta e com os arrepios que percorriam minha pele, mas os corpos dos homens se afrouxaram e suas armas se espalharam pelo chão. Então

todos começaram a se encaminhar para as laterais do navio e, lentamente, se atiraram na água salgada.

Olhei para Nemea. Eu dedicara todo o meu controle à tarefa de poupá-lo do encanto. O vento soprava pelo convés, fazendo chegar até mim o barulho incessante dos corpos caindo na água e o som das orações murmuradas da tripulação. Nossos olhares se encontraram.

Quando Nemea ouviu seus homens pronunciando as palavras familiares do feitiço de Eusia, aquele que ele próprio me ensinara tanto tempo antes, um sorriso de satisfação se formou em seus lábios.

29

Saltei para o convés e senti uma pontada de dor nas canelas quando aterrissei. Imediatamente vi os nós malfeitos que os marinheiros tinham amarrado em torno de Nemea. As cordas estavam frouxas sobre seu peito largo, ele não precisaria de muito esforço para removê-las. No entanto, o rei não se debatia. Permanecia sentado, despreocupado, olhando para mim.

A tranquilidade dele, em completa inércia, me deixou nervosa.

No convés, a poucos passos de distância, a espada dele sob a luz do entardecer provocou um guincho metálico quando a arrastei no chão para pegá-la. Os tiros de canhão ainda ecoavam no ar quente, mas os disparos vindos do navio em que eu estivera tinham cessado. Estavam se afastando, indo em direção aos outros navios para dar apoio. Nemea e eu estávamos sozinhos no navio-almirante.

Aproveitando a corrente forte e o vento constante, eu nos conduzi para longe, seguindo em direção à costa de Varya ao sabor do mar. O sol iluminava os cabelos prateados de Nemea e fazia sombra em seu rosto magro. Eu o encarei, forçando meu corpo cheio de adrenalina a ficar imóvel, e procurei algo de mim nele.

Eu herdara muito da minha mãe. Meus traços e o formato de meu corpo eram quase idênticos aos dela. Mas eu temia ter herdado o coração de meu pai.

Todas as mortes que eu causara não me afetavam como deveriam. Eu ainda estava de pé, ainda respirava sem desmoronar sob o peso da culpa. Desejava sentir um pesar punitivo como Theodore notara, mas me sentia apática.

Talvez isso eu tivesse herdado de Nemea.

As velas balançavam acima de nós sem ninguém para controlá-las, soltas à mercê da brisa. Eu nunca tinha olhado para Nemea com tanta clareza antes. Conseguia imaginar como ele deve ter sido quando era mais jovem, quando a imperatriz o conheceu. O cabelo escuro e a pele bronzeada, os olhos cinzentos e pequenos que perfuravam como aço afiado. Caminhei em direção a ele e parei onde sua coroa estava. Meu coração batia forte sob o olhar dele e me

abaixei para pegar a coroa, sentindo o peso do ouro quente de sol na palma da mão.

— Olá, Imogen — disse Nemea finalmente. — Eu a surpreendi?

Era a mesma voz de sempre, grave, anasalada. Ouvi-la fez despertar dentro de mim uma série de emoções nefastas.

— Sim, surpreendeu.

— Você foi embora — falou simplesmente, com a cabeça apoiada no mastro. — Não tive escolha a não ser vir buscá-la. — Ele dirigiu o olhar às minhas asas. — Confesso que você me surpreendeu também.

Apertei a coroa com força, afundando-a em minha palma.

— Não finja que não sabia o que eu era — disparei. — E eu não sou sua para que venha me buscar.

Ele deu uma risada sem humor, vazia.

— Você é, sim. De muitas maneiras.

— Quais? — perguntei, segurando o cabo da espada com mais força. — Só porque você é meu rei? Meu guardião? Só porque alimentou um monstro com meu sangue desde que eu era um bebê?

Em um movimento lento, coloquei sua coroa sobre minha própria cabeça.

Nemea fez uma careta, mas sua expressão se suavizou ao se dar conta de que eu sabia exatamente por que ele acreditava que eu pertencia a ele.

— Tire a coroa. — Suas palavras eram cortantes, ríspidas.

— Em breve será minha, não será? — Odiei a sensação do metal pesado afundando em meu couro cabeludo. — Não sou sua herdeira?

O olhar odioso em seu rosto transbordava veneno.

— Sente nojo de mim, não sente?

— Nojo — repetiu Nemea. Ele continuava sem se mover. — Sirenas me dão nojo, sim. — Ele balançou a cabeça. — Mas com você nunca foi assim. Com ela também não.

Ela. Minha mãe.

Ele provavelmente percebeu as perguntas que surgiam em minha mente, o anseio estampado em meu rosto, porque ofereceu:

— Gostaria de saber mais sobre ela?

O nervosismo fazia minha pele formigar. Nemea extraía medo de mim com a mesma facilidade com que extraíra sangue da palma da minha mão. Ele se acomodou contra o mastro como se seu corpo estivesse dolorido e a corda mal-amarrada em volta de sua cintura escorregou para baixo. Vi algo prateado reluzir na altura de seu quadril. Uma adaga. Apertei os dentes e movi minha outra mão

para o cabo da espada, mas Nemea continuou sentado, estranhamente imóvel, à espera da minha resposta.

Por mais tentada que eu estivesse, a história de Nemea e minha mãe não era o que eu precisava saber. Eu precisava saber sobre Eusia. Sobre a imperatriz, a princesa e o emaranhado no qual eu estava presa. Ainda assim, respirei fundo e concordei com a cabeça.

Ele emitiu um som pensativo e fixou o olhar em algo à distância, parecendo mergulhar no passado.

— Você se lembra das histórias daqueles anos em que eu estive desaparecido no mar? — A voz dele soava estranha. De repente ficara mansa, flutuando entre nós como uma névoa matinal sinistra. — Eu estava com Ligeia na maior parte do tempo. As histórias inspiram orgulho, contam que eu tinha partido em busca de conquistas, mas nunca fui tolo a ponto de acreditar que eu, o único rei mortal de Leucosia, teria grande sucesso em um reino onde os deuses existiam. Se eu quisesse ter poder, teria de criá-lo. — Os olhos atormentados do rei olharam para mim de relance. — Não é, Imogen? Não foi isso que eu sempre disse?

Não respondi.

Ele franziu os lábios diante do meu silêncio, mas continuou.

— Montei uma pequena frota para procurar as Magas Videntes. Afinal, elas tinham conseguido criar o próprio poder, por que eu não conseguiria? Eu imaginava que a magia poderia trazer o que me faltava. Mas fui muito ingênuo quando era jovem, não tinha noção do quanto isso custaria. Quando as encontrei, quando vi o que a magia fez com elas... — Ele balançou a cabeça, sua boca curvada para baixo. — Não era um preço que eu estava disposto a pagar. Ainda me lembro da Maga que me disse para seguir para o norte. Ela mal conseguia falar, vivia deitada em posição fetal no chão de sua torre como um inseto. Foi ela quem me disse que havia uma maneira de conseguir poder sem pagar por ele. Ela me ensinou a servir a Eusia.

Senti uma onda de fúria. A palma da minha mão doía contra o cabo da espada, a prova de *quanto* o poder dele custara. Levantei a espada e avancei até Nemea, virando a ponta da lâmina em sua direção.

— Quem pagou o preço fui *eu*, Nemea.

O autocontrole dele caiu por terra. Suas bochechas ficaram vermelhas e os olhos, arregalados, igualmente furioso.

— *Deixe-me falar.* — As palavras chiaram por entredentes. — Eu paguei. Paguei muito caro. A maldita Maga mentiu.

Deixei a ponta da espada cair no convés com um baque e tropecei alguns passos para trás, pega de surpresa com aquela reação inflamada. Ele parecia consumido pela angústia. Atormentado.

Então voltou a falar como se fizesse uma confissão, ansioso para se livrar das palavras que guardara por tanto tempo.

— Eusia era uma das santas de Obelia. Séculos antes, ela apareceu em uma de suas praias. Era velha. Velha como os deuses, e tinha sido eviscerada. Foi encontrada sem entranhas. Mas não estava morta. Ela conseguia falar e se mexer e, por isso, começaram a adorá-la. Em troca de uma oferenda, Eusia concedia um milagre a seus fiéis. Então fui procurá-la. A imperatriz, Nivala, era... uma força da natureza. Tão ávida por poder quanto eu. Eu era um jovem rei leucosiano, e ela me recebeu de braços abertos, querendo saber que tipo de poder eu tinha. Nunca disse a ela que era mortal. Ela me ofereceu um banquete esbanjando comida e vinho, me levou para sua cama e fiquei em Obelia por meses em preparação para meu primeiro sacrifício e para a bênção de Eusia.

"Eu me lembro do dia em que ela finalmente descobriu que eu não tinha poder algum, como ela. Nivala riu de mim. Mesmo assim, me levou ao templo e fiz minha oferenda. Havia uma pequena bacia dentro dele, afundada no chão e preenchida com água. Derramei meu sangue e fiz a prece. Pedi a Eusia... Pedi a ela que acabasse com as Sirenas que tinham dizimado minha frota. Seus ataques me custaram homens e dinheiro. Custaram meu orgulho. Não trouxeram nada além de destruição, e eu estava determinado a fazê-las pagar por isso."

Senti um calafrio. Os tiros de canhão e os rangidos do navio ficaram distantes e abafados enquanto Nemea contava sua história.

— Quando a cabeça de Eusia apareceu na superfície da água, eu gritei. Ela era muito pequena, miúda como uma criança. Não tinha cabelo. Havia uma camada de pele crescida sobre seus olhos e bochechas, mas ela conseguia me ver, eu sabia que conseguia. Sua voz era estrangulada, mas ela estava afoita para falar de sua irmã comigo. De Ligeia. Falou de como Ligeia tinha recebido tudo e permanecera forte e inigualável depois de tantos séculos. E ela havia se tornado um monstro tentando superá-la. Nossos desejos se alinhavam. Então, eu lhe disse que a ajudaria.

— Eusia está em Obelia? — perguntei rapidamente.

Nemea balançou a cabeça.

— Ela me pediu para levá-la para seu lar, para que ela pudesse realizar o

feitiço necessário para acabar com Ligeia.

— E o que você fez? — Meu corpo inteiro se encheu de um frio terrível e crepitante. Um pavor tão profundo que chegava a doer. — Eusia pediu que você a levasse para o *lar* dela?

Os olhos de Nemea se iluminaram como se eu tivesse revelado uma fraqueza.

— Você está procurando por ela.

— Nós temos um vínculo de sangue — respondi. — É claro que estou procurando por ela. Como não estaria?

Ele apertou os lábios finos.

— Você é muito parecida com ela. Com Ligeia — disse ele, apesar de sua irritação. — Foi absurdo da minha parte pensar que o capitão Ianto teria bastado para mantê-la em meu forte para sempre. — Ele balançou a cabeça. — Você e ela... tão teimosas, tão atrevidas, que preferem causar a própria morte a andar na linha.

Aquilo me deixou balançada. Theodore tinha dito quase a mesma coisa. Pensar que Nemea pudesse me conhecer de verdade, conhecer meus defeitos e meus pontos fortes, me revirou o estômago.

— Termine sua história — pedi com a voz embargada.

Ele olhou para mim. Ficou em silêncio, me fazendo esperar.

— Tirei Eusia de Obelia. Foi difícil garantir que ela tinha tudo de que precisava para a viagem. Antes de partirmos, a imperatriz pediu um último milagre. Um milagre dos grandes. E fez um sacrifício final...

— O marido. — Eu me adiantei na resposta, sentindo um aperto no peito. — E a família Nel? Você não os matou apenas pelas joias, foi para alimentar Eusia durante a viagem, não foi?

Nemea arregalou os olhos.

— Como sabe disso?

— Conversei com algumas pessoas. — Levantei a espada mais uma vez.

Nemea cerrou a mandíbula, emanando uma energia perigosa.

— Eusia queria que eu tivesse um filho com Ligeia. — Ele disse isso como se fosse a informação mais banal do mundo. — Sua mãe nunca tinha tido filhos por uma razão. Ela tinha medo da irmã, tinha medo do que a irmã poderia fazer com eles. Eusia queria se alimentar de gerações. Os corpos a mantinham viva, mas mortais não davam a ela o poder dos deuses. Se ela conseguisse capturar a irmã e os filhos dela, poderia engolir o poder deles *e* usar a própria magia também. Ela seria infinita.

— E você de fato teve um filho com ela. — Eu sequer tentei esconder o quanto achava isso desprezível. — Como? E como Ligeia teve coragem de...

— Nós selamos um vínculo. — Ele nunca tinha falado com tanta delicadeza. Nem mesmo em minhas lembranças de infância, quando ele me cumprimentava sorridente, trazendo um doce para mim. — Sua mãe não era nada boba, mas criar um vínculo comigo foi a coisa mais equivocada que ela já fez. O início de seu próprio fim.

Dei um passo para trás. Eu precisava de distância entre nós, precisava me lembrar de sua frieza e crueldade, porque o olhar que brilhava em seus olhos ao falar dela me deixava muito confusa. O coração dele parecia partido.

Uma rajada de vento percorreu o convés e perdi o equilíbrio quando o navio foi sacudido por ondas altas. A temperatura estava caindo conforme o sol se escondia atrás de uma cortina de nuvens escuras e pesadas. Ao longe, um estrondo retumbou sobre a água.

Olhei para o mar. O estrondo fora um trovão; os tiros de canhão tinham cessado. Os dois navios serafitas que restavam tinham recuado. Metade da frota de Varya havia retornado ao porto, e nós tínhamos nos afastado bastante.

— Parece que você saiu perdendo.

— Não era uma batalha que eu tinha a intenção de vencer, Imogen. — Seus olhos eram insondáveis, iluminados por uma sede sinistra. — Como eu disse, vim atrás de você.

Ele passou a mão pelas cordas que o amarravam e deu um puxão, fazendo com que caíssem como se fossem folhas mortas sopradas pelo vento. Meus braços já estavam tremendo com o peso da espada, mas eu a segurei com firmeza entre nós dois e dei um passo para trás. Nemea nem sequer pareceu notar meus movimentos. Ele se pôs de pé, flexionando as pernas longas sem pressa alguma, depois ajeitou a armadura mal-ajustada. Cada um dos gestos era tranquilo, sem medo. Ele fitou as nuvens que anunciavam a tempestade no horizonte e perguntou:

— O que pretende fazer? — Ele zombava de mim com a pergunta. — Acho que apenas Ligeia conseguiria conduzir um navio sem tripulação em meio a uma tempestade noturna. E você é realmente muito parecida com ela, isso é inegável... mas também é muito inferior.

O ar fugiu dos meus pulmões. Olhei para Nemea em silêncio, esperando que puxasse sua adaga. Mas ele não o fez. Apenas se sentou sobre um caixote próximo.

— Você a amava? — deixei escapar.

Ele exalou com força. Flexionou os ombros antes de responder.

— Me agradava possuí-la. Mas o vínculo maldito que compartilhávamos era uma coisa traiçoeira. Eu quis odiá-la. Tentei me lembrar de que ela era a razão do meu sofrimento, dos problemas do meu reino, mas nenhum desses pensamentos criava raiz. O vínculo me fazia acreditar que eu a amava.

Estremeci como se ele tivesse jogado sal em uma ferida.

— O vínculo não faz isso.

Ele ficou tenso. Parecera à vontade até então, mas naquele momento seu corpo se endureceu quando ele se deu conta. Nemea inclinou a cabeça.

— Fala como se soubesse por experiência própria.

— O vínculo impõe a obrigação de proteção mútua.

A incredulidade e um leve traço de divertimento curvaram seus lábios.

— Pelos deuses... Foi assim que conseguiu que aquele reizinho a ajudasse, não foi? Você o seduziu — disse Nemea em tom de troça. — Do mesmo jeito que sua mãe fez comigo.

— Eu não o seduzi. Ele concordou.

— Ah, mas quanta bondade! Quanta abnegação! E depois disso ele fez declarações apaixonadas? Jurou que sempre a amaria? — Nemea fechou a mão e socou o próprio joelho. — Ele vai ficar ainda mais insuportável. Um vínculo compartilhado entre o neto de Panos e a filha de Ligeia. Como se aquele infeliz já não fosse poderoso o suficiente.

O que ele insinuava afetou algo em mim que parecia inabalável. No começo, Theodore aceitou o vínculo entre nós devido ao meu poder, graças à pessoa que ele imaginava que eu fosse. De repente, eu não conseguia afastar a dúvida: se não fosse pelo sangue dos deuses que corria em minhas veias, Theodore teria me deixado morrer e definhar no Forte Linum?

Nemea levantou-se em um salto, seu corpo tomado por uma ira familiar, e puxou a adaga do cinto. Ele a girou na mão e passou a andar de um lado para o outro.

— O vínculo... — Nossos olhares se encontraram. Ele parecia atormentado pela lembrança. — Sua mãe ficou sabendo do que eu fiz. Ela soube que ajudei a transportar Eusia. Eu estava passando por um trecho estreito, navegando de volta para Seraf. Então me deparei com Ligeia. — Ele apontou com a adaga como se pudesse vê-la diante de si. — Ela surgiu empoleirada em uma das rochas com as asas abertas, lembrando uma ave de rapina gloriosa e indomável. Saltou para meu convés e, sem proferir nem uma palavra sequer, petrificou a tripulação inteira. Eu nunca tinha visto algo parecido. Ela irradiava poder e,

mesmo assim, olhava para mim como se *eu* fosse a ameaça. Ela se aproximou de mim como se *eu* tivesse o encantamento perverso, e disse: "Sei que deseja fazer mal a mim e aos meus, mas vou me assegurar de que não consiga". Depois, abriu um corte em minha mão e nos uniu pelo vínculo.

Meus braços começaram a tremer. O vento era cortante e teimava em cobrir meus olhos com meus cabelos esvoaçantes e com a névoa do mar. Eu sentia que nosso tempo estava se esgotando e ainda não sabia onde Eusia estava.

— Como matou Ligeia?

— Não matei.

— Não minta para mim. As asas dela estão penduradas em sua sala do trono, Nemea. Como o vínculo de sangue permitiu que você a mutilasse?

Ele se aproximou em um passo ameaçador.

— Eu *nunca* toquei nela. Nunca. Graças ao que eu sentia por Ligeia, o arrependimento por servir a Eusia me acompanhou por anos. Fiz tudo o que pude para manter sua mãe a salvo. Eu a mantive longe do mar para que Eusia não pudesse senti-la. Quando ela... Quando nós... Ligeia queria que você nascesse no mar. Foi impossível convencê-la do contrário, por mais que eu implorasse, por mais que eu tenha determinado que ela deveria permanecer em terra firme. — Ele empalidecia mais a cada palavra. — Mas ela saiu escondida durante à noite. Estávamos em Seraf, na antiga fortaleza na costa oeste. O forte da montanha ainda não estava pronto. Já era tarde demais quando percebi que ela não estava em nossa cama. Eu deveria tê-la amarrado como tinha ameaçado fazer, mas não tive coragem de machucar seus punhos com a porcaria das cordas. — Ele esfregou os olhos com exasperação. — O sol já estava nascendo quando cheguei à praia. A espuma das ondas ainda estava tingida com o sangue dela. Você estava gritando, aos prantos, deitada na areia seca. Foi como se ela tivesse atirado você para uma distância segura. As asas dela estavam flutuando sobre as ondas. Ainda havia pedaços de carne pendurados. Eusia pegou Ligeia, mas não a matou.

— Como sabe disso? — sussurrei.

— Nosso vínculo não se rompeu quando ela me deixou. Eu o senti por anos. — Ele ergueu o olhar para mim com uma careta de escárnio e deboche. — Esta deve ser a primeira vez que olha para mim como se eu tivesse coração. — Sua risada ressoou grave e cheia de ressentimento. — Mas não se engane.

— Por que não me eviscerou e me atirou ao mar? — perguntei enquanto tentava manter o equilíbrio no navio oscilante. — Por que não deu ainda mais poder para Eusia e se livrou de nós, Sirenas, de uma vez por todas?

— Eusia não quer você morta — vociferou ele. — Ela manteve Ligeia viva o quanto foi possível. E faria o mesmo com você. Ela a consumiria pouco a pouco.

Eu mal conseguia acreditar naquelas palavras.

— Está querendo dizer que ficou comigo por pena? Que me obrigou a participar daqueles rituais, a ceder meu sangue, para que eu não sofresse como minha mãe sofreu?

Nemea foi tomado por uma ira alarmante, que fez corar suas bochechas.

— Eu fiz isso por *Ligeia*, não por você. Honrei minha palavra com Eusia e a alimentei, mas jurei que, enquanto o vínculo perdurasse, não permitiria que a filha de Ligeia tivesse o mesmo destino que ela.

— O vínculo... — sussurrei. — Foi rompido?

Ele ficou calado, atônito, como se não tivesse se perguntado aquilo até então. Então pousou a mão sobre a barriga e seu olhar saltou de um ponto a outro. Sua voz diminuiu e, inexplicavelmente, um semblante desolado tomou conta de seu rosto.

— Não consigo senti-lo.

A mudança em Nemea foi instantânea. Ele se aproximou de mim com intenção renovada.

— Onde está Eusia? — perguntei, firmando os pés.

— Com tudo o que descobriu enquanto esteve fora, ainda não sabe? — Seus ombros se ergueram e sua mão livre se fechou em um punho apertado. — Eu mantive você naquele forte, longe do mar, por pura misericórdia, porque você sempre foi muito fraca. Você era tão pequena quando nasceu, sempre doente. O mar teria engolido você se eu tivesse permitido que chegasse perto dele. Eusia teria pegado você sem esforço algum. Mesmo agora, aí está você, com uma espada em punho, deixando que eu fale, fazendo perguntas para as quais já deveria saber as respostas. — Ele balançou a cabeça com uma expressão de desprezo. — Erga a cabeça. *Lute*.

— Você é o motivo do meu medo e da minha fraqueza — gritei. — Foi você quem me deixou assim.

— E o que pretende fazer agora? — Ele brandiu a adaga. — Vai voltar para casa comigo, onde estará a salvo? Onde vamos poder recompensar Eusia por suas bênçãos e onde ela não pode atingi-la? Ou vai me fazer eviscerar você agora e deixar que os monstros de Eusia o levem até ela? Eu conheço o feitiço para mantê-la viva até lá. É o mesmo que ela usou para se salvar da morte.

A água se agitava cada vez mais e as ondas ficavam cada vez mais fortes.

Enquanto o navio balançava com violência, encontrei o olhar dele na escuridão. Minha voz saiu cortante feito uma lâmina afiada.

— Nenhum dos dois.

30

Era difícil ficar de pé com o peso da espada e o balanço do navio.

Mesmo assim, com toda a minha força, ergui a espada acima da cabeça e desci a lâmina em direção a Nemea em um arco amplo. Ele se esquivou. Vi sua mão passar em minha visão periférica e, no momento seguinte, senti uma dor aguda na bochecha. Virei a cabeça bruscamente e a coroa que eu usava voou para o convés, rolando pelo chão. Esperei pelo próximo golpe, pela adaga em minha barriga, mas nada aconteceu.

Meu rosto ardia, meus olhos lacrimejavam, mas consegui recuperar o equilíbrio. Do outro lado do convés, Nemea andava de um lado para o outro. Seus ombros estavam curvados e ele passava a mão pelos cabelos despenteados como se estivesse em transe.

— A consciência pesou, Nemea? — gritei por cima do uivo do vento. — Bater em mim doeu em você?

Ele me lançou um olhar fulminante.

— Não.

Me aproximei de uma corda e a agarrei. A tempestade soprava o navio sobre a superfície da água como uma pétala de flor à deriva.

— Eu me pareço com ela. Como é possível não imaginar o rosto dela quando olha para o meu?

A chuva começou. As gotas caíam de lado, grudando o cabelo dele na testa.

— Use seu poder e acabe logo com isso — disse Nemea por cima do barulho das ondas.

— Quer que eu o mate?

— Você não consegue compreender minha dor. — Sua voz ficou trêmula. — Vivi todos esses anos com um vínculo de sangue intacto, atormentado pela preocupação e pela obsessão de mantê-la a salvo. E não havia nada que eu pudesse fazer.

— Nada que você pudesse fazer? — Algo dentro de mim se rompeu. Levantei a espada e fui em direção e ele. — Como se atreve a tentar justificar

sua crueldade?

Eu o ataquei, baixando a espada logo acima de seu ombro. Ele se esquivou de novo, rasgando o ar com sua adaga.

— Você me torturou — gritei. — Você me transformou no que queria que eu fosse, no que era conveniente para você. Você me diminuiu, me moldou para ser tudo que minha mãe não era, para que pudesse me usar.

Os olhos dele pareciam soltar faíscas. A escuridão aumentava e era difícil ver seus movimentos. Nemea atacou. Tentei sair de seu alcance, mas o navio balançou e eu tropecei diretamente em sua direção. Ele estava mais preparado do que eu e agarrou meus cabelos, me puxando para o lado. Gritei de dor.

— Tudo que fiz foi manter você a salvo e exigir sua obediência em troca — disse, ofegante. — Não é assim que um deus trata seus devotos? Não é esse o acordo que um rei tem com seus súditos? Não é como um pai trata sua filha?

Ele soltou meus cabelos e me empurrou. Caí com o rosto contra o convés e fiquei sem ar. Nemea tirou a adaga do quadril mais uma vez e lutou contra o balanço do navio para vir até mim.

Meu poder era como um redemoinho na água escura feito a meia-noite, implorando para se libertar. Mas eu não conseguia respirar fundo, não conseguia me concentrar em meu encanto em meio à dor. Devagar, fiquei de joelhos e direcionei toda minha concentração para o coração podre de Nemea. Ele estava bem diante de mim, com a adaga em mãos, quando soltei o primeiro encanto.

A adaga reluziu enquanto ele recuava. Esperei que ficasse imóvel sob meu controle, que a adaga caísse no convés... mas não funcionou.

Ele se lançou adiante, os olhos fixos nos meus. Arfei quando a ponta da adaga me cortou. Foi como se uma língua de fogo se espalhasse por minha barriga, por meus músculos e órgãos. Bem no ponto em que se alojava meu vínculo com Eusia.

Um grito ficou preso em minha garganta.

Nemea parecia petrificado. Seus olhos se arregalaram e gotas de chuva escorreram por seu rosto confuso como se fossem lágrimas.

— Não — sussurrou ele, soltando o cabo da adaga como se ela o tivesse queimado. Ele balançou a cabeça, a boca aberta. — Você tentou... não tentou? Tentou usar seu encanto?

Fiz um aceno fraco com a cabeça. Minhas mãos foram para minha barriga, em volta da adaga fincada até a metade.

— Não funcionou.

Ele quase se desequilibrou quando uma onda inundou o convés. A água me arremessou e caí de lado. Meu corpo explodiu em dor quando a lâmina afundou ainda mais para dentro de mim. Não gritei. Em vez disso, meu corpo se retesou em torno da pressão que o metal provocava em minha carne macia.

Os dedos de Nemea fincaram-se em meu braço e ele me ergueu com tanta força que meu ombro estalou, deslocando-se. Finalmente gritei. Eu me debati, arranhei a bochecha de Nemea com minhas garras e arranquei filetes de sangue escuro.

Ele sibilou, mas me segurou com ainda mais força.

— *Pare*.

O rei me puxou para as escadas que levavam ao tombadilho e me forçou a descer. Bati as costas contra os degraus e não consegui enxergar mais nada além de sua silhueta e um lampejo de seus dentes ao gritar:

— Ela ainda está viva. Se o encanto não funcionou, significa que Ligeia ainda está viva. Nosso vínculo permanece. — Ele parecia completamente fora de si à luz tempestuosa do entardecer, o rosto horrorizado. — O feitiço — disse ele, colocando a mão no cabo da adaga em minha barriga como se quisesse removê-la.

Gemi de dor.

— Não toque em mim.

— O feitiço vai manter você viva.

— Para que eu possa continuar alimentando Eusia por você?

Ele balançou a cabeça, franzindo o rosto sob a chuva torrencial.

— Ligeia. Ela se foi. Eu juro, eu pensei que... Enquanto ela vivesse, eu jurei que manteria você a salvo.

Era incompreensível como o vínculo de sangue que ele compartilhava com minha mãe dava forma a um senso moral tão distorcido. Nemea era desprezível, traiçoeiro, mas eu nunca o vira daquele jeito. De coração partido, destruído. Disposto a me oferecer a vida quando eu passei tanto tempo certa de que ele me queria morta, depois de ele mesmo ter desferido o golpe fatal.

Não importava o quanto eu não conseguisse entendê-lo, de uma coisa eu tinha certeza: eu queria viver.

Um raio rasgou o céu, iluminando o movimento de Nemea. Ele não esperou meu consentimento. Sua mão trêmula agarrou a adaga e a arrancou de dentro de mim.

Soltei um grito agonizante.

Ajoelhado, Nemea se manteve firme enquanto o navio balançava. Ele

arrastou a adaga pela ponta do dedo e, em seguida, pegou um pouco da água do mar que corria por perto e deixou a mistura ensanguentada escorrer pelo corte em minha barriga. O sal queimou minha carne aberta.

— Vou ficar inconsciente? — perguntei, com a voz trêmula.

— Não sei. — Ele estava tenso, com o rosto pálido.

Meu sangue parecia preto na luz que se esvaía rapidamente. Eu estava ficando com frio e comecei a tremer.

— Não se mexa.

Ele pressionou a mão em minha barriga e me contorci com a sensação de seus dedos frios, gentis e escorregadios, em minha pele. Nemea fechou os olhos e uma calma inexplicável se apoderou de seu corpo, contrastando com o caos do navio oscilante, com a chuva e o vento forte.

Quando falou, sua voz saiu reverente, objetiva.

— À sombra dos arruinados, quando o espírito se rasga, remende, costure, sele. Nas veias dos afogados, quando o sangue sobe à garganta, limpe, purifique, cure.

Não senti nada. O sangue quente ainda escorria por baixo dos dedos dele. Então, no exato momento em que Nemea inspirou profundamente e tirou a mão de mim, meu corpo se arqueou com uma dor lancinante. Foi como se a adaga tivesse sido empurrada para dentro mais uma vez. Olhei para baixo. O fluxo de sangue diminuíra para um fio, mas não cessara. A pele não se fechava. O ferimento tinha a largura da minha palma.

Nemea caiu sobre o convés, gemendo, enquanto o feitiço buscava sua recompensa. Ele levou os dedos aos olhos como se estivessem em chamas. As ondas se quebraram sobre ele, arrastando seu corpo grande até a base do mastro. Nemea gorgolejava como se tivesse água em sua garganta, e eu não sabia dizer se estava sendo sufocado pela água do mar ou pelo feitiço.

Não me mexi. Em vez disso, apenas observei enquanto ele se debatia e escorregava ao sabor do vento e das ondas. Quando o navio balançou novamente, ele conseguiu se agarrar ao mastro e imaginei que sua respiração ofegante fosse se acalmar, como aconteceu com a de Halla depois que ela entoou o feitiço. Esperei que ele parasse de coçar os olhos, mas ele se debatia, tentando se manter firme enquanto a tempestade ameaçava derrubá-lo.

Olhei para o ferimento em minha barriga e fui tomada por uma onda de náusea ao ver o sangue. Eu chegara tão perto de sofrer uma morte como a de Eusia. De repente, me lembrei do que Theodore contara sobre a execução dela.

Ela foi eviscerada e atirada na costa de Anthemoessa.

A Ilha das Sirenas. A sede do reino de Ligeia. O lugar onde ela e a irmã tinham sido criadas.

Lar.

— É Anthemoessa, não é? — A respiração de Nemea parecia estar se estabilizando. — Responda! — exigi. — Como conseguiu? Era impossível passar por aquelas águas.

O lugar tinha sido amaldiçoado e abandonado após um feitiço que eu só podia supor que a própria Eusia tivesse lançado. O solo escurecera e se tornara tóxico, assim como as águas ao redor. Não era possível passar pelo recife nem tocar a costa sem que a maldição se infiltrasse. Como resultado, Ligeia perdera seu trono. Depois disso, passara a ser rainha apenas em título. As Sirenas se espalharam pelo resto das ilhas de Leucosia e foram bem recebidas por todos — a princípio.

Eu me arrastei até ele e o puxei pelo ombro, forçando-o a olhar para mim. Seus olhos sangravam, dilacerados, horripilantes.

— Como chegou a Anthemoessa?

Ele balançou a cabeça como se não fosse me responder. Estava quase escuro demais para enxergar o entorno, mas ouvi o barulho de metal deslizando no convés atrás de mim quando o navio balançou. A espada. Segui o som, arrastando meu corpo. A dor era profunda e pulsante, mas consegui pegar o cabo de couro molhado e me levantei, arrastando a ponta da lâmina pelas tábuas encharcadas com a tempestade que caía.

Nemea não se moveu enquanto eu cambaleava de volta para ele, apenas um gemido fraco escapou de sua boca. Fiquei em pé sobre seu corpo e posicionei a lâmina de forma que pairasse sobre a cavidade macia de sua garganta.

— Como chegou a Anthemoessa, Nemea?

Ele olhou para mim, imóvel, e teve a audácia de rir como se eu não fosse uma ameaça, como se acreditasse ter feito um trabalho tão bom em me enfraquecer que o pior que eu poderia fazer agora era cuspir nele.

Eu o perfurei com a espada em um corte superficial, apenas o suficiente para romper a pele. Ele rosnou como um animal selvagem.

— Com a permissão de Eusia.

— Ela deixou seu navio passar pelo recife? Você e toda a sua tripulação?

Ele balançou a cabeça. Eu não entendia como ele conseguia me ver através do sangue em seus olhos e do breu da noite.

— Sim, ela deixou meu navio passar pelo recife, mas só permitiu que Nivala e eu entrássemos na ilha.

Pelos deuses. Um prenúncio sombrio me deixou sem fôlego. Segurei o cabo da espada com mais firmeza.

— A imperatriz?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Ela ainda a alimenta.

Cerrando a mandíbula, Nemea tentou se mover, mas segurei a espada sobre ele com força. Minha voz tremeu.

— A imperatriz ainda a alimenta com corpos?

— Ela ainda a alimenta com *Sirenas*.

Fui devorada pelo medo quando as peças soltas do dia anterior se encaixaram. A imperatriz não era simplesmente uma devota de Eusia, era praticamente uma sacerdotisa, cuidando vigilantemente da tarefa de mantê-la viva. Ela sabia quem eu era, caso contrário, nunca teria me contado a história dos Nel. Ela fora ao meu quarto na ala dos curandeiros naquela noite, preocupada com o meu estado, como a curandeira havia dito. Ela queria me levar, mas eu estava fraca demais. Lachlan não conseguira encontrar Agatha.

Agatha.

Ela desaparecera na noite anterior à partida da imperatriz.

Agatha.

— *Não* — ofeguei. Ela tinha levado Agatha. Tinha levado Agatha, quando era a mim que queria. — *Não, não, não.*

O vento e a chuva rugiam tão alto quanto o sangue em meus ouvidos. Eu conseguia apenas escutar a risada desvairada de Nemea, ressoando de seu corpo esparramado no chão.

— Parece que saiu perdendo, não acha? — disse ele com a voz trêmula. — Acabou de perceber?

Empurrei a ponta da espada contra seu pescoço. O próximo balanço do navio ou a próxima onda fariam com que ela afundasse. Ele parou de rir e levantou as mãos como se estivesse se rendendo.

Mas não esperei. A tempestade e o navio não seriam os executores de seu destino.

Eu seria.

Empurrei a espada para baixo e senti a lâmina atravessar o músculo rígido do pescoço de Nemea. Senti quando ela chegou aos ossos de sua coluna vertebral, quando tocou a madeira do convés embaixo de seu corpo.

Me senti grata pela privacidade da noite.

Soltei a espada. Recuei, cambaleante.

Então caí de joelhos e vomitei.

31

Acordei com o barulho das aves marinhas.

Sentindo dor, girei a cabeça para o lado e imediatamente a segurei entre as mãos. Abri os olhos. Luz tênue. Era manhã. Acima de mim, os últimos resquícios da tempestade da noite anterior pairavam pesados e cinzentos no céu.

Minha visão começou a ganhar foco e identifiquei as velas caídas e as cordas balançando com a brisa úmida. A sensação de pânico tomou conta de mim à medida que minha mente despertava por completo.

Agatha. Eu precisava encontrar Agatha.

Eu tinha me encolhido sob os degraus que levavam ao convés durante a noite e os agarrei com força, apoiando-me para me sentar. O desespero só aumentou quando percebi meu estado. O ar estava quente, mas eu tremia. Minha pele estava acinzentada e arrepiada e eu suava frio. A dor latejante em meu estômago era intensa e profunda. Respirei três vezes devagar, em uma tentativa inútil de acalmar meu coração acelerado, e então tirei minhas vestes molhadas.

— Droga.

Um filete de sangue fino e constante escorria do buraco na minha barriga. A pele ao redor estava dolorida e avermelhada, e deixei escapar um soluço abafado quando minha mente cruel trouxe à tona uma lembrança de Theodore. Seu calor radiante e restaurador, o toque de seus dedos firmes, a forma como sua presença e seu poder repeliam a escuridão que me perseguia sem descanso.

— Nemea errou.

Ofeguei e virei a cabeça na direção da voz rouca que veio do outro lado do convés. Meu corpo estremeceu quando percebi que tinha vindo de dentro da minha cabeça também.

Eusia.

Uma de suas négias estava sentada exatamente onde antes estava o corpo de Nemea. Seus cabelos escuros e sedosos estavam grudados nos ombros e tinha a

pele esbranquiçada e coberta de feridas escuras. Sua boca e seus dedos estavam em decomposição, assim como o peito e os braços. O mar mantinha seu corpo unido com restos de algas e uma camada de crustáceos delicados de cor clara.

A criatura segurava a coroa de Nemea com seus dedos tortos. A espada dele estava no convés, à sua frente, e ao lado havia um pequeno monte de areia molhada e uma tira viscosa de alga.

— Onde ele está? — perguntei com dificuldade.

Os olhos dela eram rodeados por uma pele roxa e escura, mas as íris eram da cor da água do litoral de Varya.

— Você realmente se importa? — rebateu a voz de Eusia através da boca apodrecida da négia.

Eu odiava aquele homem. Fiquei aliviada com sua morte. No entanto, ela rompeu uma conexão que me prendia a este mundo. Pedaços de minha vida que só existiam com Nemea, lembranças de mim e de minha mãe, morreram com ele. A constatação me preencheu com uma tristeza solitária.

— Quero saber onde ele está.

— No mar, é claro. — Ela depositou a coroa no chão com movimentos mecânicos e pouco naturais. — Venha. Temos que fechar essa ferida. O tempo está acabando.

— Por quê? Por que quer me ajudar?

— Se você morrer, em pouco tempo meu poder também morrerá.

A vontade se apoderou de mim — de me deixar definhar ali mesmo, no navio de Nemea, de fazer com que minha morte fosse a ruptura que finalmente acabaria com Eusia. Mas meu egoísmo era um fogo persistente e inextinguível. Meu desejo de viver ardia intensamente. Pensei em Agatha e no perigo em que ela se encontrava. Em Theodore, a poucos dias de se casar com uma noiva hostil.

Fiquei de joelhos, tremendo de dor, e rastejei pelo convés em direção a ela. O oceano estava calmo, embalando o navio gentilmente. Me ajoelhei em frente à négia, com a espada, a areia e as algas entre nós, e olhei em seus olhos sem vida. Minha voz tremia.

— Estou disposta a morrer se isso significa que você vai morrer também. — Ela permaneceu em silêncio, sem mover um músculo sequer. — Me diga como encontrar você e aceitarei o feitiço.

Tudo ficou em silêncio. Até que Eusia disse:

— Não é perfeito.

Balancei a cabeça.

— O quê?

— Nosso vínculo. — A resposta foi sucinta. — A forma como usei Ligeia é preferível. Se eu tivesse você ao meu lado como tenho Ligeia, eu seria mais forte. Com o vínculo que compartilhamos, posso usar seu poder e você me alimenta. Mas, embora eu queira, não posso feri-la. — Os olhos vazios da négia encontraram os meus, e eu senti um calafrio. — Você também sente isso? — A voz de Eusia era áspera e incômoda. — O desejo de acabar comigo? De vencer? Se eu deixasse você vir até mim, se encontrasse o que restou do meu corpo, pronta para romper nosso vínculo, ainda assim não seria capaz.

— Por isso a imperatriz tentou me pegar? — perguntei. — Para me levar até você? Ela é sua lacaia e pode *me ferir*. Pode ajudar você a realizar o feitiço para romper nosso vínculo e ajudá-la a criar um novo, exatamente como o que você tem com minha mãe.

A cabeça pálida da négia pendeu de forma perturbadora para o lado em um movimento que por pouco não pareceu humano.

— Sim. A adoração e o medo dela me foram muito úteis.

Senti o sangue quente escorrer por minha barriga. Minha cabeça parecia flutuar e os tremores que se espalharam por meu corpo eram fortes demais para serem contidos. Quando a desesperança se abateu sobre mim, senti vontade de me aninhar no chão e permitir que me dominasse. Nós tínhamos um impasse. Era impossível vencer.

— Você está piorando — observou Eusia. A voz dela estava completamente desprovida de emoção, mas eu quase conseguia sentir seu desespero. Uma vibração, algo como um zumbido de angústia, reverberou em meu sangue.

Tranquei a mandíbula e respirei com muita dor. Então algo se acendeu em minha mente.

Eu também era temível. Era digna de adoração e, se ninguém se devotasse a mim como a imperatriz se devotara a Eusia, eu os obrigaria a fazê-lo.

E eu sabia exatamente quem eu tomaria como lacaio. Quem eu faria me ajudar a romper o vínculo com Eusia e acabar com ela.

— Permita-me entrar em Anthemoessa e aceitarei o feitiço. Vou manter você viva. — Eu estava com pressa e meu coração estava acelerado. Ela não respondeu. — Rápido, Eusia. — Minha voz falhava. — Tenho uma noiva para raptar.

A négia me encarou por um longo momento, e tive certeza de que Eusia estava considerando meus termos. Eu iria até ela em Anthemoessa e uma de nós venceria. Ela assentiu com um gesto rápido e enérgico. Se colocou em

movimento de repente, avançando devagar em minha direção como uma aranha, apoiada nas mãos e nos joelhos.

As advertências de Theodore contra o uso de feitiços ecoaram em meus pensamentos. Ele se recusara terminantemente a me deixar até mesmo considerar lançar mais de um, aquele que acabaria com Eusia. Mas não havia salvação se eu não fizesse isso.

— Eu serei a mesma? — Apoiei meu corpo contra o mastro. — Depois do feitiço?

— O que a magia leva jamais é devolvido.

Minha visão começou a ficar turva, a dor começou a amenizar.

— O que eu preciso fazer? — perguntei, soando como uma criança amedrontada.

Os olhos mortos da négia não encontraram os meus quando ela se ajoelhou ao meu lado. Ela pegou um punhado de areia em seus dedos apodrecidos e entoou:

— A areia encontra o sangue. A gordura preenche a boca. A alga remenda a carne.

Olhei para seu corpo putrefato, para as algas e cracas, para a pele gelatinosa. Senti vontade de vomitar ao pensar em me transformar em algo semelhante, mas apenas cerrei os dentes e puxei minha roupa molhada sobre a cabeça.

— Coloco meu sangue na areia?

Ela fez que sim com a cabeça. Estremeci ao usar minha garra para fazer o corte tão familiar em minha palma. Deixei meu sangue escorrer para a areia que a négia segurava e ela se arrastou para mais perto, tocando minha barriga. Estremeci quando ela pressionou a areia ensanguentada contra o meu ferimento, arfando com a ferroada de dor. A négia estendeu a alga para mim. Rasguei um pedaço, coloquei-o sobre o local e olhei para ela em busca de aprovação.

— Gordura — disse Eusia.

Senti o sangue gelar.

— Eu... eu não...

— A magia não é capaz de criar algo do mais absoluto nada.

O preço era alto.

Mais uma vez, afundei minha garra na pele sensível abaixo do umbigo. Tirei o menor pedaço possível de mim mesma e me lembrei de Rohana, de como ela tinha enfiado um pedaço de minha carne dentro da bochecha. Fiz o mesmo, colocando-o em minha língua e me segurando para não vomitar.

— Agora diga.

A négia parecia achar que eu as sabia de cor.

— Eu não sei como... — respondi, zonza.

— Repita. Segure as palavras em sua mente.

Eu me concentrei em seus lábios escuros, que se moviam, dizendo:

— À sombra dos arruinados, quando o espírito se rasga, remende, costure, sele. Nas veias dos afogados, quando o sangue sobe à garganta, limpe, purifique, cure.

Cada palavra era uma tortura, mas eu as repeti e as aguardei. Quando nada aconteceu, olhei para ela.

— Você sentirá dor — declarou Eusia, com a voz impassível. — Só encontrará alívio em seu rei.

— No rei? Um curandeiro não vai servir? — Entortei a cabeça, tentando entender.

— Não há poder como o dos deuses, minha querida. Somente o rei vai servir.

Fiquei imóvel. O que Eusia dissera parecia ter mudado. Eu quase conseguia sentir sua fome em meu corpo, através do nosso vínculo.

— Você o deseja — acusei, em estado de alerta. — Você quer o sangue dele como quer o meu, não é? Esse... esse feitiço era uma emboscada... para fazer com que eu voltasse para ele. — Uma dor se alastrou lentamente em meu ventre.

— Não se trata de uma emboscada, Imogen. O feitiço a manterá viva. E você, por conta própria, vai voltar para ele. — A négia sorriu, estática e terrivelmente sem vida. — E se não conseguir... bem, de uma forma ou de outra, eu também terei o sangue dele.

Quando o feitiço me envolveu, abri a boca para falar, para gritar. Meus olhos ardiam como se tivessem sido queimados com óleo quente. Meu couro cabeludo, minha pele, meus pulmões pareciam estar sendo atravessados por milhares de estacas em brasa. Perdi a consciência com a dor. Minha mente saiu do corpo e deslizou para outro plano, onde só existia uma fome insaciável e um desejo interminável. Fui levada a um lugar em que eu só conseguia ansiar pelo sangue dos deuses como se fosse a mais preciosa das coisas, como se fosse ouro líquido, a única coisa capaz de me saciar.

Sob o efeito do feitiço, o medo tomou conta de mim. A magia era mais forte do que eu imaginava. Era como néctar, como ambrosia. E, apesar da dor excruciante, eu queria mais e mais. Eu queria poder em todas as suas formas.

Segurança e controle e influência. Eu queria vingança. Eu queria Theodore e o sangue forte e resplandecente que corria em suas veias.

Eu faria coisas terríveis para garantir que fosse meu... para garantir que minha fome seria saciada.

Era impossível compreender a passagem do tempo, mas quando voltei ao meu corpo, foi com um grito. A négia desaparecera. Eu estava sozinha. Apenas a coroa e a espada de Nemea permaneciam ao meu lado. Meu corpo parecia ter absorvido o mar inteiro. Quando olhei para baixo, vi que a alga tinha se unido à minha pele, selando a ferida e estancando o sangue. Pressionei as mãos em meus olhos doloridos e passei os dedos por minha cabeça. Um tufo de cabelo escuro caiu.

Meu pranto parecia vir de fora de mim, misturando-se ao barulho das ondas que batiam no casco e ao som do meu coração batendo forte em meus ouvidos. Usei o mastro atrás de mim como apoio e me levantei. O esforço quase fez com que minha visão escurecesse outra vez. Eu não sangrava mais, o feitiço tinha funcionado e, assim como Eusia dissera, eu sentia uma dor incapacitante.

Fiquei parada ali por um longo momento. Tentei me lembrar do que eu desejava antes de ser contaminada pelo desejo de Eusia. *Matar Eusia. Encontrar Agatha. Proteger Theo*. Repeti isso como uma prece. Me agarrei a isso como minha única salvação.

Minha pele estava gelada apesar do sol quente e, com muita dor nos olhos, olhei em volta. O navio estava em péssimo estado. Havia buracos enormes nas laterais, algumas das velas estavam esfarrapadas e soltas, e a vela com uma enguia estampada de Nemea pendia vazia acima de mim. Senti uma vergonha profunda. Talvez minha mãe fosse capaz de guiar um navio nesse estado sozinha, mas eu não era minha mãe.

Eu era algo muito mais sombrio e atormentado, algo pior.

Foi uma agonia me abaixar, mas peguei a coroa e a espada de Nemea e cambaleei até a borda do navio.

Matar Eusia. Encontrar Agatha. Proteger Theo.

Proteger Theo.

Encarei a água espumosa.

Protegê-lo. Protegê-lo de mim. Eu havia me tornado a maior ameaça a Theodore.

A névoa do mar assentou-se sobre mim enquanto eu traçava meu plano. Eu iria atrás de Halla para levá-la comigo. Deixaria que ela conhecesse sua amada santa antes de me ajudar a acabar com ela. Levaria Agatha para um lugar

seguro. A ordem que dei ao mar foi muito precisa: *Leve-me até Varya uma última vez.*

Dei um passo para fora da borda do navio e a água me engoliu por completo, depois me puxou para a superfície e ali me manteve. Eu flutuei no mar como um cadáver.

Naquele momento, a imagem da mulher sem rosto voltou à minha mente.

A mulher sem rosto, flutuando sobre as ondas. Sem olhos. Sem cabelo. À deriva. Lá embaixo, uma presença obscura e sinistra varria as profundezas.

Faminta.

À procura de algo.

Até que finalmente me encontrou.

AGRADECIMENTOS

Escrever um livro é tudo, menos uma tarefa solitária. E embora seja eu quem coloca as palavras no papel, só consegui fazer isso graças ao apoio destas pessoas:

Doug. É por sua causa que escrevo histórias de amor. Obrigada por cuidar de mim e da nossa família. Obrigada por comemorar minhas conquistas e acreditar em mim. Você é forte e inteligente, e nossa vida juntos é minha maior alegria.

Minha mãe, Lynn Quinones. Obrigada pelo seu apoio incondicional. Por cuidar dos meus filhos com tanto carinho para que eu pudesse ter tempo para escrever. Você sempre me fez acreditar que meus sonhos mais impossíveis não eram tão impossíveis assim. Em grande parte, foi graças a você que eu os alcancei.

Minha agente, Sheyla Knigge. Você é uma parceira incrível e agradeço todos os dias por sua visão perspicaz para histórias, por seu entusiasmo e por me lembrar de sair do Goodreads. Sou imensamente grata por ter visto potencial em mim e neste livro. Foi um ano e meio e tanto. Que bom ter compartilhado isso com você.

Minha editora, Julia DeVarti. Você entendeu minha história desde o início. Acho que não há sensação melhor no mundo do que ter uma parceira criativa que ama seu trabalho pelas mesmas razões que você. Obrigada pela generosidade e pelos comentários certeiros.

Agradeço também ao restante da minha equipe na Little, Brown and Company. Estou emocionada com todo o apoio, entusiasmo e conhecimento que cada um de vocês dedicou a este livro. Sally Kim, Gabby Leporati, Danielle Finnegan, Kirin Diemont, Linda Arends e Amy J. Schneider: muito, muito obrigada.

À minha equipe da Gollancz e à minha editora, Millie Prestidge.

À minha esposa de escrita, Rachel Gillig. Tenho certeza de que não

sobreviveria a este trabalho sem você. Obrigada pelo seu empenho, sua inteligência, sua sensibilidade à la Greg, sua compreensão, sua compaixão. Sua amizade é uma das melhores partes dessa jornada e fez de mim uma pessoa muito melhor em todos os sentidos.

À Caitlin Poole e Ginger Swan Lindsey. Vocês colocaram a mão na massa comigo por anos. Vasculharam ideias e buracos na trama comigo. Comemoraram sucessos e lamentaram perdas. Eu me sinto eternamente privilegiada por ter encontrado vocês duas.

À Nirmaliz Colon Acosta, April Chandler, Marissa Young e todos os outros leitores e amigos escritores que leram, deram feedback, torceram por mim e me orientaram. De alguma forma, em algum momento, vocês impactaram o caminho desta história, assim como o meu, e eu sou muito grata por isso.

À Allison Saft. Obrigada por sua generosidade e insights inesgotáveis em relação a este livro. Seu apoio constante e feedback ajudaram esta história e a mim de muitas maneiras. Sou para sempre grata por poder chamá-la de amiga.

À Hannah Teachout. Obrigada por seu conhecimento e apoio constante. À Skyler Wry, obrigada por acreditar em mim e me dizer para simplesmente começar quando eu disse que queria escrever um livro há tantos anos.

À minha família, próxima ou distante. O amor, entusiasmo e apoio de vocês são tudo para mim. A todos os leitores que escolherem este livro, obrigada do fundo do meu coração.

Confira nossos lançamentos, dicas de leituras e novidades nas nossas redes:

 editoraAlt

 editoraalt

 editoraalt

 editoraalt

Copyright © 2025 by Kalie Cassidy
Copyright da tradução © 2025 by Editora Globo S.A.

Esta edição foi publicada mediante acordo com a Little, Brown and Company, Nova York, Nova York, USA. Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Título original: *In the Veins of the Drowning*

Editora responsável **Paula Drummond**
Editora de produção **Agatha Machado**
Assistentes editoriais **Giselle Brito e Mariana Gonçalves**
Preparação **Ana Sara Holandino**
Revisão **Ana Gabriela e Luiza Miceli**
Diagramação e adaptação de capa **Guilherme Peres**
Projeto gráfico original **Laboratório Secreto**
Design de capa original **Kirin Diemont**
Imagens de capa **Shutterstock**
Capa **© 2025 Hachette Book Group, Inc.**
Editora de livros digitais **Ludmila Gomes**
Produção do e-book **Ranna Studio**

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C338c

Cassidy, Kalie
A canção das profundezas / Kalie Cassidy ; tradução Helen Pandolfi. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Globo Alt, 2025.

Tradução de: In the veins of drowning
ISBN impresso: 978-65-5226-114-4
ISBN digital: 978-65-5226-116-8

1. Ficção americana. I. Pandolfi, Helen. II. Título.

25-100701.0

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

1ª edição, 2025

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.
Rua Marquês de Pombal, 25
20.230-240 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
www.globolivros.com.br